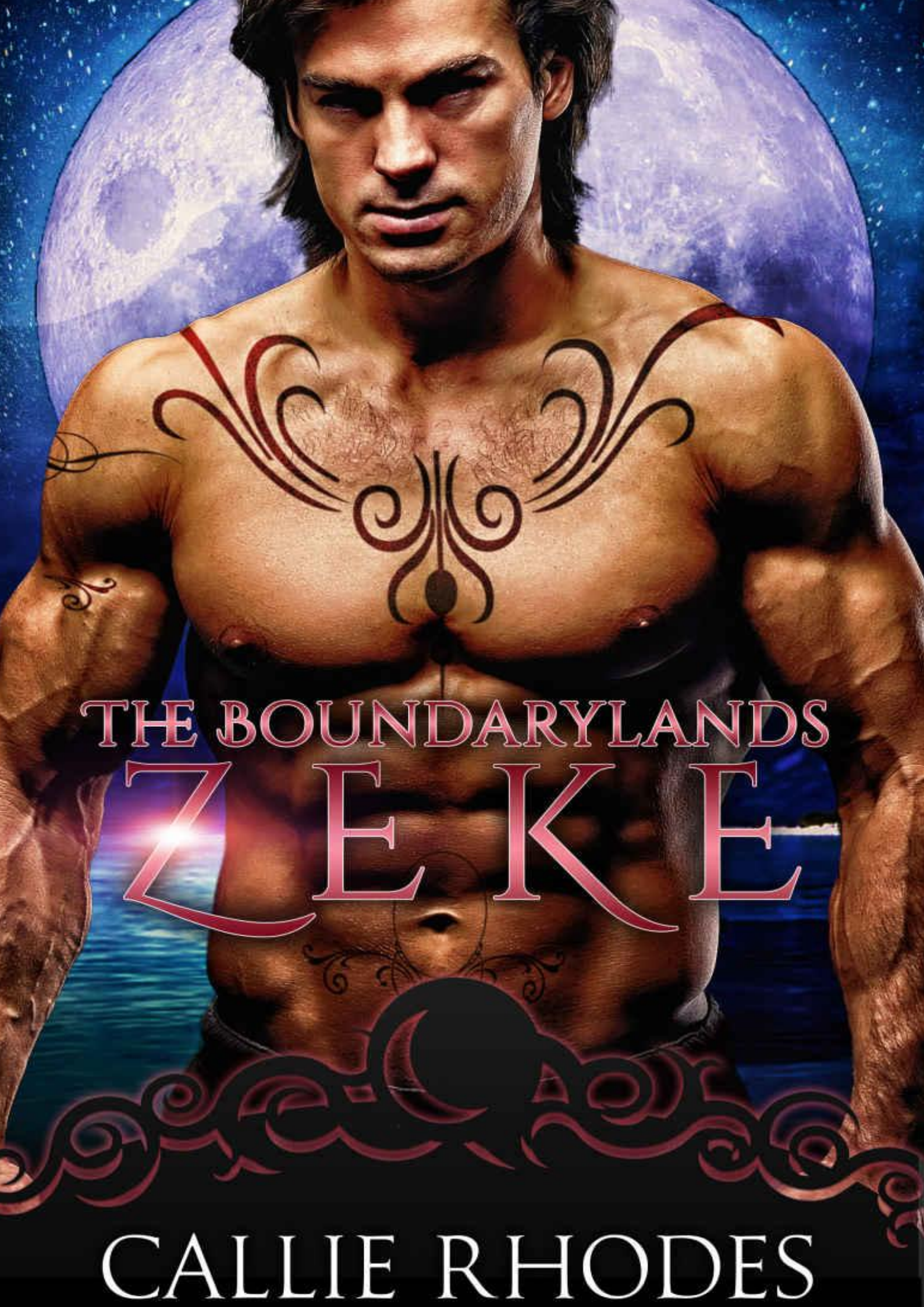




THE BOUNDARYLANDS
ZEKE

CALLIE RHODES





AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

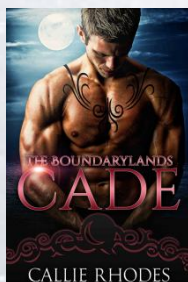
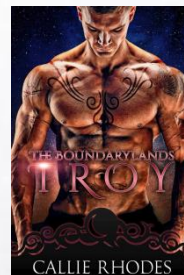
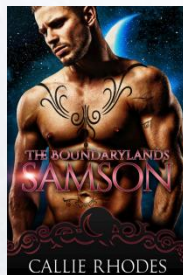
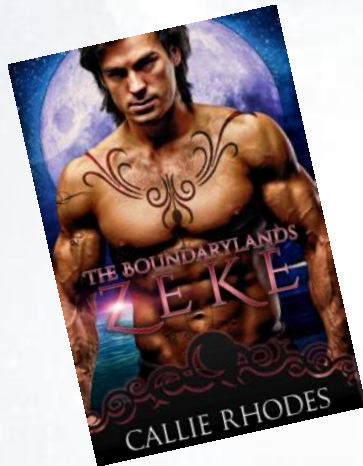
A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa dos mesmos.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

THE BOUNDARYLANDS OMEGAVERSE

Callie Rhodes



THE BOUNDARYLANDS
Callie Rhodes

STAFF



Disponibilização e TM – *WAS*

Revisão Inicial – *Gaia Wings (WAS)*

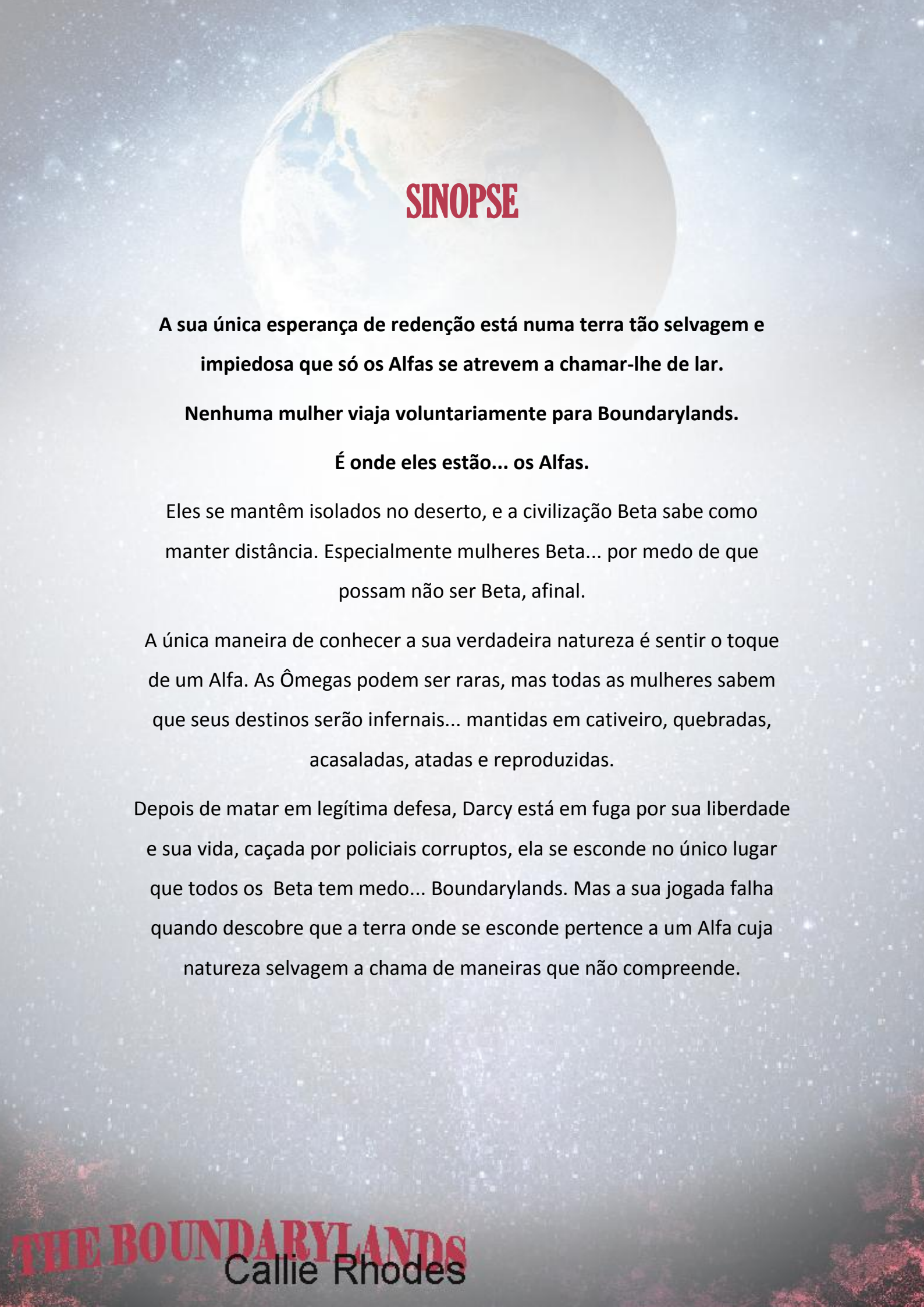
Revisão Final – *Gamora Zen (Só Aliens)*

Leitura Final – *Sidriel Wings (WAS)*

Formatação – *WAS*

Janeiro 2022

THE BOUNDARYLANDS
Callie Rhodes



SINOPSE

A sua única esperança de redenção está numa terra tão selvagem e impiedosa que só os Alfas se atrevem a chamar-lhe de lar.

Nenhuma mulher viaja voluntariamente para Boundarylands.

É onde eles estão... os Alfas.

Eles se mantêm isolados no deserto, e a civilização Beta sabe como manter distância. Especialmente mulheres Beta... por medo de que possam não ser Beta, afinal.

A única maneira de conhecer a sua verdadeira natureza é sentir o toque de um Alfa. As Ômegas podem ser raras, mas todas as mulheres sabem que seus destinos serão infernais... mantidas em cativeiro, quebradas, acasaladas, atadas e reproduzidas.

Depois de matar em legítima defesa, Darcy está em fuga por sua liberdade e sua vida, caçada por policiais corruptos, ela se esconde no único lugar que todos os Beta tem medo... Boundarylands. Mas a sua jogada falha quando descobre que a terra onde se esconde pertence a um Alfa cuja natureza selvagem a chama de maneiras que não compreende.



CAPÍTULO 1

Darcy

Ela não sobreviveria.

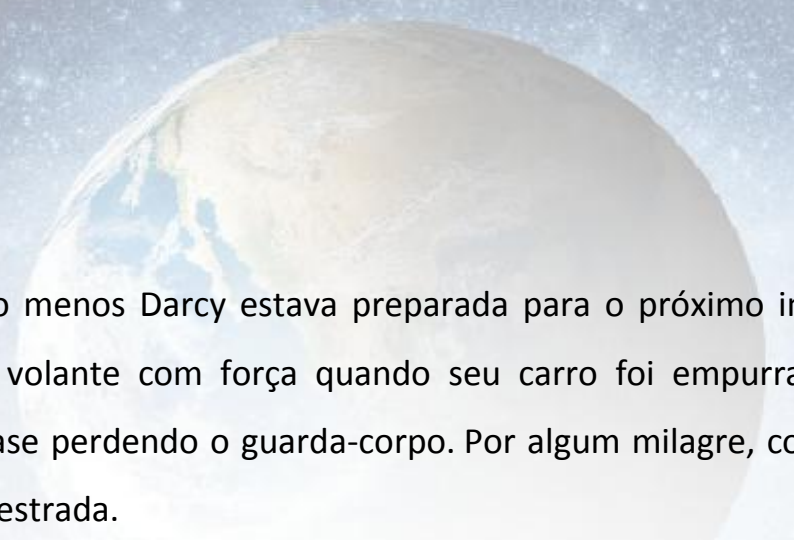
O som das sirenes encheu os ouvidos de Darcy Winters. Piscando luzes azuis e vermelhas iluminando o interior de seu carro, o íngreme canyon à direita zumbindo em um borrão.

Não importa quão duro acelerava, os policiais estavam ganhando. — Vamos lá. Vamos *Lá*. — Darcy agarrou o volante mais apertado, inclinando-se para a frente como se a força de sua vontade pudesse empurrar seu pequeno carro mais rápido.

Não funcionou.

Uma fração de segundo depois, Darcy gritou quando uma das viaturas bateu em seu para-choque traseiro. O impacto a jogou contra o volante.

Ela olhou freneticamente no espelho retrovisor para ver o que já sabia que estava lá - o carro da polícia praticamente em cima dela, preparando-se para atacá-la novamente.



Pelo menos Darcy estava preparada para o próximo impacto. Ela segurou o volante com força quando seu carro foi empurrado para a direita, quase perdendo o guarda-corpo. Por algum milagre, conseguiu se manter na estrada.

Os bastardos estavam tentando forçá-la a ultrapassar o limite para a morte.

Claro que sim. A essa altura, os irmãos Baron já sabiam para onde ela estava indo - o único lugar onde sua autoridade não alcançava.

Boundarylands.

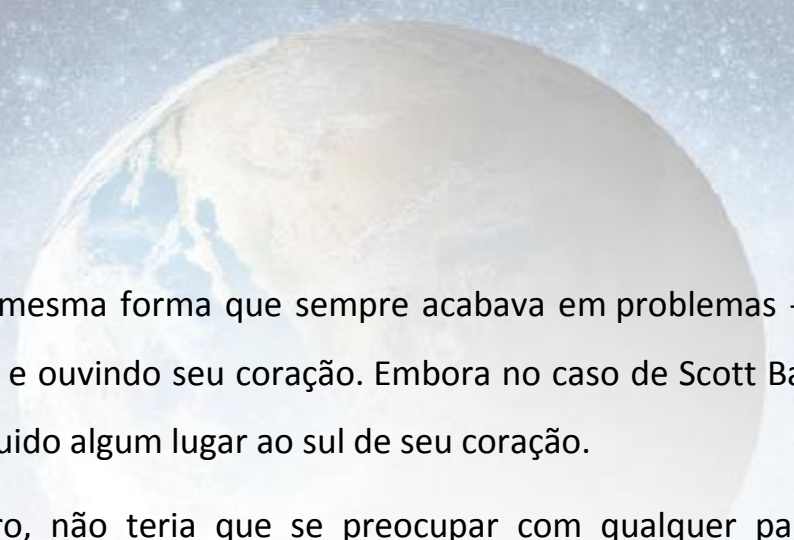
Darcy não tinha a ilusão de que estaria segura lá - não no sentido tradicional da palavra. Ela era uma mulher solitária, dirigindo direto para o coração do país Alfa. Ainda ontem, não teria sonhado em fazer algo tão estúpido e imprudente.

Mas muita coisa mudou desde então.

O mais importante era que Scott Baron estava morto.

Seu sangue ainda estava nas mãos de Darcy. Em suas roupas. Em seu cabelo.

E agora seus irmãos estavam em seu encalço, queimando por vingança. Como diabos ela se misturou com todo um império de policiais corruptos?



Da mesma forma que sempre acabava em problemas - ignorando sua cabeça e ouvindo seu coração. Embora no caso de Scott Baron, Darcy tivesse seguido algum lugar ao sul de seu coração.

Claro, não teria que se preocupar com qualquer parte de sua anatomia se não mantivesse o foco em ultrapassar os limites.

Ela estava perto... a menos de um quilômetro de distância. Sem dúvida era por isso que os irmãos Baron estavam ficando mais desesperados, batendo em seu carro sem parar, deixando borracha na estrada. Alguém lá em cima deve estar cuidando dela porque Darcy, de alguma forma, conseguiu evitar cair do precipício até agora.

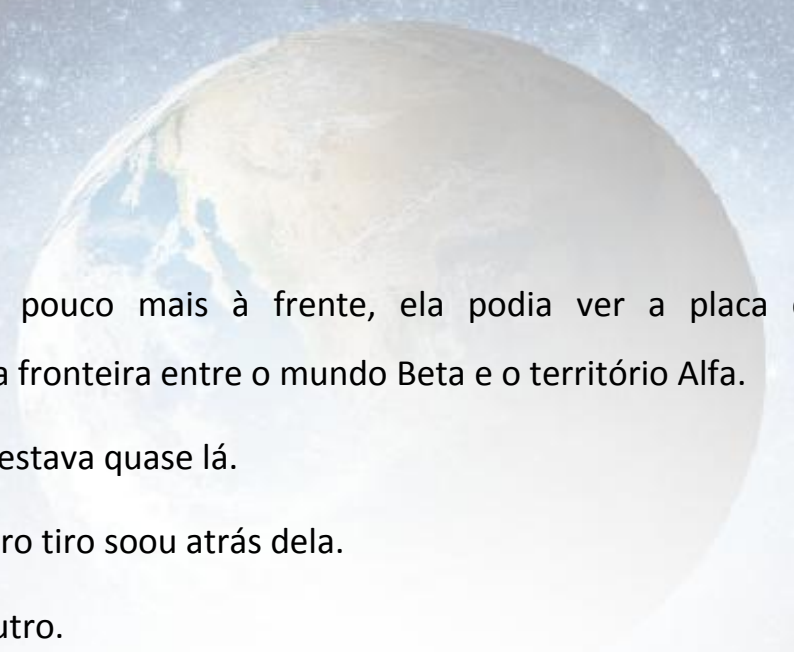
No impacto seguinte, ouviu um estouro ensurdecedor, seguido por uma cascata de vidro chovendo.

Darcy gritou quando a janela traseira e o para-brisa explodiram, estilhaçando-se em mil pequenos fragmentos de vidro de segurança.

Aqueles desgraçados estavam atirando nela agora! Estavam fartos de brincar. Eles a queriam morta e não se importavam mais se estavam bagunçando.

Bem, dane-se eles.

Darcy se agachou em seu assento, cerrando os dentes e colocando todo o seu peso no pedal do acelerador. Não adiantou nada... seu pequeno carro de dois lugares já estava no máximo, mas pelo menos ela não desistia.



Um pouco mais à frente, ela podia ver a placa claramente marcando a fronteira entre o mundo Beta e o território Alfa.

Ela estava quase lá.

Outro tiro soou atrás dela.

E outro.

Os gritos de Darcy se tornaram um gemido rouco, mas ela continuou... até que finalmente seus pneus ultrapassaram o limite.

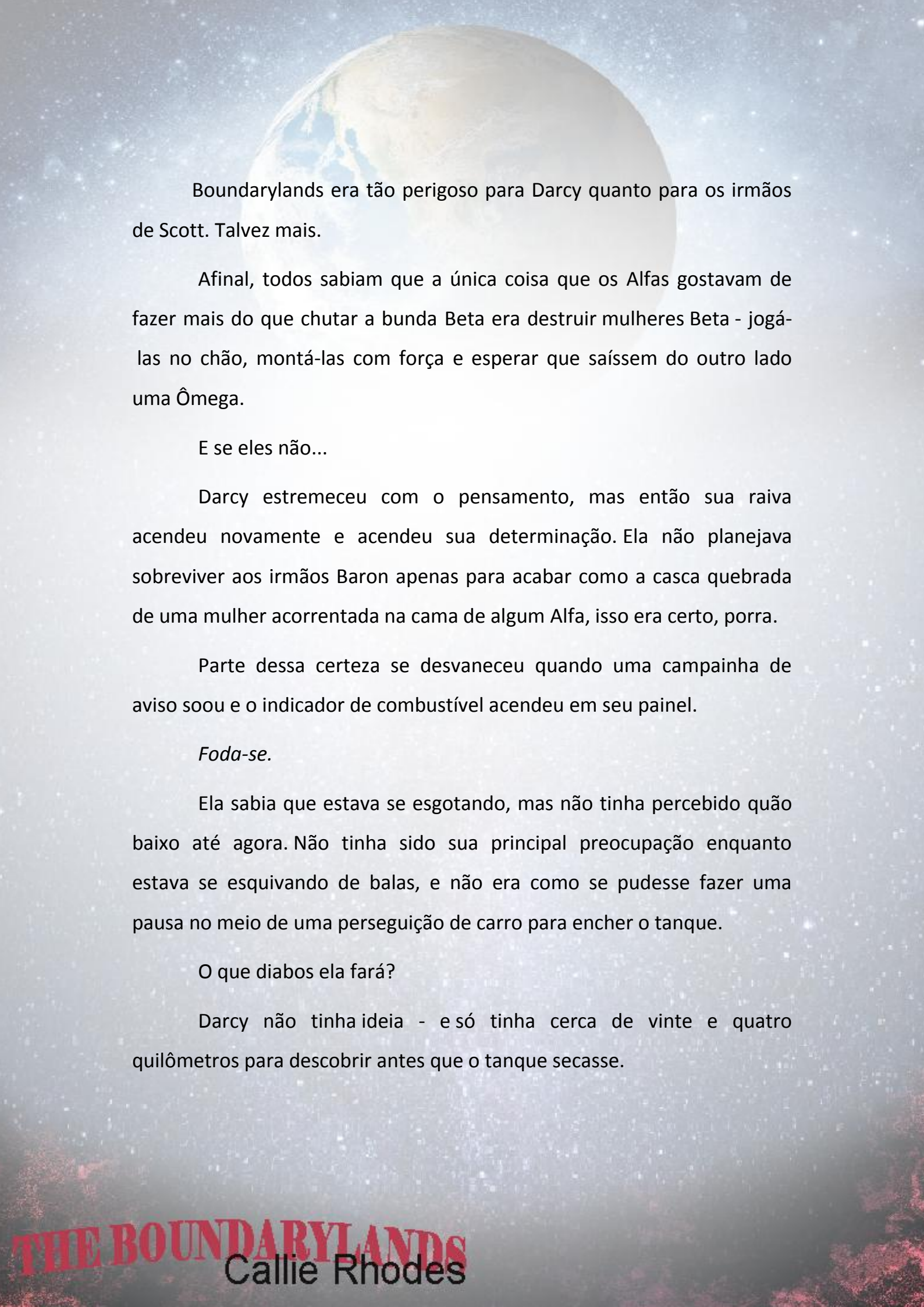
E assim, os carros de polícia recuaram, o último de seus tiros ecoando na noite.

O tratado não permitia que policiais Beta entrassem em Boundarylands, pelo menos não em uma posição oficial. Claro, Darcy sabia em primeira mão que os irmãos Baron não se importavam com regras. Mas, aparentemente, a ameaça de ser dilacerado por feras com o dobro do seu tamanho era o suficiente para detê-los.

Darcy arriscou colocar a cabeça para cima apenas o suficiente para dar uma olhada no espelho retrovisor. Com certeza, as duas viaturas da polícia pararam do outro lado da fronteira.

Darcy soltou um suspiro de alívio, saboreando a primeira respiração profunda que respirou nas últimas vinte e quatro horas, sabendo que provavelmente seria a última por um tempo.

Porque agora tinha que descobrir o que diabos faria a seguir.



Boundarylands era tão perigoso para Darcy quanto para os irmãos de Scott. Talvez mais.

Afinal, todos sabiam que a única coisa que os Alfas gostavam de fazer mais do que chutar a bunda Beta era destruir mulheres Beta - jogá-las no chão, montá-las com força e esperar que saíssem do outro lado uma Ômega.

E se eles não...

Darcy estremeceu com o pensamento, mas então sua raiva acendeu novamente e acendeu sua determinação. Ela não planejava sobreviver aos irmãos Baron apenas para acabar como a casca quebrada de uma mulher acorrentada na cama de algum Alfa, isso era certo, porra.

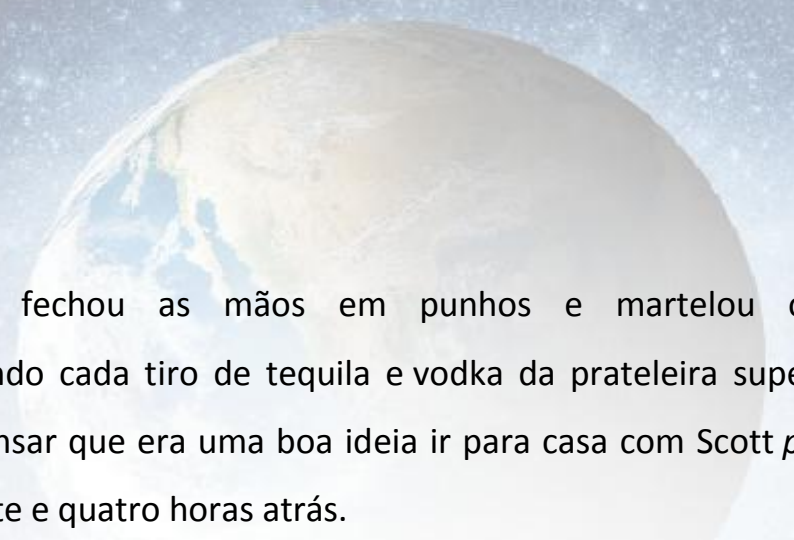
Parte dessa certeza se desvaneceu quando uma campainha de aviso soou e o indicador de combustível acendeu em seu painel.

Foda-se.

Ela sabia que estava se esgotando, mas não tinha percebido quão baixo até agora. Não tinha sido sua principal preocupação enquanto estava se esquivando de balas, e não era como se pudesse fazer uma pausa no meio de uma perseguição de carro para encher o tanque.

O que diabos ela fará?

Darcy não tinha ideia - e só tinha cerca de vinte e quatro quilômetros para descobrir antes que o tanque secasse.



Ela fechou as mãos em punhos e martelou o volante, amaldiçoando cada tiro de tequila e vodka da prateleira superior que a levou a pensar que era uma boa ideia ir para casa com Scott *porra* Baron apenas vinte e quatro horas atrás.

Sem surpresa, seu pequeno acesso de raiva não ajudava em nada. Especialmente quando olhou no espelho retrovisor para ver que os Baron haviam apagado os faróis e estavam rolando lentamente ao longo do limite de fronteira.

Ah merda.

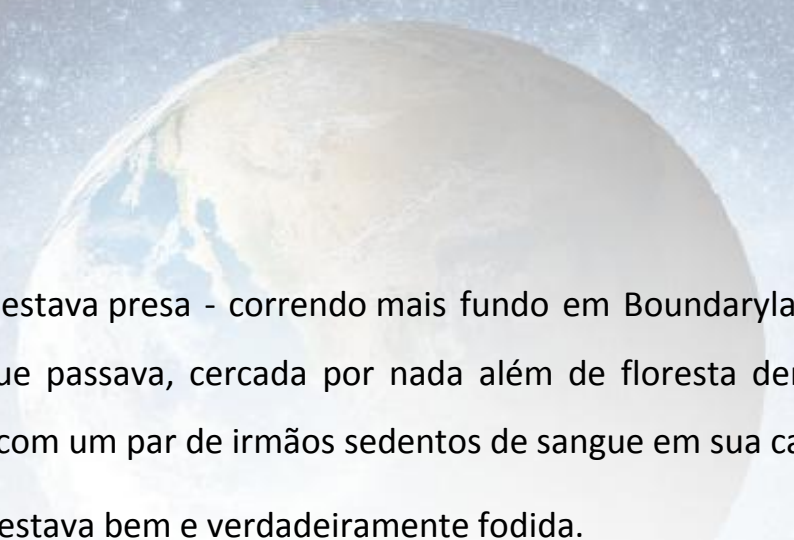
Ela não esperava isso. Darcy sabia que os Baron nunca desistiriam de caçar a mulher que matou seu irmão, mas, por algum motivo, não esperava isso. Ignorar o tratado equivalia a uma missão suicida.

Na pior das hipóteses, pensou que eles poderiam chamar reforços, e haveria um bloqueio esperando por ela na outra extremidade da Estrada Central. Ou talvez abandonassem os carros de polícia e viessem procurá-la em roupas civis.

Mas não.

Aparentemente, eles não estavam dispostos a esperar por sua vingança. A mente de Darcy disparou enquanto tentava pensar em um novo plano. Nada seria melhor do que desistir, atirando-se aos pés deles e implorando por misericórdia.

Mas que outra opção ela tinha?



Ela estava presa - correndo mais fundo em Boundarylands a cada segundo que passava, cercada por nada além de floresta densa e Alfas selvagens, com um par de irmãos sedentos de sangue em sua cauda.

Ela estava bem e verdadeiramente fodida.

Sua única esperança agora era que todos os pneus estourassem de uma vez, e que morresse em um acidente violento, em vez de com uma bala na cabeça.

Espera.

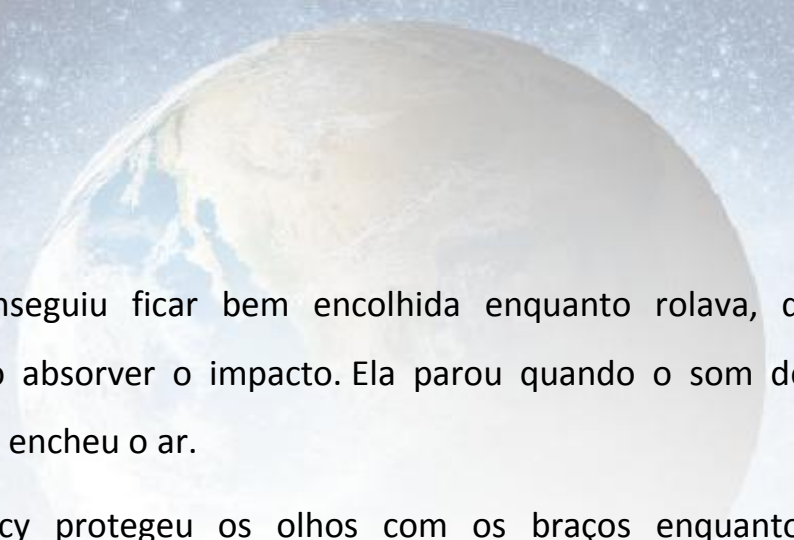
Honestamente, não era uma má ideia.

Não a parte da morte, é claro, mas os Baron não precisavam saber disso. Um carro batido, fumaça e fogo... isso só poderia fornecer a distração de que precisava.

Inferno, neste ponto, Darcy percebeu que era a única chance que teria.

Ela esperou a próxima curva na estrada e quando as viaturas da polícia desapareceram momentaneamente do espelho retrovisor, ela agarrou sua bolsa pesada, pisou fundo no acelerador e abriu a porta. Depois de sussurrar uma pequena prece, se jogou porta afora antes que pudesse se acovardar.

O ar deixou os pulmões de Darcy quando ela atingiu o chão, pedras soltas rasgando seus braços nus e rasgando suas roupas. De alguma



forma, conseguiu ficar bem encolhida enquanto rolava, deixando o movimento absorver o impacto. Ela parou quando o som de metal se retorcendo encheu o ar.

Darcy protegeu os olhos com os braços enquanto erguia a cabeça... mas nada aconteceu. Sem bola de fogo, sem chamas... apenas os restos de seu pequeno carro enrolados em uma imponente sequóia.

Bem, merda. Talvez os carros só explodissem em filmes.

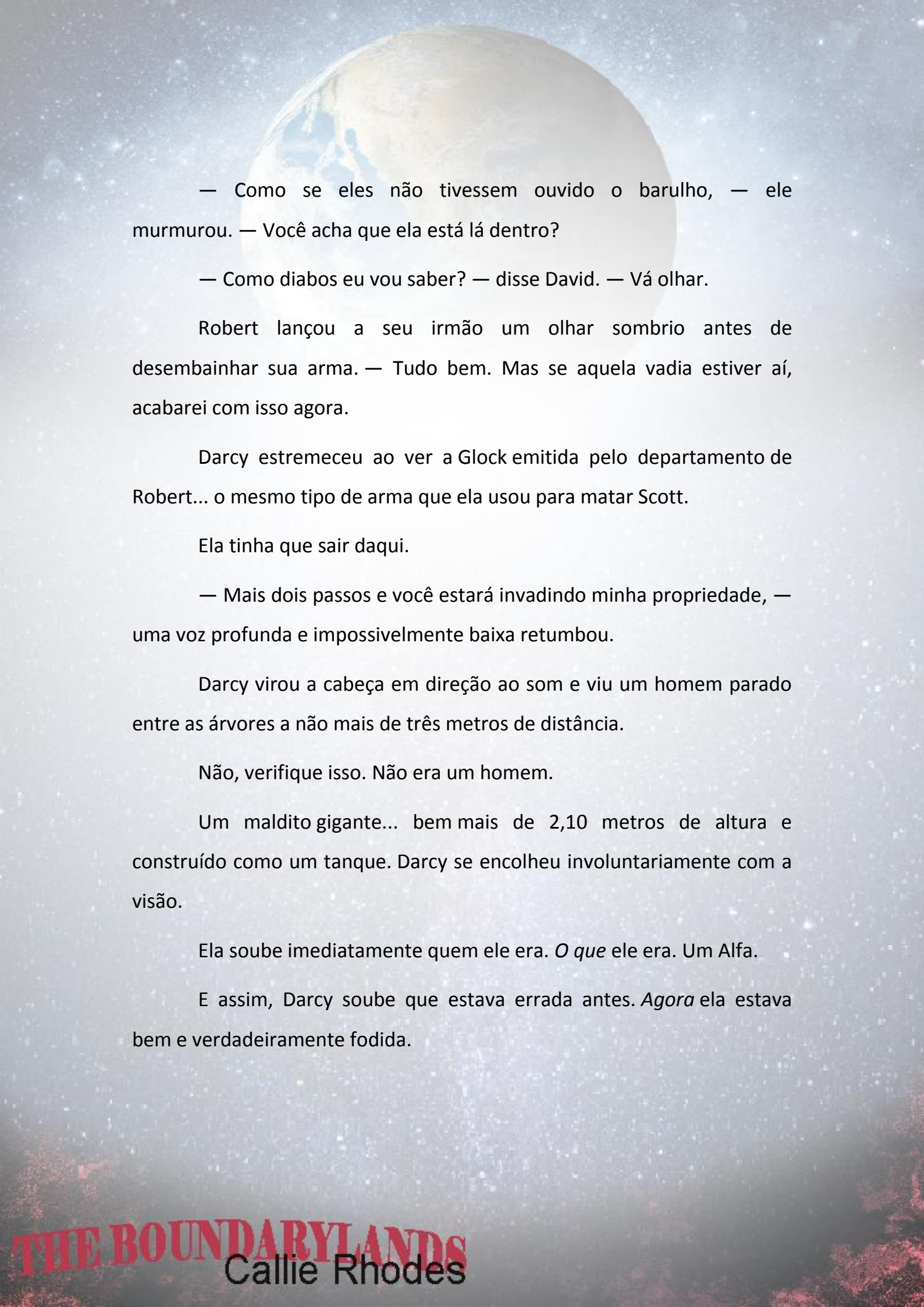
Darcy não teve tempo para se afundar em decepção. Ela se levantou e mancou para a floresta, mal conseguindo sair de vista quando as luzes piscantes deram uma guinada e pararam de repente.

Movendo-se o mais silenciosamente que pôde, Darcy caiu de joelhos no chão argiloso da floresta atrás de alguns arbustos densos, estremecendo com uma pontada de dor em seus quadris. Parecia que havia sofrido mais danos naquela queda do que percebeu a princípio.

— Que porra é essa? — O som da voz de Robert Baron causou arrepios na espinha de Darcy quando ele saiu do carro.

— Mantenha sua maldita voz baixa, — advertiu seu irmão David. — Você quer que uma daquelas coisas ouça você?

Robert franziu a testa. Sendo o mais velho de três irmãos, ele não gostava que lhe dissessem o que fazer... mas ser o mais burro significava que tinha se acostumado.



— Como se eles não tivessem ouvido o barulho, — ele murmurou. — Você acha que ela está lá dentro?

— Como diabos eu vou saber? — disse David. — Vá olhar.

Robert lançou a seu irmão um olhar sombrio antes de desembainhar sua arma. — Tudo bem. Mas se aquela vadia estiver aí, acabarei com isso agora.

Darcy estremeceu ao ver a Glock emitida pelo departamento de Robert... o mesmo tipo de arma que ela usou para matar Scott.

Ela tinha que sair daqui.

— Mais dois passos e você estará invadindo minha propriedade, — uma voz profunda e impossivelmente baixa retumbou.

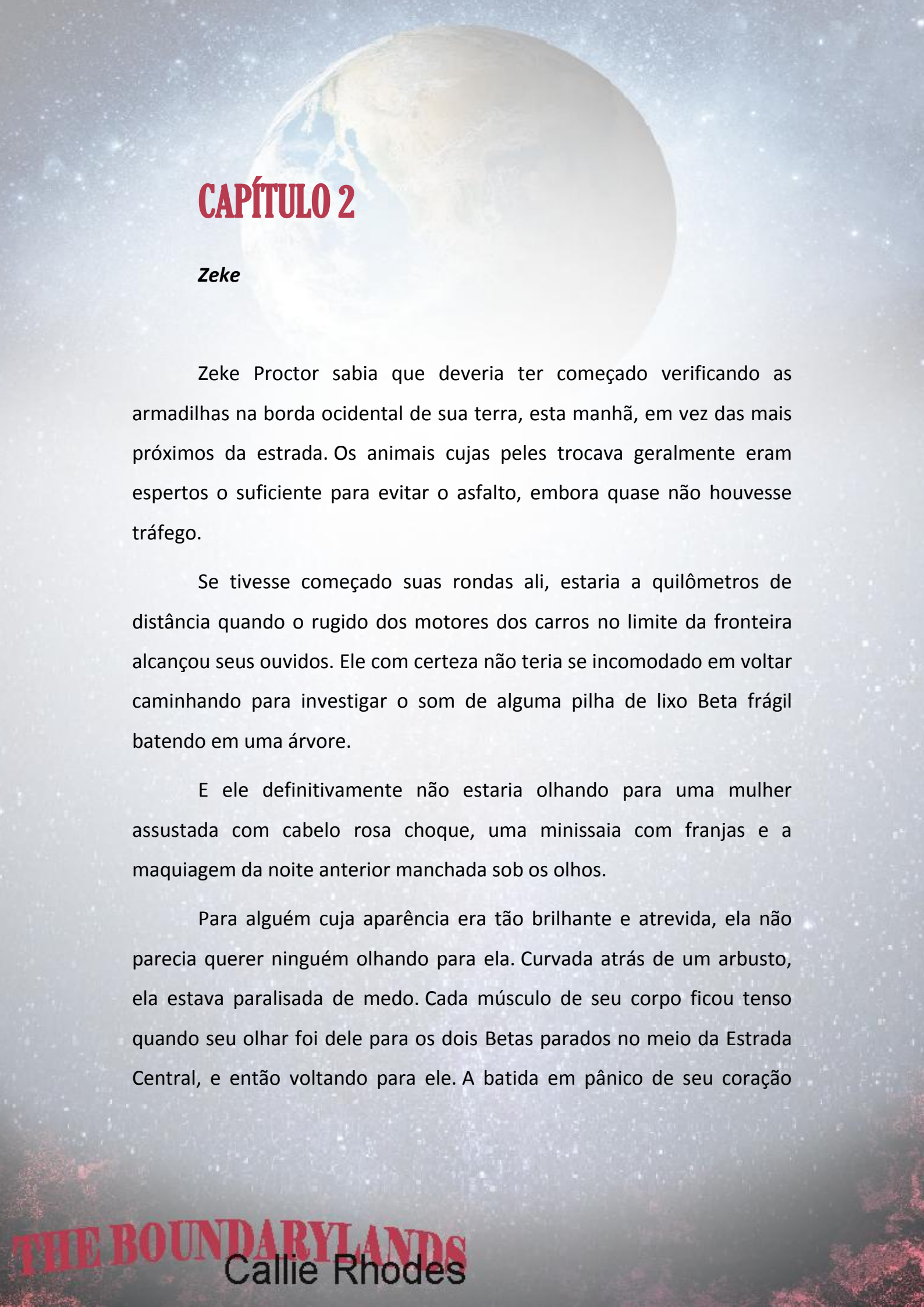
Darcy virou a cabeça em direção ao som e viu um homem parado entre as árvores a não mais de três metros de distância.

Não, verifique isso. Não era um homem.

Um maldito gigante... bem mais de 2,10 metros de altura e construído como um tanque. Darcy se encolheu involuntariamente com a visão.

Ela soube imediatamente quem ele era. *O que* ele era. Um Alfa.

E assim, Darcy soube que estava errada antes. *Agora* ela estava bem e verdadeiramente fodida.



CAPÍTULO 2

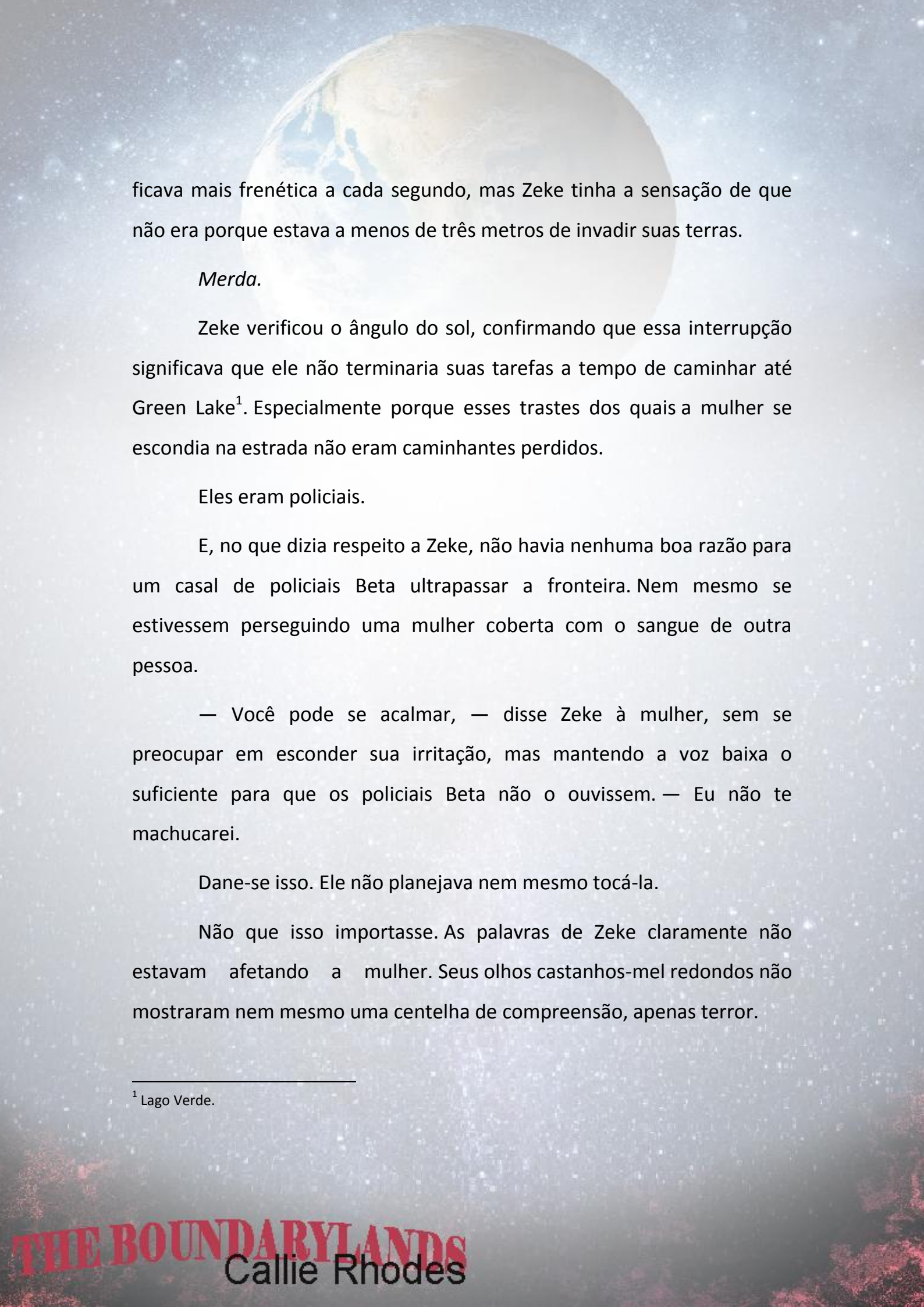
Zeke

Zeke Proctor sabia que deveria ter começado verificando as armadilhas na borda ocidental de sua terra, esta manhã, em vez das mais próximos da estrada. Os animais cujas peles trocava geralmente eram espertos o suficiente para evitar o asfalto, embora quase não houvesse tráfego.

Se tivesse começado suas rondas ali, estaria a quilômetros de distância quando o rugido dos motores dos carros no limite da fronteira alcançou seus ouvidos. Ele com certeza não teria se incomodado em voltar caminhando para investigar o som de alguma pilha de lixo Beta frágil batendo em uma árvore.

E ele definitivamente não estaria olhando para uma mulher assustada com cabelo rosa choque, uma minissaia com franjas e a maquiagem da noite anterior manchada sob os olhos.

Para alguém cuja aparência era tão brilhante e atrevida, ela não parecia querer ninguém olhando para ela. Curvada atrás de um arbusto, ela estava paralisada de medo. Cada músculo de seu corpo ficou tenso quando seu olhar foi dele para os dois Betas parados no meio da Estrada Central, e então voltando para ele. A batida em pânico de seu coração



ficava mais frenética a cada segundo, mas Zeke tinha a sensação de que não era porque estava a menos de três metros de invadir suas terras.

Merda.

Zeke verificou o ângulo do sol, confirmando que essa interrupção significava que ele não terminaria suas tarefas a tempo de caminhar até Green Lake¹. Especialmente porque esses trastes dos quais a mulher se escondia na estrada não eram caminhantes perdidos.

Eles eram policiais.

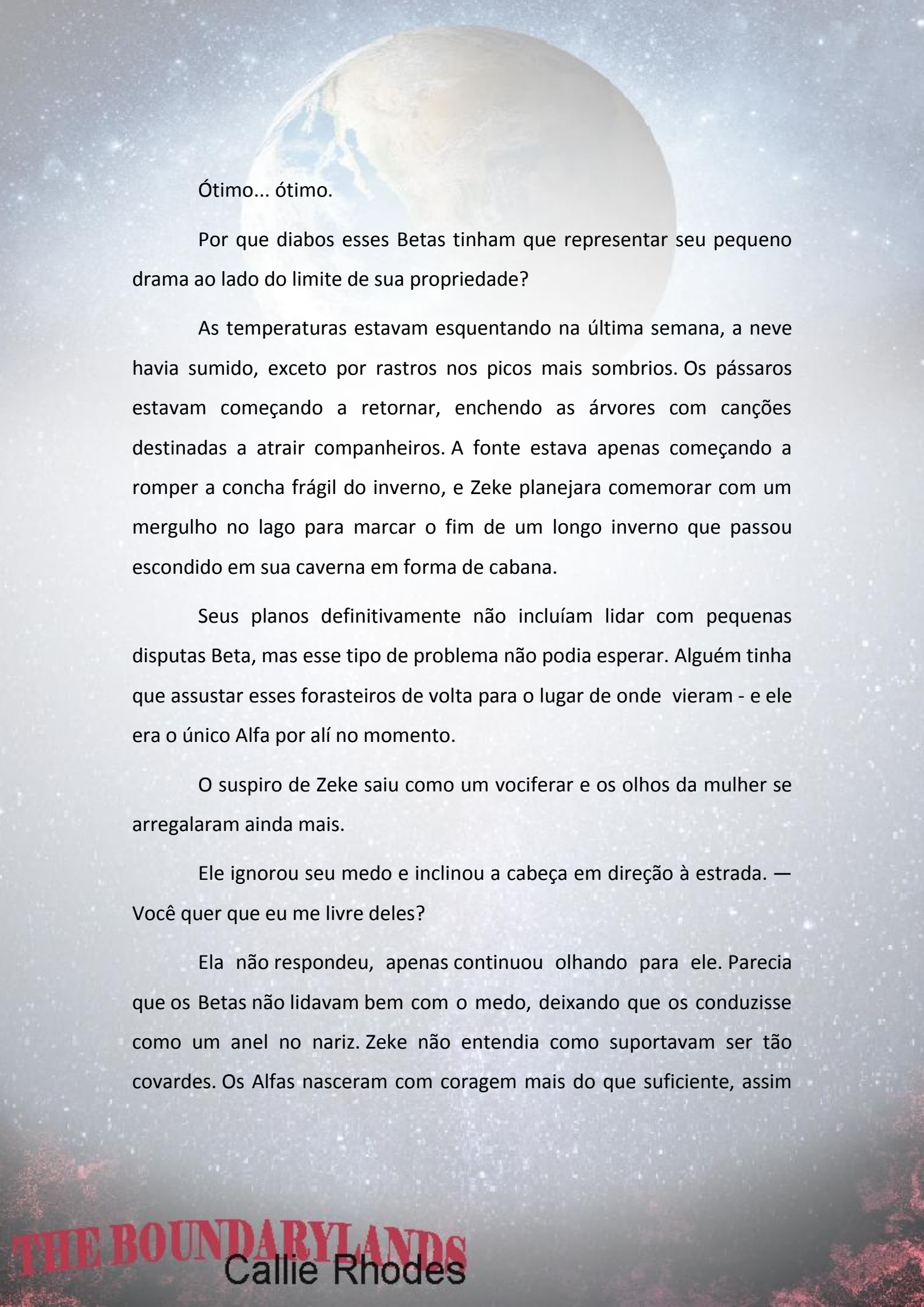
E, no que dizia respeito a Zeke, não havia nenhuma boa razão para um casal de policiais Beta ultrapassar a fronteira. Nem mesmo se estivessem perseguindo uma mulher coberta com o sangue de outra pessoa.

— Você pode se acalmar, — disse Zeke à mulher, sem se preocupar em esconder sua irritação, mas mantendo a voz baixa o suficiente para que os policiais Beta não o ouvissem. — Eu não te machucarei.

Dane-se isso. Ele não planejava nem mesmo tocá-la.

Não que isso importasse. As palavras de Zeke claramente não estavam afetando a mulher. Seus olhos castanhos-mel redondos não mostraram nem mesmo uma centelha de compreensão, apenas terror.

¹ Lago Verde.



Ótimo... ótimo.

Por que diabos esses Betas tinham que representar seu pequeno drama ao lado do limite de sua propriedade?

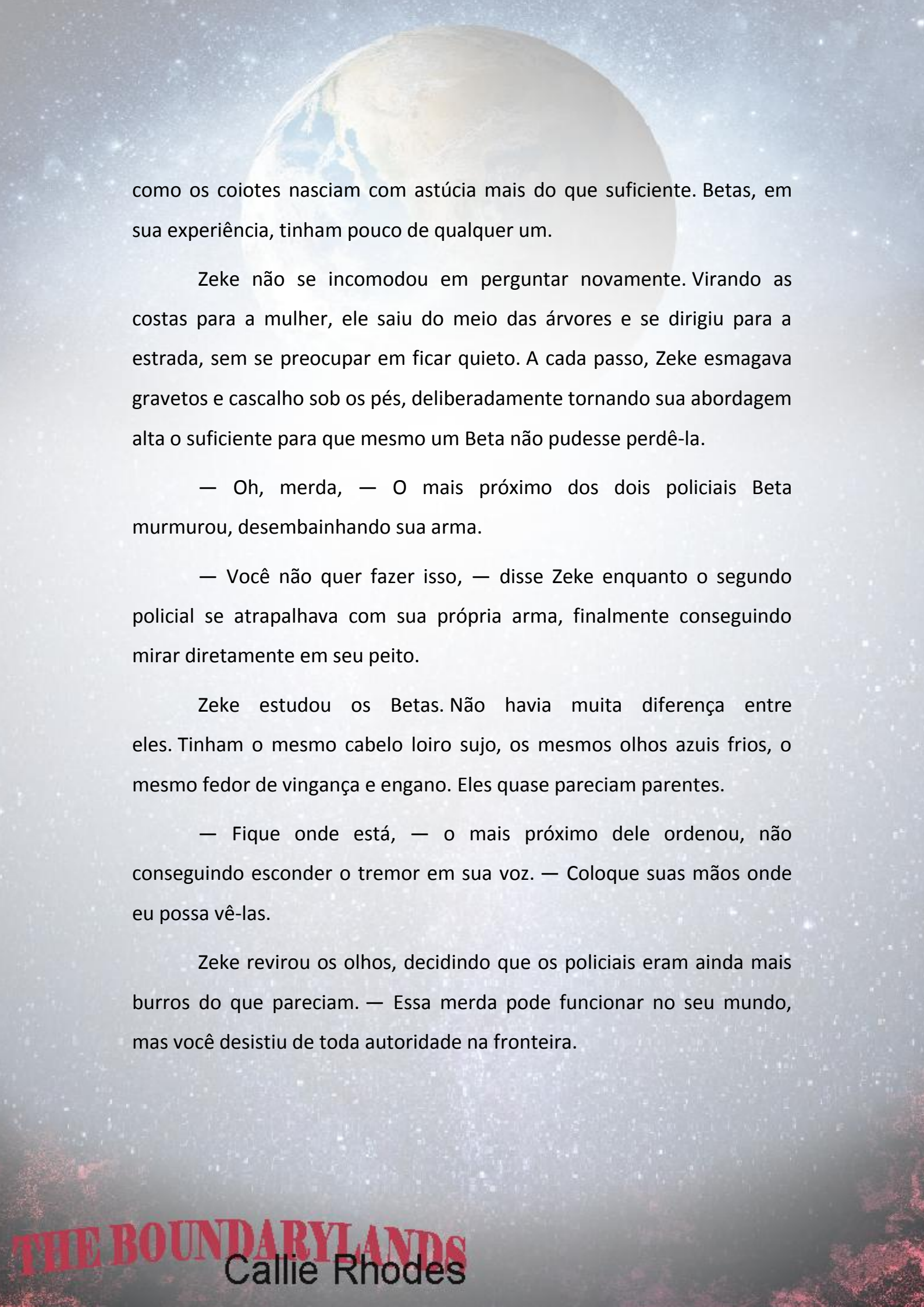
As temperaturas estavam esquentando na última semana, a neve havia sumido, exceto por rastros nos picos mais sombrios. Os pássaros estavam começando a retornar, enchendo as árvores com canções destinadas a atrair companheiros. A fonte estava apenas começando a romper a concha frágil do inverno, e Zeke planejava comemorar com um mergulho no lago para marcar o fim de um longo inverno que passou escondido em sua caverna em forma de cabana.

Seus planos definitivamente não incluíam lidar com pequenas disputas Beta, mas esse tipo de problema não podia esperar. Alguém tinha que assustar esses forasteiros de volta para o lugar de onde vieram - e ele era o único Alfa por ali no momento.

O suspiro de Zeke saiu como um vociferar e os olhos da mulher se arregalaram ainda mais.

Ele ignorou seu medo e inclinou a cabeça em direção à estrada. — Você quer que eu me livre deles?

Ela não respondeu, apenas continuou olhando para ele. Parecia que os Betas não lidavam bem com o medo, deixando que os conduzisse como um anel no nariz. Zeke não entendia como suportavam ser tão covardes. Os Alfas nasceram com coragem mais do que suficiente, assim



como os coiotes nasciam com astúcia mais do que suficiente. Betas, em sua experiência, tinham pouco de qualquer um.

Zeke não se incomodou em perguntar novamente. Virando as costas para a mulher, ele saiu do meio das árvores e se dirigiu para a estrada, sem se preocupar em ficar quieto. A cada passo, Zeke esmagava gravetos e cascalho sob os pés, deliberadamente tornando sua abordagem alta o suficiente para que mesmo um Beta não pudesse perdê-la.

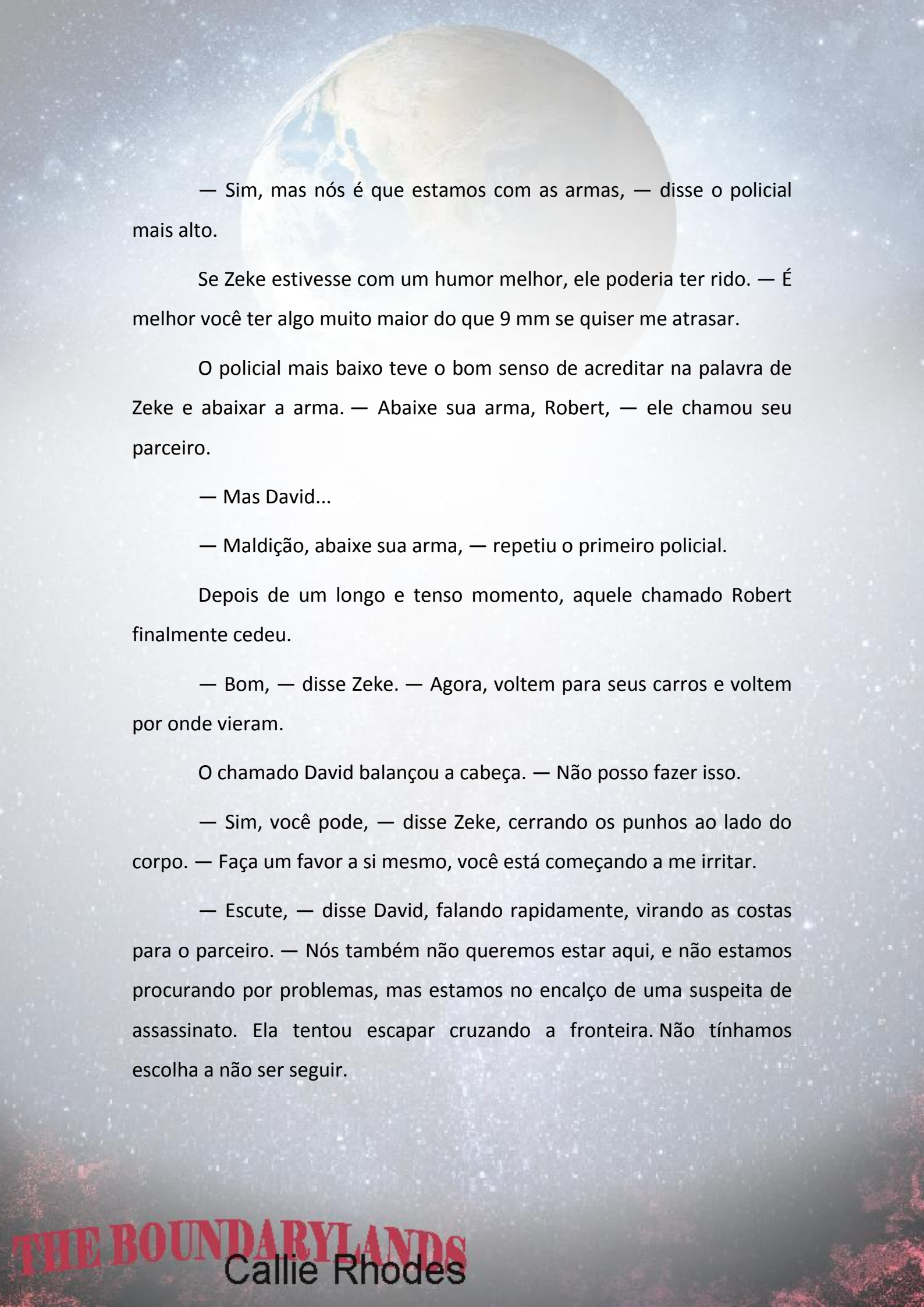
— Oh, merda, — O mais próximo dos dois policiais Beta murmurou, desembainhando sua arma.

— Você não quer fazer isso, — disse Zeke enquanto o segundo policial se atrapalhava com sua própria arma, finalmente conseguindo mirar diretamente em seu peito.

Zeke estudou os Betas. Não havia muita diferença entre eles. Tinham o mesmo cabelo loiro sujo, os mesmos olhos azuis frios, o mesmo fedor de vingança e engano. Eles quase pareciam parentes.

— Fique onde está, — o mais próximo dele ordenou, não conseguindo esconder o tremor em sua voz. — Coloque suas mãos onde eu possa vê-las.

Zeke revirou os olhos, decidindo que os policiais eram ainda mais burros do que pareciam. — Essa merda pode funcionar no seu mundo, mas você desistiu de toda autoridade na fronteira.



— Sim, mas nós é que estamos com as armas, — disse o policial mais alto.

Se Zeke estivesse com um humor melhor, ele poderia ter rido. — É melhor você ter algo muito maior do que 9 mm se quiser me atrasar.

O policial mais baixo teve o bom senso de acreditar na palavra de Zeke e abaixar a arma. — Abaixе sua arma, Robert, — ele chamou seu parceiro.

— Mas David...

— Maldição, abaixe sua arma, — repetiu o primeiro policial.

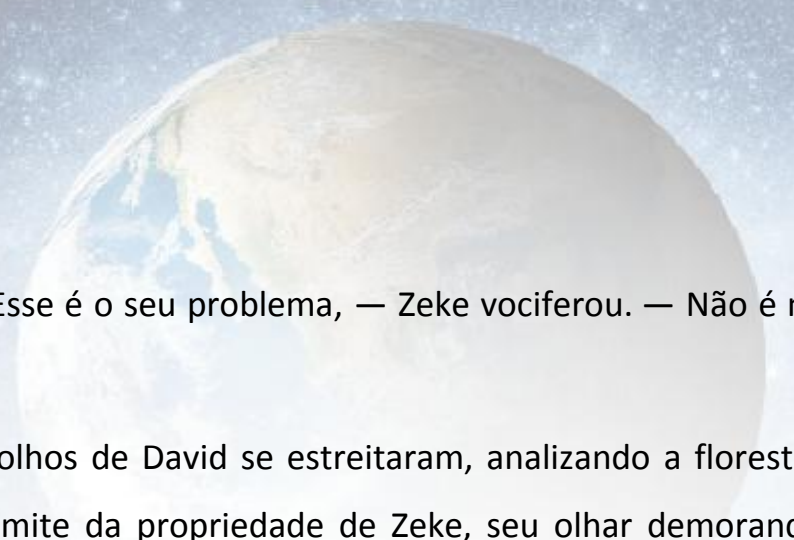
Depois de um longo e tenso momento, aquele chamado Robert finalmente cedeu.

— Bom, — disse Zeke. — Agora, voltem para seus carros e voltem por onde vieram.

O chamado David balançou a cabeça. — Não posso fazer isso.

— Sim, você pode, — disse Zeke, cerrando os punhos ao lado do corpo. — Faça um favor a si mesmo, você está começando a me irritar.

— Escute, — disse David, falando rapidamente, virando as costas para o parceiro. — Nós também não queremos estar aqui, e não estamos procurando por problemas, mas estamos no encalço de uma suspeita de assassinato. Ela tentou escapar cruzando a fronteira. Não tínhamos escolha a não ser seguir.



— Esse é o seu problema, — Zeke vociferou. — Não é meu. Agora saia.

Os olhos de David se estreitaram, analisando a floresta densa ao longo do limite da propriedade de Zeke, seu olhar demorando no local onde ele emergiu. Zeke praticamente podia ver as engrenagens girando dentro de sua cabeça.

— Por acaso você não viu esse acidente de carro, viu? — Perguntou David.

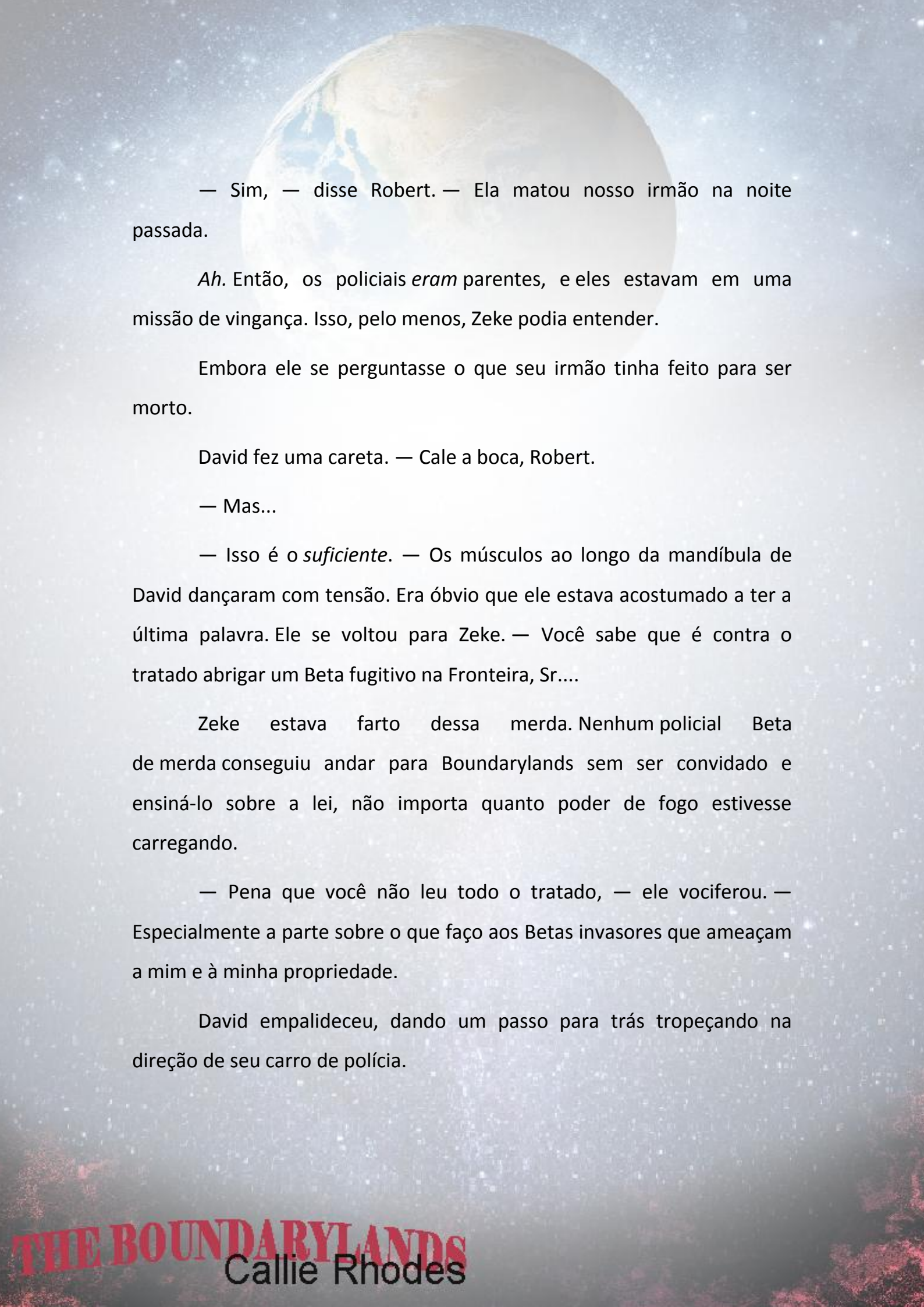
— Eu disse para você ir embora.

Um pequeno sorriso apareceu no rosto do policial como se essa fosse a resposta de que precisava, e ele se endireitou um pouco. — Você viu uma mulher sair deste carro? Teria sido difícil não perceber ... cabelo rosa brilhante, roupas todas rasgadas, cobertas com o sangue da vítima.

Zeke bufou. — Vocês Betas vieram ao lugar errado se estão procurando por uma mulher.

— Talvez, — disse David cautelosamente. — Então, novamente, talvez não. Você deve saber que embora a mulher que procuramos possa parecer inocente, ela é na verdade uma assassina de sangue frio. Você pode querer pensar duas vezes antes de protegê-la.

— Isso está certo? — Zeke disse, sua voz cheia de sarcasmo.



— Sim, — disse Robert. — Ela matou nosso irmão na noite passada.

Ah. Então, os policiais *eram* parentes, e eles estavam em uma missão de vingança. Isso, pelo menos, Zeke podia entender.

Embora ele se perguntasse o que seu irmão tinha feito para ser morto.

David fez uma careta. — Cale a boca, Robert.

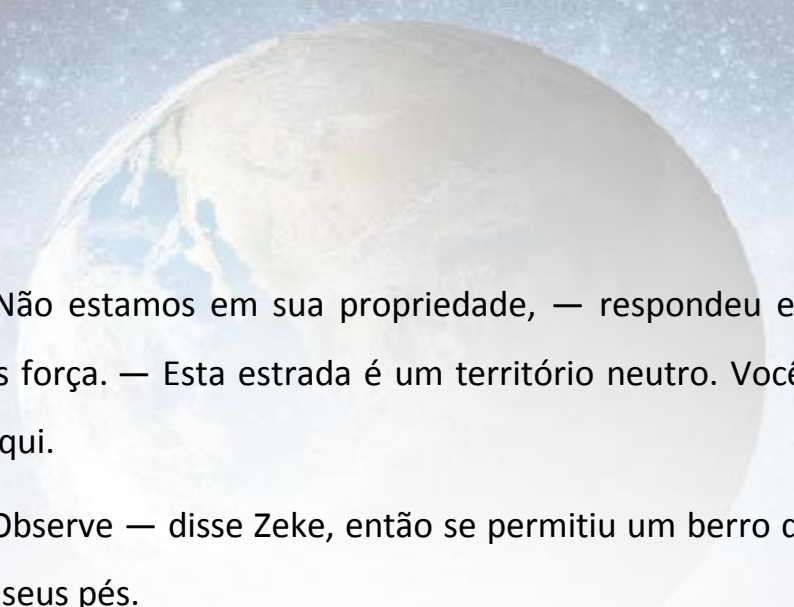
— Mas...

— Isso é o *suficiente*. — Os músculos ao longo da mandíbula de David dançaram com tensão. Era óbvio que ele estava acostumado a ter a última palavra. Ele se voltou para Zeke. — Você sabe que é contra o tratado abrigar um Beta fugitivo na Fronteira, Sr....

Zeke estava farto dessa merda. Nenhum policial Beta de merda conseguiu andar para Boundarylands sem ser convidado e ensiná-lo sobre a lei, não importa quanto poder de fogo estivesse carregando.

— Pena que você não leu todo o tratado, — ele vociferou. — Especialmente a parte sobre o que faço aos Betas invasores que ameaçam a mim e à minha propriedade.

David empalideceu, dando um passo para trás tropeçando na direção de seu carro de polícia.



— Não estamos em sua propriedade, — respondeu ele, embora com menos força. — Esta estrada é um território neutro. Você não pode nos tocar aqui.

— Observe — disse Zeke, então se permitiu um berro que sacudiu o chão sob seus pés.

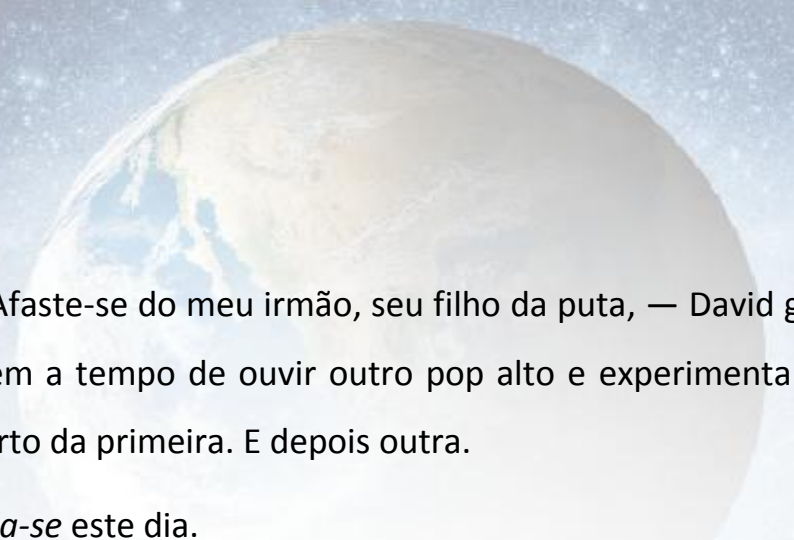
A reação dos policiais Beta ao seu som primitivo de raiva foi imensamente satisfatória - até que Zeke sentiu uma mudança na mulher que havia deixado escondida nas árvores. Seu terror imobilizador deu lugar à autopreservação crua e ela fugiu.

Não silenciosamente, também. O som dela batendo nas árvores enquanto corria mais fundo nas terras de Zeke foi alto o suficiente para até mesmo os ouvidos Beta ouvirem.

Ambos os policiais ficaram tensos, virando-se para o flash de rosa brilhante entrando e saindo de vista.

— Peguei ela, — Robert gritou, erguendo a arma.

Zeke cobriu o terreno entre eles na fração de segundo que levou para o dedo do Beta apertar o gatilho. O policial absorveu o impacto do ombro de Zeke bem no peito, mas ainda conseguiu dar um tiro antes de bater na lateral do carro destruído. Enquanto deslizava para a estrada, ofegando para encher os pulmões de ar, Zeke sentiu uma dor lancinante na lateral do corpo, descendo para a caixa torácica.



— Afaste-se do meu irmão, seu filho da puta, — David gritou. Zeke se virou bem a tempo de ouvir outro pop alto e experimentar outra dor ardente perto da primeira. E depois outra.

Foda-se este dia.

O grito de Zeke foi alto o suficiente para se espalhar até o outro lado de Boundarylands. David quase deixou cair sua arma, então pareceu considerar brevemente se iria em ajuda do irmão.

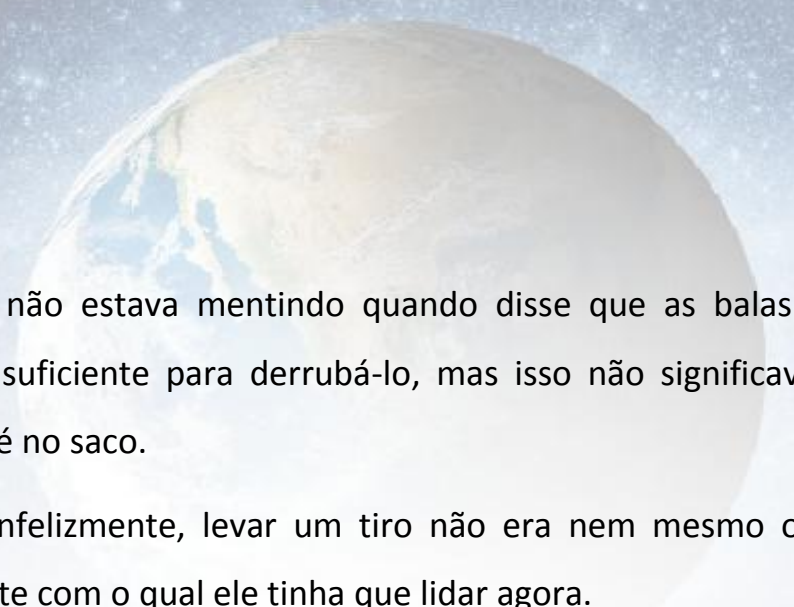
Evidentemente, ele pensou melhor.

David mergulhou em seu carro, engatando a ré e arremessando-se para trás. Ele recuou cem metros antes de executar uma curva descuidada de três pontos e bater em uma retirada covarde, deixando seu irmão para trás.

O irmão restante - Robert - acabou por ser um pequeno bastardo sorrateiro. Ele aproveitou a distração momentânea de Zeke para rastejar de volta ao seu próprio carro. Ele estava fechando a porta quando Zeke se virou.

— Isso não acabou, — o Beta gritou enquanto saía. Claro que não acabou.

Zeke amaldiçoou sua terrível sorte, mesmo quando a picada de seus ferimentos à bala ficava mais pronunciada.



Ele não estava mentindo quando disse que as balas não eram grandes o suficiente para derrubá-lo, mas isso não significava que não eram um pé no saco.

E, infelizmente, levar um tiro não era nem mesmo o problema mais urgente com o qual ele tinha que lidar agora.

Havia o pequeno problema da fugitiva de cabelo rosa, que corria a toda velocidade em direção à fronteira entre sua própria terra e a de seu vizinho. O que significava que Zeke precisava se recompor e ir salvá-la antes que aquele bastardo, Cade, descobrisse uma invasora.

Quem diabos ele estava enganando? Só havia uma maneira desse dia acabar.

Zeke soube desde o primeiro cheiro do perfume da mulher quando ela se jogou para fora de um carro em alta velocidade.

Ela não estava com problemas - ela *estava com* problemas.



CAPÍTULO 3

Darcy

— Pare.

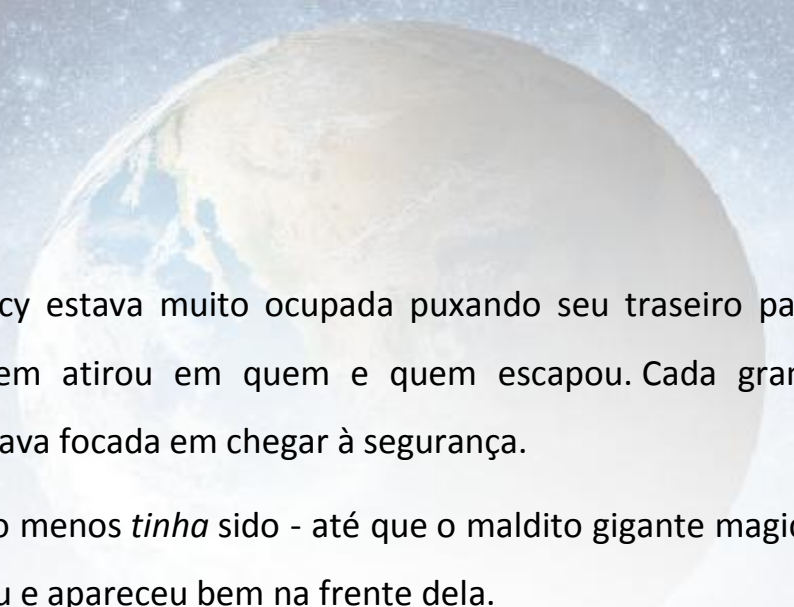
Darcy derrapou até uma parada abrupta quando o Alfa saiu de trás da árvore na frente dela, quase caindo quando os saltos de sua bota afundaram na terra macia.

De onde diabos ele veio? Ela o deixou na beira da estrada, rugindo como um urso pardo para Robert e David. Ela decidiu não ficar e ver como *aquele* fogo no lixo ²iria acabar - ela tinha visto o suficiente de sangue derramado nas últimas vinte e quatro horas para durar uma vida inteira.

Poucos segundos depois de sair correndo, ficou claro que tinha feito a escolha certa quando o barulho dos tiros - três ou quatro, pelo menos - ecoou pelas árvores.

Então veio mais daquele negócio barulhento, e então o guincho de pneus em alta velocidade.

² Expressão usada como uma figura de linguagem, refere-se a um grande problema confuso que é difícil de corrigir.



Darcy estava muito ocupada puxando seu traseiro para voltar e decidir quem atirou em quem e quem escapou. Cada grama de sua energia estava focada em chegar à segurança.

Pelo menos *tinha* sido - até que o maldito gigante magicamente se transportou e apareceu bem na frente dela.

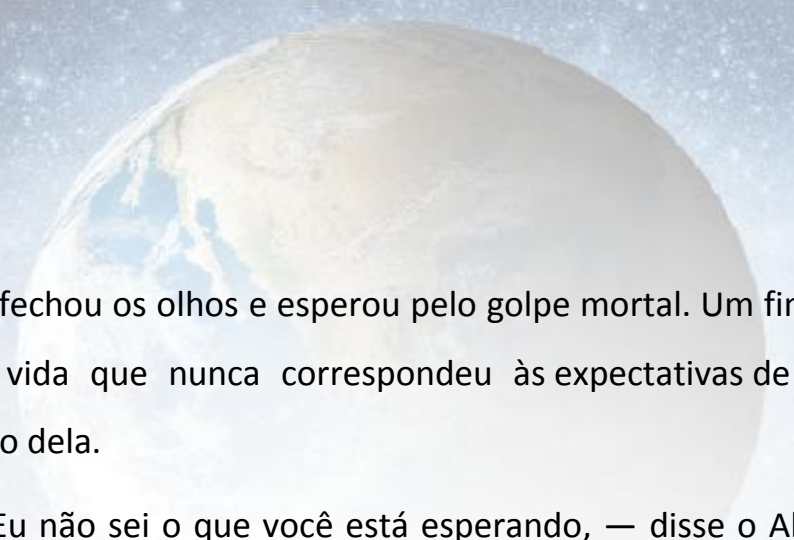
Infelizmente, as botas de Darcy - brilhantes, pretas e acima do joelho com saltos de sete centímetros - não foram feitas exatamente para manobras táticas. Ela jogou os braços para fora enquanto cambaleava para trás, mas ainda acabou caindo com força em sua bunda.

A situação não parecia melhor daqui. O Alfa pairava sobre ela, ainda mais ameaçador deste ângulo. A luz feroz em seus olhos e o cabelo negro azeviche indomável o faziam parecer quase selvagem.

Oh Deus. O que diabos estava pensando, vindo aqui? Ela realmente esperava que o fogo fosse melhor do que a frigideira?

Infelizmente, Darcy estava sem opções. Cruzar a fronteira tinha sido sua única chance - embora significasse se colocar entre dois irmãos psicóticos e um gigante furioso.

Darcy fizera o que sempre fazia - agiu por impulso, arriscou-se, saltou da borda antes de olhar para baixo. Desta vez caiu muito forte. Honestamente, foi um milagre chegar tão longe.



Ela fechou os olhos e esperou pelo golpe mortal. Um final sombrio para uma vida que nunca correspondeu às expectativas de ninguém - nem mesmo dela.

— Eu não sei o que você está esperando, — disse o Alfa, sua voz profunda e áspera interrompendo o que Darcy assumiu serem seus momentos finais. — Eu não estou ajudando seu traseiro arrependido.

Quê?

Com a respiração presa na garganta, Darcy abriu uma pálpebra para espiar o gigante. Ele ainda estava parado muito perto, mas agora ele estava olhando para ela como se ela fosse algum tipo de idiota.

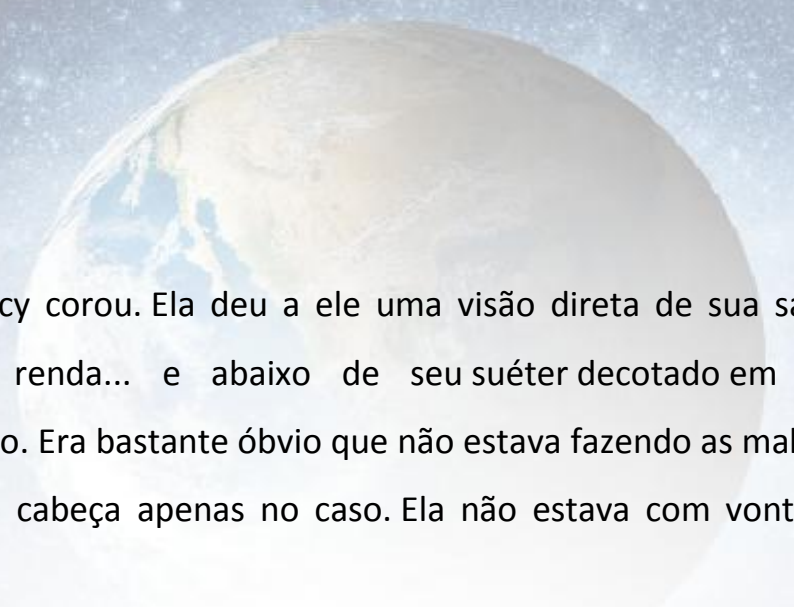
O que provavelmente era, porque não tinha a menor ideia do que estava acontecendo.

— Você não vai me matar?

A carranca do Alfa se aprofundou. — Por que diabos eu faria isso?

— Eu ouvi você lá atrás, — Darcy retrucou, um pouco de seu desafio retornando quando se levantou, espanando as folhas de sua saia com o máximo de dignidade possível. — Você parecia querer matar David e Robert.

— Eles tinham armas. Você não, a menos que as esteja escondendo onde o sol não brilha.



Darcy corou. Ela deu a ele uma visão direta de sua saia em sua tanga de renda... e abaixo de seu suéter decotado em seu sutiã combinando. Era bastante óbvio que não estava fazendo as malas, mas ela balançou a cabeça apenas no caso. Ela não estava com vontade de ser revistada.

— Bom, — o Alfa murmurou, perfurando-a com um olhar fixo. — Escute, eu não me importo para onde você vai a partir daqui, mas se continuar nesta direção, você vai acabar nas terras do meu vizinho... e Cade não é nem metade tão amigável quanto eu.

Darcy engoliu em seco. Era realmente possível que existissem Alfas mais assustadores do que este?

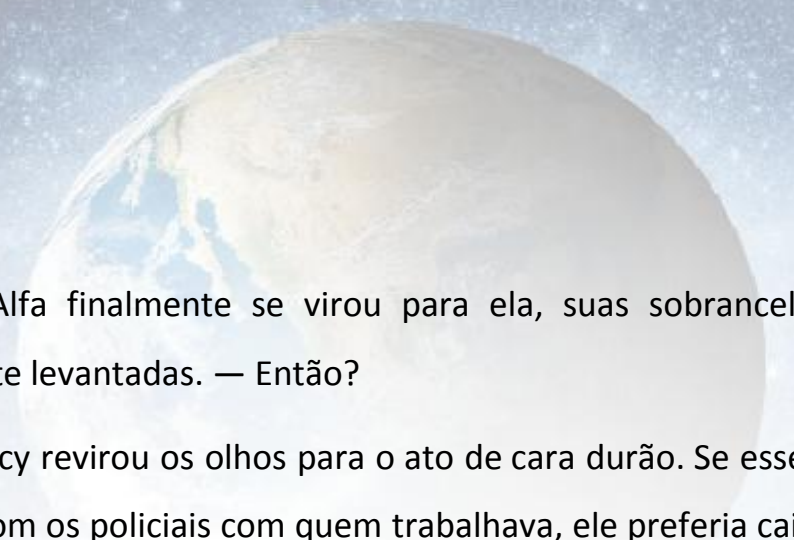
— O...obrigada pelo aviso, — disse ela o mais educadamente possível, mal se impedindo de acrescentar 'senhor', como fazia no trabalho.

O Alfa olhou para ela por outro longo segundo antes de sacudir de repente a cabeça e se virar para ir mais fundo na floresta. — Tanto faz.

— Espere, — Darcy o chamou antes que ele desse mais alguns passos.

O Alfa parou, seu corpo rígido, mas não se preocupou em se virar. — O quê?

— Você está sangrando, — disse ela, paralisada pela mancha vermelha brilhante espalhando-se na lateral da camiseta dele.



O Alfa finalmente se virou para ela, suas sobancelhas pretas ligeiramente levantadas. — Então?

Darcy revirou os olhos para o ato de cara durão. Se esse Alfa fosse parecido com os policiais com quem trabalhava, ele preferia cair morto do que admitir que algo estava errado.

— Então, você foi *baleado*, — disse ela. Sem pensar, ela deu um passo em direção a ele.

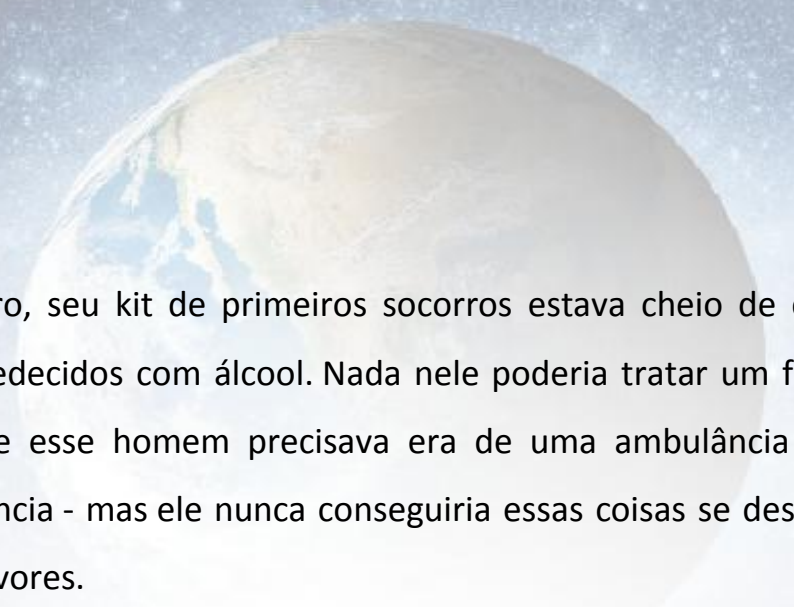
— Afaste- se, — o Alfa gritou. O aviso em seus olhos era de aço e frio. — Não dê mais um maldito passo.

Darcy ergueu as mãos para mostrar que não representava nenhuma ameaça e recuou lentamente. Por um momento ela quase pensou - mas não. O Alfa não poderia ter medo *dela*... poderia?

— Mas você está ferido, — disse ela, perguntando-se se ele havia entrado em choque. Ele não tinha perdido *muito* sangue ainda, mas talvez a bala tivesse atingido um órgão vital. — Você precisa de ajuda.

— Estou bem. — O Alfa balançou a cabeça com impaciência, já em movimento novamente. — Isso não é nada - um arranhão que vai sarar em algum momento.

— Eu tenho um kit de primeiros socorros no carro, — Darcy gritou para suas costas, tentando impedi-lo.



Claro, seu kit de primeiros socorros estava cheio de curativos e lenços umedecidos com álcool. Nada nele poderia tratar um ferimento à bala. O que esse homem precisava era de uma ambulância e uma ala de emergência - mas ele nunca conseguiria essas coisas se desaparecesse entre as árvores.

Darcy assistiu a muitas aulas de primeiros socorros exigidas pelo departamento para não saber o que acontecia com as vítimas de balas não tratadas. Primeiro, o Alfa ficaria confuso. Quando o oxigênio deixasse de atingir seu cérebro, sua desorientação pioraria. Então seu coração começaria a falhar. Seus rins se fechariam e, eventualmente, ele simplesmente desabaria no chão da floresta como um animal ferido e morreria.

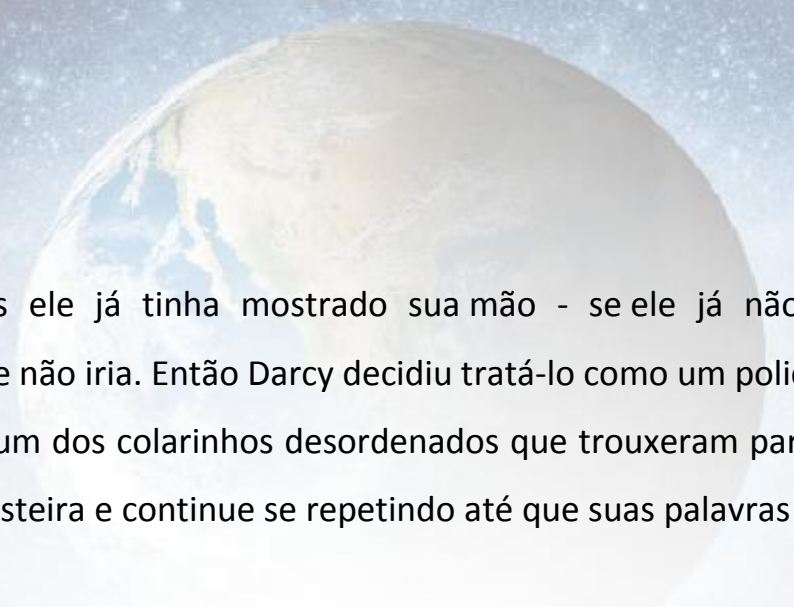
Ela não podia deixar isso acontecer.

O Alfa pode ser o filho da puta mais assustador que Darcy tinha posto os olhos - e ela deveria saber; ela namorou alguns idiotas - mas ele também a salvou dos irmãos Baron. Salvou a *vida* dela.

Agora tinha que retribuir o favor.

— Vai levar apenas um segundo para você vir comigo até o meu carro para que eu possa pegar meu kit, — disse ela, esperando que, uma vez lá, pudesse convencê-lo a pedir ajuda.

O Alfa soltou outro vociferar baixo e estrondoso, tornando óbvia sua irritação com ela.



Mas ele já tinha mostrado sua mão - se ele já não a tivesse matado, ele não iria. Então Darcy decidiu tratá-lo como um policial de mau humor ou um dos colarinhos desordenados que trouxeram para segurar - ignore a besteira e continue se repetindo até que suas palavras finalmente penetrem.

— Eu disse a você, é um arranhão, — disse ele, voltando-se resignadamente para ela.

Foi quando Darcy viu mais sangue escorrendo de outros buracos em sua camisa. — Puta merda! — ela disse, correndo para frente.

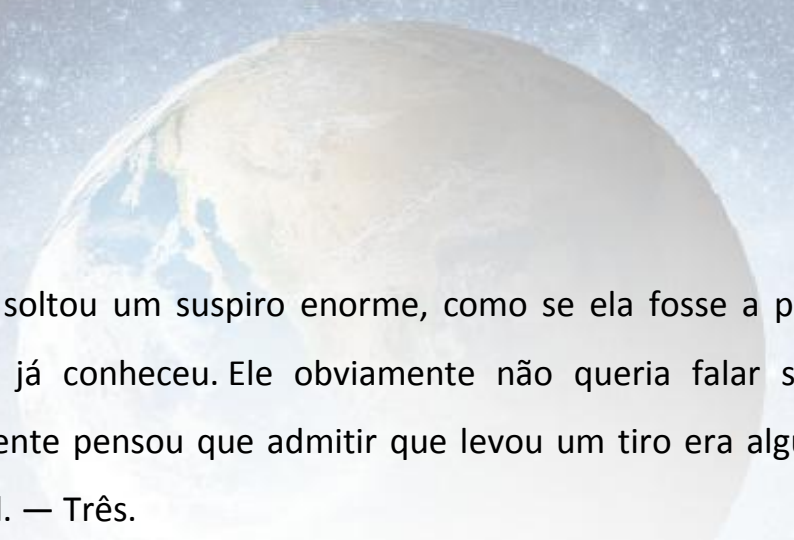
O Alfa cambaleou para trás, sem tirar os olhos dela enquanto pegava um enorme galho caído. — Não se aproxime de mim, — ele ordenou, brandindo-o como uma espada.

— Você está em choque, — disse Darcy, enunciando cada palavra com cuidado. — Sua mente está pregando peças em você. Não sou uma ameaça para você. Veja?

Ela estendeu os braços para mostrar a ele que não estava escondendo nada.

— Você não sabe do que está falando. Não há nada de errado com minha mente.

— Tudo bem, — disse Darcy, começando a perder a paciência. — Mas pelo menos me diga quantas vezes você foi atingido.



Ele soltou um suspiro enorme, como se ela fosse a pessoa mais idiota que já conheceu. Ele obviamente não queria falar sobre isso - provavelmente pensou que admitir que levou um tiro era algum tipo de falha moral. — Três.

— Querido Deus, — Darcy ofegou. Não havia como uma pessoa levar três tiros sem sofrer ferimentos graves. — Temos que levar você para o hospital.

— Eu não tenho que fazer merda nenhuma.

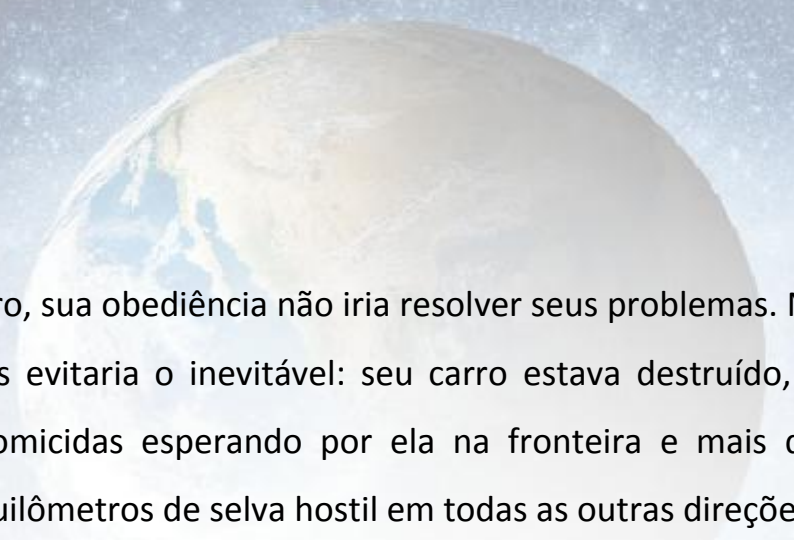
Darcy cavou fundo em suas reservas de paciência. Foi aqui que anos de experiência com namorados desobedientes eram muito úteis.

— Você está certo, — disse ela calmamente, — Você não tem. Mas aqui está o que *eu estou* indo fazer. Estou voltando para o carro, e pegando o meu kit de primeiros socorros. Agora você pode vir comigo, ou eu posso te seguir o dia todo enquanto você perde mais sangue e fica cada vez mais fraco até que você não tenha nenhuma escolha no assunto.

O brilho de aço do Alfa tornou-se calculista. Ele a olhou de cima a baixo, observando seu cabelo emaranhado e meia-calça rasgada, demorando-se brevemente na faixa estreita de pele entre o suéter cortado e a saia.

Obviamente, ele não ficou impressionado com o que viu. — Se eu aceitar alguns curativos, você promete ir embora?

Darcy traçou um X em seu peito. — Juro.



Claro, sua obediência não iria resolver seus problemas. No mínimo, isso apenas evitaria o inevitável: seu carro estava destruído, havia dois policiais homicidas esperando por ela na fronteira e mais de cento e sessente quilômetros de selva hostil em todas as outras direções.

Mas esses eram problemas para mais tarde. Agora, tinha que salvar um ogro.

O Alfa coçou o pescoço e olhou além de Darcy para a estrada, seus olhos se estreitando com nojo. Ela prendeu a respiração, esperando por sua resposta.

Finalmente, ele deu um breve aceno de cabeça. — Damas primeiro.

Darcy escondeu seu alívio ao voltar para o carro, movendo-se com cautela. Agora que a adrenalina havia passado, ela podia sentir cada hematoma e arranhão que sofreu ao se atirar para fora de um carro em movimento.

— Você está ferida, — disse ele. — Por que você não disse nada? — ela acenou com as palavras dele e começou a se mover novamente.

— Não é nada, — disse ela por cima do ombro. — Só um arranhão.



Zeke

O que diabos ele estava fazendo seguindo esta mulher?

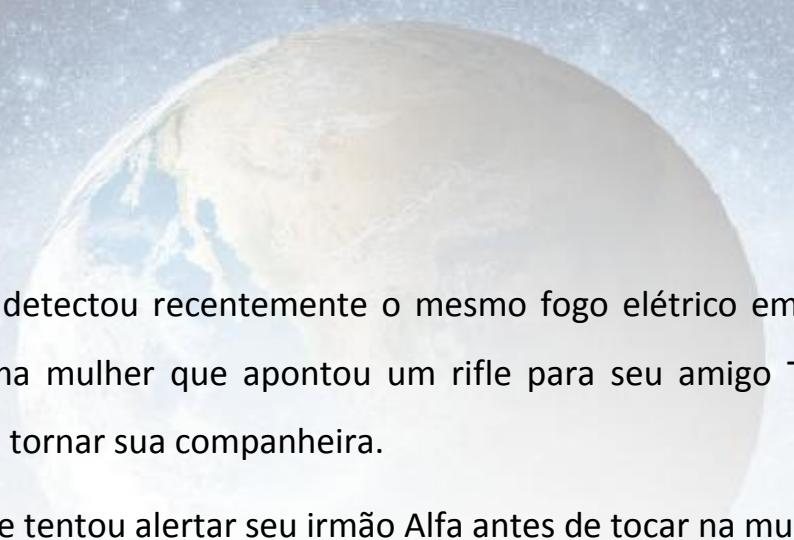
Zeke não tinha ideia. Claro, isso a levou a prometer deixá-lo em paz, mas ele dificilmente precisava disso. Ele poderia deixá-la na poeira em três segundos.

Zeke não era o Alfa mais cruel ou teimoso em sua terra em Boundarylands. Seu vizinho, Cade, estava sempre procurando uma briga, e um Alfa na estrada chamado Maddox poderia ser totalmente cruel. Mas Zeke não era conhecido por aceitar merda de ninguém.

Pelo menos, não até que as mulheres comesçassem a cair de seus carros e aterrissar a seus pés. Não ajudava que cheirava como a primeira tempestade da temporada, sua energia elétrica com a promessa de caos à frente.

Zeke conhecia aquele cheiro muito bem. Ele o encontrou pela primeira vez anos atrás, no que parecia ser outra vida... e quase o matou. Ele correu milhares de quilômetros para escapar das memórias, mas elas ainda o assombravam até hoje.

Zeke esperava nunca mais sentir aquele cheiro em particular novamente, mas o destino era uma cadela cruel.



Ele detectou recentemente o mesmo fogo elétrico emanando da pele de uma mulher que apontou um rifle para seu amigo Troy... logo antes de se tornar sua companheira.

Zeke tentou alertar seu irmão Alfa antes de tocar na mulher e fazer com que sua natureza Ômega emergisse totalmente, mas era tarde demais. Felizmente para Troy, as coisas pareciam ter dado certo entre os dois.

Mas Troy teve sorte.

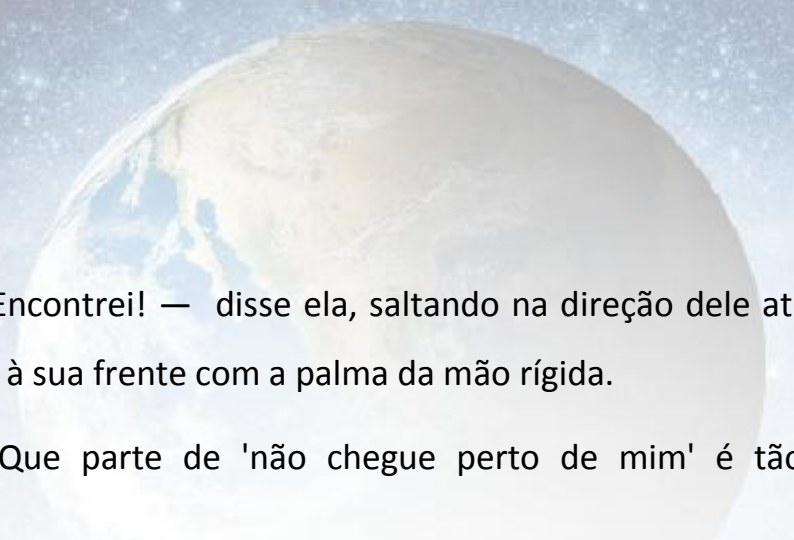
Todos nas Fronteiras pareciam pensar que quando o toque de um Alfa trazia à tona a verdadeira natureza de uma Ômega, eles estavam automaticamente em um final feliz.

Zeke sabia melhor.

Ele ficou uns três metros atrás enquanto seguia a estranha até o que restava de seu carro e a observava remexer no porta-malas. Em outra situação, ele poderia ter relaxado e apreciado a vista.

A mulher não era ruim de se olhar. Seu cabelo poderia ter sido tingido em um tom de chiclete, mas sua bunda era redonda como um pêssago... e parecia tão saborosa.

Pelo amor de Deus, o que havia de errado com ele? Zeke tinha acabado de decidir fugir e desaparecer sem dizer uma palavra quando a mulher deu um gritinho de vitória e voltou a se levantar, segurando uma caixa de plástico branca com uma grande cruz vermelha nela.



— Encontrei! — disse ela, saltando na direção dele até que Zeke cortou o ar à sua frente com a palma da mão rígida.

— Que parte de 'não chegue perto de mim' é tão difícil de entender?

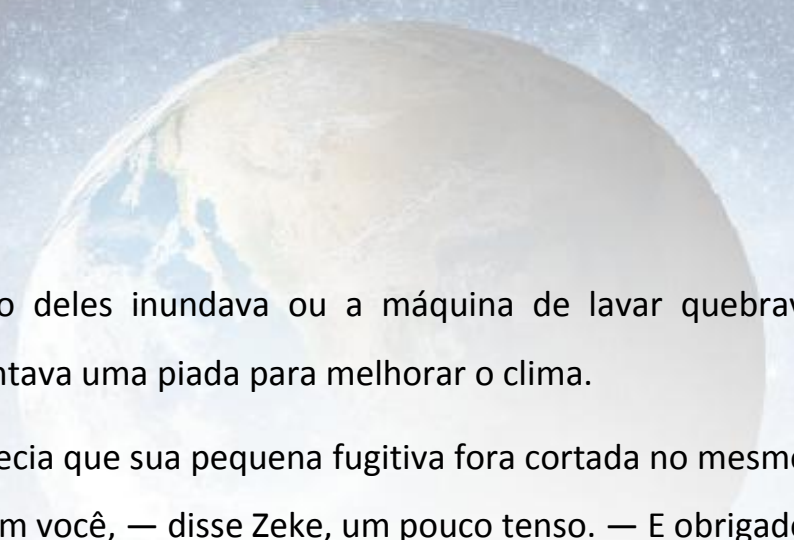
— Desculpe, — disse ela, recuando instantaneamente. Ela parecia sincera, e pior ainda, realmente *era*, com base no arrependimento misturado com seu cheiro. — Foi mal. Normalmente não sou assim... apenas foi um dia muito ruim.

Zeke bufou. Saltando de um carro em movimento em Boundarylands com um par de policiais Beta loucos no gatilho em seu encalço - sim, ele podia acreditar que não era assim que ela imaginava sua manhã de domingo.

— Você pode simplesmente chutar para mim, — disse ele.

A sugestão de um sorriso brincou em seus lábios quando ela colocou a caixa no chão e deslizou em direção a ele. — Como uma transação de drogas. Não se preocupe, está tudo aí - três curativos e um frasco de anti-séptico. Você pode contar se quiser.

Zeke não respondeu a sua piadinha, mas o fez parar. Ao contrário de muitos outros Alfas aqui, ele foi criado por pessoas decentes. Sua família sempre usou o humor como mecanismo de defesa para sobreviver aos tempos difíceis. Quando o salário do pai acabava antes do fim do mês,



ou o porão deles inundava ou a máquina de lavar quebrava, alguém sempre contava uma piada para melhorar o clima.

Parecia que sua pequena fugitiva fora cortada no mesmo tecido. — Eu confio em você, — disse Zeke, um pouco tenso. — E obrigado.

— De nada. Ouça... você não vai, pelo menos, considerar ir para o hospital?

— Nós realmente não vamos em hospitais por aqui.

— Mas se essas feridas infeccionarem...

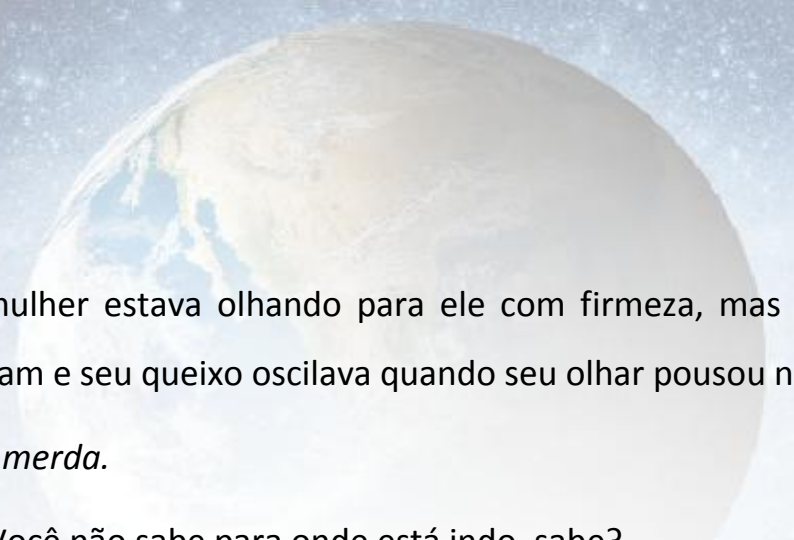
— Não vão.

— Mas se elas fizerem...

— Qual é o seu nome, senhora? — Zeke perguntou, surpreso ao descobrir que - em vez de ficar irritado com sua implacável importunação - ele estava genuinamente curioso.

— Darcy.

— Escute, Darcy, — disse ele, testando a sensação do nome dela em sua língua. — Agradeço sua preocupação, mas estarei curado em alguns dias. Além disso, você tem coisas mais importantes com que se preocupar do que eu. Esses policiais Beta estão chateados e não vão ceder. Pode levar um ou dois dias para lamber as feridas, mas eles vão voltar. Portanto, você deve parar de perder seu tempo comigo e ir para onde diabos está indo.



A mulher estava olhando para ele com firmeza, mas agora seus cílios tremiam e seu queixo oscilava quando seu olhar pousou no chão.

Ah, merda.

— Você não sabe para onde está indo, sabe?

Darcy balançou a cabeça, seu cabelo flamingo esvoaçando em uma rajada de vento. Zeke olhou para além dela, para seu carro - e a árvore em que estava enrolado.

— E mesmo se você soubesse, não tem como chegar lá, — ele continuou pesadamente.

Quando Darcy olhou para cima, ainda havia uma pequena luta em seus olhos castanhos mel.

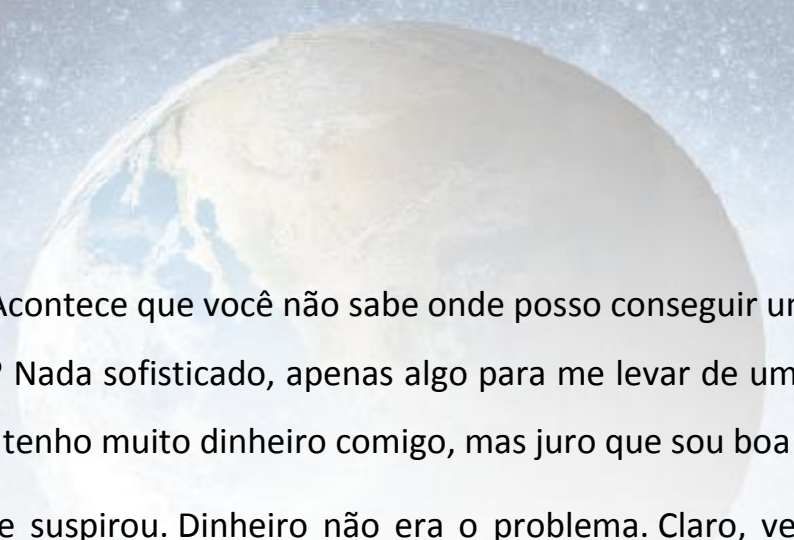
— Parece que estou caminhando, — disse ela com um encolher de ombros. — Já fiz isso antes.

Zeke reprimiu um gemido de frustração. Não através de Boundarylands, ela não tinha.

A mulher era como um letreiro de néon piscando. No momento em que seus irmãos pegaram seu cheiro, eles viriam correndo por entre as árvores para chegar até ela.

— Isso não é uma boa ideia.

Darcy apertou os lábios. Zeke quase podia ver as engrenagens girando em sua cabeça quando ela bolou um novo plano.



— Acontece que você não sabe onde posso conseguir um carro por aqui, sabe? Nada sofisticado, apenas algo para me levar de um lugar para outro. Não tenho muito dinheiro comigo, mas juro que sou boa nisso.

Zeke suspirou. Dinheiro não era o problema. Claro, veio a calhar até mesmo aqui em Boundarylands, mas não significava nem metade do que significava no mundo Beta.

O problema era que *sabia* de um lugar...Evander's Bar, apenas alguns quilômetros abaixo da estrada. Em algumas horas, ele começaria a se encher de Alfas, e alguém lá provavelmente aceitaria a oferta dessa senhora.

Ela entregaria o dinheiro. E o Alfa entregaria as chaves.

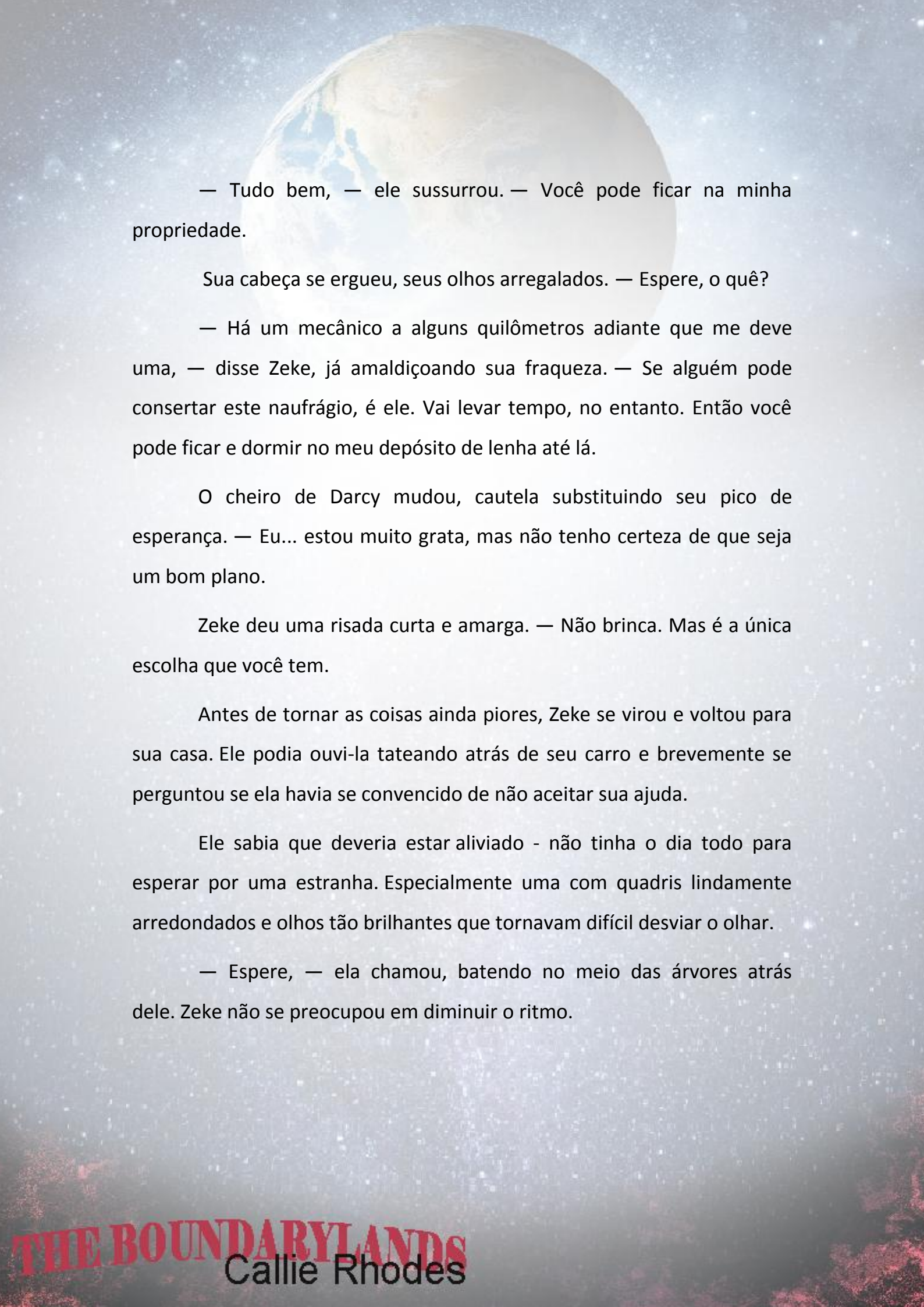
E em algum lugar dessa transação, suas mãos se tocariam e...

Porra, não. Zeke não permitiria que isso acontecesse. Não para esta mulher, e com certeza não para um de seus irmãos Alfa.

— Essa é uma ideia ainda pior, — disse ele severamente.

Ela assentiu, desapontada, senão surpresa. Por um longo momento, nenhum dos dois falou, Darcy olhava para as árvores enquanto tentava encontrar uma solução... e Zeke olhava para *ela*.

Não faça isso, idiota, ele se ordenou silenciosamente. Mas por mais que odiasse admitir, só havia uma solução. Terrível.



— Tudo bem, — ele sussurrou. — Você pode ficar na minha propriedade.

Sua cabeça se ergueu, seus olhos arregalados. — Espere, o quê?

— Há um mecânico a alguns quilômetros adiante que me deve uma, — disse Zeke, já amaldiçoando sua fraqueza. — Se alguém pode consertar este naufrágio, é ele. Vai levar tempo, no entanto. Então você pode ficar e dormir no meu depósito de lenha até lá.

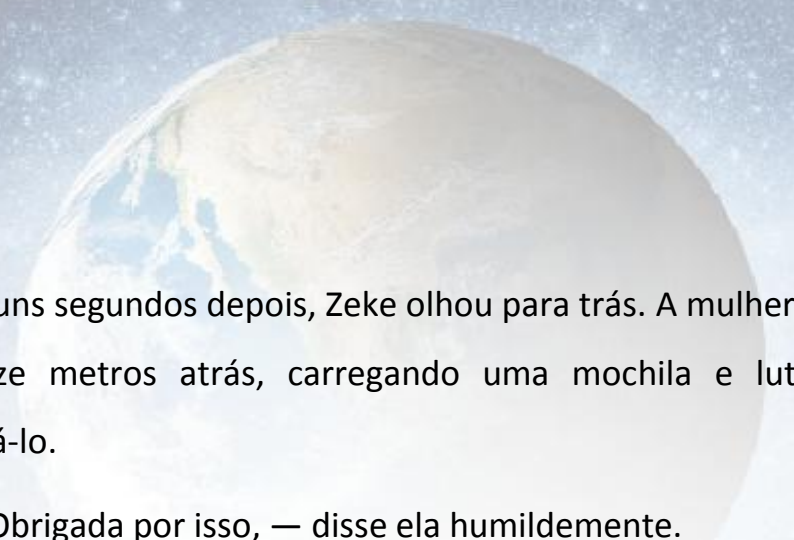
O cheiro de Darcy mudou, cautela substituindo seu pico de esperança. — Eu... estou muito grata, mas não tenho certeza de que seja um bom plano.

Zeke deu uma risada curta e amarga. — Não brinca. Mas é a única escolha que você tem.

Antes de tornar as coisas ainda piores, Zeke se virou e voltou para sua casa. Ele podia ouvi-la tateando atrás de seu carro e brevemente se perguntou se ela havia se convencido de não aceitar sua ajuda.

Ele sabia que deveria estar aliviado - não tinha o dia todo para esperar por uma estranha. Especialmente uma com quadris lindamente arredondados e olhos tão brilhantes que tornavam difícil desviar o olhar.

— Espere, — ela chamou, batendo no meio das árvores atrás dele. Zeke não se preocupou em diminuir o ritmo.



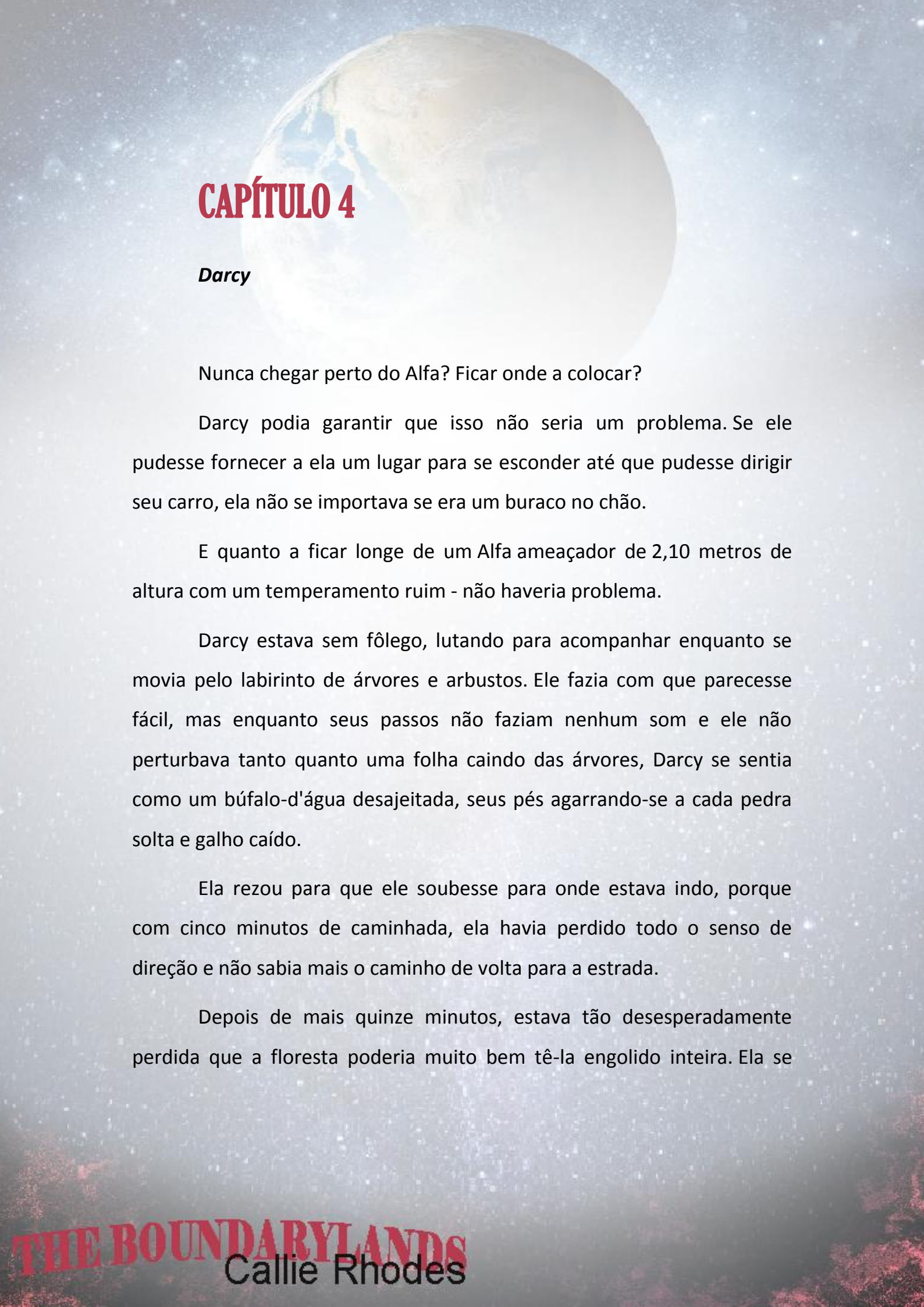
Alguns segundos depois, Zeke olhou para trás. A mulher estava uns bons quinze metros atrás, carregando uma mochila e lutando para acompanhá-lo.

— Obrigada por isso, — disse ela humildemente.

— Eu não me importo com o seu agradecimento. Eu só quero uma coisa de você.

O medo aumentando seu cheiro. — O que seria isso?

Zeke parou de repente e a olhou bem nos olhos. — Eu quero que você jure que ficará onde eu te coloquei e nunca vai chegar perto de mim.



CAPÍTULO 4

Darcy

Nunca chegar perto do Alfa? Ficar onde a colocar?

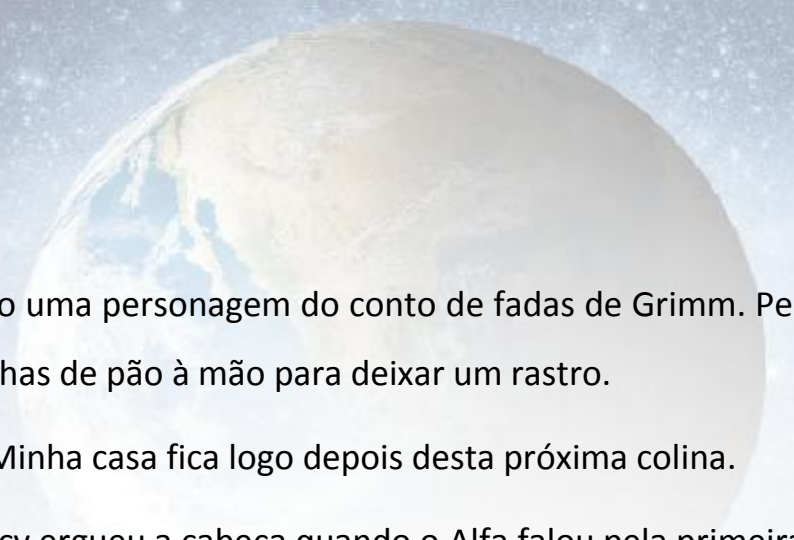
Darcy podia garantir que isso não seria um problema. Se ele pudesse fornecer a ela um lugar para se esconder até que pudesse dirigir seu carro, ela não se importava se era um buraco no chão.

E quanto a ficar longe de um Alfa ameaçador de 2,10 metros de altura com um temperamento ruim - não haveria problema.

Darcy estava sem fôlego, lutando para acompanhar enquanto se movia pelo labirinto de árvores e arbustos. Ele fazia com que parecesse fácil, mas enquanto seus passos não faziam nenhum som e ele não perturbava tanto quanto uma folha caindo das árvores, Darcy se sentia como um búfalo-d'água desajeitada, seus pés agarrando-se a cada pedra solta e galho caído.

Ela rezou para que ele soubesse para onde estava indo, porque com cinco minutos de caminhada, ela havia perdido todo o senso de direção e não sabia mais o caminho de volta para a estrada.

Depois de mais quinze minutos, estava tão desesperadamente perdida que a floresta poderia muito bem tê-la engolido inteira. Ela se



sentia como uma personagem do conto de fadas de Grimm. Pena que não tinha migalhas de pão à mão para deixar um rastro.

— Minha casa fica logo depois desta próxima colina.

Darcy ergueu a cabeça quando o Alfa falou pela primeira vez desde que partiram. Aparentemente, mesmo vários metros à frente dela, ele ainda podia sentir seu cansaço.

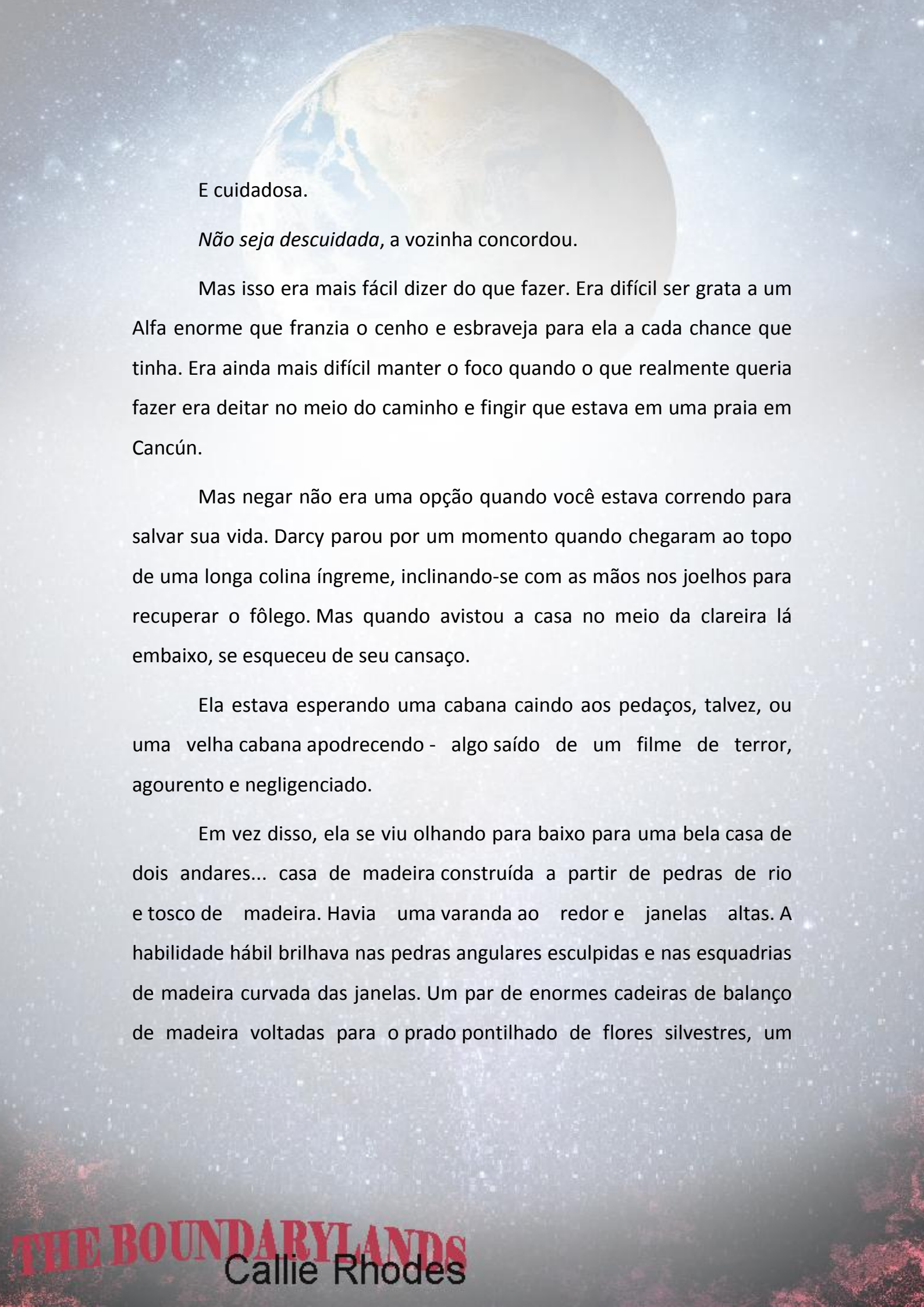
Darcy deveria ter sentido alívio com a perspectiva de chegar ao destino e recuperar o fôlego. Em vez disso, uma fio gelado de pavor viajou por sua espinha. Porque era preciso alguém muito tola - ou desesperada - para seguir voluntariamente um Alfa para sua cabana remota na floresta, onde ninguém a ouviria gritar.

Mas é sua única opção, uma vizinha a lembrou.

Darcy estava muito familiarizada com essa vizinha, que estava tentando salvar sua bunda desde que era uma adolescente rebelde e imprudente que cresceu nos subúrbios. Até recentemente, Darcy era capaz de abafar a voz com madrugadas, música alta e bastante uísque - mas, ultimamente, tinha ficado mais insistente.

Um sinal de envelhecimento, sem dúvida, mas desta vez, provavelmente foi uma jogada inteligente de ouvir.

Porque por razões que não entendia, este Alfa estava salvando sua bunda. Darcy pode não saber por quê, mas sabia que deveria ser grata.



E cuidadosa.

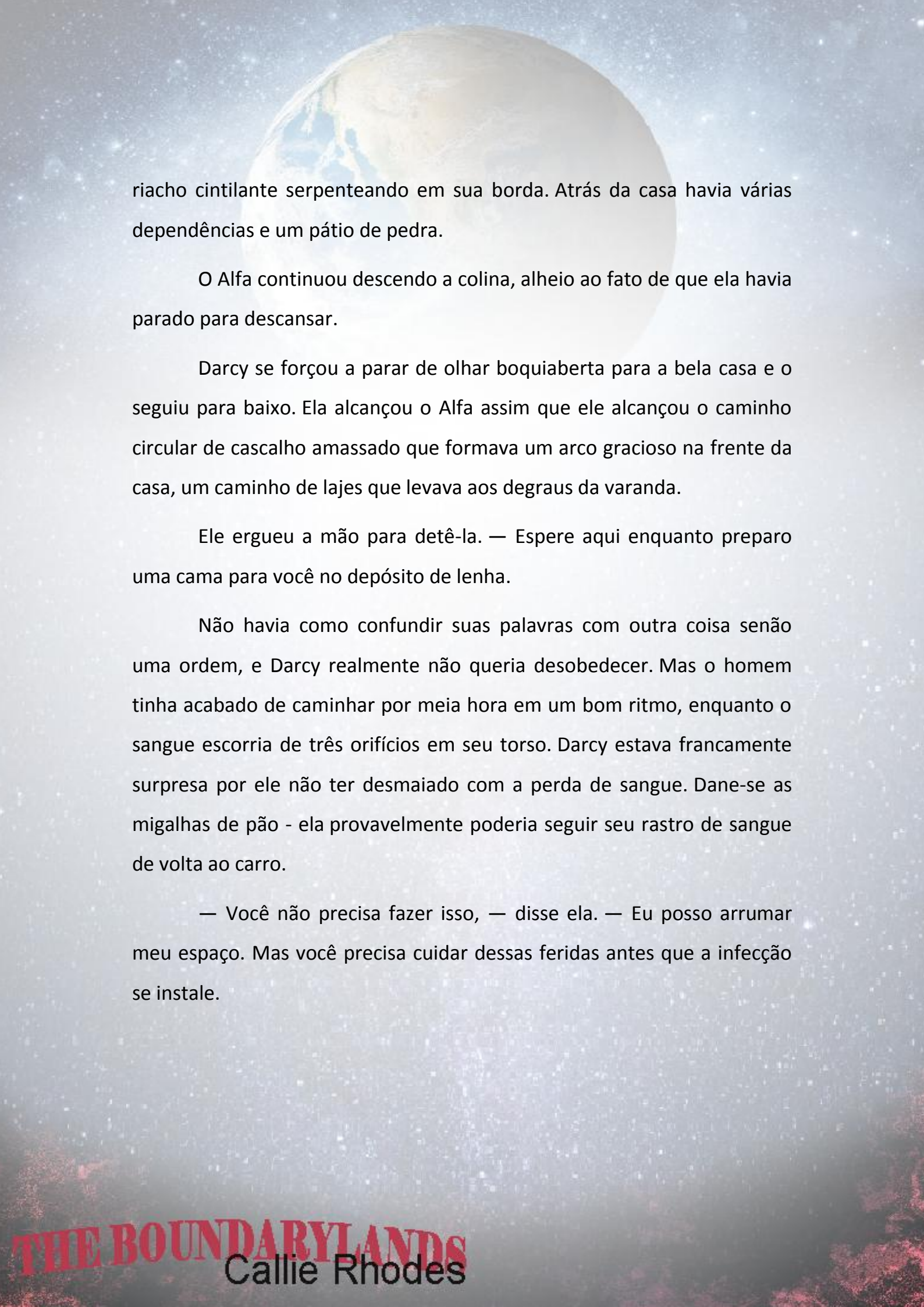
Não seja descuidada, a vizinha concordou.

Mas isso era mais fácil dizer do que fazer. Era difícil ser grata a um Alfa enorme que franzia o cenho e esbraveja para ela a cada chance que tinha. Era ainda mais difícil manter o foco quando o que realmente queria fazer era deitar no meio do caminho e fingir que estava em uma praia em Cancún.

Mas negar não era uma opção quando você estava correndo para salvar sua vida. Darcy parou por um momento quando chegaram ao topo de uma longa colina íngreme, inclinando-se com as mãos nos joelhos para recuperar o fôlego. Mas quando avistou a casa no meio da clareira lá embaixo, se esqueceu de seu cansaço.

Ela estava esperando uma cabana caindo aos pedaços, talvez, ou uma velha cabana apodrecendo - algo saído de um filme de terror, agourento e negligenciado.

Em vez disso, ela se viu olhando para baixo para uma bela casa de dois andares... casa de madeira construída a partir de pedras de rio e tocos de madeira. Havia uma varanda ao redor e janelas altas. A habilidade hábil brilhava nas pedras angulares esculpidas e nas esquadrias de madeira curvada das janelas. Um par de enormes cadeiras de balanço de madeira voltadas para o prado pontilhado de flores silvestres, um



riacho cintilante serpenteando em sua borda. Atrás da casa havia várias dependências e um pátio de pedra.

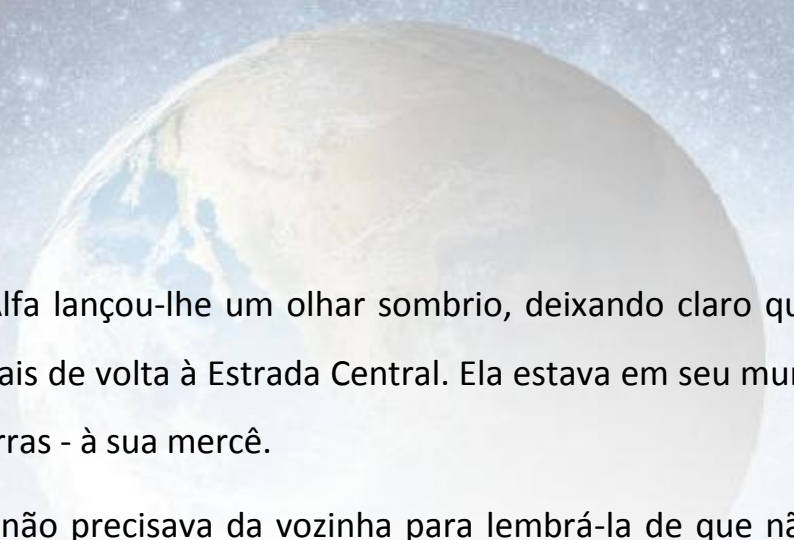
O Alfa continuou descendo a colina, alheio ao fato de que ela havia parado para descansar.

Darcy se forçou a parar de olhar boquiaberta para a bela casa e o seguiu para baixo. Ela alcançou o Alfa assim que ele alcançou o caminho circular de cascalho amassado que formava um arco gracioso na frente da casa, um caminho de lajes que levava aos degraus da varanda.

Ele ergueu a mão para detê-la. — Espere aqui enquanto preparo uma cama para você no depósito de lenha.

Não havia como confundir suas palavras com outra coisa senão uma ordem, e Darcy realmente não queria desobedecer. Mas o homem tinha acabado de caminhar por meia hora em um bom ritmo, enquanto o sangue escorria de três orifícios em seu torso. Darcy estava francamente surpresa por ele não ter desmaiado com a perda de sangue. Dane-se as migalhas de pão - ela provavelmente poderia seguir seu rastro de sangue de volta ao carro.

— Você não precisa fazer isso, — disse ela. — Eu posso arrumar meu espaço. Mas você precisa cuidar dessas feridas antes que a infecção se instale.



O Alfa lançou-lhe um olhar sombrio, deixando claro que eles não estavam mais de volta à Estrada Central. Ela estava em seu mundo agora - em suas terras - à sua mercê.

Ela não precisava da vizinha para lembrá-la de que não era uma convidada aqui, mas uma refugiada. Não tinha nada que irritar o homem que segurava sua vida nas mãos.

Mas algo nela também não suportava vê-lo desabar na sua frente.

— Não demorará nada, — ela adulou. — Tudo o que você precisa fazer é limpar os ferimentos de bala com o anti-séptico dentro do kit e colocar bandagens sobre os orifícios de entrada e saída.

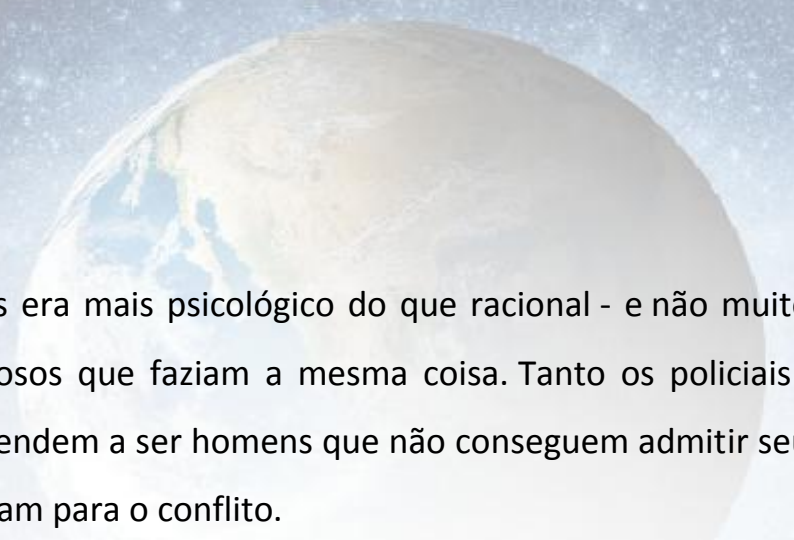
— Eu sei como fazer um curativo em uma ferida, — ele retrucou.

— E eu sei como fazer uma cama, — disse Darcy com falsa alegria. — Então, parece que nós dois estamos prontos.

Conforme os segundos passavam e o olhar furioso do Alfa ficava mais profundo, ela se sentiu murchando sob a força de seu olhar.

Droga, mas o homem era *grande*. E... musculoso.

Darcy foi usada como estímulo na academia em torno da estação. Ela era até compreensiva com a forma como alguns policiais aumentavam em um esforço para lidar com o perigo constante do trabalho.



Mas era mais psicológico do que racional - e não muito diferente dos criminosos que faziam a mesma coisa. Tanto os policiais quanto os vigaristas tendem a ser homens que não conseguem admitir seus medos e os direcionam para o conflito.

Darcy sabia porque tinha saído com todos eles. Por anos, qualquer homem com um chip no ombro e uma aversão à autoridade tinha sido seu chamariz. Ela não tinha nenhum problema em admitir que gostava de um bad boy no quarto.

Mas esse Alfa era diferente. Ele usava o seu poder e força como uma velha, surrada camisa de flanela. Ele não precisava provar sua autoridade; nunca esteve em dúvida.

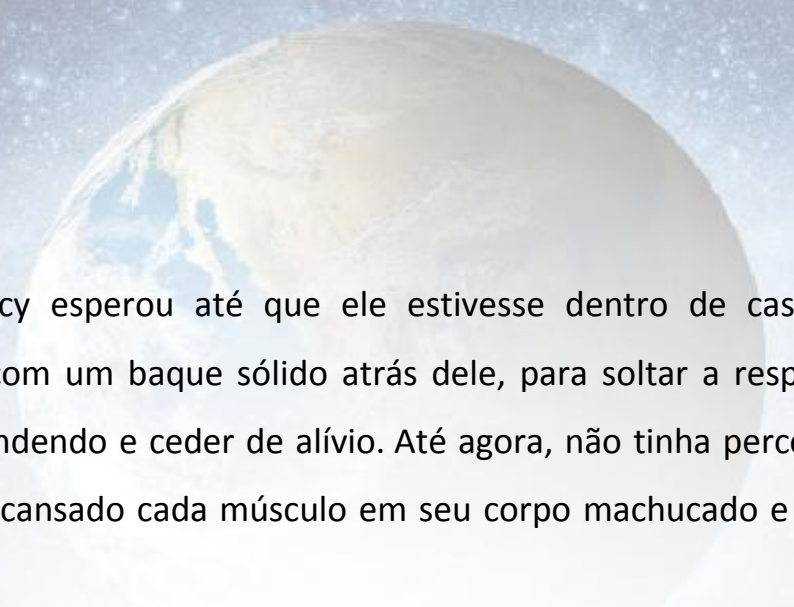
— Por que diabos isso é tão importante para você? — ele ordenou.

Não era óbvio? — Porque eu não quero que você morra.

O Alfa soltou um resmungo baixo de impaciência. — Tudo bem. Se eu fizer isso, você me deixará em paz?

Darcy não pôde deixar de sorrir. — Eu prometo.

— O depósito de lenha fica na esquina, — disse ele, subindo na varanda. — Há uma cama em algum lugar ao longo da parede de trás. Você terá que arrastá-la para fora e abrir um espaço para ela. Vou trazer roupas de cama para você quando terminar.



Darcy esperou até que ele estivesse dentro de casa, a porta fechando com um baque sólido atrás dele, para soltar a respiração que estava prendendo e ceder de alívio. Até agora, não tinha percebido quão dolorido e cansado cada músculo em seu corpo machucado e espancado parecia.

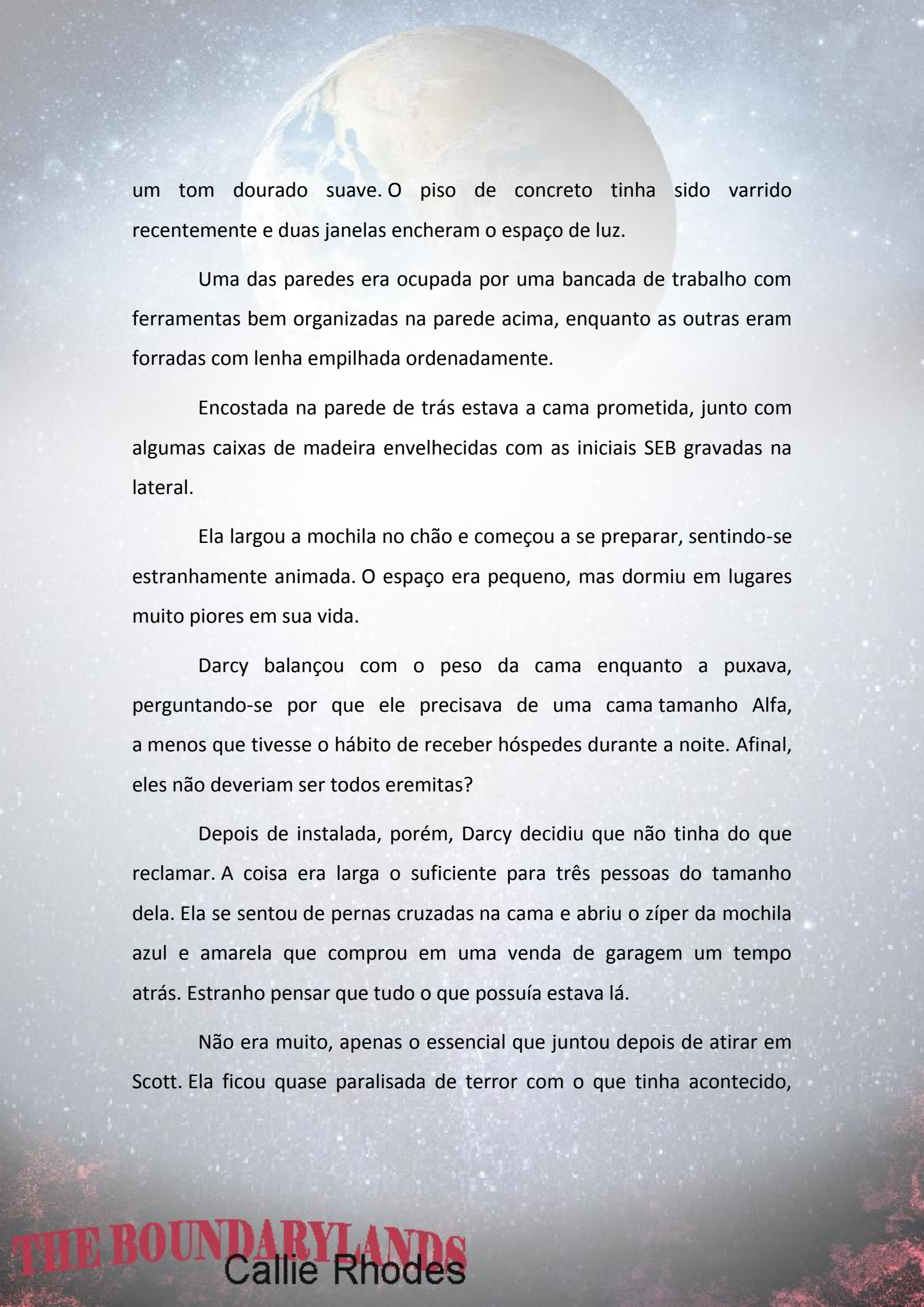
Quanto mais cedo arrumasse aquela cama, mais cedo seria capaz de descansar de verdade. O pensamento deu a ela a energia de que precisava para continuar no caminho de lajes em torno da casa do Alfa.

Ela espiou pela esquina antes de avançar. Não tinha chegado tão longe apenas para ter sua perna decepada por uma armadilha de urso ou ser despedaçada por uma matilha de lobos.

Mas não havia nada perigoso escondido atrás da casa - apenas uma enorme churrasqueira rústica ao lado do pátio, uma mesa de madeira simples e algumas cadeiras.

Na borda da linha das árvores, com um enorme bloco de corte na frente, havia um depósito de 3 por 3 metros construído no mesmo estilo robusto da casa principal.

Ela abriu a porta com cautela, esperando ser confrontada com poeira e teias de aranha, talvez um ou dois ratos, mas o interior estava surpreendentemente limpo. As paredes inacabadas foram construídas com tábuas lixadas e profundamente granuladas que envelheceram para



um tom dourado suave. O piso de concreto tinha sido varrido recentemente e duas janelas encheram o espaço de luz.

Uma das paredes era ocupada por uma bancada de trabalho com ferramentas bem organizadas na parede acima, enquanto as outras eram forradas com lenha empilhada ordenadamente.

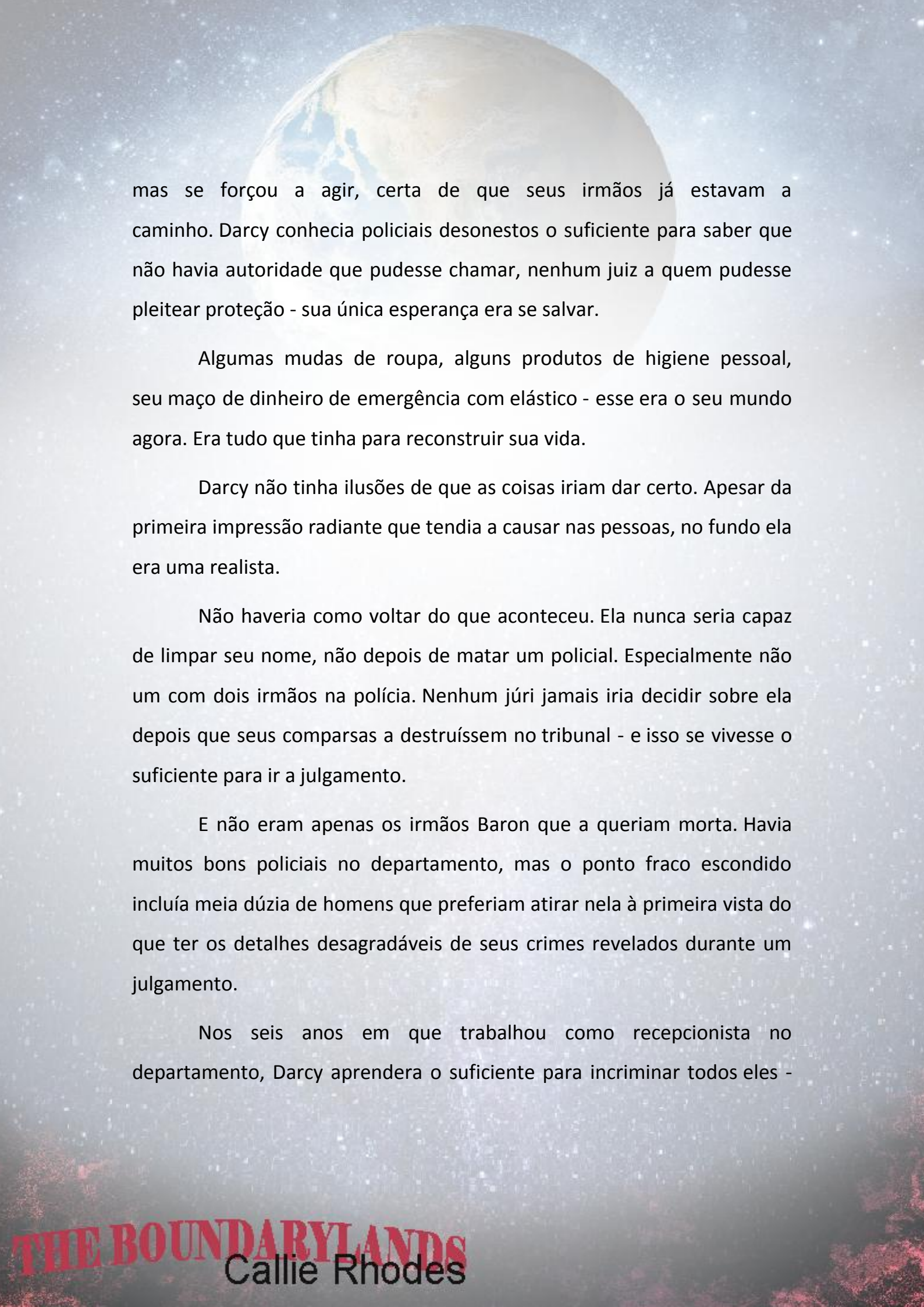
Encostada na parede de trás estava a cama prometida, junto com algumas caixas de madeira envelhecidas com as iniciais SEB gravadas na lateral.

Ela largou a mochila no chão e começou a se preparar, sentindo-se estranhamente animada. O espaço era pequeno, mas dormiu em lugares muito piores em sua vida.

Darcy balançou com o peso da cama enquanto a puxava, perguntando-se por que ele precisava de uma cama tamanho Alfa, a menos que tivesse o hábito de receber hóspedes durante a noite. Afinal, eles não deveriam ser todos eremitas?

Depois de instalada, porém, Darcy decidiu que não tinha do que reclamar. A coisa era larga o suficiente para três pessoas do tamanho dela. Ela se sentou de pernas cruzadas na cama e abriu o zíper da mochila azul e amarela que comprou em uma venda de garagem um tempo atrás. Estranho pensar que tudo o que possuía estava lá.

Não era muito, apenas o essencial que juntou depois de atirar em Scott. Ela ficou quase paralisada de terror com o que tinha acontecido,



mas se forçou a agir, certa de que seus irmãos já estavam a caminho. Darcy conhecia policiais desonestos o suficiente para saber que não havia autoridade que pudesse chamar, nenhum juiz a quem pudesse pleitear proteção - sua única esperança era se salvar.

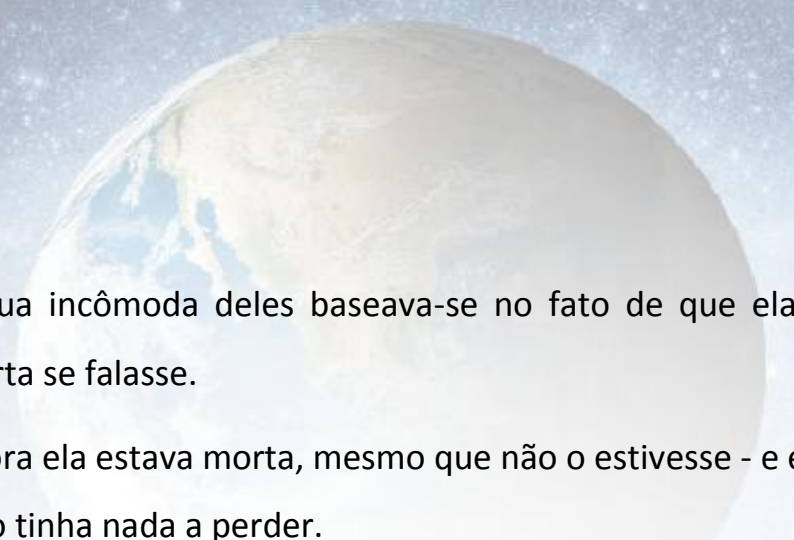
Algumas mudas de roupa, alguns produtos de higiene pessoal, seu maço de dinheiro de emergência com elástico - esse era o seu mundo agora. Era tudo que tinha para reconstruir sua vida.

Darcy não tinha ilusões de que as coisas iriam dar certo. Apesar da primeira impressão radiante que tendia a causar nas pessoas, no fundo ela era uma realista.

Não haveria como voltar do que aconteceu. Ela nunca seria capaz de limpar seu nome, não depois de matar um policial. Especialmente não um com dois irmãos na polícia. Nenhum júri jamais iria decidir sobre ela depois que seus comparsas a destruíssem no tribunal - e isso se vivesse o suficiente para ir a julgamento.

E não eram apenas os irmãos Baron que a queriam morta. Havia muitos bons policiais no departamento, mas o ponto fraco escondido incluía meia dúzia de homens que preferiam atirar nela à primeira vista do que ter os detalhes desagradáveis de seus crimes revelados durante um julgamento.

Nos seis anos em que trabalhou como recepcionista no departamento, Darcy aprendera o suficiente para incriminar todos eles -



mas a trégua incômoda deles baseava-se no fato de que ela sabia que estaria morta se falasse.

Agora ela estava morta, mesmo que não o estivesse - e eles sabiam que ela não tinha nada a perder.

Então, quando pulou em seu carro às duas horas da manhã e saiu no momento em que Robert e David entraram cambaleantes, ela sabia que Darcy Winters nunca mais seria vista. Quando isso terminasse, estaria deitada em uma cova ou vivendo com outro nome muito, muito longe.

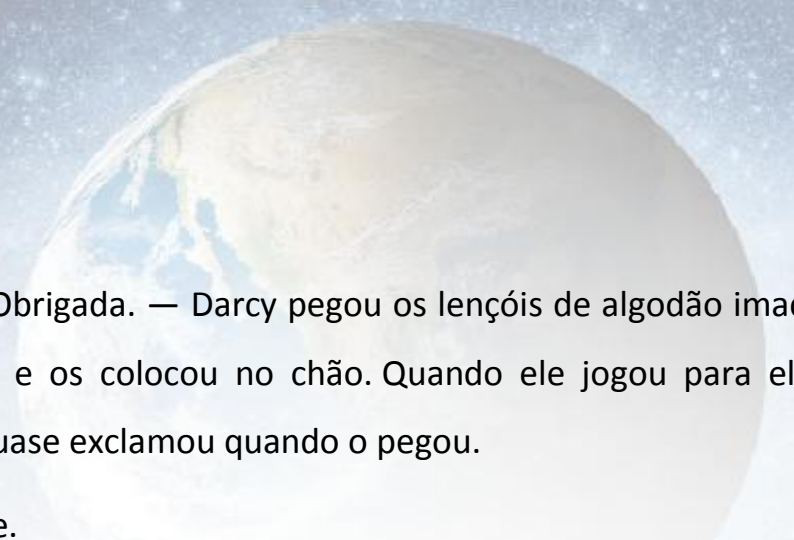
Enquanto Darcy dirigia durante a noite, ela fez seus planos para desaparecer. Imaginou que não seria muito difícil - cortar o cabelo, pintar de castanho, comprar algumas roupas conservadoras no shopping e - bum - ela seria uma mulher nova em folha.

Ela ainda podia ser capaz de fazê-lo. Ela só tinha que passar algumas noites no depósito de lenha de um Alfa primeiro.

Você pode fazer isso, a vizinha a encorajou enquanto tirava roupas limpas da mochila, quase chorando de alívio ao pensar em sair daquelas com crostas de sangue.

Uma sombra caiu sobre ela quando o Alfa preencheu a moldura da porta, segurando um pacote de roupas de cama.

— Aqui, — ele disse, jogando a pilha para ela.



— Obrigada. — Darcy pegou os lençóis de algodão imaculados e o travesseiro e os colocou no chão. Quando ele jogou para ela o último item, ela quase exclamou quando o pegou.

Pele.

Era um cobertor feito da pele prateada mais macia que já sentiu, as peles habilmente costuradas juntas, como nuvens de seda sob seus dedos.

— É castor, — disse ele, antecipando sua pergunta. — Tem um subpêlo muito denso. Vai te manter aquecida.

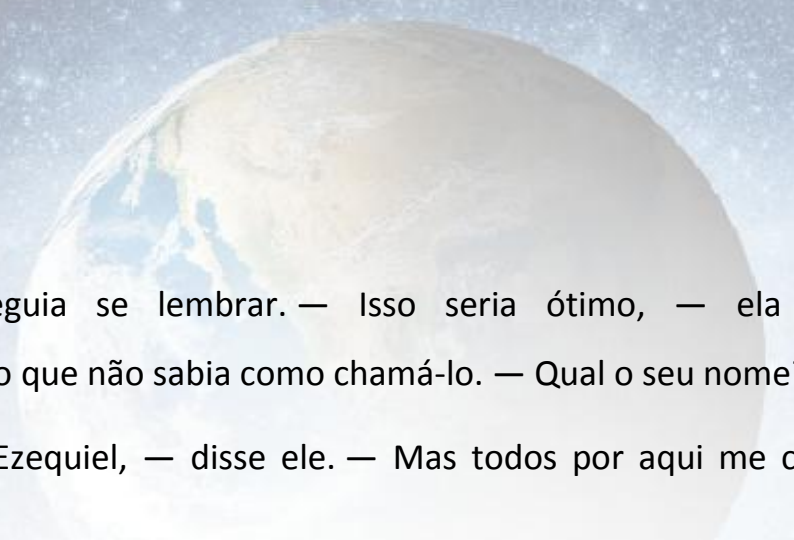
— Você fez isso? — Darcy perguntou.

Ele olhou para ela como se faltasse alguns parafusos. — Sim, claro.

Darcy largou o cobertor e deu uma olhada nele. Ele estava vestindo uma camisa limpa e, a julgar pelo fato de que não havia manchas de sangue, deveria ter colocado algumas bandagens em si mesmo.

— Vou deixar um pouco de comida do lado de fora da sua porta esta tarde, quando voltar com seu carro, — ele disse a ela antes que ela pudesse agradecê-lo pela roupa de cama.

— Oh, você não... — *Cale a boca*, a voz disse para ela. Ela estava prestes a dizer para não se preocupar com ela, mas seu estômago roncou com a perspectiva de comida. Quando foi a última vez que comeu? Darcy



não conseguia se lembrar. — Isso seria ótimo, — ela emendou, percebendo que não sabia como chamá-lo. — Qual o seu nome?

— Ezequiel, — disse ele. — Mas todos por aqui me chamam de Zeke.

Ela repetiu o nome em sua mente, estudando seu rosto, sombreado por uma barba escura. O nome combinava com ele. — Obrigada, Ezequiel.

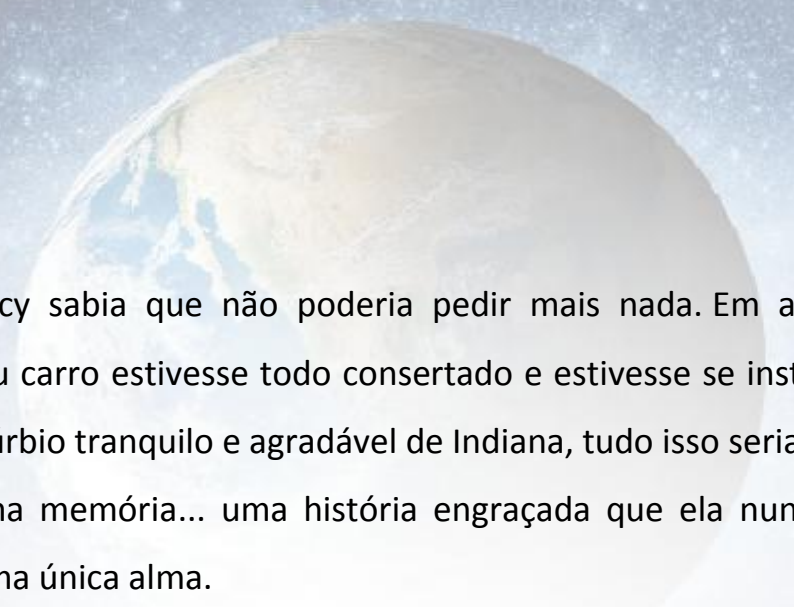
Sua expressão endureceu, seu olhar queimando nela. Algo havia mudado entre eles e ela não gostou.

— Então você acha que é minha amiga agora? — ele murmurou. *Tenha cuidado, garota.*

— Eu não acho nada, — disse Darcy apressadamente. — Além disso, estou assumindo que você não permite que seus inimigos se escondam da lei em seu depósito de lenha.

Um som veio dele como uma motosserra ao longe, reverberando pelas tábuas do assoalho. Quando ele deu um passo para trás, um raio de sol iluminou as profundidades verdes e pedregosas de seus olhos - olhos cautelosos que eram desprovidos de confiança. Darcy estremeceu com a total falta de calor vindo dele.

— Apenas fique aqui e fora do meu caminho, e não teremos nenhum problema.



Darcy sabia que não poderia pedir mais nada. Em alguns dias, quando seu carro estivesse todo consertado e estivesse se instalando em algum subúrbio tranquilo e agradável de Indiana, tudo isso seria nada mais do que uma memória... uma história engraçada que ela nunca poderia contar a uma única alma.

— Posso te fazer uma pergunta, Ezequiel? — disse ela, surpreendendo-se.

Ele parou. — Eu duvido que eu possa te parar.

— Por que você está fazendo isso por mim? — ela perguntou. — Quero dizer, você ouviu o que Robert e David disseram sobre mim.

— Sobre matar o irmão deles?

Seu olhar caiu para seu colo. — É verdade.

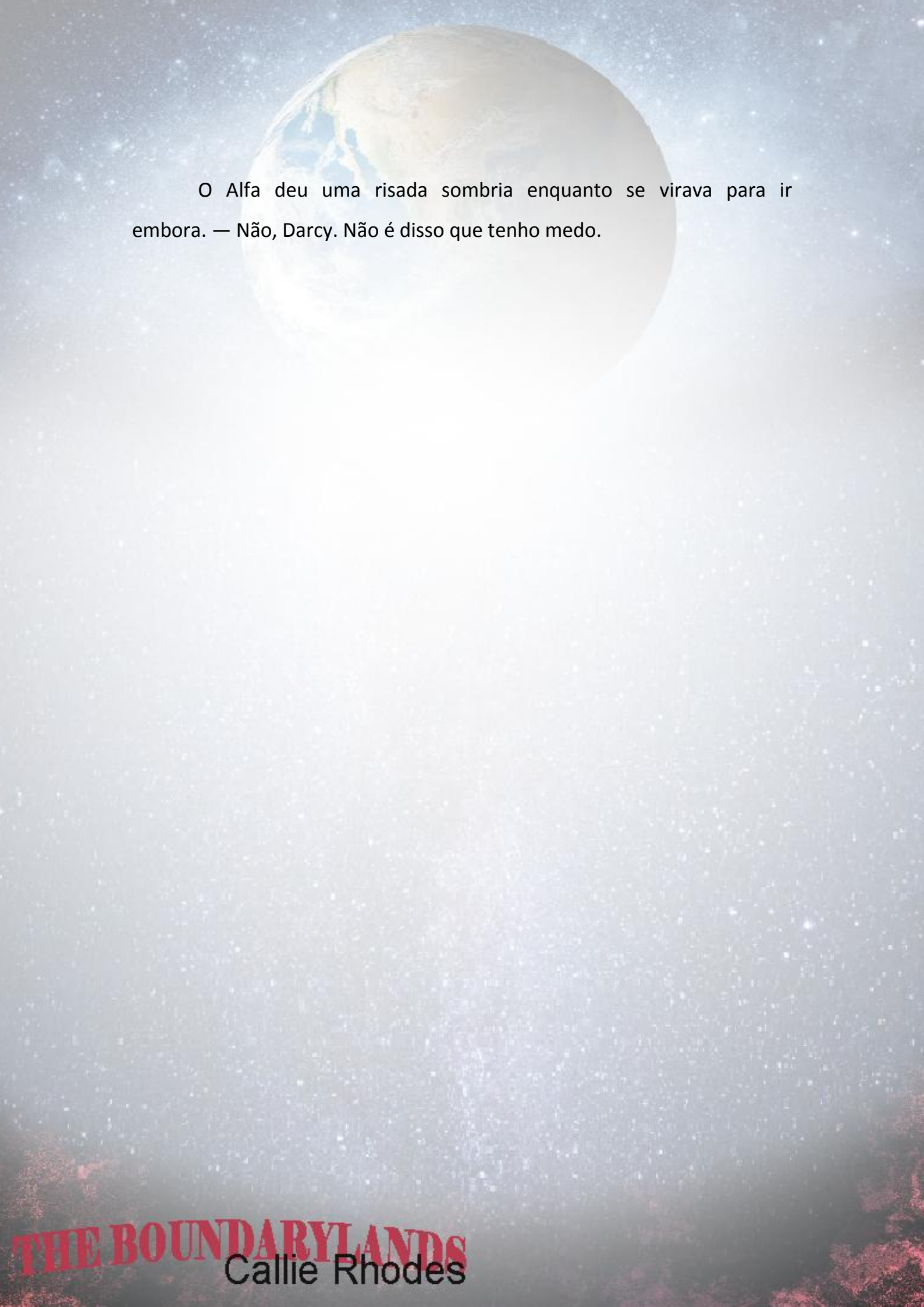
— Achei que você não estava coberta de sangue porque você se cortou ao cortar uma maçã.

Ela ergueu os olhos com cautela. — Mas... você não se importa que eu atirei em um homem?

Zeke encolheu os ombros. — Eu acho que você teve seus motivos.

Sim, você poderia dizer isso, Darcy pensou. A razão número um é que preferia não estar morta.

— Mas você não está preocupado com a possibilidade de ter uma maníaca homicida dormindo a poucos metros de sua casa?



O Alfa deu uma risada sombria enquanto se virava para ir embora. — Não, Darcy. Não é disso que tenho medo.



CAPÍTULO 5

Zeke

— Você me trouxe aqui pra *isso*? — O amigo de Zeke, Troy, fez uma careta de desgosto com os destroços do carro de Darcy. — O que diabos você espera que eu faça com isso?

Zeke suspirou profundamente. — Que porra você acha? Conserte a maldita coisa.

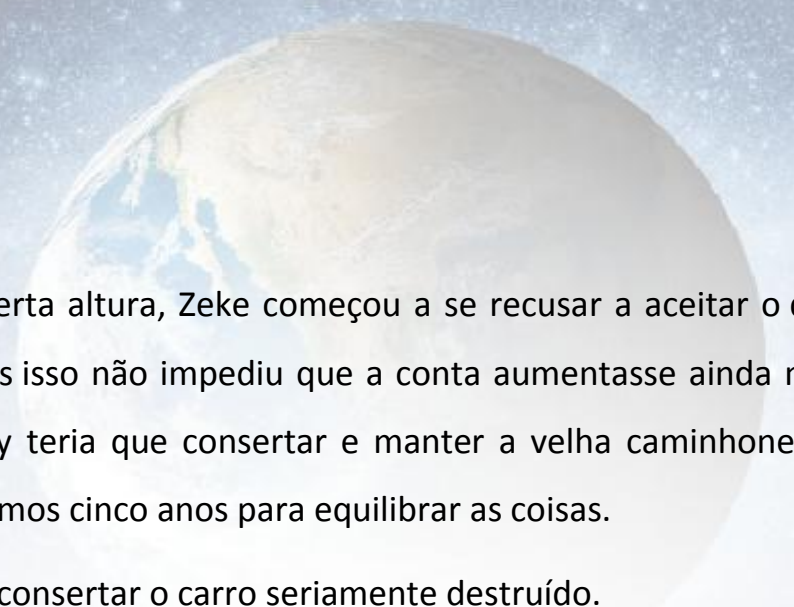
Troy bufou, dando um chute no amassado para-choque traseiro. Um parafuso caiu na terra. — Essa é a sua ideia de piada?

— Não, é minha ideia de *trabalho*. Um que pode ser grande o suficiente para liquidar sua dívida.

A carranca de Troy se aprofundou e ele olhou para o chão. Zeke não o culpou. Ele não queria ter que puxar o cartão IOU³ de seu irmão Alfa, mas a simples verdade era que Troy devia a ele - *muito*. Pelo menos pelos padrões de Boundaryland.

Troy podia ser um bom amigo, mas era um péssimo jogador de sinuca, cujo orgulho o fazia voltar repetidas vezes para receber uma surra de Zeke. Ele simplesmente não conseguia aprender a lição.

³ IOU representam foneticamente as palavras I owe you, “Eu devo a você”. Um IOU é um documento assinado por quem pede um empréstimo e é dado a quem empresta como reconhecimento da dívida.



A certa altura, Zeke começou a se recusar a aceitar o dinheiro do irmão - mas isso não impediu que a conta aumentasse ainda mais. Nesse ponto, Troy teria que consertar e manter a velha caminhonete de Zeke pelos próximos cinco anos para equilibrar as coisas.

Ou consertar o carro seriamente destruído.

— Esta coisa é sucata, — disse Troy finalmente, admitindo a derrota. Ele forçou o capô torcido e olhou para o motor. — O que diabos aconteceu com ele?

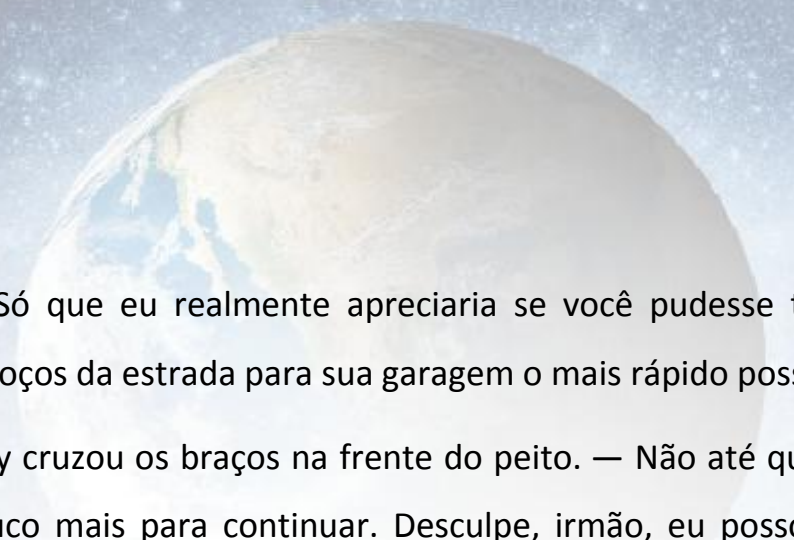
— Não importa.

Troy ergueu os olhos bruscamente, seus olhos se estreitando - mas não pressionou. O homem sabia quando manter a boca fechada, uma boa qualidade em um amigo. Zeke sabia que a verdade acabaria por vir, mas ele queria que a fugitiva em seu depósito de lenha tivesse partido muito antes disso.

Mas, aparentemente, esta situação era demais até para Troy. — E quanto à mulher que estava dirigindo? — ele perguntou enquanto remexia no emaranhado de peças do motor. — O que aconteceu com ela?

Zeke não mentia - especialmente para seus irmãos - então ele simplesmente manteve a boca fechada.

— Você está pensando em me contar *alguma coisa*? — Troy perguntou quando terminou de examinar o motor. Ele enxugou as mãos no macacão surrado e desbotado.



— Só que eu realmente apreciaria se você pudesse transportar esses destroços da estrada para sua garagem o mais rápido possível.

Troy cruzou os braços na frente do peito. — Não até que você me dê um pouco mais para continuar. Desculpe, irmão, eu posso te dever, mas isso não significa que vou explodir quando eu nem sei quem é o cliente. Especialmente quando é um Beta.

Zeke sentiu o canto do olho direito se contrair e rapidamente se virou para que Troy não pudesse ver - era sua revelação infalível e a razão pela qual teve que parar de jogar pôquer com Randall. — *Eu sou* seu maldito cliente. Seria meu nome na fatura se você escrevesse uma.

— Besteira.

— Não é besteira, — Zeke disparou de volta. — Não é da sua conta.

— Errado, — disse Troy, encostando-se nos destroços. A massa retorcida de metal gemeu sob seu peso. — Tornou-se meu negócio quando você arrastou minha bunda aqui fora. Este carro cheira a mulher assustada, sangue Beta e pólvora. E você não achou que eu não notaria que você levou um tiro, não é?

Zeke estremeceu. Na verdade, ele esperava contra todas as esperanças de ter conseguido esconder o cheiro de suas feridas sob várias camadas de bandagens - uma perspectiva desesperadora quando outro Alfa estava parado a poucos metros de distância.

— A bala passou de raspão, — ele mentiu, cavando mais fundo.

Troy bufou. — De novo, eu chamo de besteira - não é raspão quando deixa um monte de buracos em você. Se você quer que eu faça um maldito milagre neste pedaço de lixo, você vai precisar me dizer o que diabos está acontecendo.

Zeke xingou de frustração. Por que tudo era muito mais difícil do que precisava ser?

— A mulher está bem, — ele retrucou, desistindo. — Por que diabos mais eu precisaria do carro consertado?

— Onde ela está?

Zeke sentiu seu sangue começar a ferver. — Agora, *isso* realmente não é da sua conta.

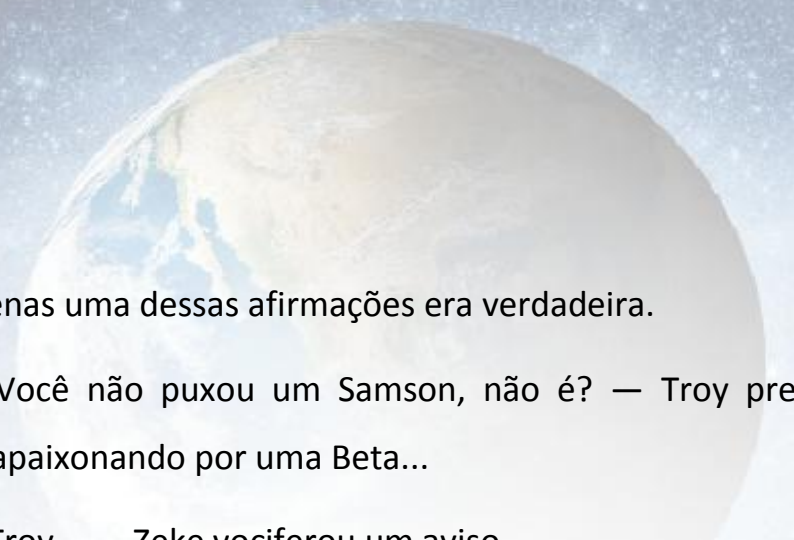
— Você está escondendo ela, — Troy disse, olhando para ele de perto. — Por quê?

Ótimo... então agora seu amigo de repente decidiu interpretar Nancy Drew⁴.

— Não é da sua conta, — ele repetiu.

Troy inclinou a cabeça para trás e respirou fundo, testando o ar. O que ele encontrou pareceu confundi-lo. — A natureza dela não mudou. Ela não é uma Ômega.

⁴ Nancy Drew é uma série de televisão norte-americana de drama e mistério baseada no personagem titular.



Apenas uma dessas afirmações era verdadeira.

— Você não puxou um Samson, não é? — Troy pressionou. — Porque se apaixonando por uma Beta...

— Troy... — Zeke vociferou um aviso.

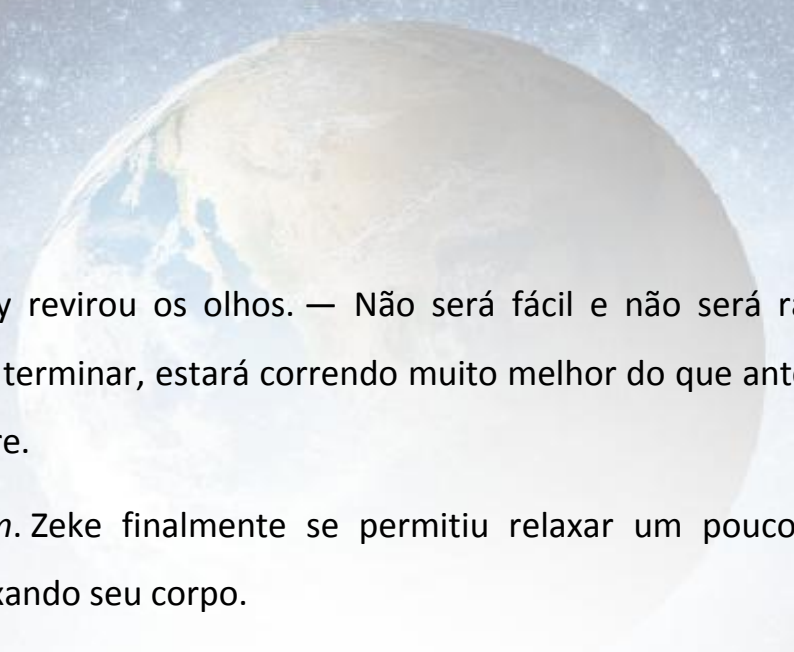
Troy ergueu as mãos em derrota e se afastou do carro.

— Sim, sim. Não é da minha conta. Entendi, — disse ele. — Só estou apenas tentando cuidar de você, irmão. Sei que uma pequena Beta saborosa pode parecer uma perspectiva mais fácil, mas acredite em mim - você *não* tem *ideia* do que é com uma Ômega.

Zeke forçou sua expressão a permanecer neutra, mas o pobre bastardo não tinha ideia de que estava errado. Ele inspirou e expirou lentamente, contando até dez. A última coisa que precisava agora era perder a calma.

Isso deveria ser simples. Troy consertava carros. Era seu amigo. O carro de Darcy já deveria estar fora da estrada e a caminho da garagem de Troy antes que qualquer um de seus irmãos Alfa pudesse passar e começar a fazer essas mesmas perguntas.

— Então você vai consertar, — ele explodiu, uma declaração ao invés de uma pergunta.



Troy revirou os olhos. — Não será fácil e não será rápido, mas quando eu terminar, estará correndo muito melhor do que antes de bater nesta árvore.

Bom. Zeke finalmente se permitiu relaxar um pouco, parte da tensão deixando seu corpo.

Um problema resolvido.

— Quanto tempo você acha que demorará?

Troy encolheu os ombros. — Quatro, talvez cinco semanas.

Semanas? De jeito nenhum.

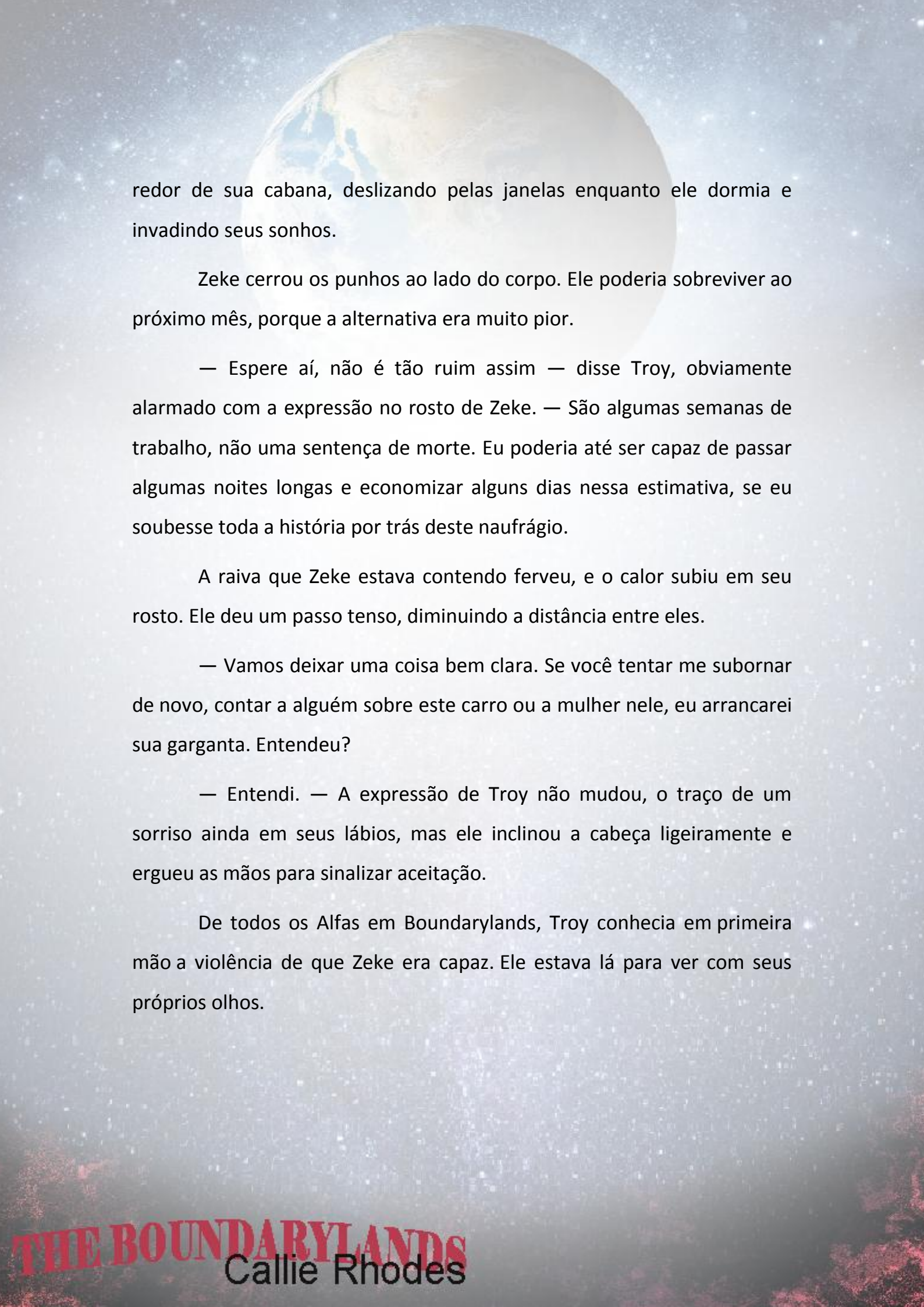
— Você não pode fazer isso mais rápido?

Troy riu. — Irmão, terei que reconstruir essa coisa de cima a baixo com peças sobressalentes. Você tem muita sorte de eu concordar em fazer isso.

Zeke sufocou um grito, cerrando os dentes e tensionando os músculos. Um vociferar profundo e raivoso retumbou em seu peito.

Por mais que odiasse admitir, Troy estava certo. Não havia solução rápida aqui.

O que significava que estava preso com Darcy por pelo menos um mês. E não importava se ela mantivesse sua promessa e ficasse fora de vista - ela ainda estaria morando em seu depósito de lenha a apenas alguns metros de distância, seu cheiro poluindo cada pedacinho de ar ao



redor de sua cabana, deslizando pelas janelas enquanto ele dormia e invadindo seus sonhos.

Zeke cerrou os punhos ao lado do corpo. Ele poderia sobreviver ao próximo mês, porque a alternativa era muito pior.

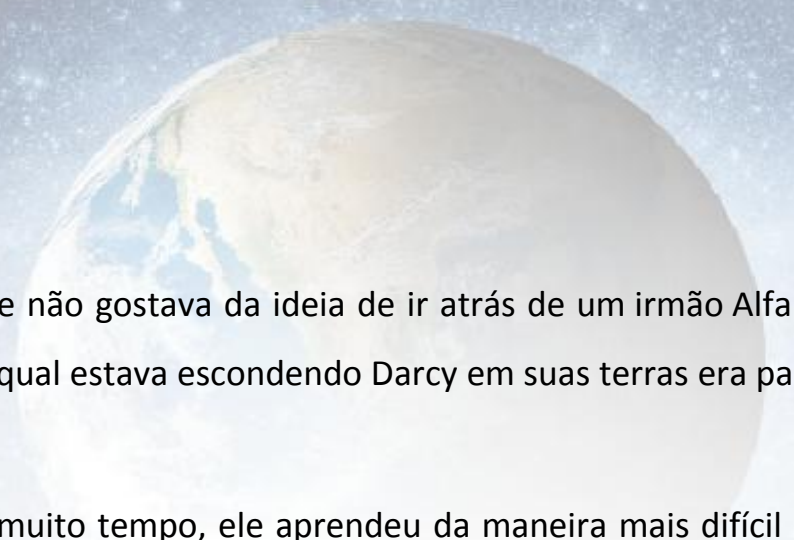
— Espere aí, não é tão ruim assim — disse Troy, obviamente alarmado com a expressão no rosto de Zeke. — São algumas semanas de trabalho, não uma sentença de morte. Eu poderia até ser capaz de passar algumas noites longas e economizar alguns dias nessa estimativa, se eu soubesse toda a história por trás deste naufrágio.

A raiva que Zeke estava contendo ferveu, e o calor subiu em seu rosto. Ele deu um passo tenso, diminuindo a distância entre eles.

— Vamos deixar uma coisa bem clara. Se você tentar me subornar de novo, contar a alguém sobre este carro ou a mulher nele, eu arrancarei sua garganta. Entendeu?

— Entendi. — A expressão de Troy não mudou, o traço de um sorriso ainda em seus lábios, mas ele inclinou a cabeça ligeiramente e ergueu as mãos para sinalizar aceitação.

De todos os Alfas em Boundarylands, Troy conhecia em primeira mão a violência de que Zeke era capaz. Ele estava lá para ver com seus próprios olhos.



Zeke não gostava da ideia de ir atrás de um irmão Alfa - a maldita razão pela qual estava escondendo Darcy em suas terras era para protegê-los dela.

Há muito tempo, ele aprendeu da maneira mais difícil quais eram as consequências de deixar um acidente de trem como uma mulher em sua vida. Ele não estava prestes a submeter seus irmãos à mesma lição cruel.

— Bom, — disse ele resumidamente. — Então, considere sua dívida paga e me avise quando estiver concluída.

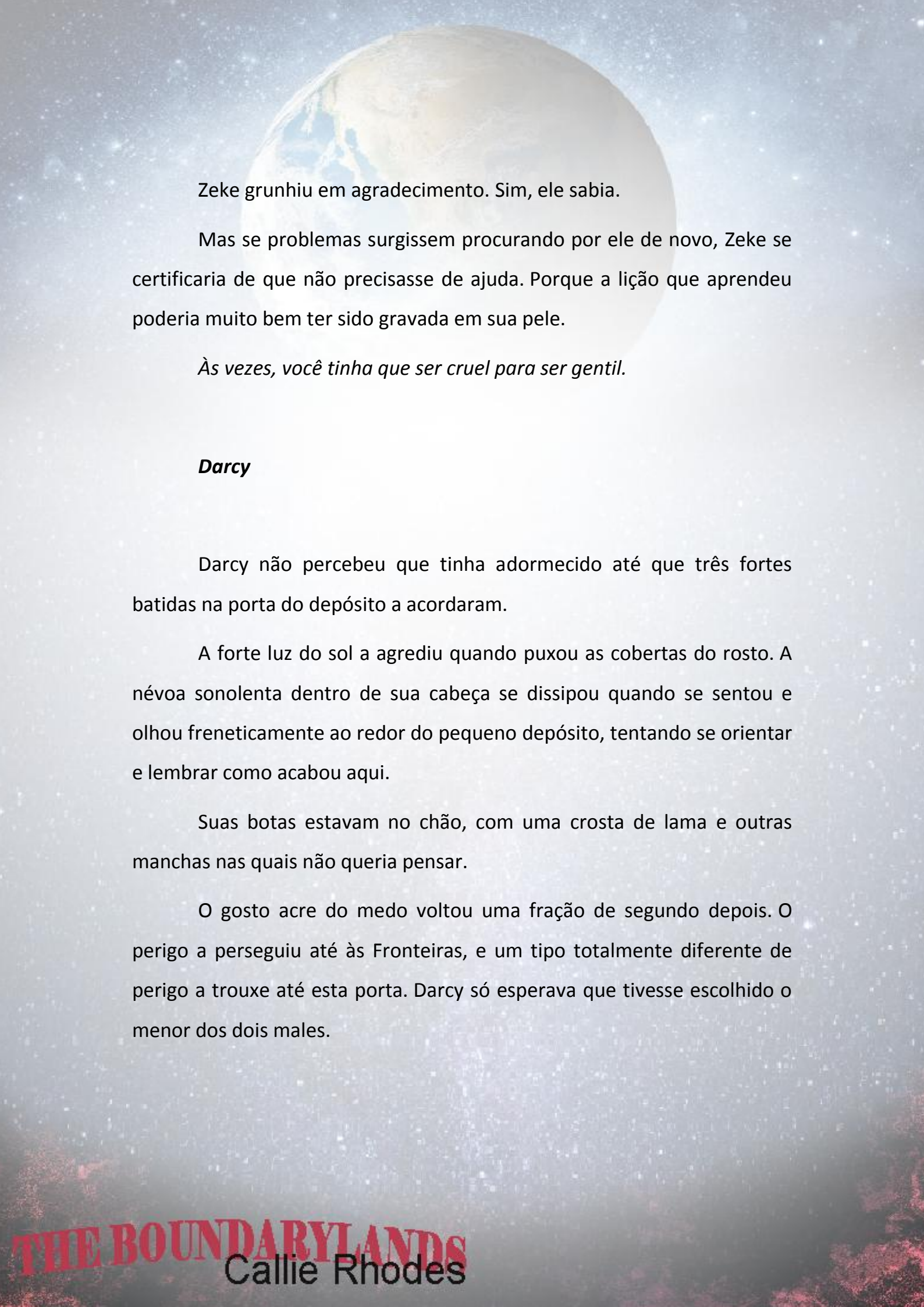
— Farei isso — disse Troy, enquanto Zeke voltava para sua propriedade. Ele quase alcançou a linha das árvores quando Troy o chamou. — E Zeke.

Zeke fez uma pausa e olhou para trás por cima do ombro. — O quê?

— Sei que você não é fã do meu senso de humor, irmão, e às vezes nos irritamos.

É verdade. Zeke esperou, se perguntando aonde Troy queria chegar com isso.

— Mas saiba que sempre cuidarei de você, — disse o Alfa mais jovem apressado. — Então, se qualquer problema do qual você não está falando voltar, estarei aqui assim que você precisar de mim.



Zeke grunhiu em agradecimento. Sim, ele sabia.

Mas se problemas surgissem procurando por ele de novo, Zeke se certificaria de que não precisasse de ajuda. Porque a lição que aprendeu poderia muito bem ter sido gravada em sua pele.

Às vezes, você tinha que ser cruel para ser gentil.

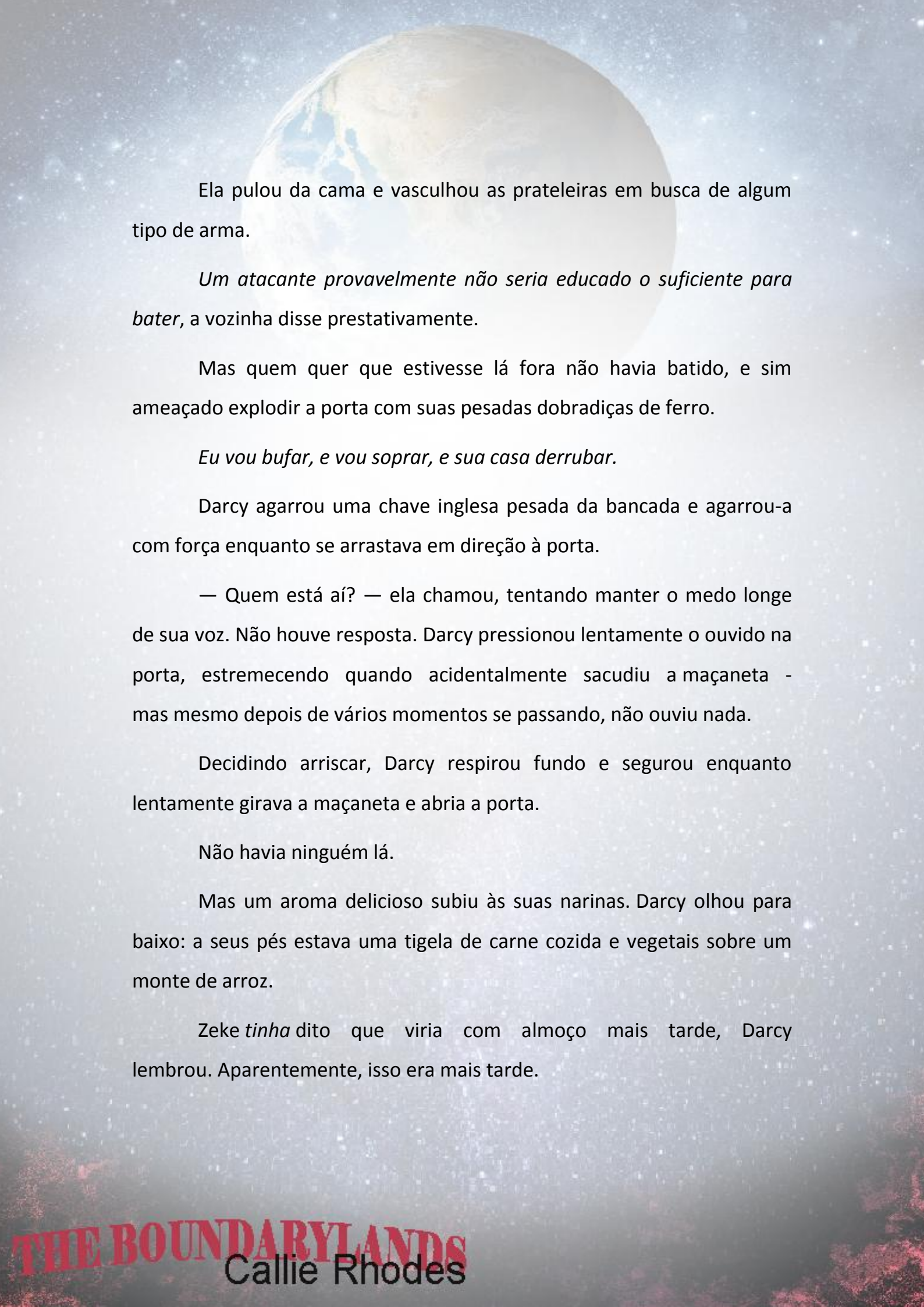
Darcy

Darcy não percebeu que tinha adormecido até que três fortes batidas na porta do depósito a acordaram.

A forte luz do sol a agrediu quando puxou as cobertas do rosto. A névoa sonolenta dentro de sua cabeça se dissipou quando se sentou e olhou freneticamente ao redor do pequeno depósito, tentando se orientar e lembrar como acabou aqui.

Suas botas estavam no chão, com uma crosta de lama e outras manchas nas quais não queria pensar.

O gosto acre do medo voltou uma fração de segundo depois. O perigo a perseguiu até às Fronteiras, e um tipo totalmente diferente de perigo a trouxe até esta porta. Darcy só esperava que tivesse escolhido o menor dos dois males.



Ela pulou da cama e vasculhou as prateleiras em busca de algum tipo de arma.

Um atacante provavelmente não seria educado o suficiente para bater, a vizinha disse prestativamente.

Mas quem quer que estivesse lá fora não havia batido, e sim ameaçado explodir a porta com suas pesadas dobradiças de ferro.

Eu vou bufar, e vou soprar, e sua casa derrubar.

Darcy agarrou uma chave inglesa pesada da bancada e agarrou-a com força enquanto se arrastava em direção à porta.

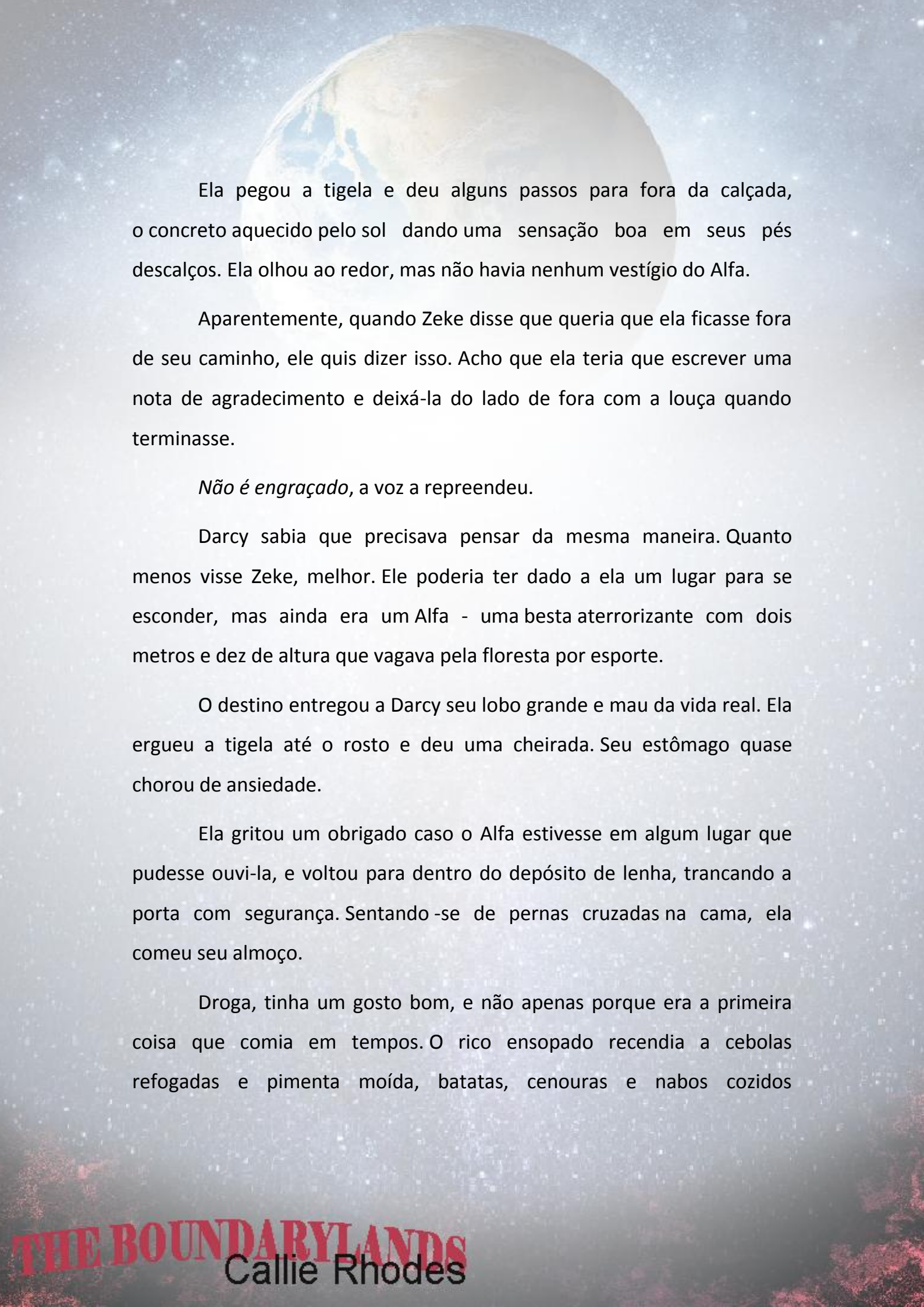
— Quem está aí? — ela chamou, tentando manter o medo longe de sua voz. Não houve resposta. Darcy pressionou lentamente o ouvido na porta, estremecendo quando acidentalmente sacudiu a maçaneta - mas mesmo depois de vários momentos se passando, não ouviu nada.

Decidindo arriscar, Darcy respirou fundo e segurou enquanto lentamente girava a maçaneta e abria a porta.

Não havia ninguém lá.

Mas um aroma delicioso subiu às suas narinas. Darcy olhou para baixo: a seus pés estava uma tigela de carne cozida e vegetais sobre um monte de arroz.

Zeke *tinha* dito que viria com almoço mais tarde, Darcy lembrou. Aparentemente, isso era mais tarde.



Ela pegou a tigela e deu alguns passos para fora da calçada, o concreto aquecido pelo sol dando uma sensação boa em seus pés descalços. Ela olhou ao redor, mas não havia nenhum vestígio do Alfa.

Aparentemente, quando Zeke disse que queria que ela ficasse fora de seu caminho, ele quis dizer isso. Acho que ela teria que escrever uma nota de agradecimento e deixá-la do lado de fora com a louça quando terminasse.

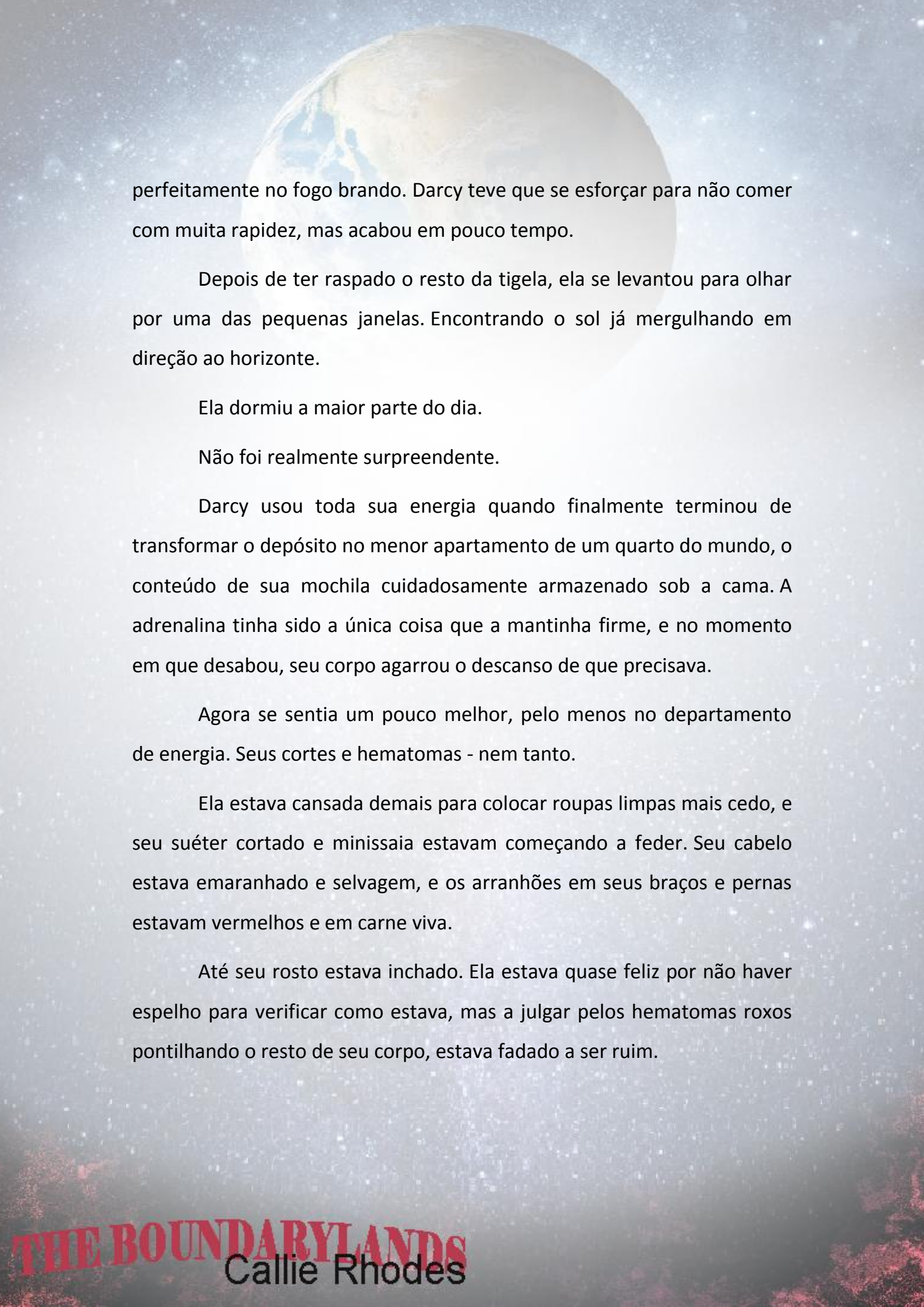
Não é engraçado, a voz a repreendeu.

Darcy sabia que precisava pensar da mesma maneira. Quanto menos visse Zeke, melhor. Ele poderia ter dado a ela um lugar para se esconder, mas ainda era um Alfa - uma besta aterrorizante com dois metros e dez de altura que vagava pela floresta por esporte.

O destino entregou a Darcy seu lobo grande e mau da vida real. Ela ergueu a tigela até o rosto e deu uma cheirada. Seu estômago quase chorou de ansiedade.

Ela gritou um obrigado caso o Alfa estivesse em algum lugar que pudesse ouvi-la, e voltou para dentro do depósito de lenha, trancando a porta com segurança. Sentando-se de pernas cruzadas na cama, ela comeu seu almoço.

Droga, tinha um gosto bom, e não apenas porque era a primeira coisa que comia em tempos. O rico ensopado recendia a cebolas refogadas e pimenta moída, batatas, cenouras e nabos cozidos



perfeitamente no fogo brando. Darcy teve que se esforçar para não comer com muita rapidez, mas acabou em pouco tempo.

Depois de ter raspado o resto da tigela, ela se levantou para olhar por uma das pequenas janelas. Encontrando o sol já mergulhando em direção ao horizonte.

Ela dormiu a maior parte do dia.

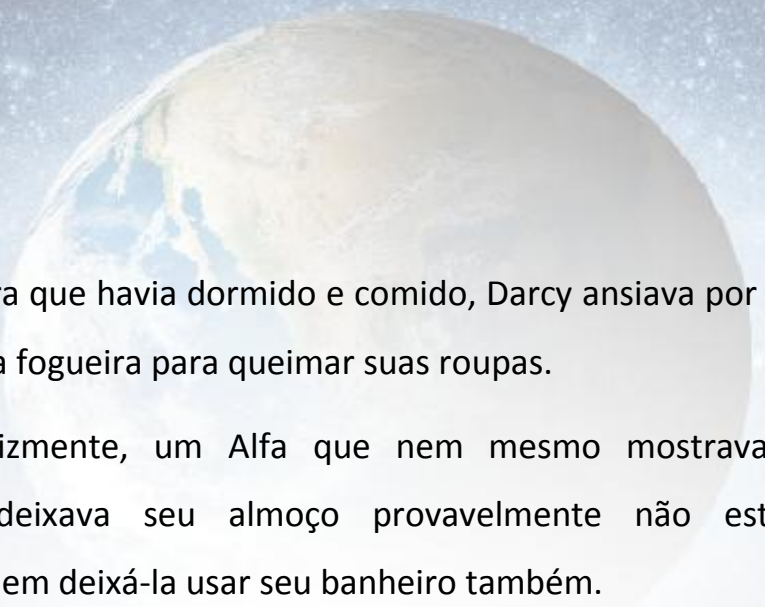
Não foi realmente surpreendente.

Darcy usou toda sua energia quando finalmente terminou de transformar o depósito no menor apartamento de um quarto do mundo, o conteúdo de sua mochila cuidadosamente armazenado sob a cama. A adrenalina tinha sido a única coisa que a mantinha firme, e no momento em que desabou, seu corpo agarrou o descanso de que precisava.

Agora se sentia um pouco melhor, pelo menos no departamento de energia. Seus cortes e hematomas - nem tanto.

Ela estava cansada demais para colocar roupas limpas mais cedo, e seu suéter cortado e minissaia estavam começando a feder. Seu cabelo estava emaranhado e selvagem, e os arranhões em seus braços e pernas estavam vermelhos e em carne viva.

Até seu rosto estava inchado. Ela estava quase feliz por não haver espelho para verificar como estava, mas a julgar pelos hematomas roxos pontilhando o resto de seu corpo, estava fadado a ser ruim.



Agora que havia dormido e comido, Darcy ansiava por um banho... e talvez uma fogueira para queimar suas roupas.

Infelizmente, um Alfa que nem mesmo mostrava seu rosto enquanto deixava seu almoço provavelmente não estaria muito interessado em deixá-la usar seu banheiro também.

Darcy não queria perguntar, de qualquer maneira. Ele já tinha feito muito por ela. A última coisa que queria era se tornar mais um fardo.

Afinal, precisava ficar em suas boas graças por pelo menos um pouco de tempo.

Darcy procurou em sua memória a caminhada pelas terras de Zeke, tentando se lembrar se tinha visto algo como um fonte de água ou um lago que pudesse substituir uma banheira. Havia o riacho do lado de fora da porta de sua cabana, mas estava perto demais.

Mas talvez se ela o seguisse mais profundamente na floresta, encontraria um lugar amplo e remoto o suficiente para lhe dar um pouco de privacidade.

Claro, Zeke disse a ela para ficar parada, mas obviamente ele não queria que ela ficasse dentro do depósito de lenha indefinidamente - não havia nem mesmo lugar para fazer xixi. O que seu solitário salvador realmente queria que ela fizesse era se manter fora de seu caminho.

E era exatamente isso que Darcy pretendia fazer.



CAPÍTULO 6

Darcy

Putá Merda.

Darcy se esqueceu de respirar enquanto olhava boquiaberta para a água que fluía pelas costas nuas do Alfa. Ela não conseguia se desviar da visão de sua pele marrom-dourada polida brilhando no sol da tarde, seus músculos ondulando quando saiu da água. E quando sacudiu a água do cabelo, ela sentiu seus joelhos fraquejarem.

Darcy se posicionou atrás de uma árvore, querendo aproveitar a vista um pouco mais. Ela conseguiu arrastar seu corpo dolorido e cansado pelos ossos pelo caminho do riacho sinuoso até que encontrou este lago verde fresco e cintilante aninhado na encosta da floresta.

Mas acabou que ela não foi a única que decidiu nadar no final da tarde.

Zeke estava no centro do lago... nu da cintura para cima. Merda, ele provavelmente estava nu da cintura para baixo também, mas Darcy não conseguia ver abaixo da superfície da água. Pior ainda, ela não conseguia decidir se isso era bom ou ruim.



O que sabia era que poderia olhar para uma vista como esta por horas.

Zeke tinha sido impressionante o suficiente com suas roupas. Sua força era evidente na forma como seus ombros maciços esticavam o tecido de sua camisa, seu peito largo se estreitando em uma barriga lisa e uma bunda magnífica. Ela sempre gravitou em torno de homens de cor escura, e não ficavam muito mais escuros do que os olhos esmeralda profundos e ásperos de Zeke e o cabelo preto grudado em seu pescoço e sua mandíbula barbeada.

Mas agora, Darcy podia ver quase cada centímetro finamente esculpido de seu corpo.

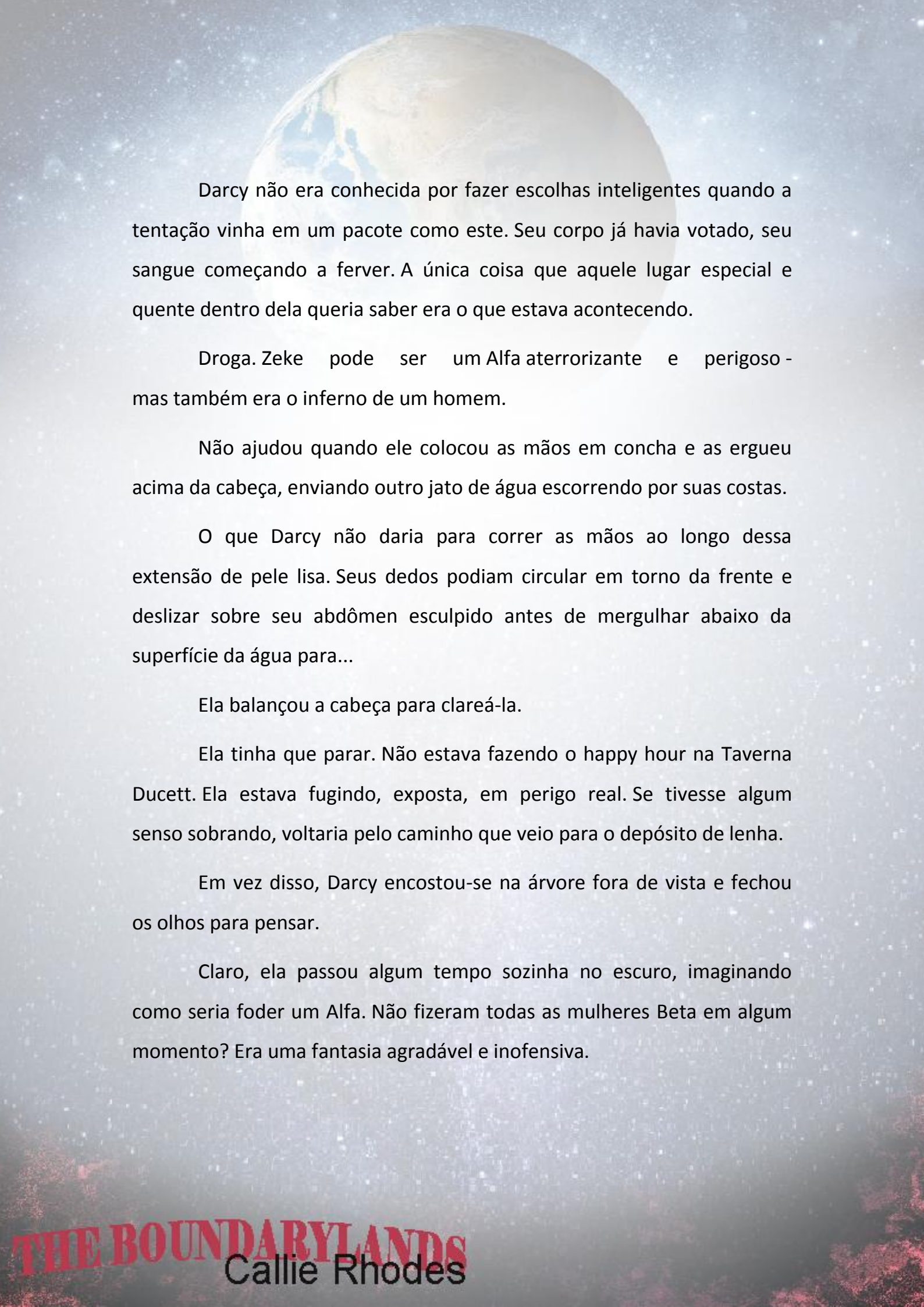
O que ela *não* viu, entretanto, foram buracos de bala. Havia um trio de pequenas marcas vermelhas pontuando seu lado, mas dificilmente eram o tipo de feridas abertas que poderiam estar vazando sangue apenas algumas horas atrás.

Aparentemente, Zeke não estava soprando fumaça em sua bunda ⁵quando insistiu que não precisava de um hospital ou mesmo de curativos. Seu corpo se curava a uma velocidade sobrenatural.

Não. Não sobrenatural - em velocidade *Alfa*.

Os finos cabelos da nuca de Darcy se arrepiaram em advertência. *Cuidado, irmã.*

⁵ Expressão dizendo coisas que podem irritar alguém.



Darcy não era conhecida por fazer escolhas inteligentes quando a tentação vinha em um pacote como este. Seu corpo já havia votado, seu sangue começando a ferver. A única coisa que aquele lugar especial e quente dentro dela queria saber era o que estava acontecendo.

Droga. Zeke pode ser um Alfa aterrorizante e perigoso - mas também era o inferno de um homem.

Não ajudou quando ele colocou as mãos em concha e as ergueu acima da cabeça, enviando outro jato de água escorrendo por suas costas.

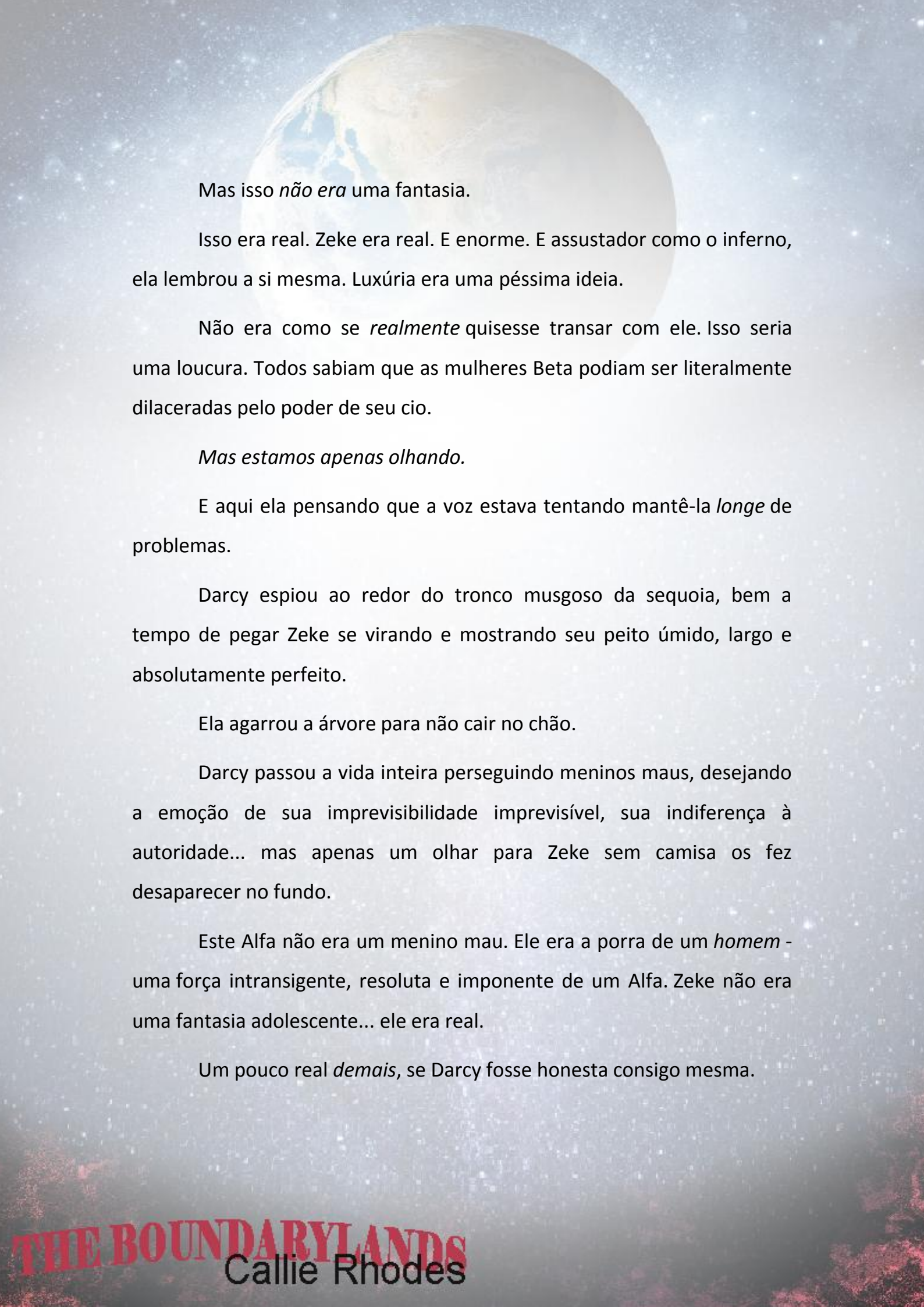
O que Darcy não daria para correr as mãos ao longo dessa extensão de pele lisa. Seus dedos podiam circular em torno da frente e deslizar sobre seu abdômen esculpido antes de mergulhar abaixo da superfície da água para...

Ela balançou a cabeça para clareá-la.

Ela tinha que parar. Não estava fazendo o happy hour na Taverna Ducett. Ela estava fugindo, exposta, em perigo real. Se tivesse algum senso sobrando, voltaria pelo caminho que veio para o depósito de lenha.

Em vez disso, Darcy encostou-se na árvore fora de vista e fechou os olhos para pensar.

Claro, ela passou algum tempo sozinha no escuro, imaginando como seria foder um Alfa. Não fizeram todas as mulheres Beta em algum momento? Era uma fantasia agradável e inofensiva.



Mas isso *não era* uma fantasia.

Isso era real. Zeke era real. E enorme. E assustador como o inferno, ela lembrou a si mesma. Luxúria era uma péssima ideia.

Não era como se *realmente* quisesse transar com ele. Isso seria uma loucura. Todos sabiam que as mulheres Beta podiam ser literalmente dilaceradas pelo poder de seu cio.

Mas estamos apenas olhando.

E aqui ela pensando que a voz estava tentando mantê-la *longe* de problemas.

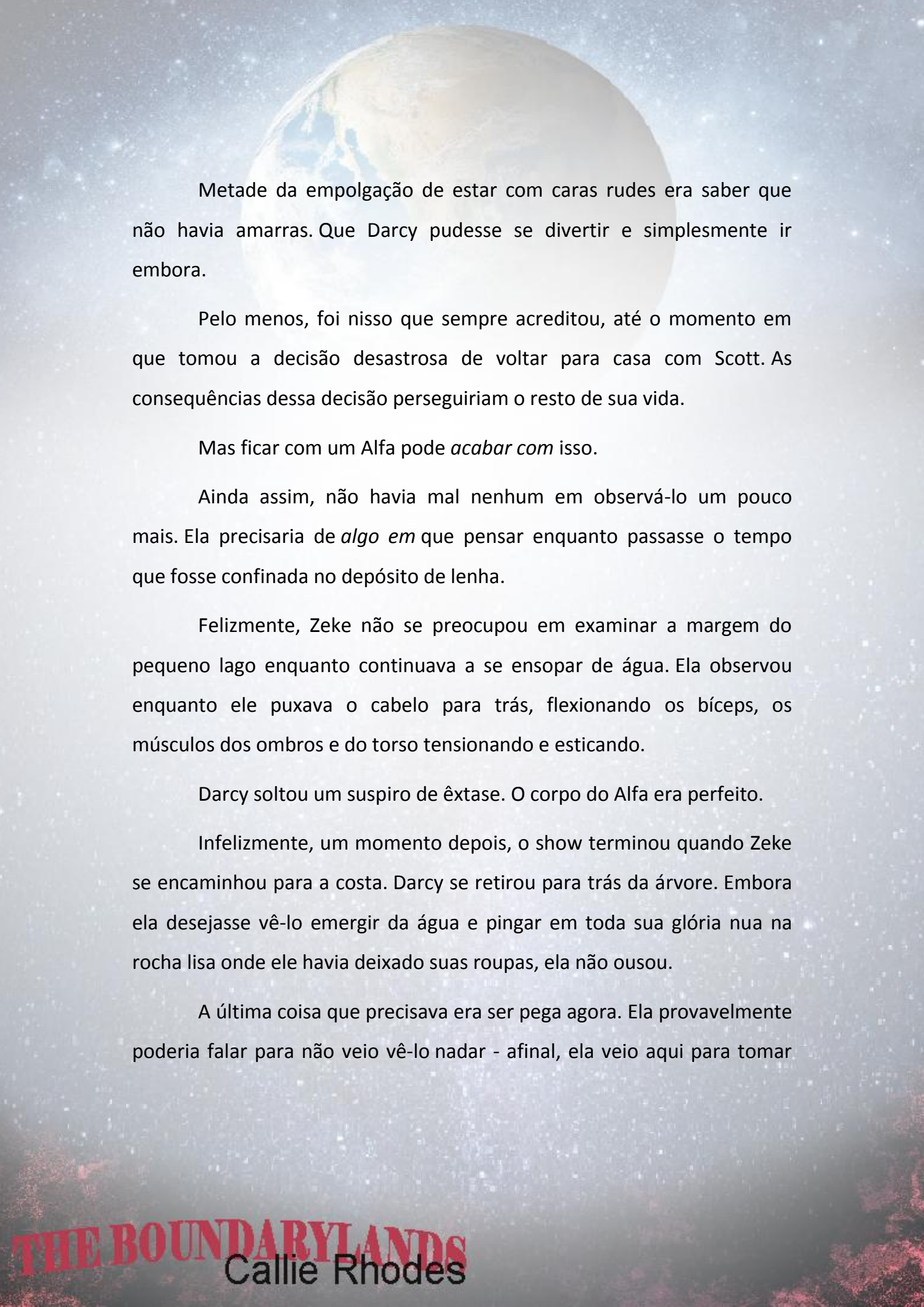
Darcy espiou ao redor do tronco musgoso da sequoia, bem a tempo de pegar Zeke se virando e mostrando seu peito úmido, largo e absolutamente perfeito.

Ela agarrou a árvore para não cair no chão.

Darcy passou a vida inteira perseguindo meninos maus, desejando a emoção de sua imprevisibilidade imprevisível, sua indiferença à autoridade... mas apenas um olhar para Zeke sem camisa os fez desaparecer no fundo.

Este Alfa não era um menino mau. Ele era a porra de um *homem* - uma força intransigente, resoluta e imponente de um Alfa. Zeke não era uma fantasia adolescente... ele era real.

Um pouco real *demais*, se Darcy fosse honesta consigo mesma.



Metade da empolgação de estar com caras rudes era saber que não havia amarras. Que Darcy pudesse se divertir e simplesmente ir embora.

Pelo menos, foi nisso que sempre acreditou, até o momento em que tomou a decisão desastrosa de voltar para casa com Scott. As consequências dessa decisão perseguiriam o resto de sua vida.

Mas ficar com um Alfa pode *acabar com* isso.

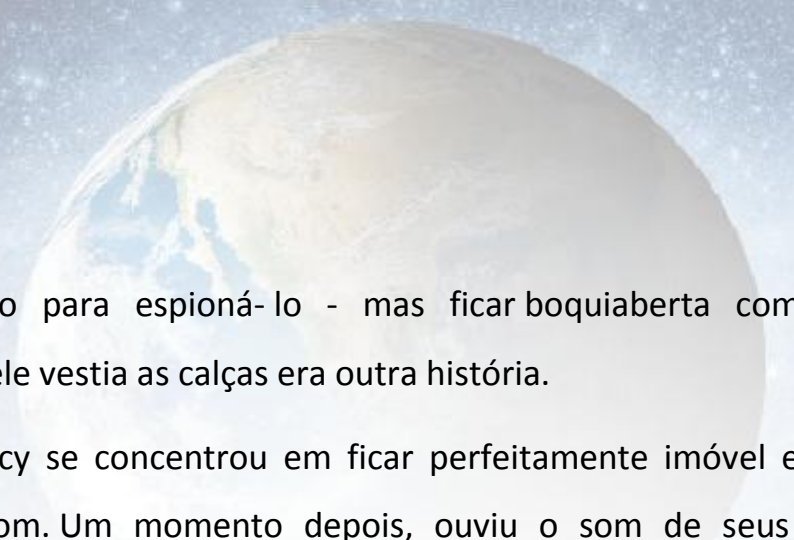
Ainda assim, não havia mal nenhum em observá-lo um pouco mais. Ela precisaria de *algo em* que pensar enquanto passasse o tempo que fosse confinada no depósito de lenha.

Felizmente, Zeke não se preocupou em examinar a margem do pequeno lago enquanto continuava a se ensopar de água. Ela observou enquanto ele puxava o cabelo para trás, flexionando os bíceps, os músculos dos ombros e do torso tensionando e esticando.

Darcy soltou um suspiro de êxtase. O corpo do Alfa era perfeito.

Infelizmente, um momento depois, o show terminou quando Zeke se encaminhou para a costa. Darcy se retirou para trás da árvore. Embora ela desejasse vê-lo emergir da água e pingar em toda sua glória nua na rocha lisa onde ele havia deixado suas roupas, ela não ousou.

A última coisa que precisava era ser pega agora. Ela provavelmente poderia falar para não veio vê-lo nadar - afinal, ela veio aqui para tomar



banho, não para espioná-lo - mas ficar boquiaberta com um cara enquanto ele vestia as calças era outra história.

Darcy se concentrou em ficar perfeitamente imóvel e não fazer nenhum som. Um momento depois, ouviu o som de seus passos se afastando.

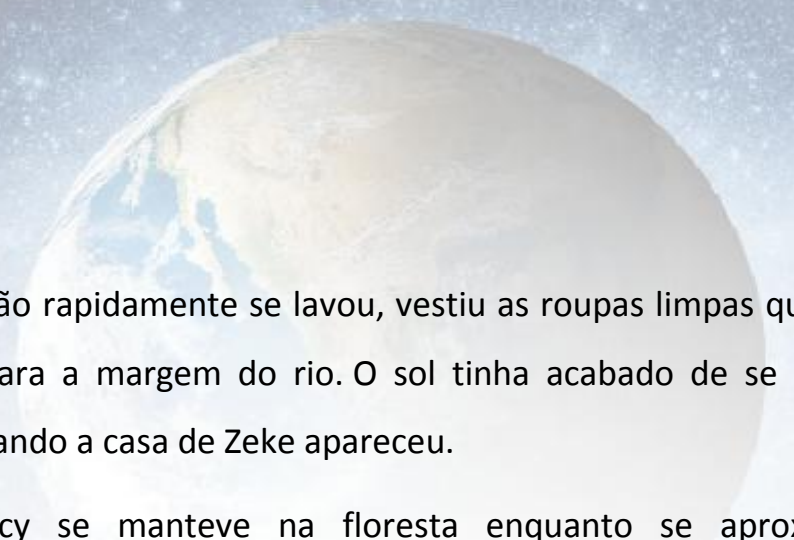
Ela soltou a respiração que estava prendendo, seu coração martelando. Essa foi por pouco.

Ela considerou brevemente voltar para o depósito de lenha e nunca mais sair, mas a atração do lago frio era muito grande, e o sangue e a sujeira cobrindo seu corpo demais para suportar por mais um minuto.

Ela esperou mais alguns minutos para se certificar de que Zeke não voltaria, tirou as botas, a camisa, a saia e a calcinha e mergulhou silenciosamente na água.

A água estava perfeita - não muito fria como ela temia, mas refrescante assim que superou o choque inicial da imersão. Ela podia sentir o calor drenando de seu rosto. O cansaço deixando seus músculos enquanto ela flutuava, e Darcy fechou os olhos, aproveitando a sensação de leveza e o sol do final da tarde brilhando em seu rosto.

Em qualquer outra circunstância, ela poderia ter ficado até o sol se pôr, mas infelizmente, não tinha esse luxo. Ela precisava voltar antes que escurecesse.



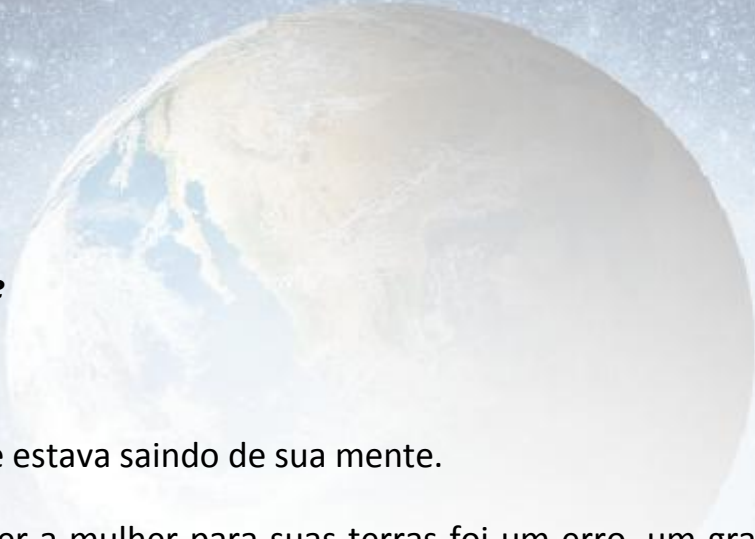
Então rapidamente se lavou, vestiu as roupas limpas que trouxera e voltou para a margem do rio. O sol tinha acabado de se pôr sob as árvores quando a casa de Zeke apareceu.

Darcy se manteve na floresta enquanto se aproximava do depósito. Quando parou em frente, ela encontrou outra tigela de ensopado esperando do lado de fora da porta.

Ela se preocupou por um momento que Zeke pudesse ter percebido que ela havia sumido, mas o ensopado ainda estava quente. Ele provavelmente apenas o deixou depois de bater na porta algumas vezes, como fizera antes.

Além disso, por que se preocuparia com ela?

Enquanto Darcy se acomodava em sua cama para jantar, ela considerou a situação assimétrica. Agora que tinha visto Zeke molhado e nu, ela não conseguia tirá-lo de seus pensamentos, mas Zeke parecia não pensar nela.



Zeke

Zeke estava saindo de sua mente.

Trazer a mulher para suas terras foi um erro, um grande erro. Ele tinha sido um idiota ao pensar que poderia controlar uma situação como esta jogando-a em seu depósito e dizendo a ela para ficar parada.

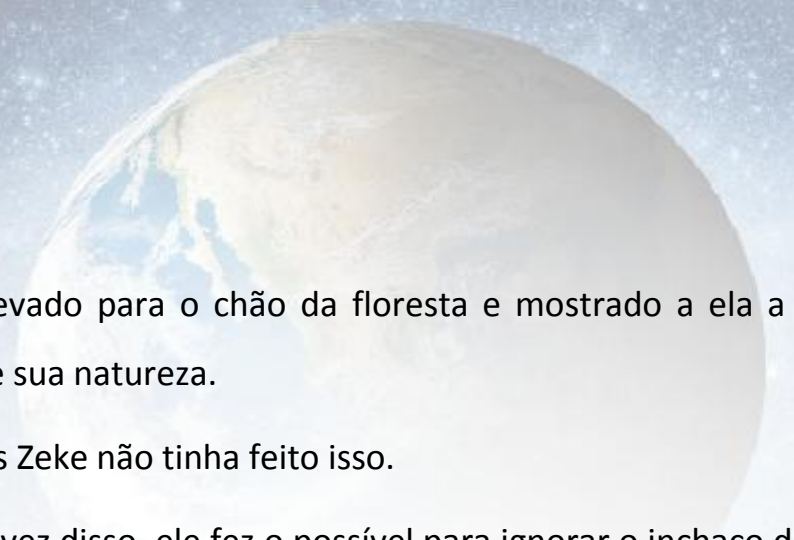
Já tinha sido ruim o suficiente ouvi-la subindo o caminho para Green Lake. A parte racional dele defendia gritar com ela para voltar e ficar no maldito depósito de lenha como havia prometido.

Mas ele não tinha feito isso. Ele não disse uma maldita coisa, apenas ouviu seus passos se aproximando enquanto seus sentidos se enchiam de seu cheiro. Havia toda uma rica enciclopédia de emoções sob o suor e o sangue que ela estava tão desesperada para lavar, a combinação atraente e hipnótica.

Zeke tentou dizer a si mesmo que era impotente para resistir à promessa inebriante enredada naquele cheiro, que não conseguia se conter.

Mas isso era besteira.

Aceitar isso seria o mesmo que admitir que era um escravo de sua natureza. Se isso fosse verdade, ele não teria se contentado em deixá-la ficar lá e observá-lo de seu esconderijo seguro. Ele teria saído correndo da



água e a levado para o chão da floresta e mostrado a ela a verdadeira essência de sua natureza.

Mas Zeke não tinha feito isso.

Em vez disso, ele fez o possível para ignorar o inchaço de seu pênis sob a superfície da água em resposta ao conhecimento de que ela o estava observando.

Não apenas assistindo... *apreciando*.

Ele lutou contra o desejo de se acariciar sob a cobertura da água enquanto o cheiro dela se intensificava a cada segundo que passava. Ela o *queria*, e isso tornava Zeke quase insensível de necessidade.

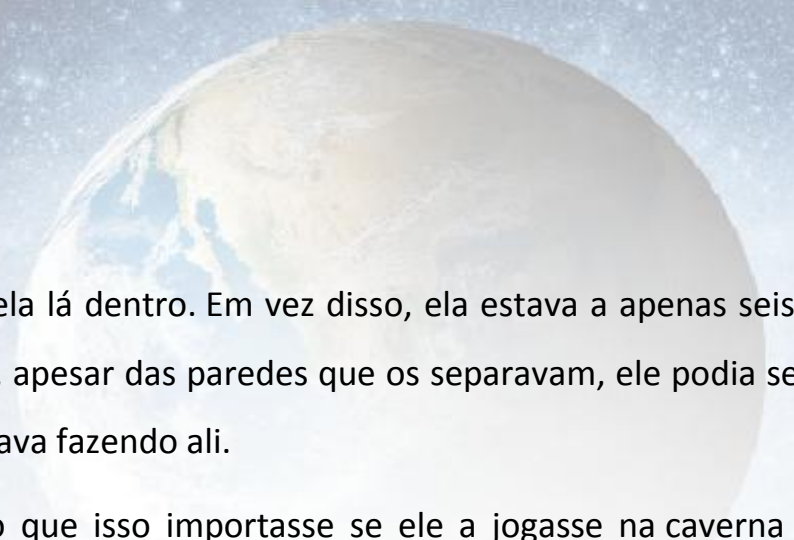
Havia um limite para o que ele podia suportar, e quando o cheiro de sua excitação se tornou muito intenso, Zeke sabia que tinha que dar o fora de lá antes que fizesse algo de que se arrependesse.

Algo que não poderia retirar.

Então voltou para casa o mais rápido que pôde, antes que a vontade de voltar vencesse.

Ele sabia quando chegou a sua casa que seria um longo mês. Mas não tinha imaginado o inferno que iria suportar na primeira noite.

Várias horas sem dormir se passaram e Zeke ainda estava se revirando. Por que diabos ele a colocou no depósito de lenha? Ele deveria tê-la carregado para a caverna na fronteira mais distante de suas terras e



amarrado ela lá dentro. Em vez disso, ela estava a apenas seis metros de distância e, apesar das paredes que os separavam, ele podia sentir tudo o que ela estava fazendo ali.

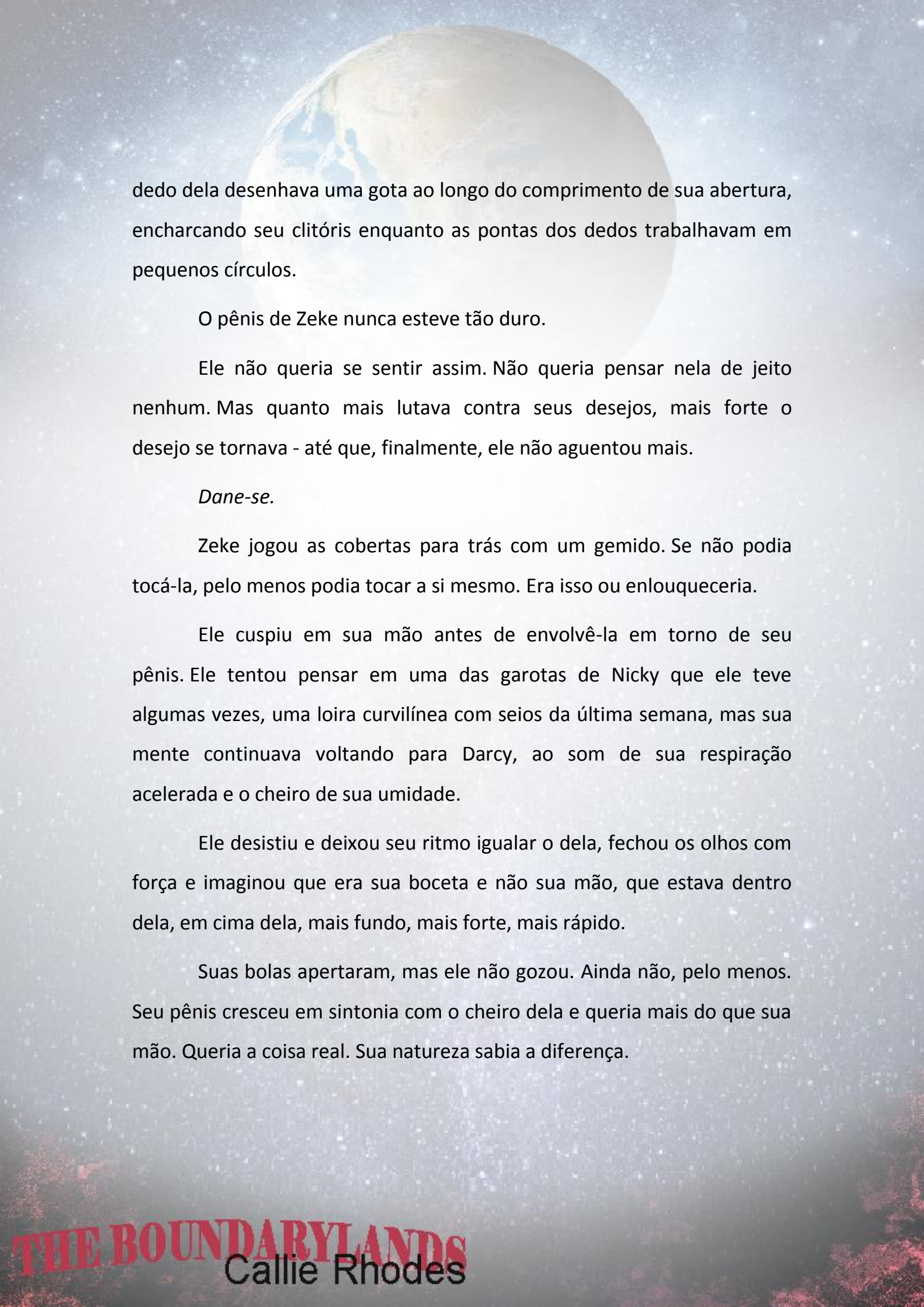
Não que isso importasse se ele a jogasse na caverna - ele ainda estaria agudamente ciente dela. Mas pelo menos não teria que lidar com o conhecimento enlouquecedor de que poderia alcançá-la em dez segundos.

Agora, ele estava preso na cama, seu pau doendo e duro como uma rocha, cada terminação nervosa vibrando com a consciência de cada movimento que ela fazia.

Ele soube quando ela passou loção na pele sedosa de suas pernas, os dedos massageando seus músculos cansados. Ele ouviu o barulho do algodão quando entrou sob os lençóis e seu suspiro suave quando a cabeça pousou no travesseiro.

Então ficou atento ao sentir a mão dela se movendo lentamente sobre seu corpo, as pontas dos dedos roçando seu mamilo, então mergulhando mais abaixo. O som suave e úmido de sua língua molhando seus lábios, seus dentes mordendo a carne macia deles enquanto seus dedos deslizavam sob o elástico de sua calcinha.

Então veio o cheiro de sua umidade, cegando-o momentaneamente com sua intensidade. Ele rolou de costas e agarrou punhados de roupa de cama, rasgando-o do colchão enquanto a ponta do



dedo dela desenhava uma gota ao longo do comprimento de sua abertura, encharcando seu clitóris enquanto as pontas dos dedos trabalhavam em pequenos círculos.

O pênis de Zeke nunca esteve tão duro.

Ele não queria se sentir assim. Não queria pensar nela de jeito nenhum. Mas quanto mais lutava contra seus desejos, mais forte o desejo se tornava - até que, finalmente, ele não aguentou mais.

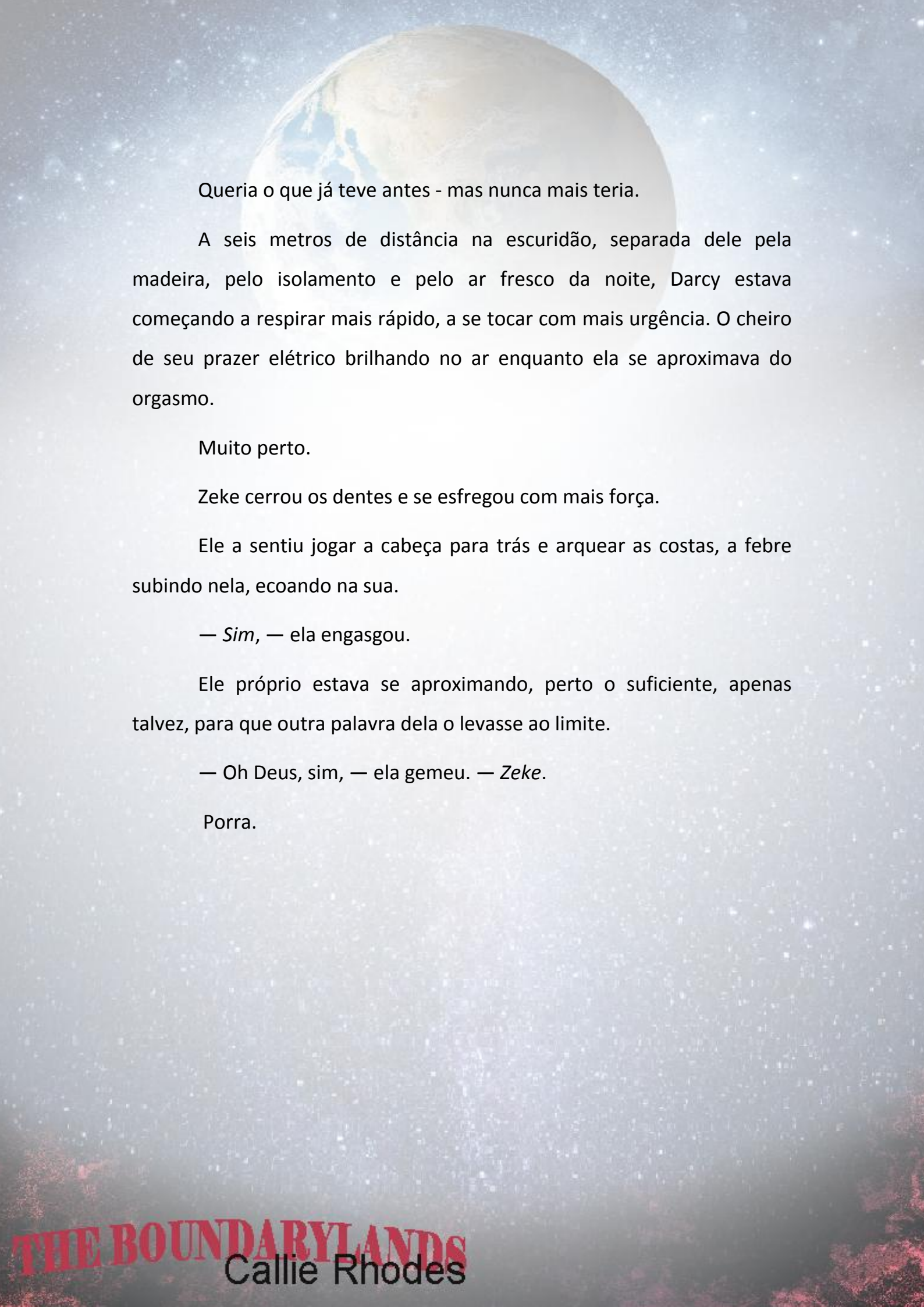
Dane-se.

Zeke jogou as cobertas para trás com um gemido. Se não podia tocá-la, pelo menos podia tocar a si mesmo. Era isso ou enlouqueceria.

Ele cuspiu em sua mão antes de envolvê-la em torno de seu pênis. Ele tentou pensar em uma das garotas de Nicky que ele teve algumas vezes, uma loira curvilínea com seios da última semana, mas sua mente continuava voltando para Darcy, ao som de sua respiração acelerada e o cheiro de sua umidade.

Ele desistiu e deixou seu ritmo igualar o dela, fechou os olhos com força e imaginou que era sua boceta e não sua mão, que estava dentro dela, em cima dela, mais fundo, mais forte, mais rápido.

Suas bolas apertaram, mas ele não gozou. Ainda não, pelo menos. Seu pênis cresceu em sintonia com o cheiro dela e queria mais do que sua mão. Queria a coisa real. Sua natureza sabia a diferença.



Queria o que já teve antes - mas nunca mais teria.

A seis metros de distância na escuridão, separada dele pela madeira, pelo isolamento e pelo ar fresco da noite, Darcy estava começando a respirar mais rápido, a se tocar com mais urgência. O cheiro de seu prazer elétrico brilhando no ar enquanto ela se aproximava do orgasmo.

Muito perto.

Zeke cerrou os dentes e se esfregou com mais força.

Ele a sentiu jogar a cabeça para trás e arquear as costas, a febre subindo nela, ecoando na sua.

— *Sim*, — ela engasgou.

Ele próprio estava se aproximando, perto o suficiente, apenas talvez, para que outra palavra dela o levasse ao limite.

— Oh Deus, sim, — ela gemeu. — *Zeke*.

Porra.



CAPÍTULO 7

Darcy

A porta saiu voando das dobradiças.

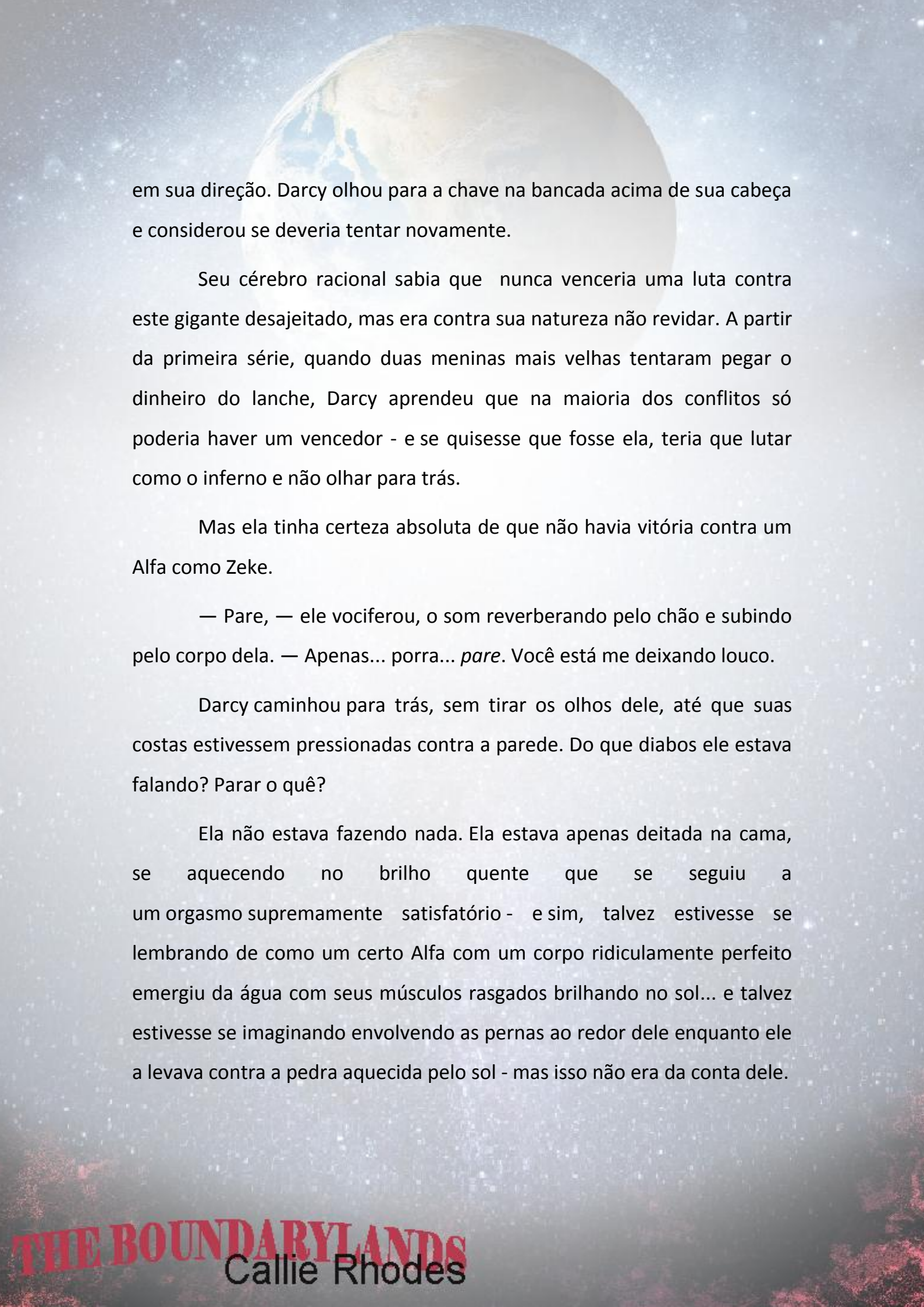
Darcy saltou da cama, a adrenalina inundando sua corrente sanguínea. Ela não gritou - gritar nunca fez bem quanto lutar como o inferno, em sua experiência - mas estendeu a mão para a chave de fenda pesada que tinha deixado na bancada em vez disso. Infelizmente, seu pé ficou preso no emaranhado de cobertores, e ela caiu com força no chão frio.

A arma não teria feito nenhum bem de qualquer maneira - não contra um Alfa irritado.

E Zeke parecia seriamente chateado agora.

Ele preencheu a porta inteira, seus ombros largos quase tocando a moldura de cada lado. Seu rosto estava na sombra do brilho dourado que emanava da porta dos fundos do depósito, mas Darcy não precisava ver sua expressão para ler seu humor.

A frustração e a raiva de Zeke eram evidentes em sua postura rígida, as mãos cerradas em punhos e, acima de tudo, o ronco fraco vindo de seu peito - como um semi-caminhão à distância que disparava direto



em sua direção. Darcy olhou para a chave na bancada acima de sua cabeça e considerou se deveria tentar novamente.

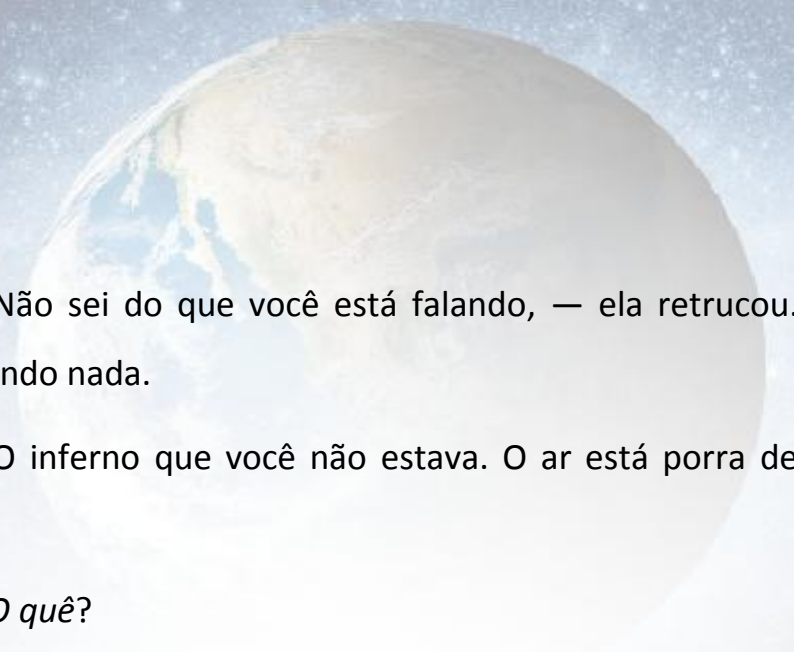
Seu cérebro racional sabia que nunca venceria uma luta contra este gigante desajeitado, mas era contra sua natureza não revidar. A partir da primeira série, quando duas meninas mais velhas tentaram pegar o dinheiro do lanche, Darcy aprendeu que na maioria dos conflitos só poderia haver um vencedor - e se quisesse que fosse ela, teria que lutar como o inferno e não olhar para trás.

Mas ela tinha certeza absoluta de que não havia vitória contra um Alfa como Zeke.

— Pare, — ele vociferou, o som reverberando pelo chão e subindo pelo corpo dela. — Apenas... porra... *pare*. Você está me deixando louco.

Darcy caminhou para trás, sem tirar os olhos dele, até que suas costas estivessem pressionadas contra a parede. Do que diabos ele estava falando? Parar o quê?

Ela não estava fazendo nada. Ela estava apenas deitada na cama, se aquecendo no brilho quente que se seguiu a um orgasmo supremamente satisfatório - e sim, talvez estivesse se lembrando de como um certo Alfa com um corpo ridiculamente perfeito emergiu da água com seus músculos rasgados brilhando no sol... e talvez estivesse se imaginando envolvendo as pernas ao redor dele enquanto ele a levava contra a pedra aquecida pelo sol - mas isso não era da conta dele.



— Não sei do que você está falando, — ela retrucou. — Eu não estava fazendo nada.

— O inferno que você não estava. O ar está porra denso com o cheiro.

— *O quê?*

Darcy sabia que os sentidos dos Alfas eram superiores aos dos Betas, mas não havia como ele saberia ... *isso*. Mesmo se ele de alguma forma pudesse sentir o cheiro da umidade em sua calcinha, não havia nenhuma maneira que pudesse saber o que estava fazendo de dentro de sua maldita casa. A menos que...

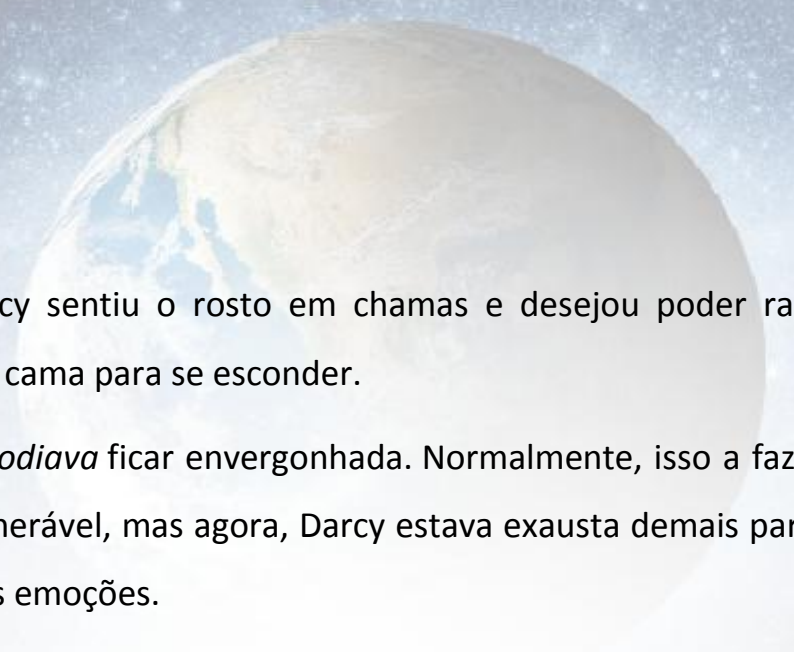
Ela olhou para a pequena janela que dava para a casa. Em um instante, sua confusão se transformou em indignação.

— Você estava me *espionando*?

Zeke bufou. — Eu não preciso. Eu posso ouvir e sentir tudo o que você faz aqui. *Tudo*. Eu poderia manter o tempo pelo seu batimento cardíaco. Eu sei quando uma mosca passa zumbindo pela sua cabeça. E o que você estava fazendo era muitíssimo mais perturbador do que isso.

Oh Deus.

Aparentemente, os sentidos dos Alfas eram muito melhores do que ela imaginava.



Darcy sentiu o rosto em chamas e desejou poder rastejar para debaixo da cama para se esconder.

Ela *odiava* ficar envergonhada. Normalmente, isso a fazia se sentir fraca e vulnerável, mas agora, Darcy estava exausta demais para qualquer uma dessas emoções.

Pelas últimas vinte e quatro horas seguidas, ela estava aterrorizada. Primeiro por Scott, depois por seus irmãos - e agora por Zeke.

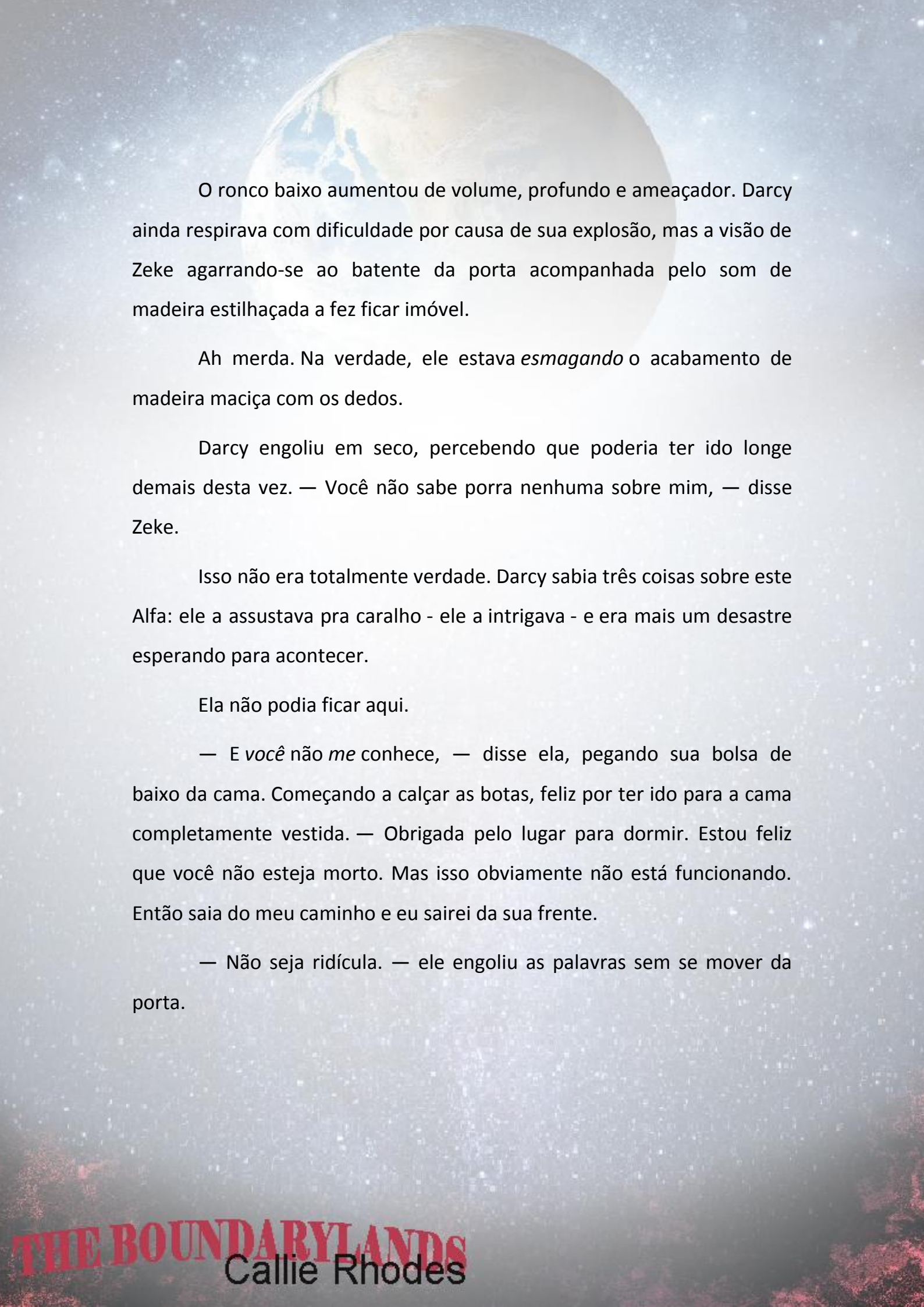
Foda-se as consequências... Darcy tinha *acabado* com esta merda.

— O que você quer que eu diga? — ela retrucou, lutando para ficar de pé para que pudesse olhá-lo nos olhos. — Você quer que eu me desculpe por tentar me sentir bem por alguns malditos segundos depois de como foi o meu dia de merda suprema?

Lutar era muito melhor do que se encolher no chão. Parecia *familiar*. Talvez agora que estava acordada, pudesse agarrar aquela chave afinal.

Imediatamente Darcy pensou melhor. Ela não tinha um desejo de morte. Ainda assim, estava determinada a fazer seu ponto.

— *Foda-se* você por estar aí me julgando. A única coisa que sinto é que você é uma puritano do caralho.



O ronco baixo aumentou de volume, profundo e ameaçador. Darcy ainda respirava com dificuldade por causa de sua explosão, mas a visão de Zeke agarrando-se ao batente da porta acompanhada pelo som de madeira estilhaçada a fez ficar imóvel.

Ah merda. Na verdade, ele estava *esmagando* o acabamento de madeira maciça com os dedos.

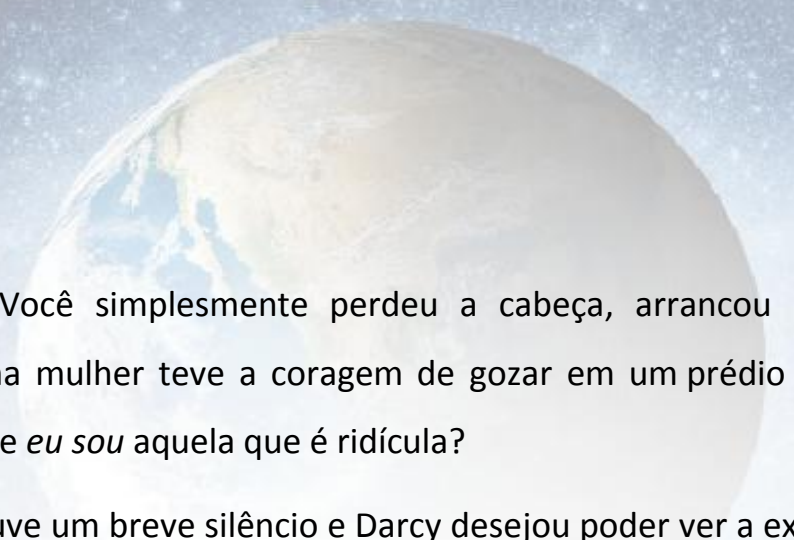
Darcy engoliu em seco, percebendo que poderia ter ido longe demais desta vez. — Você não sabe porra nenhuma sobre mim, — disse Zeke.

Isso não era totalmente verdade. Darcy sabia três coisas sobre este Alfa: ele a assustava pra caralho - ele a intrigava - e era mais um desastre esperando para acontecer.

Ela não podia ficar aqui.

— E *você* não *me* conhece, — disse ela, pegando sua bolsa de baixo da cama. Começando a calçar as botas, feliz por ter ido para a cama completamente vestida. — Obrigada pelo lugar para dormir. Estou feliz que você não esteja morto. Mas isso obviamente não está funcionando. Então saia do meu caminho e eu sairei da sua frente.

— Não seja ridícula. — ele engoliu as palavras sem se mover da porta.



— Você simplesmente perdeu a cabeça, arrancou uma porta porque uma mulher teve a coragem de gozar em um prédio totalmente separado - e *eu sou* aquela que é ridícula?

Houve um breve silêncio e Darcy desejou poder ver a expressão do Alfa. Quando ele finalmente falou, seu tom havia se acalmado ligeiramente. — Mesmo se deixasse você sair, é o meio da noite.

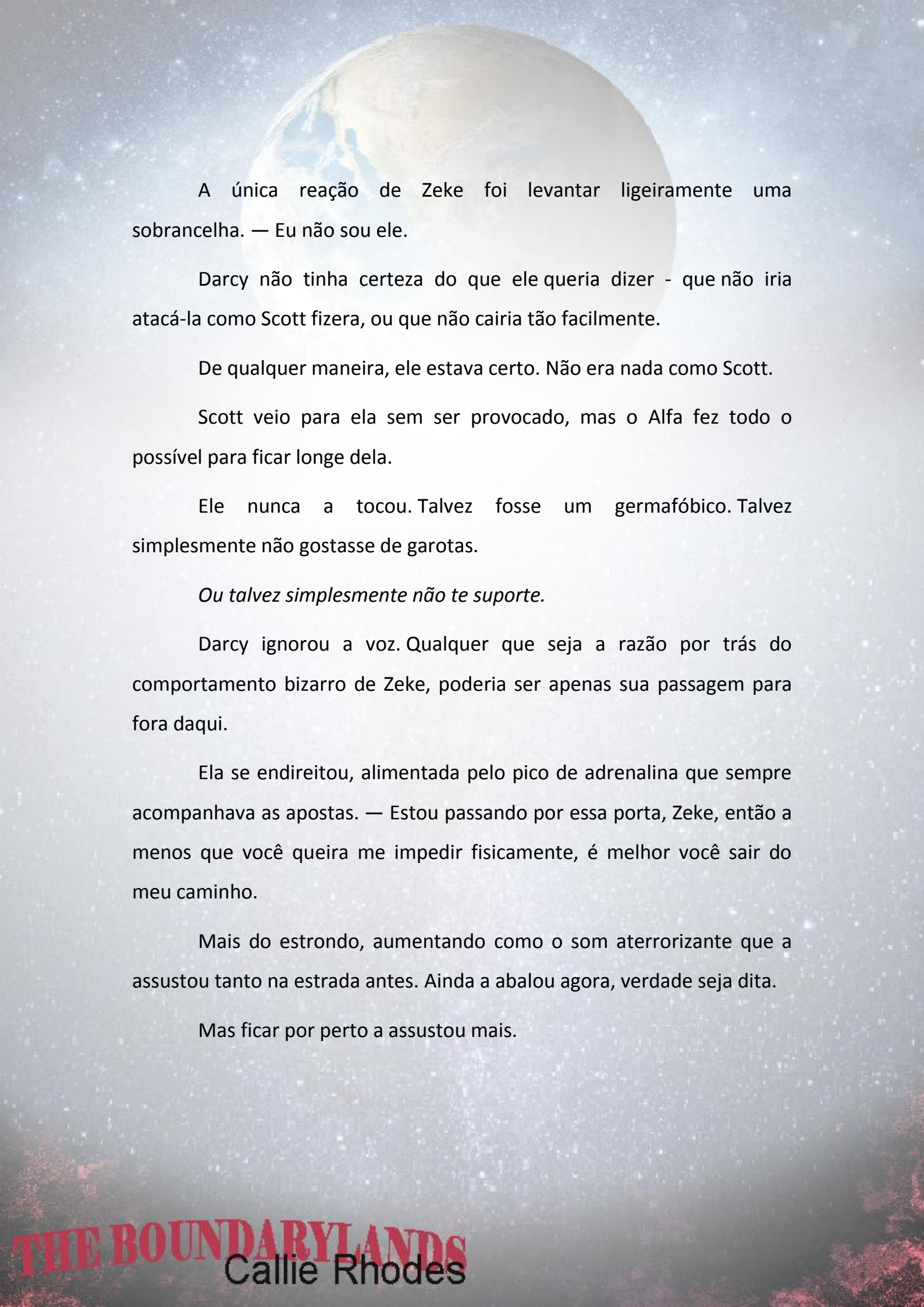
— Como se isso importasse. Você é obviamente a coisa mais perigosa por aqui, e você... espere. — ela repetiu suas palavras, a raiva endireitando sua espinha. — Você acabou de dizer, se você me *deixar* sair?

— Confie em mim, eu tenho os melhores interesses em mente aqui.

Darcy riu, um som amargo que ecoou no pequeno espaço. — Sim, certo. Tenho certeza que você está realmente cuidando de mim, me mantendo trancada como uma prisioneira. Você é um maníaco por controle ou um sádico ou... — Darcy puxou as alças da mochila por cima do ombro, impulsionada por sua determinação imprudente familiar demais. — Sabe de uma coisa? Foda-se. Apenas saia do meu caminho.

Ela chutou a cama de lado para dar ênfase. Zeke não se mexeu.

— Eu não estou pedindo permissão, Zeke, — ela retrucou. — O último cara que tentou fazer algo que não queria fazer acabou morto no chão do meu apartamento.



A única reação de Zeke foi levantar ligeiramente uma sobrancelha. — Eu não sou ele.

Darcy não tinha certeza do que ele queria dizer - que não iria atacá-la como Scott fizera, ou que não cairia tão facilmente.

De qualquer maneira, ele estava certo. Não era nada como Scott.

Scott veio para ela sem ser provocado, mas o Alfa fez todo o possível para ficar longe dela.

Ele nunca a tocou. Talvez fosse um germafóbico. Talvez simplesmente não gostasse de garotas.

Ou talvez simplesmente não te suporte.

Darcy ignorou a voz. Qualquer que seja a razão por trás do comportamento bizarro de Zeke, poderia ser apenas sua passagem para fora daqui.

Ela se endireitou, alimentada pelo pico de adrenalina que sempre acompanhava as apostas. — Estou passando por essa porta, Zeke, então a menos que você queira me impedir fisicamente, é melhor você sair do meu caminho.

Mais do estrondo, aumentando como o som aterrorizante que a assustou tanto na estrada antes. Ainda a abalou agora, verdade seja dita.

Mas ficar por perto a assustou mais.

— Isto não é um jogo, Darcy. — Algo no modo como Zeke falou seu nome enviou um arrepio por sua espinha que foi profundamente desconfortável e também extremamente sensual - a mesma sensação que teve ao vê-lo seminu no lago antes.

— Você acha que eu não *sei* disso? Eu é que estou fugindo aqui. Eu é que tive que lavar o sangue de um homem de mim.

Zeke inclinou a cabeça, seus ombros relaxando ligeiramente. Droga, o que ela daria para ver o olhar em seus olhos agora, para saber o que ele realmente estava sentindo.

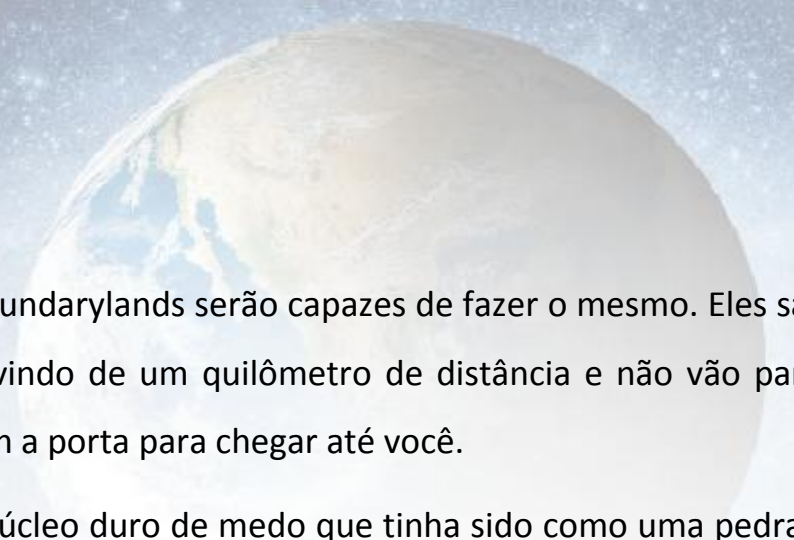
— Isso mesmo, — disse ele, seu tom frio. — Eu queria te perguntar como foi sua natação. Você não ficou muito tempo no lago.

— Como você sabe disso? — A curiosidade superou sua indignação. — Você estava me espionando também?

Zeke bufou. — Essa é uma acusação e tanto de uma mulher que se escondeu nos arbustos para me ver nu.

— Eu não sabia. Era uma árvore, não um arbusto, e me afastei antes de você sair. — Mas esse não era o ponto. — Como você sabia que eu estava lá?

— Isso é o que venho tentando dizer a você, Darcy, — disse ele com uma paciência exagerada. — Eu não sou apenas esse ogro selvagem que você está me fazendo parecer. Eu sou um *Alfa*. Eu posso ouvir você, ver você, sentir seu cheiro onde você estiver. Todos os meus irmãos lá



fora em Boundarylands serão capazes de fazer o mesmo. Eles saberão que você está vindo de um quilômetro de distância e não vão parar quando derrubarem a porta para chegar até você.

O núcleo duro de medo que tinha sido como uma pedra no sapato de Darcy no último dia cresceu e se transformou em uma rocha. Se Zeke estava dizendo a verdade - e mesmo se não estivesse - ela ainda estava em perigo *agora...* e isso significava que tinha que ir embora.

— Saia do meu caminho, — disse ela uma última vez. Ele ficou exatamente onde estava.

Foda-se.

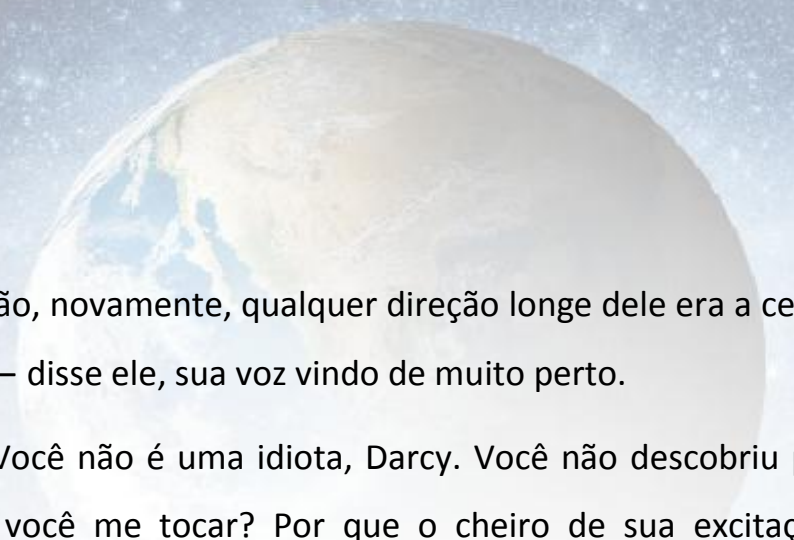
Ela teria que pagar seu blefe. Reunindo toda a sua coragem, Darcy deu um passo à frente.

Isso foi tudo que precisou.

Zeke recuou como se tivesse pisado em uma brasa quente. — Você realmente não quer fazer isso, — disse ele, desaparecendo na escuridão.

Sim, ela realmente queria. Ela esperou um momento até ter certeza de que ele havia partido.

— Como eu disse, Ezequiel, você não me conhece, — gritou ela enquanto disparava para a linha das árvores, rezando para estar indo na direção certa.



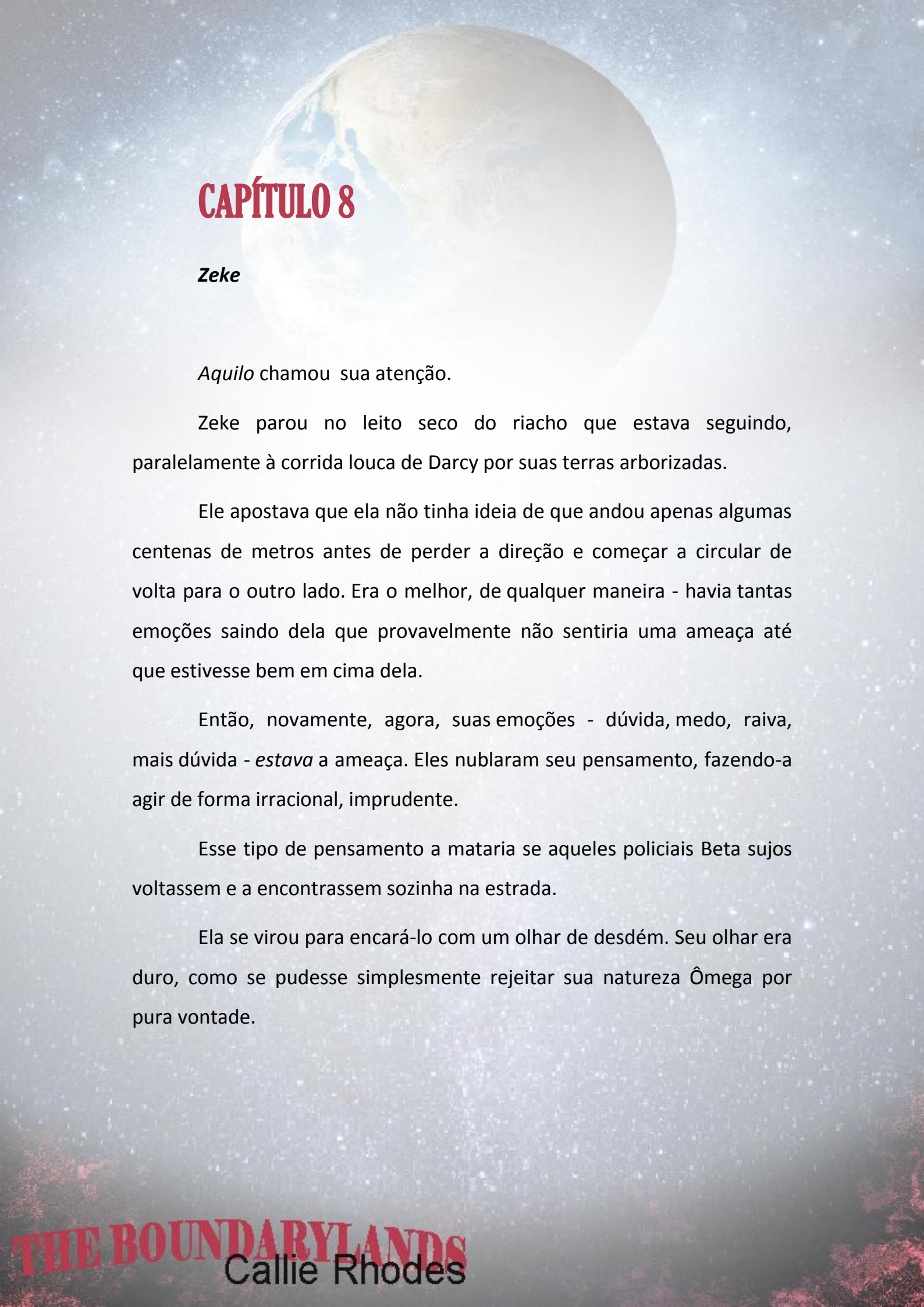
Então, novamente, qualquer direção longe dele era a certa. — Sim, eu quero, — disse ele, sua voz vindo de muito perto.

— Você não é uma idiota, Darcy. Você não descobriu por que eu não deixo você me tocar? Por que o cheiro de sua excitação me faz choramingar?

Darcy correu mais forte, tentando bloqueá-lo. Mas não havia como ultrapassar um Alfa.

Não importa. Ela correria para sempre se precisasse.

Pelo menos, ela teria, se ele não tivesse jogado seu ás. — Você é uma Ômega, Darcy.



CAPÍTULO 8

Zeke

Aquilo chamou sua atenção.

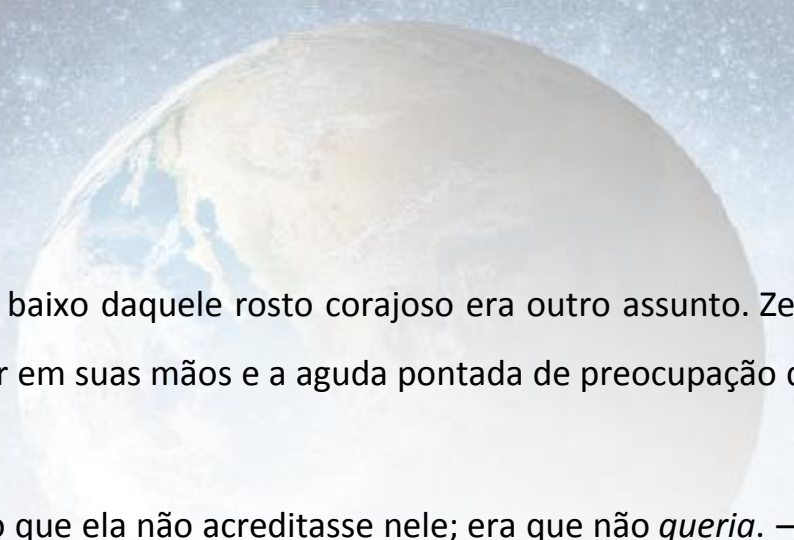
Zeke parou no leito seco do riacho que estava seguindo, paralelamente à corrida louca de Darcy por suas terras arborizadas.

Ele apostava que ela não tinha ideia de que andou apenas algumas centenas de metros antes de perder a direção e começar a circular de volta para o outro lado. Era o melhor, de qualquer maneira - havia tantas emoções saindo dela que provavelmente não sentiria uma ameaça até que estivesse bem em cima dela.

Então, novamente, agora, suas emoções - dúvida, medo, raiva, mais dúvida - *estava* a ameaça. Eles nublaram seu pensamento, fazendo-a agir de forma irracional, imprudente.

Esse tipo de pensamento a mataria se aqueles policiais Beta sujos voltassem e a encontrassem sozinha na estrada.

Ela se virou para encará-lo com um olhar de desdém. Seu olhar era duro, como se pudesse simplesmente rejeitar sua natureza Ômega por pura vontade.



Por baixo daquele rosto corajoso era outro assunto. Zeke notou o leve tremor em suas mãos e a aguda pontada de preocupação que invadiu seu cheiro.

Não que ela não acreditasse nele; era que não *queria*. — Você está mentindo, — ela acusou, a tensão evidente em todos os músculos do seu corpo, a expressão tensa em seu rosto.

Zeke lutou para manter sua expressão neutra. Ficando claro que ela queria lutar para sair deste problema da mesma forma que lutou com o homem cujo sangue esfregou no lago. Da mesma forma que lutou contra a morte nas mãos dos Betas que a perseguiram aqui.

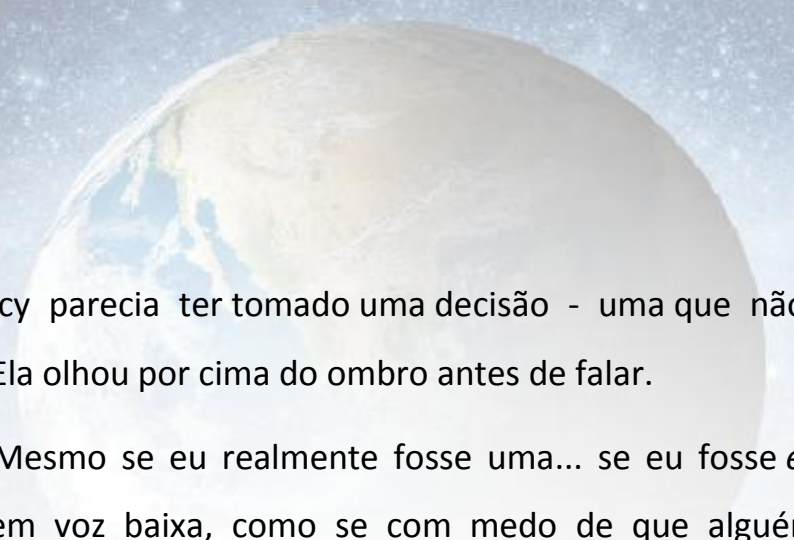
Mas não havia como lutar contra essa verdade.

— Eu não estou mentindo, — ele a assegurou. Ele não mentia - nunca.

E Darcy sabia disso. Ele observou sua expressão mudar lentamente enquanto avaliava sua situação. Não - não a situação dela, mas *ele*.

Era óbvio que sua própria existência a assustava profundamente, e ele não fez nada para colocá-la à vontade. Ele mostrou seu temperamento, mas não a razão para isso; ele não ofereceu nenhuma explicação sobre como a tratou, jogando-a no depósito de lenha e exigindo que mantivesse distância.

Ainda assim, Zeke não poderia ter deixado mais claro que não a queria por perto, então por que mentiria para impedi-la de ir embora?



Darcy parecia ter tomado uma decisão - uma que não a deixou mais feliz. Ela olhou por cima do ombro antes de falar.

— Mesmo se eu realmente fosse uma... se eu fosse *especial*, — disse ela em voz baixa, como se com medo de que alguém pudesse ouvir. — Não há como você ou qualquer outra pessoa saber.

Zeke reprimiu um bufo de escárnio. Isso é o que todo mundo pensava. Mas todo mundo estava errado.

— Existe, — disse ele. — E eu posso.

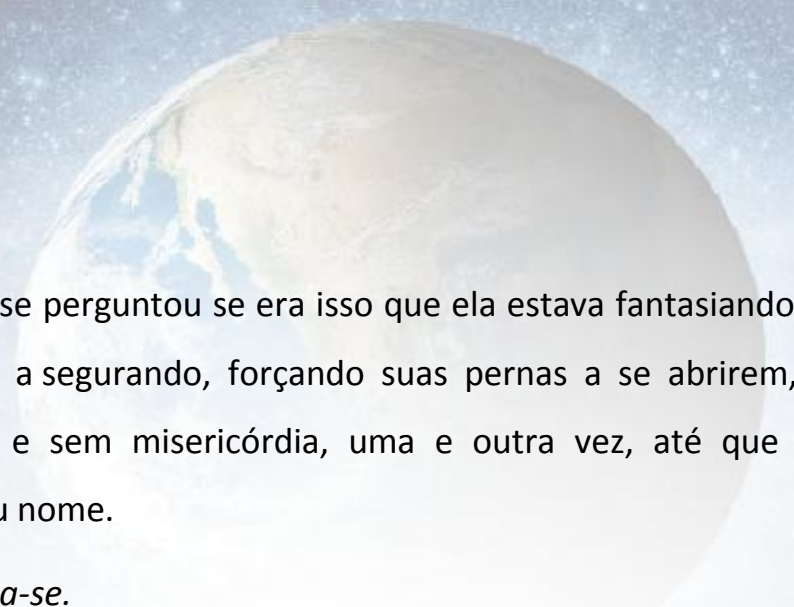
— Como?

— Você não é a primeira Ômega não desperta que conheci, Darcy. — Inferno, ela não era nem mesmo a segunda. Ele detectou outra há apenas alguns meses no bar local. Ele não tinha certeza então e esperou muito tempo para avisar Troy, mas ele estava cem por cento certo agora.

Darcy estreitou o olhar. Ela não gostava do que estava ouvindo, mas Zeke sabia que suas palavras estavam apagando suas dúvidas.

— Se isso for verdade, e sou o que você diz que sou, então por que você não me arrastou para sua cama e me fez sua escrava sexual?

Estava se tornando cada vez mais difícil para Zeke se controlar. Darcy não percebia o perigo de falar dessa maneira, não reconhecia o fogo que subia no sangue de Zeke com suas palavras.



Ele se perguntou se era isso que ela estava fantasiando quando se tocou - ele a segurando, forçando suas pernas a se abrirem, levando-a com força e sem misericórdia, uma e outra vez, até que finalmente gritasse seu nome.

Foda-se.

Zeke cerrou os punhos ao lado do corpo. Ele tinha que se controlar. De alguma forma, tinha que encontrar uma maneira de banir pensamentos como aquele enquanto Darcy estivesse em qualquer lugar perto dele.

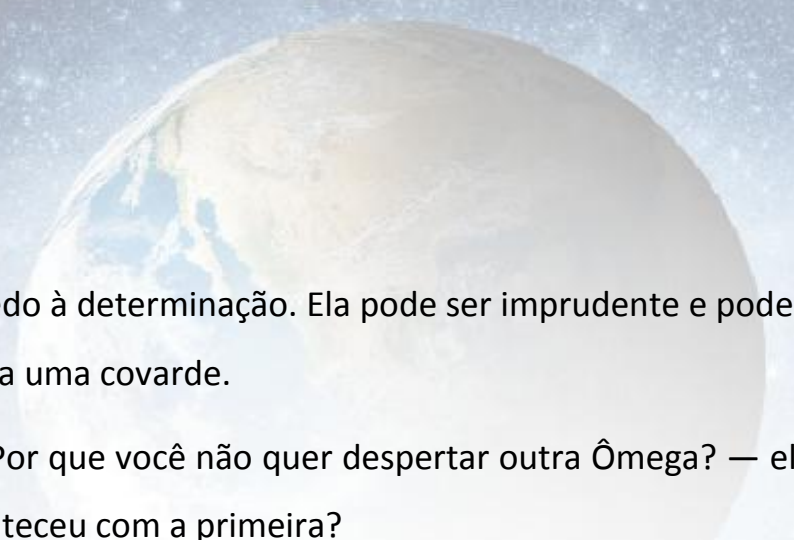
Porque qualquer outra opção ameaçava desastre.

— *A última* coisa que quero é despertar outra Ômega, — disse Zeke vigorosamente. — Mas acredite em mim quando eu te digo isso, eu sou o único Alfa que se sente assim. Se você deixar a segurança de minha propriedade, outro Alfa *vai* te encontrar, e ele *vai* te tocar. E uma vez que te tocar, você... estará ofegante durante sua primeira bateria antes do amanhecer, implorando por isso, incapaz de parar. Isso é uma promessa.

O medo no cheiro de Darcy se transformou em puro terror. Até este momento, ela pensava que *ele* era a coisa mais perigosa na floresta.

Ela não tinha a porra da ideia.

Conforme os momentos passavam, Zeke permaneceu enraizado no lugar, imóvel, observando-a processar essa nova informação, vendo seu



ciclo de medo à determinação. Ela pode ser imprudente e poderia ser tola, mas não era uma covarde.

— Por que você não quer despertar outra Ômega? — ela exigiu. — O que aconteceu com a primeira?

A boca de Zeke se apertou. Achou que ela ficaria presa em uma coisa que não importava e que ele provavelmente não deveria ter admitido. — Isso não é da sua conta.

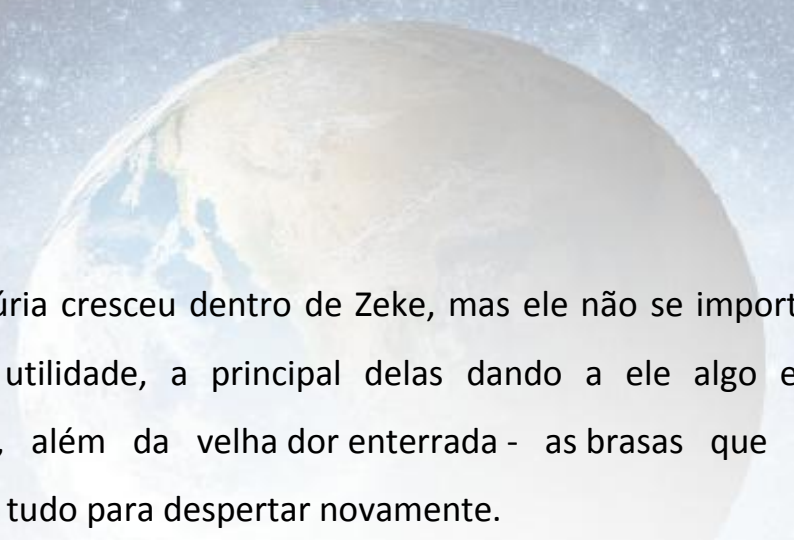
— O inferno que não é, — disse Darcy, seus olhos brilhantes e calculistas agora, chegando um passo mais perto. — Se eu sou o que você diz, eu sou...

— Uma Ômega. — Ele a forçaria a ouvir, mesmo que se recusasse a dizer isto.

— Se eu sou... *isso* - então mereço saber o que diabos você fez com ela.

— Eu não fiz absolutamente nada com ela, — ele retrucou.

— Mesmo? — Darcy obviamente não estava convencido. — Então, onde ela está? Eu pensei que, uma vez que vocês fodessem uma Ômega, vocês nunca a deixariam ir. Ou você a tem escondida por aqui em algum lugar? Um outro depósito escondido na floresta? Você me trouxe aqui porque está planejando começar um harém?



A fúria cresceu dentro de Zeke, mas ele não se importou. A raiva tinha sua utilidade, a principal delas dando a ele algo em que se concentrar, além da velha dor enterrada - as brasas que ela estava fazendo de tudo para despertar novamente.

— Se eu quisesse você como minha Ômega, não haveria nenhuma maldita coisa que você pudesse fazer para me impedir, — disse ele com os dentes cerrados. — Eu não esperaria para ter você na minha cama. Eu a tomaria aqui mesmo, agora. Eu foderia você com tanta força que você não lembraria seu próprio nome.

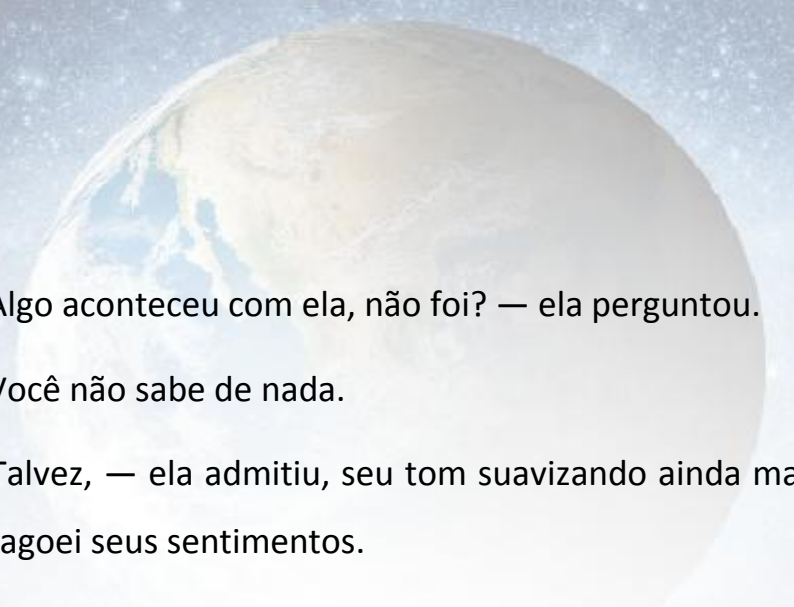
Darcy empalideceu, mas se recusou a dar a ele a satisfação de admitir que ele a assustou. — Foi isso que você fez com essa outra Ômega? Ela está bem ali na sua casa, fraca demais para fugir?

Pelo amor de Deus.

Zeke não devia a ninguém uma explicação por algo que acontecera há mais de uma década. Mas ele não teria seu orgulho arrastado pela sujeira também...especialmente não por uma cabeça quente e temperamental de cabelo rosa com um desejo de morte.

— Essa Ômega não é da conta de ninguém. Não da minha, e com certeza, não é da sua.

Algo em seu tom deve tê-la alertado sobre o poço profundo de dor dentro dele, porque o cheiro dela mudou de raiva e curiosidade para simpatia.



— Algo aconteceu com ela, não foi? — ela perguntou.

— Você não sabe de nada.

— Talvez, — ela admitiu, seu tom suavizando ainda mais. — Sinto muito se magoei seus sentimentos.

Ele tinha ouvido a mesma empatia em sua voz na estrada esta manhã, quando sua preocupação com seus ferimentos a fez deixar de lado sua própria situação. Seu foco nele deixou Zeke inquieto.

Desta vez, ele não se incomodou em sufocar um bufo irônico. *Magoou seus sentimentos?* Isso era uma porra de uma piada. — Eu não preciso da sua pena.

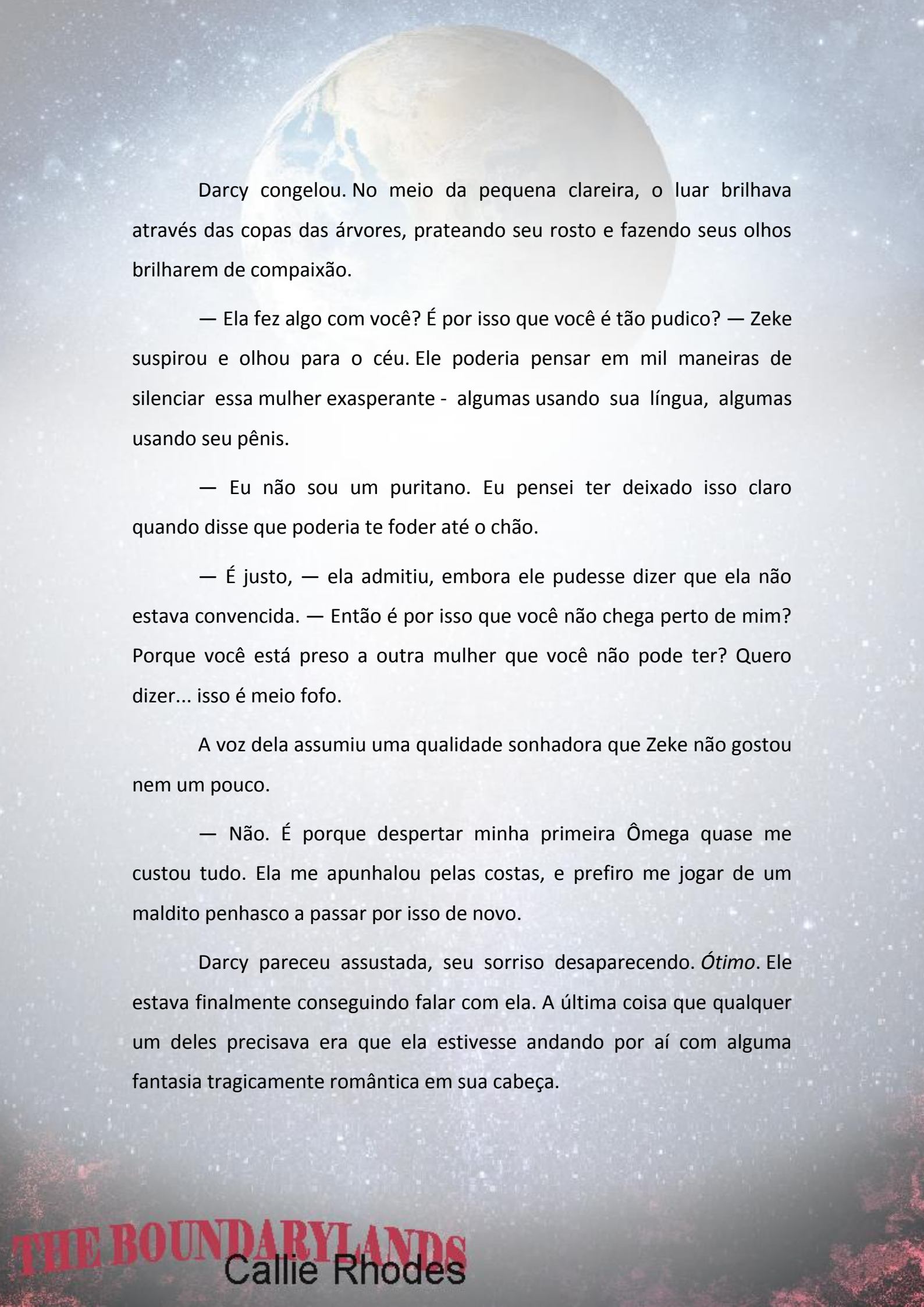
Suas palavras não surtiram o efeito desejado. Na verdade, ela se aproximou um pouco mais, como se estivesse se aproximando de um cachorro arisco.

Isso fez Zeke querer quebrar alguma coisa. Mesmo depois de seu aviso claro, ela ainda estava brincando com fogo.

Talvez ela não pudesse se conter. Assim como não foi incapaz de deixar de observá-lo no lago.

Assim como não pôde evitar gritar seu nome enquanto gozava.

— Nem um passo mais perto, — ele vociferou.



Darcy congelou. No meio da pequena clareira, o luar brilhava através das copas das árvores, prateando seu rosto e fazendo seus olhos brilharem de compaixão.

— Ela fez algo com você? É por isso que você é tão pudico? — Zeke suspirou e olhou para o céu. Ele poderia pensar em mil maneiras de silenciar essa mulher exasperante - algumas usando sua língua, algumas usando seu pênis.

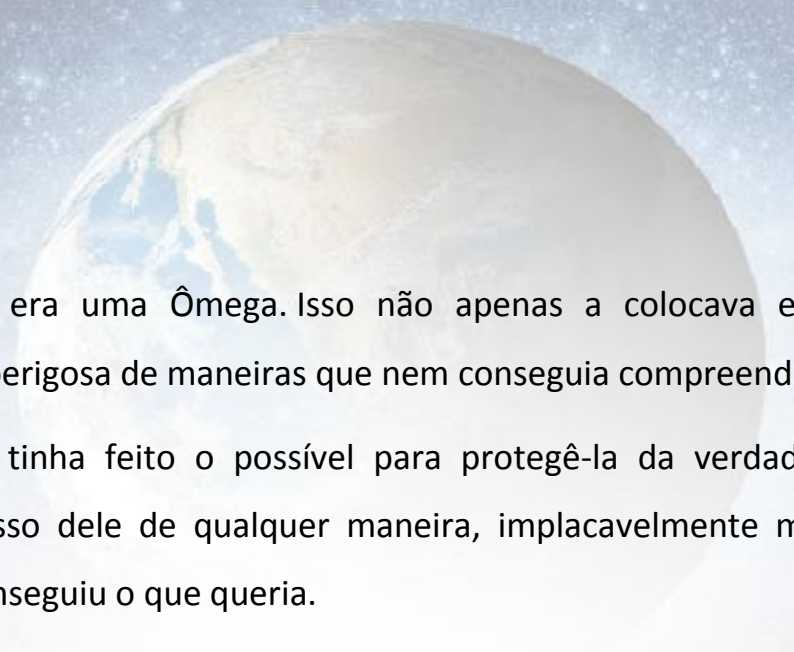
— Eu não sou um puritano. Eu pensei ter deixado isso claro quando disse que poderia te foder até o chão.

— É justo, — ela admitiu, embora ele pudesse dizer que ela não estava convencida. — Então é por isso que você não chega perto de mim? Porque você está preso a outra mulher que você não pode ter? Quero dizer... isso é meio fofo.

A voz dela assumiu uma qualidade sonhadora que Zeke não gostou nem um pouco.

— Não. É porque despertar minha primeira Ômega quase me custou tudo. Ela me apunhalou pelas costas, e prefiro me jogar de um maldito penhasco a passar por isso de novo.

Darcy pareceu assustada, seu sorriso desaparecendo. *Ótimo*. Ele estava finalmente conseguindo falar com ela. A última coisa que qualquer um deles precisava era que ela estivesse andando por aí com alguma fantasia tragicamente romântica em sua cabeça.



Ela era uma Ômega. Isso não apenas a colocava em perigo - a tornava perigosa de maneiras que nem conseguia compreender.

Ele tinha feito o possível para protegê-la da verdade. Mas ela arrancou isso dele de qualquer maneira, implacavelmente mantendo-o até que conseguiu o que queria.

Exatamente como Stephanie.

Zeke sentiu o lugar escuro acenando para ele, tentando puxá-lo para baixo novamente.

Não era a primeira vez. Inferno, não era nem a primeira vez neste mês. Havia apenas uma solução quando o mau humor vinha, deixando atrás de si promessas quebradas e memórias amargas - dormir bem e começar de novo amanhã. Era tudo o que podia fazer.

Ele se virou e se dirigiu para a casa, mas deu apenas alguns passos antes que Darcy o chamasse.

— Hum... Zeke?

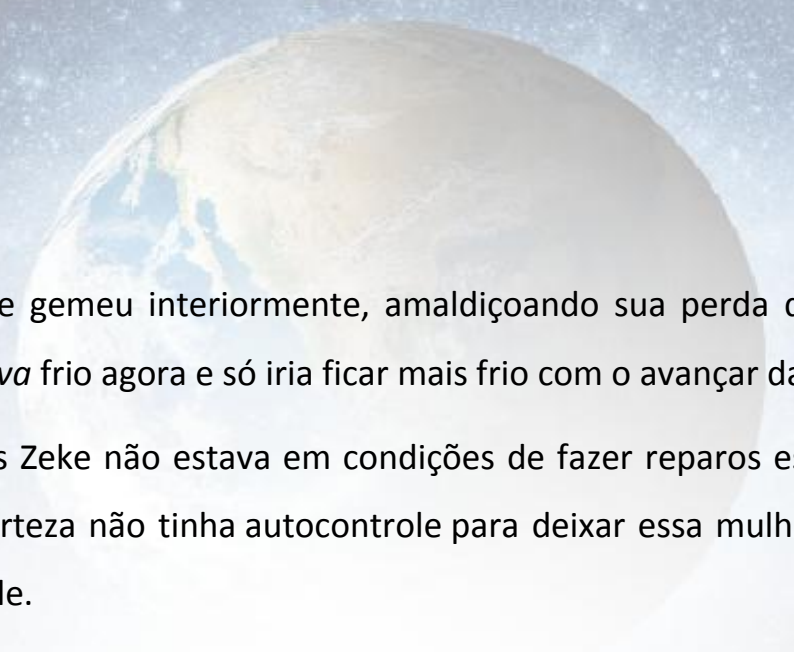
Ele se acalmou, seu corpo rígido, mas não se virou. — E agora?

— Está muito frio esta noite.

— Então?

— Você arrancou a porta do depósito.

Foda-se.



Zeke gemeu interiormente, amaldiçoando sua perda de controle antes. *Estava frio agora e só iria ficar mais frio com o avançar da noite.*

Mas Zeke não estava em condições de fazer reparos esta noite. E ele com certeza não tinha autocontrole para deixar essa mulher ficar em casa com ele.

— Tudo bem, — ele vociferou. — Você pode dormir dentro da casa esta noite e ficarei no depósito. Mas lembre-se de que posso sentir cada maldita coisa que você faz.

— Obrigada, — disse Darcy em voz baixa. Ela seguiu alguns passos atrás dele quando ele começou a se mover novamente. — E prometo que não farei barulho. Você nem vai saber que estou aqui.

Zeke rangeu os dentes.

Era tarde demais para isso.



CAPÍTULO 9

Darcy

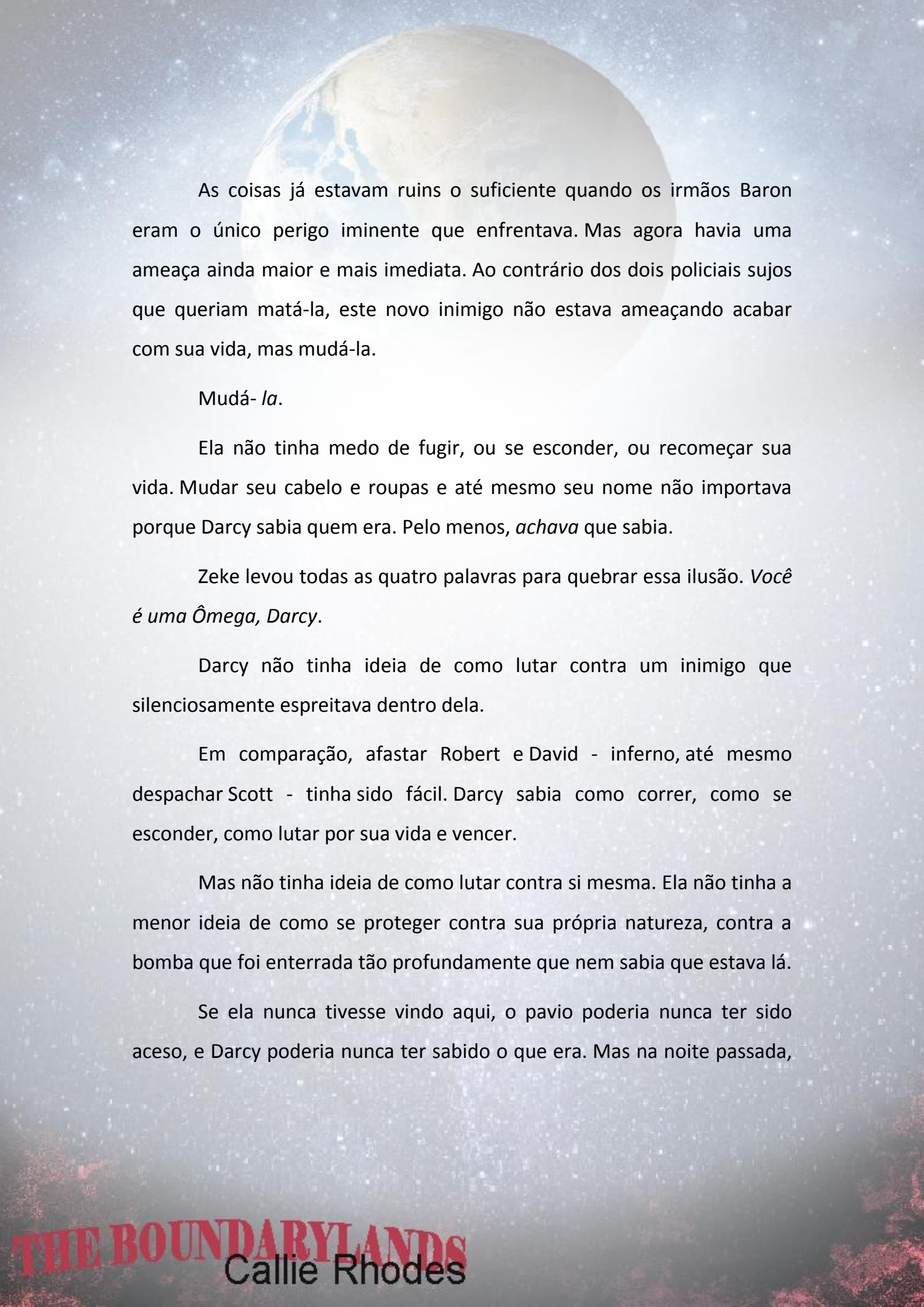
Em quase todas as manhãs de sua vida antes de vir para o Boundarylands, não importa o que estivesse fazendo ou o quanto tinha festejado antes de adormecer, Darcy acordava com a certeza de que tinha visto coisas muito mais estranhas no trabalho do que tudo o que tinha acontecido na noite anterior. Trabalhar na recepção de um departamento de polícia movimentado costumava fazer isso com uma pessoa.

Esta manhã, porém, não era esse o caso.

A noite passada foi o novo padrão ouro de noites estranhas, aquela pela qual todas as outras seriam julgadas.

Milagrosamente, Darcy conseguiu dormir um pouco, aninhada na enorme cadeira de couro em frente à lareira. Ela não queria arriscar dormir no andar de cima na cama de Zeke. De alguma forma, isso parecia muito íntimo. Além disso, aqui embaixo, as brasas do fogo não apenas a mantiveram aquecida. Elas também deram a ela a ilusão de segurança.

Mas na dura luz de um novo dia, a realidade bateu de volta com uma vingança, e Darcy não pensou que realmente se sentiria segura novamente.



As coisas já estavam ruins o suficiente quando os irmãos Baron eram o único perigo iminente que enfrentava. Mas agora havia uma ameaça ainda maior e mais imediata. Ao contrário dos dois policiais sujos que queriam matá-la, este novo inimigo não estava ameaçando acabar com sua vida, mas mudá-la.

Mudá- *la*.

Ela não tinha medo de fugir, ou se esconder, ou recomeçar sua vida. Mudar seu cabelo e roupas e até mesmo seu nome não importava porque Darcy sabia quem era. Pelo menos, *achava* que sabia.

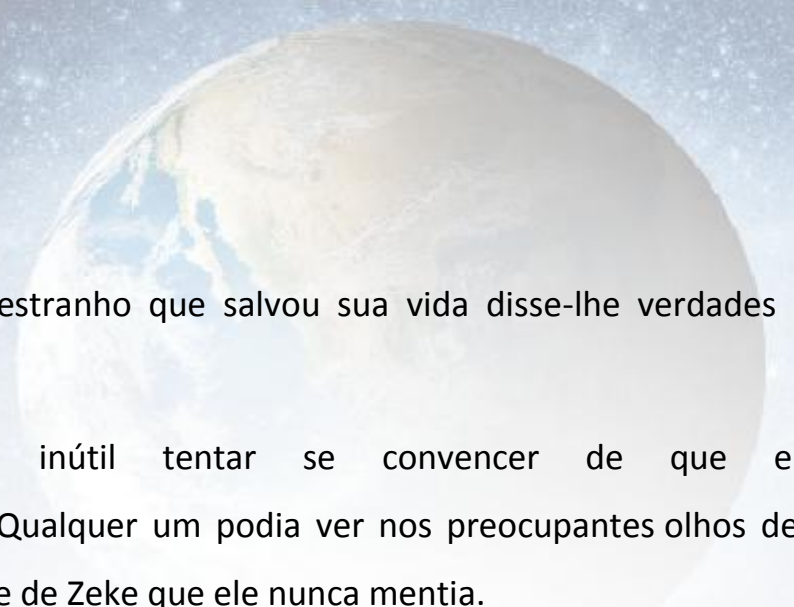
Zeke levou todas as quatro palavras para quebrar essa ilusão. *Você é uma Ômega, Darcy.*

Darcy não tinha ideia de como lutar contra um inimigo que silenciosamente espreitava dentro dela.

Em comparação, afastar Robert e David - inferno, até mesmo despachar Scott - tinha sido fácil. Darcy sabia como correr, como se esconder, como lutar por sua vida e vencer.

Mas não tinha ideia de como lutar contra si mesma. Ela não tinha a menor ideia de como se proteger contra sua própria natureza, contra a bomba que foi enterrada tão profundamente que nem sabia que estava lá.

Se ela nunca tivesse vindo aqui, o pavio poderia nunca ter sido aceso, e Darcy poderia nunca ter sabido o que era. Mas na noite passada,



o mesmo estranho que salvou sua vida disse-lhe verdades que só ele podia ver.

Era inútil tentar se convencer de que ele estava mentindo. Qualquer um podia ver nos preocupantes olhos de nuvem de tempestade de Zeke que ele nunca mentia.

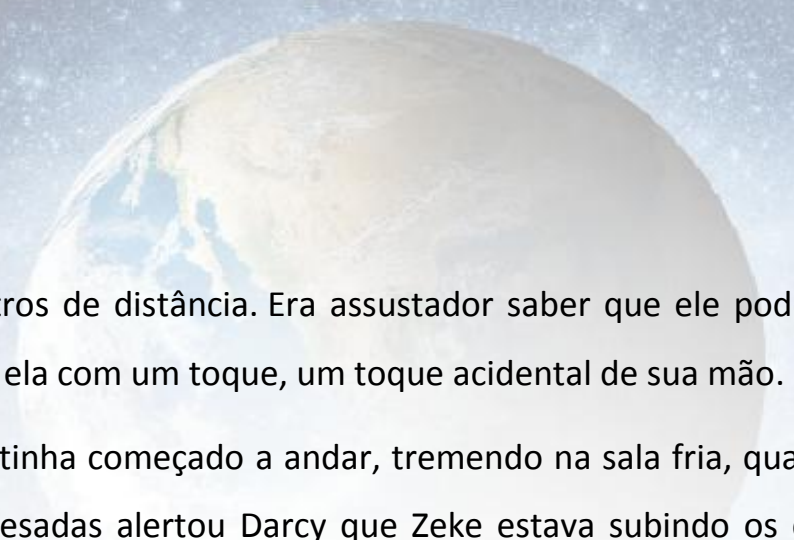
Olhando para trás, Darcy se sentia uma idiota por não descobrir isso antes.

Estava lá desde o início, desde a primeira vez que ela pôs os olhos nele - a estranha sensação de formigamento que começou baixo em seu corpo e se espalhou como um raio ao longo de cada nervo, queimando caminhos derretidos até os dedos das mãos e dos pés. Era como se as leis da física mudassem quando ele estava por perto. Ela era puxada em direção a ele como uma bússola para o norte verdadeiro.

Mesmo quando estava fugindo.

A sensação era sutil o suficiente para que pudesse negar... por um tempo. Mas agora que Darcy sabia a verdade, não conseguia se concentrar em mais nada. Como deveria ficar aqui na Boundarylands até que fosse seguro para ela voltar? Como deveria suportar dia após dia esse sentimento?

Mas os sentimentos eram uma coisa. Essa nova realidade física era outra. Darcy não tinha ideia de como iria evitar um Alfa que vivia a apenas



alguns metros de distância. Era assustador saber que ele poderia mudar tudo sobre ela com um toque, um toque acidental de sua mão.

Ela tinha começado a andar, tremendo na sala fria, quando o som de botas pesadas alertou Darcy que Zeke estava subindo os degraus da varanda.

— Vejo que você caiu em si — disse Zeke ao entrar na casa. — Ainda bem que você decidiu não decolar no meio da noite. Encontrei rastros de urso pardo perto da galpão de defumação.

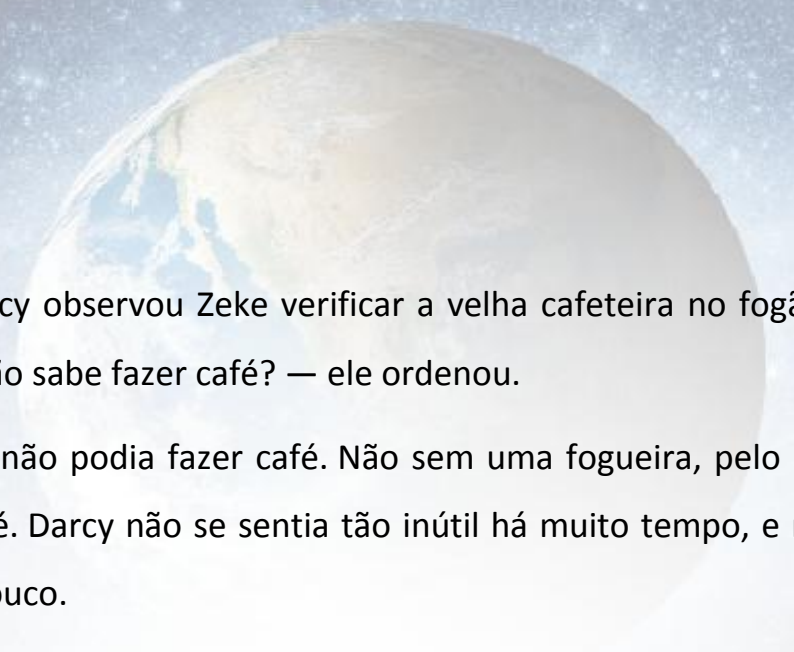
Rastros de urso pardo? Pelo amor de Deus, aquilo era o pior. Darcy levaria um tiroteio qualquer dia do que uma luta com um urso. Ela se perguntou se Zeke estava fodendo com ela.

— Você pode, por favor, acender o fogo de novo? Estou congelando, — disse ela, fazendo o possível para parecer imperturbável.

— Há muita madeira, — disse Zeke. — Construa você mesmo.

— Eu não sei como.

O olhar que deu a Darcy deixou claro que não gostava muito da desculpa dela. — Não é difícil. Faça um alpendre com gravetos, amasse um pouco de papel e enfie dentro, acenda e espere até que comece antes de adicionar quaisquer toras. Você pode trabalhar nisso enquanto eu conserto a porta do depósito de lenha.



Darcy observou Zeke verificar a velha cafeteira no fogão. — Você também não sabe fazer café? — ele ordenou.

Ela não podia fazer café. Não sem uma fogueira, pelo menos não um Sr. Café. Darcy não se sentia tão inútil há muito tempo, e não gostou nem um pouco.

Mas pior ainda era a maneira como ele estava olhando para ela, como se fosse o lobo grande e mau e ela estivesse lá com uma pequena capa vermelha. Não. Isso não estava certo - como se ela estivesse usando *apenas* aquela pequena capa vermelha.

De repente, Darcy sentiu uma onda de umidade quente entre as pernas. *Jesus*. Ela nunca tinha estado tão molhada, e ele nem mesmo a tocou.

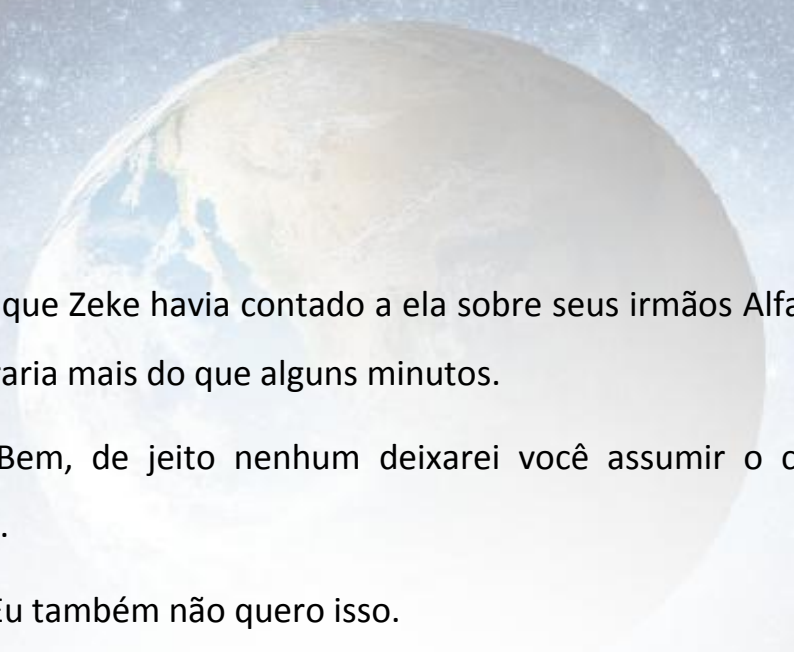
— Acho que não é uma boa ideia ficar mais tempo no seu depósito, — ela desabafou.

A expressão de Zeke mudou instantaneamente, o calor deixando seus olhos, seus ombros curvados em derrota.

— Então você não recobrou o juízo, afinal, — ele resmungou. — Você ainda quer ir embora.

— Deus, não.

Não havia nenhuma maneira de Darcy ser tola o suficiente para pensar que poderia fazer isso na Estrada Central a pé - entre os ursos



pardos e o que Zeke havia contado a ela sobre seus irmãos Alfa excitados, ela não duraria mais do que alguns minutos.

— Bem, de jeito nenhum deixarei você assumir o controle da minha casa.

— Eu também não quero isso.

— Então o que você quer? — ele perguntou com um tom perigoso em sua voz que desencadeou outro jorro embaraçoso.

— Quão longe se estende sua terra? — ela perguntou, tentando ignorar o fato de que suas calças estavam quase ensopadas.

— Oito quilômetros a oeste, — respondeu ele. — Mais três quilômetros ao norte e ao sul.

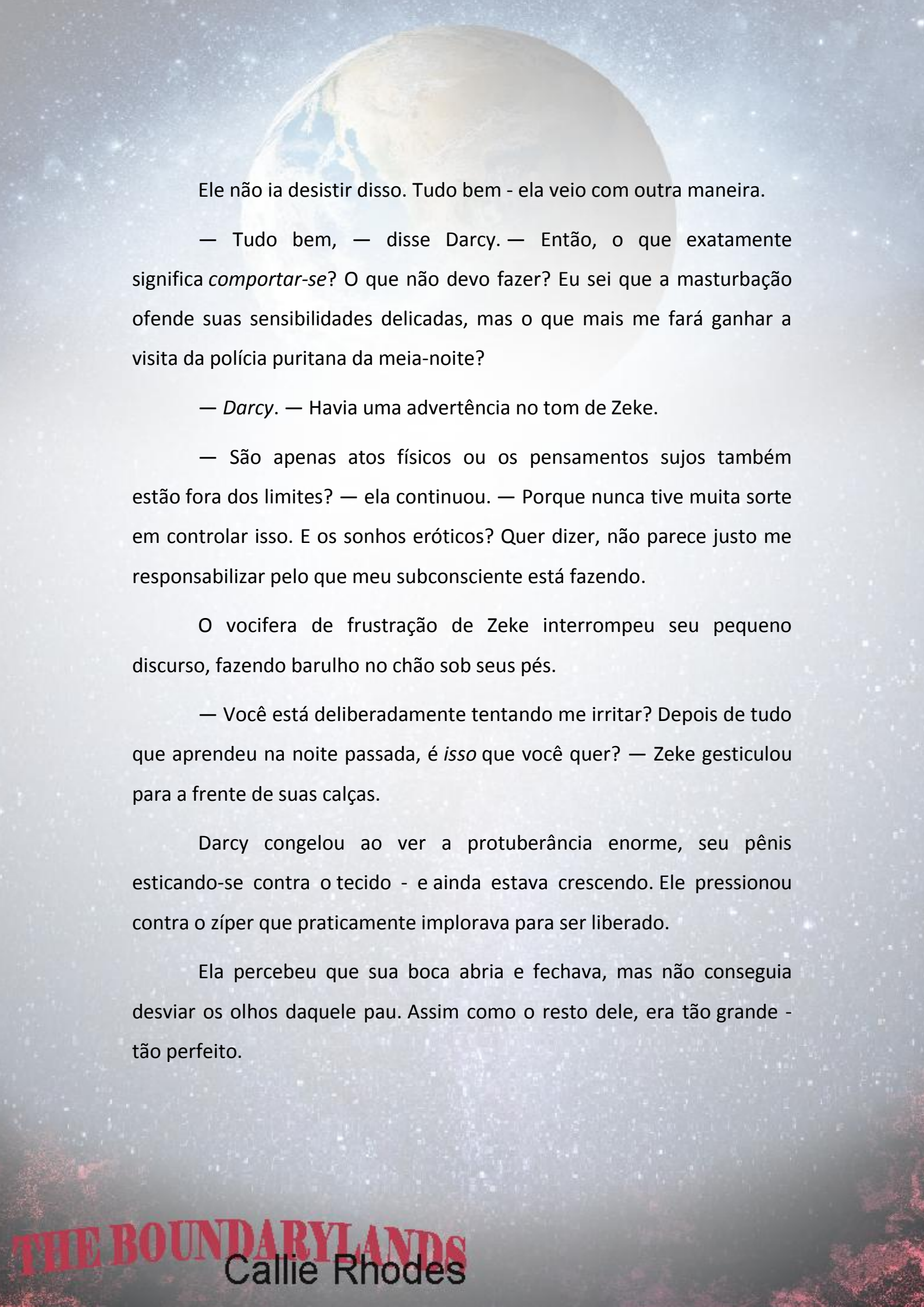
Mais de trinta e dois quilômetros quadradas. Isso soou como um amortecedor decente.

— Existem outras estruturas mais além nas bordas de sua terra?

— Além do galpão de fumo e do galpão de esfolia, não. Mas você está melhor no depósito de lenha.

— Mesmo? — Agora era a vez de Darcy ficar indignada. — Porque certamente não parecia *bem* ontem à noite quando você invadiu e arrancou a porta.

Zeke fez uma careta, sua boca se achatando em uma linha dura e implacável. — Contanto que todos se comportem, o depósito estará bem.



Ele não ia desistir disso. Tudo bem - ela veio com outra maneira.

— Tudo bem, — disse Darcy. — Então, o que exatamente significa *comportar-se*? O que não devo fazer? Eu sei que a masturbação ofende suas sensibilidades delicadas, mas o que mais me fará ganhar a visita da polícia puritana da meia-noite?

— *Darcy*. — Havia uma advertência no tom de Zeke.

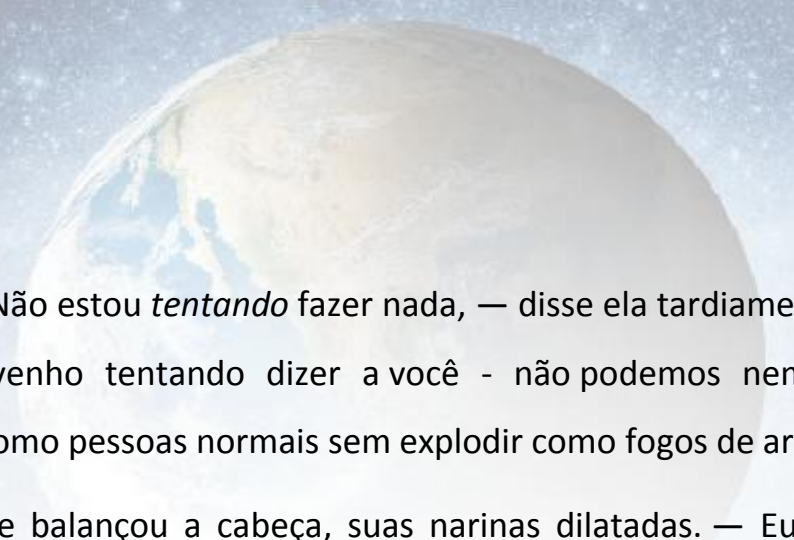
— São apenas atos físicos ou os pensamentos sujos também estão fora dos limites? — ela continuou. — Porque nunca tive muita sorte em controlar isso. E os sonhos eróticos? Quer dizer, não parece justo me responsabilizar pelo que meu subconsciente está fazendo.

O vocífera de frustração de Zeke interrompeu seu pequeno discurso, fazendo barulho no chão sob seus pés.

— Você está deliberadamente tentando me irritar? Depois de tudo que aprendeu na noite passada, é *isso* que você quer? — Zeke gesticulou para a frente de suas calças.

Darcy congelou ao ver a protuberância enorme, seu pênis esticando-se contra o tecido - e ainda estava crescendo. Ele pressionou contra o zíper que praticamente implorava para ser liberado.

Ela percebeu que sua boca abria e fechava, mas não conseguia desviar os olhos daquele pau. Assim como o resto dele, era tão grande - tão perfeito.



— Não estou *tentando* fazer nada, — disse ela tardiamente. — Isso é o que venho tentando dizer a você - não podemos nem ter uma conversa como pessoas normais sem explodir como fogos de artifício.

Zeke balançou a cabeça, suas narinas dilatadas. — Eu posso me controlar se você puder controlar sua boca - e manter suas mãos para você.

Droga. Qual deles estava sendo teimoso agora? — Mas por quanto tempo? Quanto tempo demorará para consertar meu carro?

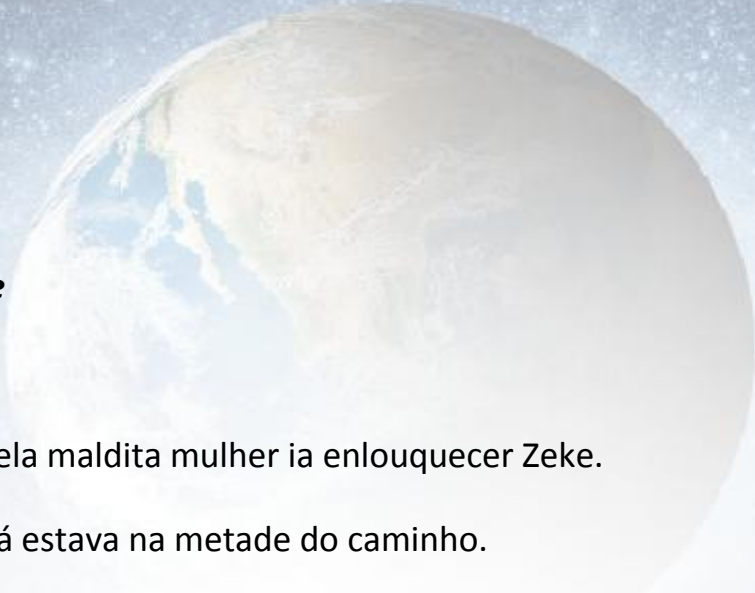
O canto da boca de Zeke se torceu em um sorriso de escárnio. — Um mês pelo menos, talvez mais.

Um mês?

— Merda, Ezequiel, — disse ela, com a voz trêmula. — Nós nem duramos vinte e quatro horas. O que acontecerá da próxima vez que um de nós não conseguir se controlar? Ou na próxima vez? Ou na próxima...

— *Chega!* — Seu grito ecoou pela casa, sacudindo as paredes e janelas, fazendo Darcy pular. — Não haverá próxima vez.

Era bastante óbvio que a conversa acabou. As palavras de Zeke pairaram no ar quando ele se virou e saiu pela porta.



Zeke

Aquela maldita mulher ia enlouquecer Zeke.

Ele já estava na metade do caminho.

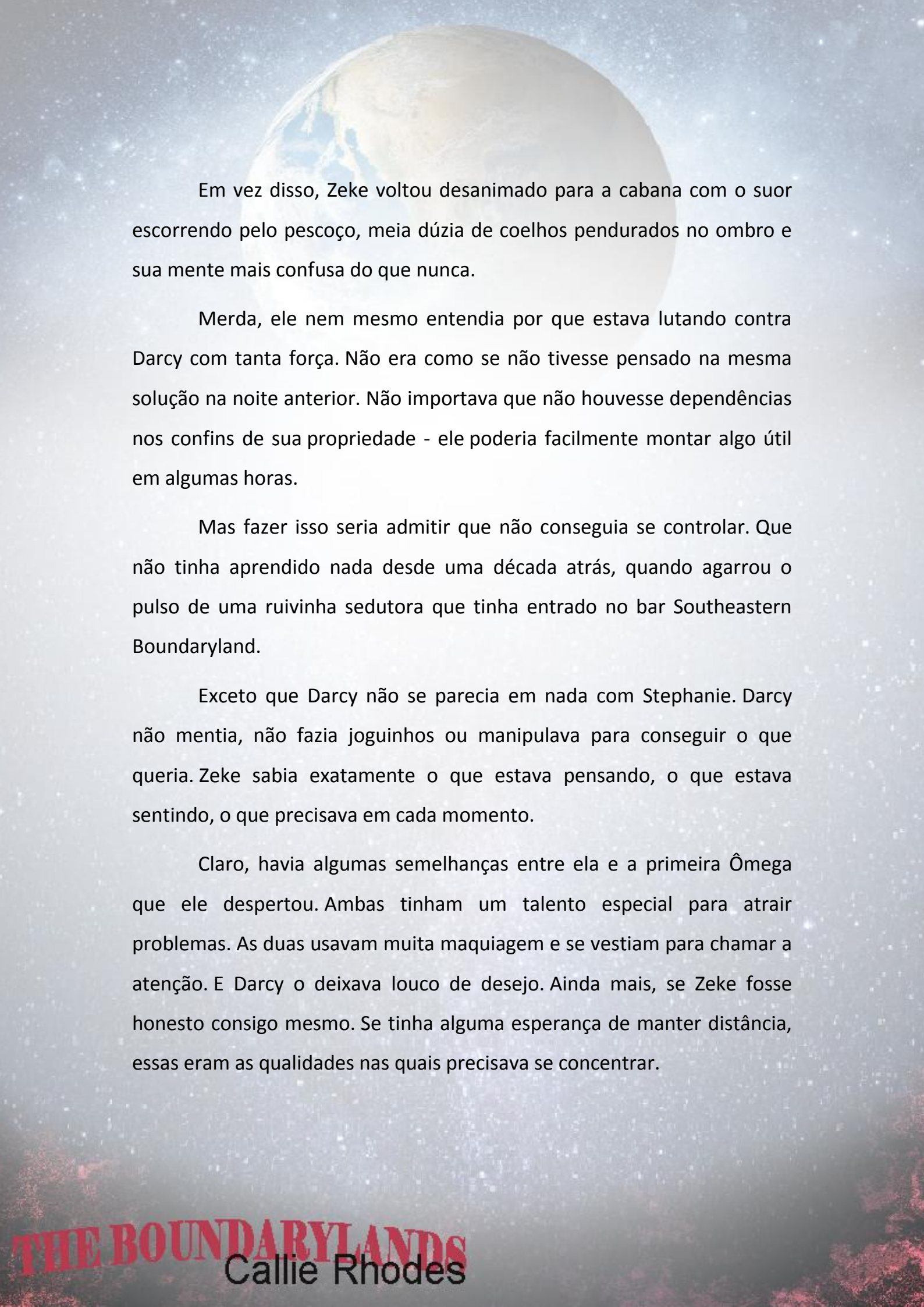
Fazia quatro horas desde que saiu de casa, e ainda estava queimando de raiva e luxúria insatisfeita. Não importava quanto tempo ou distância caminhasse em sua propriedade. Não importava quantas armadilhas checasse.

Nada esfriava o fogo em suas veias.

Zeke considerou caminhar novamente até Green Lake e dar um mergulho rápido. Depois das temperaturas da noite anterior, a água deveria estar fria o suficiente para apagar o fogo e murchar suas bolas.

Mas abandonou rapidamente a ideia. Não valia a pena correr o risco de Darcy enfiar na cabeça a ideia de tomar banho e colocá-lo novamente na água.

Foi incrivelmente difícil resistir à tentação de arrastá-la para o lago com ele da última vez e tomá-la ali mesmo. E depois de sua acalorada discussão esta manhã, Zeke temeu que desta vez fosse totalmente impossível. Inferno, a memória de sua boquinha doce xingando como uma caminhoneira o deixou duro de novo.



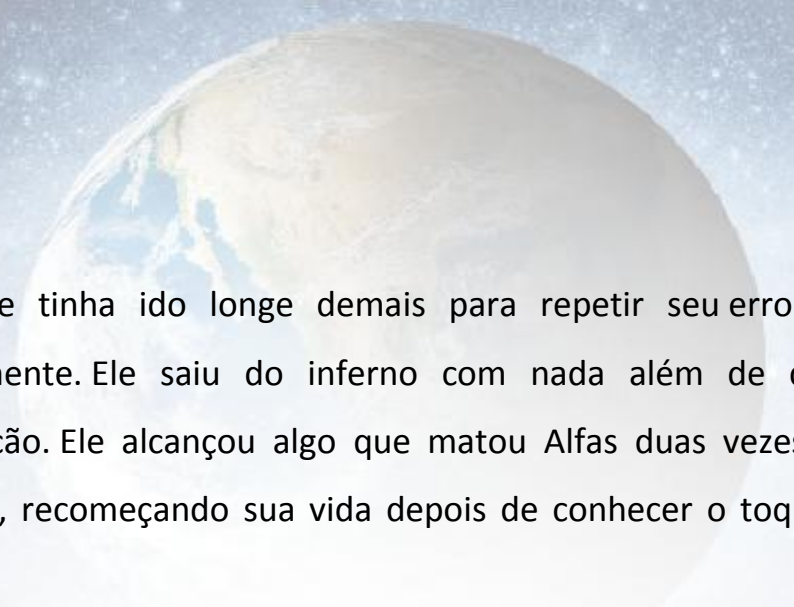
Em vez disso, Zeke voltou desanimado para a cabana com o suor escorrendo pelo pescoço, meia dúzia de coelhos pendurados no ombro e sua mente mais confusa do que nunca.

Merda, ele nem mesmo entendia por que estava lutando contra Darcy com tanta força. Não era como se não tivesse pensado na mesma solução na noite anterior. Não importava que não houvesse dependências nos confins de sua propriedade - ele poderia facilmente montar algo útil em algumas horas.

Mas fazer isso seria admitir que não conseguia se controlar. Que não tinha aprendido nada desde uma década atrás, quando agarrou o pulso de uma ruivinha sedutora que tinha entrado no bar Southeastern Boundaryland.

Exceto que Darcy não se parecia em nada com Stephanie. Darcy não mentia, não fazia joguinhos ou manipulava para conseguir o que queria. Zeke sabia exatamente o que estava pensando, o que estava sentindo, o que precisava em cada momento.

Claro, havia algumas semelhanças entre ela e a primeira Ômega que ele despertou. Ambas tinham um talento especial para atrair problemas. As duas usavam muita maquiagem e se vestiam para chamar a atenção. E Darcy o deixava louco de desejo. Ainda mais, se Zeke fosse honesto consigo mesmo. Se tinha alguma esperança de manter distância, essas eram as qualidades nas quais precisava se concentrar.



Zeke tinha ido longe demais para repetir seu erro - literal e figurativamente. Ele saiu do inferno com nada além de coragem e determinação. Ele alcançou algo que matou Alfas duas vezes tão forte quanto ele, recomeçando sua vida depois de conhecer o toque de uma Ômega.

Stephanie o tinha deslumbrado, montado em seu pênis, recebido seu nó... e então dado sua mordida reivindicativa para outra pessoa.

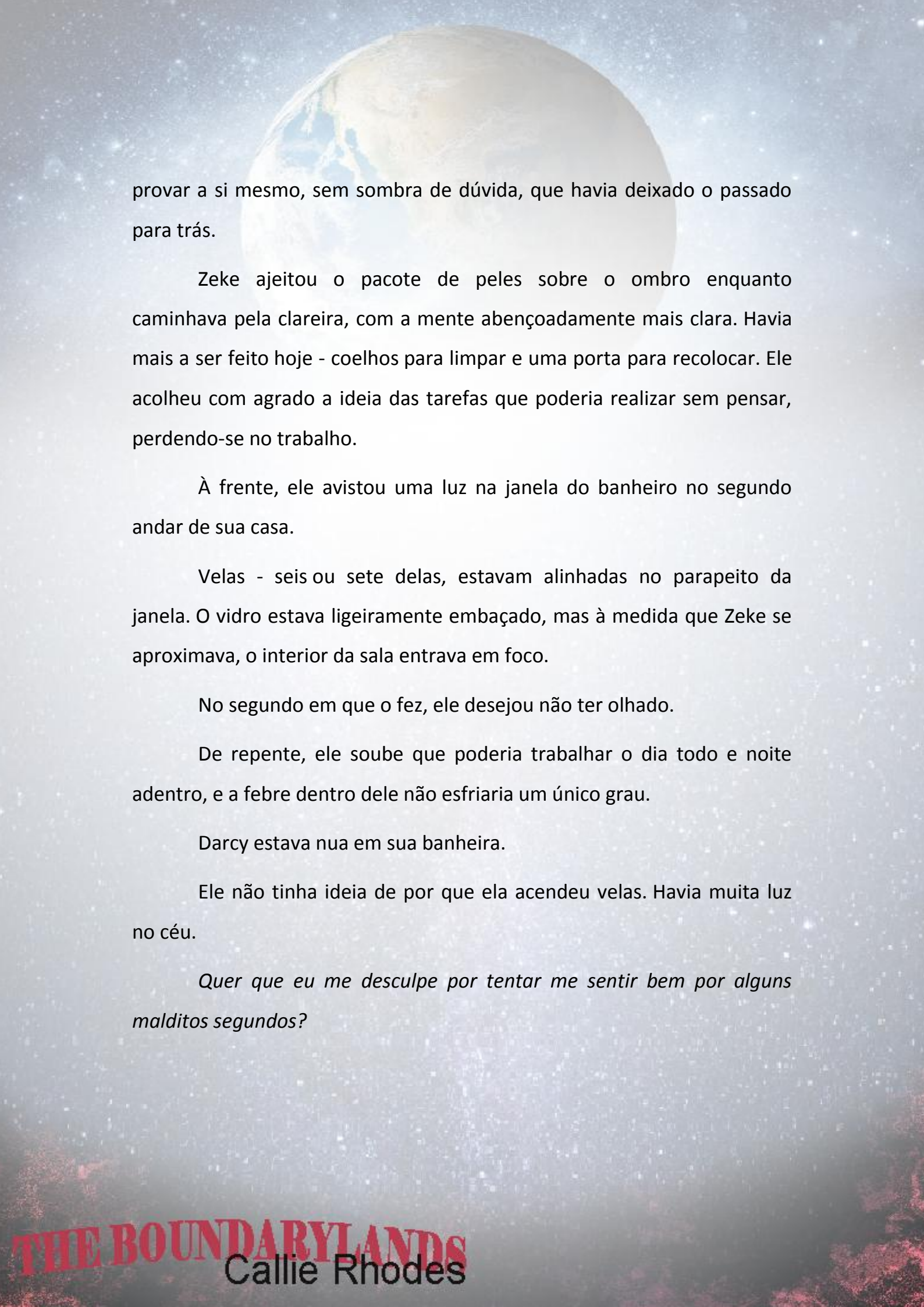
Os cabelos da nuca de Zeke se arrepiaram com a lembrança. Os fragmentos que sobraram de sua traição há muito tempo ameaçaram cavar em seu coração novamente.

Zeke parou na beira da clareira, olhando para o belo vale onde ele lentamente recuperou sua vida. No início, esperava morrer aqui de dor - e estava bem com isso.

Não mais.

Zeke não estava disposto a sofrer aquele destino novamente. Ele foi derretido pela dor e reformado com algo novo. Estava mais forte agora - forte o suficiente para transformar aquela velha dor vergonhosa em pó.

Ele encheu os pulmões com ar com cheiro de trevo, sabendo que não havia uma força na Terra que pudesse colocá-lo de joelhos novamente. Para provar isso, suportaria o próximo mês com uma Ômega intocada a poucos metros de sua porta. Essa era a única maneira de



provar a si mesmo, sem sombra de dúvida, que havia deixado o passado para trás.

Zeke ajeitou o pacote de peles sobre o ombro enquanto caminhava pela clareira, com a mente abençoadamente mais clara. Havia mais a ser feito hoje - coelhos para limpar e uma porta para recolocar. Ele acolheu com agrado a ideia das tarefas que poderia realizar sem pensar, perdendo-se no trabalho.

À frente, ele avistou uma luz na janela do banheiro no segundo andar de sua casa.

Velas - seis ou sete delas, estavam alinhadas no parapeito da janela. O vidro estava ligeiramente embaçado, mas à medida que Zeke se aproximava, o interior da sala entrava em foco.

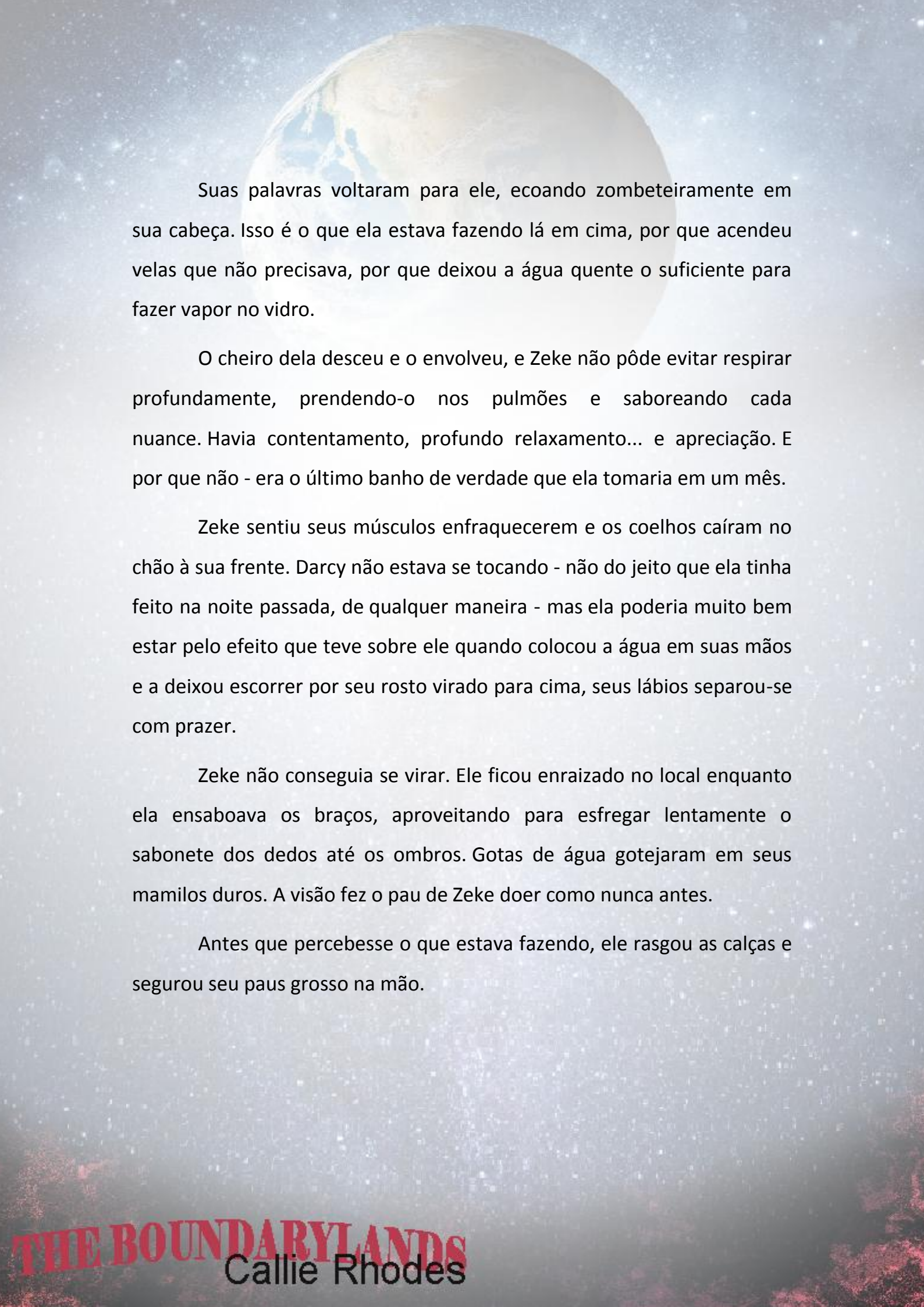
No segundo em que o fez, ele desejou não ter olhado.

De repente, ele soube que poderia trabalhar o dia todo e noite adentro, e a febre dentro dele não esfriaria um único grau.

Darcy estava nua em sua banheira.

Ele não tinha ideia de por que ela acendeu velas. Havia muita luz no céu.

Quer que eu me desculpe por tentar me sentir bem por alguns malditos segundos?



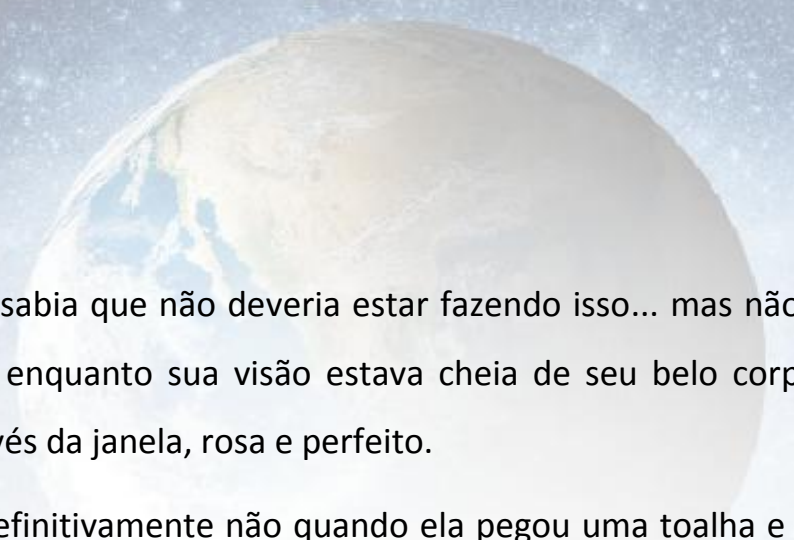
Suas palavras voltaram para ele, ecoando zombeteiramente em sua cabeça. Isso é o que ela estava fazendo lá em cima, por que acendeu velas que não precisava, por que deixou a água quente o suficiente para fazer vapor no vidro.

O cheiro dela desceu e o envolveu, e Zeke não pôde evitar respirar profundamente, prendendo-o nos pulmões e saboreando cada nuance. Havia contentamento, profundo relaxamento... e apreciação. E por que não - era o último banho de verdade que ela tomaria em um mês.

Zeke sentiu seus músculos enfraquecerem e os coelhos caíram no chão à sua frente. Darcy não estava se tocando - não do jeito que ela tinha feito na noite passada, de qualquer maneira - mas ela poderia muito bem estar pelo efeito que teve sobre ele quando colocou a água em suas mãos e a deixou escorrer por seu rosto virado para cima, seus lábios separou-se com prazer.

Zeke não conseguia se virar. Ele ficou enraizado no local enquanto ela ensaboava os braços, aproveitando para esfregar lentamente o sabonete dos dedos até os ombros. Gotas de água gotejaram em seus mamilos duros. A visão fez o pau de Zeke doer como nunca antes.

Antes que percebesse o que estava fazendo, ele rasgou as calças e segurou seu paus grosso na mão.



Ele sabia que não deveria estar fazendo isso... mas não conseguia parar, não enquanto sua visão estava cheia de seu belo corpo em foco suave através da janela, rosa e perfeito.

E definitivamente não quando ela pegou uma toalha e começou a acariciar seu corpo com ela, arrastando-a lentamente por sua barriga, até que desaparecia de vista entre suas coxas, sua visão obscurecida pela banheira.

A essa altura, já era tarde demais.

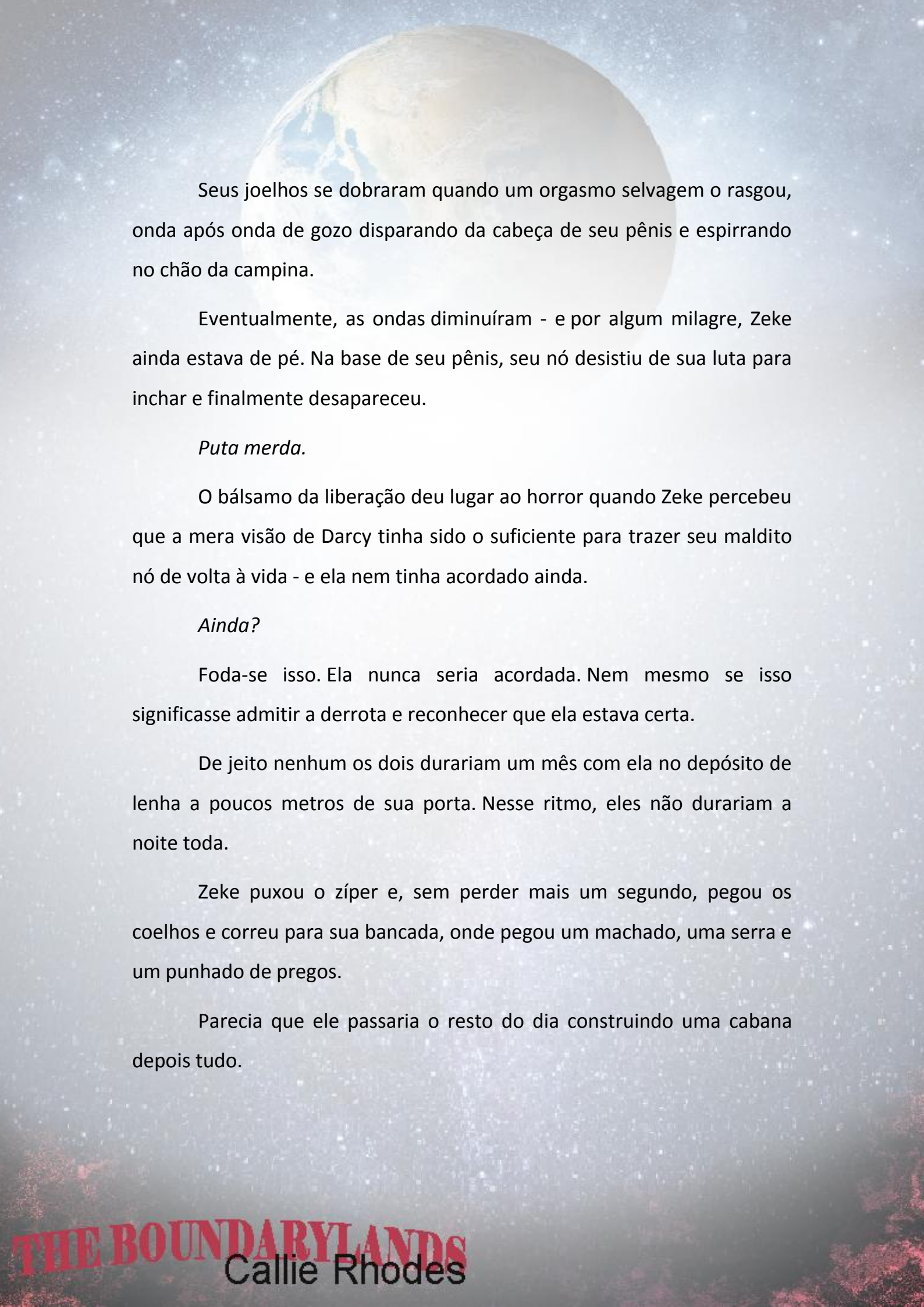
Zeke estava perdido. Ele acariciou-se com a brutalidade crua que se acumulou ao longo de dez anos. Sua necessidade assumiu, enchendo sua mente com a imaginação de como seria afundar seu pênis dentro dela.

Para sentir sua umidade fluindo entre eles. Estendendo a mão, tocá-la e saboreá-la. Senti-la se perder... se perder dentro dela.

Sim. Foda-se, *sim*.

As bolas de Zeke se contraíram. Seu pênis tenso com a necessidade. Ele fechou os olhos e sentiu uma pressão crescendo profundamente na base de seu eixo - uma pressão que não sentia há anos.

Dez anos para ser exato.



Seus joelhos se dobraram quando um orgasmo selvagem o rasgou, onda após onda de gozo disparando da cabeça de seu pênis e espirrando no chão da campina.

Eventualmente, as ondas diminuíram - e por algum milagre, Zeke ainda estava de pé. Na base de seu pênis, seu nó desistiu de sua luta para inchar e finalmente desapareceu.

Putá merda.

O bálsamo da liberação deu lugar ao horror quando Zeke percebeu que a mera visão de Darcy tinha sido o suficiente para trazer seu maldito nó de volta à vida - e ela nem tinha acordado ainda.

Ainda?

Foda-se isso. Ela nunca seria acordada. Nem mesmo se isso significasse admitir a derrota e reconhecer que ela estava certa.

De jeito nenhum os dois durariam um mês com ela no depósito de lenha a poucos metros de sua porta. Nesse ritmo, eles não durariam a noite toda.

Zeke puxou o zíper e, sem perder mais um segundo, pegou os coelhos e correu para sua bancada, onde pegou um machado, uma serra e um punhado de pregos.

Parecia que ele passaria o resto do dia construindo uma cabana depois tudo.



CAPÍTULO 10

Darcy

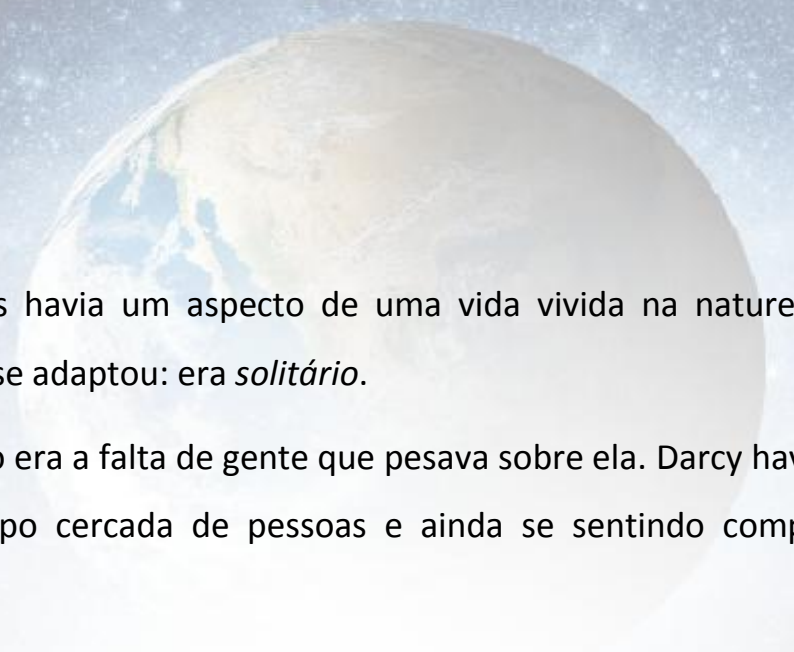
Cerca de três semanas depois de chegar em Boundarylands, Darcy tinha que admitir que viver no meio da floresta não era tão ruim.

A pequena estrutura quadrada que Zeke construiu para ela na extremidade oeste de suas terras perto de uma nascente natural era confortável e segura. Tinha uma pequena varanda e prateleiras para seus pertences, bem como uma janela que dava para as montanhas ao longe. Ele até carregou a cama para ela.

Darcy tinha tudo de que precisava. Zeke deixava comida todas as manhãs antes dela acordar, e ela havia se acostumado a usar uma lanterna para iluminar e lavar roupas e pratos na fonte.

No início, foi difícil se acostumar com o silêncio. Tendo passado toda a sua vida até agora morando na cidade, o silêncio era perturbador. O céu noturno a assustou também, cheio de mais estrelas do que Darcy jamais imaginou que existisse. Por uma semana inteira, ela teria dado qualquer coisa por um único poste ou letreiro de néon.

Mas agora gostava da paz de estar deitada na escuridão, o único som que as criaturas da floresta ocasionalmente mexiam, ou a brisa farfalhando nas árvores do lado de fora de sua janela.



Mas havia um aspecto de uma vida vivida na natureza ao qual Darcy não se adaptou: era *solitário*.

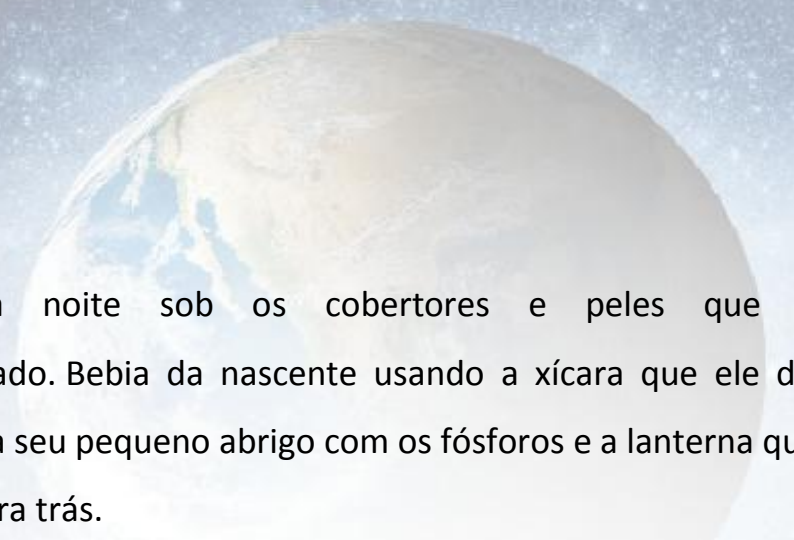
Não era a falta de gente que pesava sobre ela. Darcy havia passado muito tempo cercada de pessoas e ainda se sentindo completamente sozinha.

Mas esta era uma verdadeira solidão. Do nascer ao pôr do sol, ela não tinha nada além de seus próprios pensamentos como companhia e nenhuma distração para distraí-los. À medida que os dias passavam sem nada para fazer, para onde ir e sem ninguém para conversar, Darcy estava aprendendo coisas sobre si mesma que nunca tinha percebido antes.

Algumas dessas coisas não eram tão ruins. Por exemplo, agora Darcy sabia que poderia fechar os olhos e repetir seu filme favorito em sua mente. Ou que, à medida que avançava cada vez mais longe em suas caminhadas, poderia marcar seu caminho através do que antes pareciam ser árvores idênticas e encontrar o caminho de volta.

Mas outras realizações eram mais difíceis de aceitar. O mais desanimador era que, apesar de ter trabalhado duro a vida inteira para ser totalmente independente, Darcy foi forçada a admitir que não havia como sobreviver aqui sozinha.

Claro, ela poderia andar por quilômetros sem o medo que sentiu uma vez na floresta, mas ainda confiava na comida que Zeke deixava do lado de fora de sua porta todas as manhãs antes que acordasse. Ela se



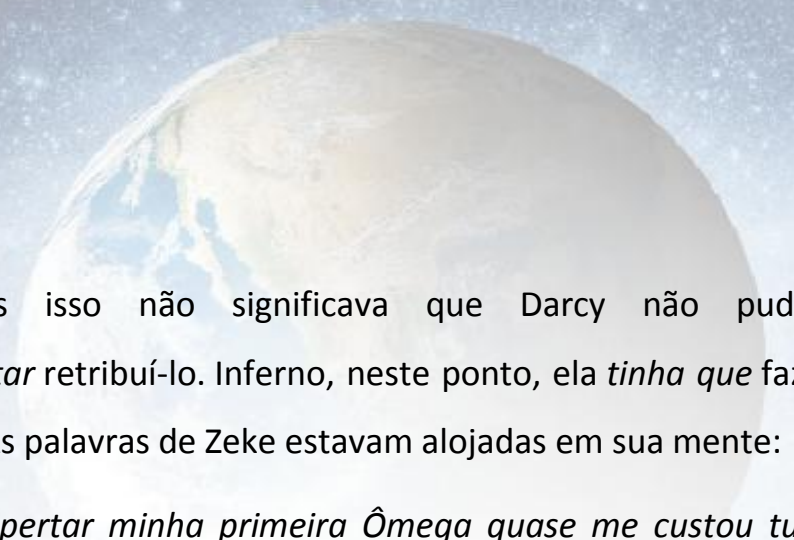
aquecia à noite sob os cobertores e peles que ele havia providenciado. Bebia da nascente usando a xícara que ele deu a ela e esquentava seu pequeno abrigo com os fósforos e a lanterna que ele havia deixado para trás.

Com tudo isso, Darcy poderia ficar em paz. Não era tão diferente de depender da loja da esquina para seu café em casa.

O que era mais difícil de aceitar era que sem a ajuda de Zeke - sem o lugar para se esconder que ele havia fornecido a ela e o conhecimento reconfortante de que ele poderia acabar com qualquer Beta estúpido o suficiente para invadir suas terras - ela estaria indefesa contra os bastardos que a queriam morta.

Darcy se orgulhava de fazer seu próprio caminho no mundo, mas agora tinha acumulado tantas dívidas que não achava que seria capaz de saldá-las.

E não tinha ideia de como faria isso, mesmo se pudesse. O que um Alfa como Zeke, que negociava pelas poucas coisas que não podia construir, caçar ou cultivar sozinho, consideraria de pagamento? Não era como se houvesse algum tipo de taxa de câmbio padrão aqui em Boundarylands - nada mais que três peles e uma garrafa de uísque para alugar uma cabana.



Mas isso não significava que Darcy não pudesse pelo menos *tentar* retribuí-lo. Inferno, neste ponto, ela *tinha que* fazer, ou não teria paz. As palavras de Zeke estavam alojadas em sua mente:

Despertar minha primeira Ômega quase me custou tudo. Ela me apunhalou pelas costas, e prefiro me jogar de um maldito penhasco do que passar por aquilo de novo.

Ela podia ouvi-lo dizer isso todas as noites quando fechava os olhos e tentava dormir.

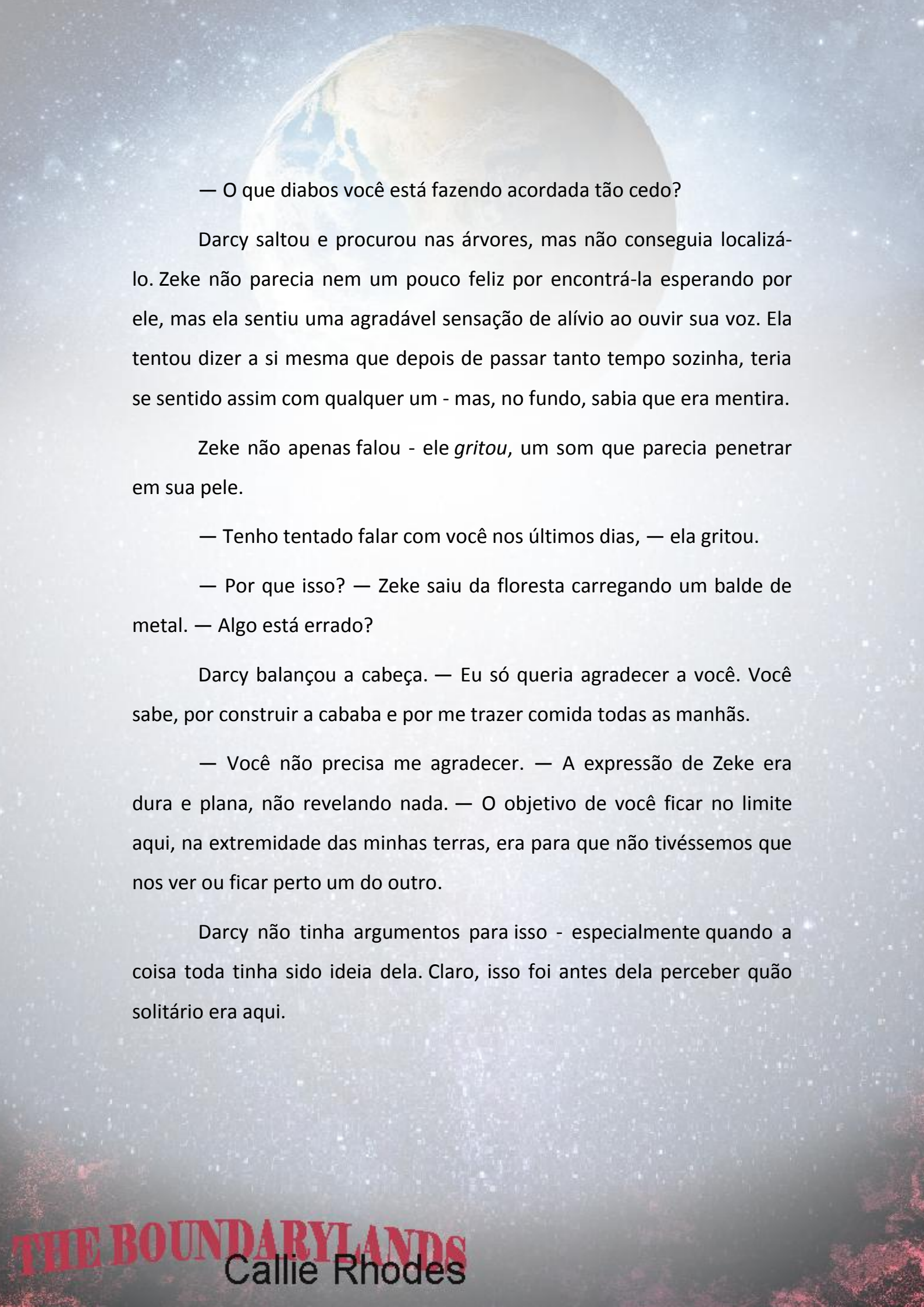
Ela não era nenhuma das coisas daquela lista. Ela não era egoísta. Não era uma traidora. E *nunca* seria uma Ômega.

Enquanto Darcy dependesse da hospitalidade de Zeke, ela mostraria sua gratidão com ações e também com palavras.

Nos últimos dias, ela tinha tentado pegá-lo enquanto ele deixava sua comida durante o dia, mas de alguma forma o Alfa gigante se movia tão silenciosamente que nunca o ouviu.

Foi por isso que hoje, Darcy estava de pé ao raiar do dia, aninhada sob um cobertor de pele grosso na pequena varanda. Sua respiração era visível no ar frio da manhã, embora fosse março.

Ela estava esperando pelo que parecia uma eternidade, respirando o cheiro agradável de madeira fresca, mas o sol ainda não havia rompido o horizonte. Ela estava puxando o cobertor com mais força em torno de si quando a voz familiar de Zeke veio de algum lugar na floresta.



— O que diabos você está fazendo acordada tão cedo?

Darcy saltou e procurou nas árvores, mas não conseguia localizá-lo. Zeke não parecia nem um pouco feliz por encontrá-la esperando por ele, mas ela sentiu uma agradável sensação de alívio ao ouvir sua voz. Ela tentou dizer a si mesma que depois de passar tanto tempo sozinha, teria se sentido assim com qualquer um - mas, no fundo, sabia que era mentira.

Zeke não apenas falou - ele *gritou*, um som que parecia penetrar em sua pele.

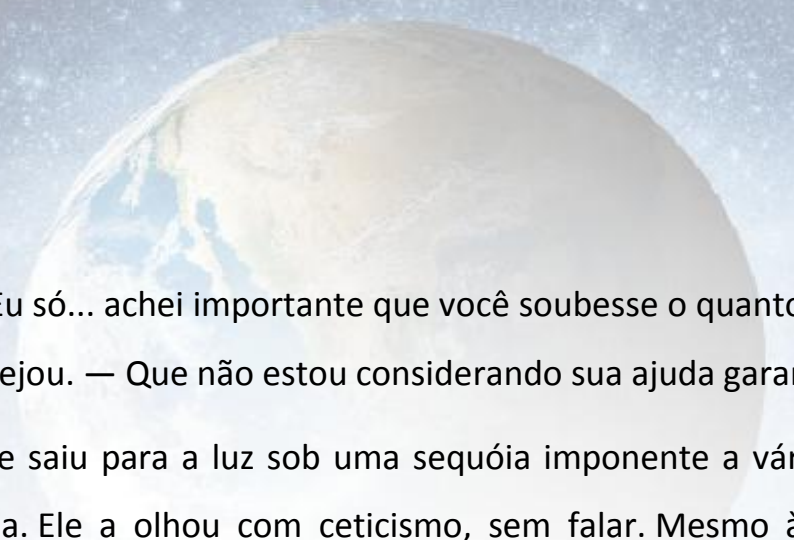
— Tenho tentado falar com você nos últimos dias, — ela gritou.

— Por que isso? — Zeke saiu da floresta carregando um balde de metal. — Algo está errado?

Darcy balançou a cabeça. — Eu só queria agradecer a você. Você sabe, por construir a cabana e por me trazer comida todas as manhãs.

— Você não precisa me agradecer. — A expressão de Zeke era dura e plana, não revelando nada. — O objetivo de você ficar no limite aqui, na extremidade das minhas terras, era para que não tivéssemos que nos ver ou ficar perto um do outro.

Darcy não tinha argumentos para isso - especialmente quando a coisa toda tinha sido ideia dela. Claro, isso foi antes dela perceber quão solitário era aqui.



— Eu só... achei importante que você soubesse o quanto sou grata,
— ela gaguejou. — Que não estou considerando sua ajuda garantida.

Zeke saiu para a luz sob uma sequóia imponente a vários metros de distância. Ele a olhou com ceticismo, sem falar. Mesmo à distância, Darcy podia sentir a intensidade de seu olhar.

— Você está faminta por companhia, — disse ele finalmente. — Você não está acostumada com isso.

Darcy ignorou seu julgamento. — Ambos podem ser verdade, você sabe. Já se passaram três semanas, afinal.

Ele bufou. — Experimente dez anos de solidão e depois me diga.

— Dez *anos*? — Darcy ficou surpresa. — Isso é...

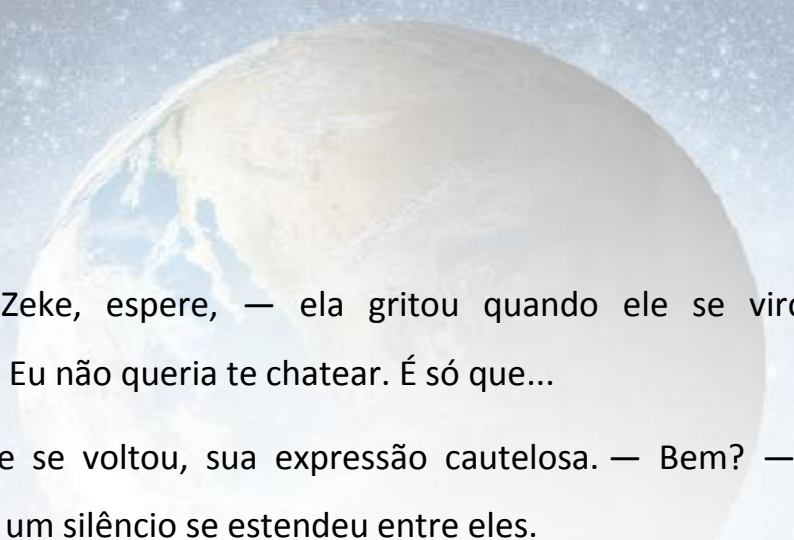
— Patético?

— Infeliz, — ela rebateu. — Mas e quanto ao seu tempo com a Ômega?

— Tudo bem, — Zeke concedeu, tirando a comida do balde e colocando-a a seus pés. — Dez anos menos seis dias.

Darcy ficou ainda mais surpresa. — Você só ficou com ela por seis dias?

— Isso foi o suficiente, acredite em mim. Aqui está sua comida do dia. Faça-me um favor e não se preocupe em levantar cedo para outra dessas conversas amanhã.



— Zeke, espere, — ela gritou quando ele se virou para ir embora. — Eu não queria te chatear. É só que...

Zeke se voltou, sua expressão cautelosa. — Bem? — ele exigiu depois que um silêncio se estendeu entre eles.

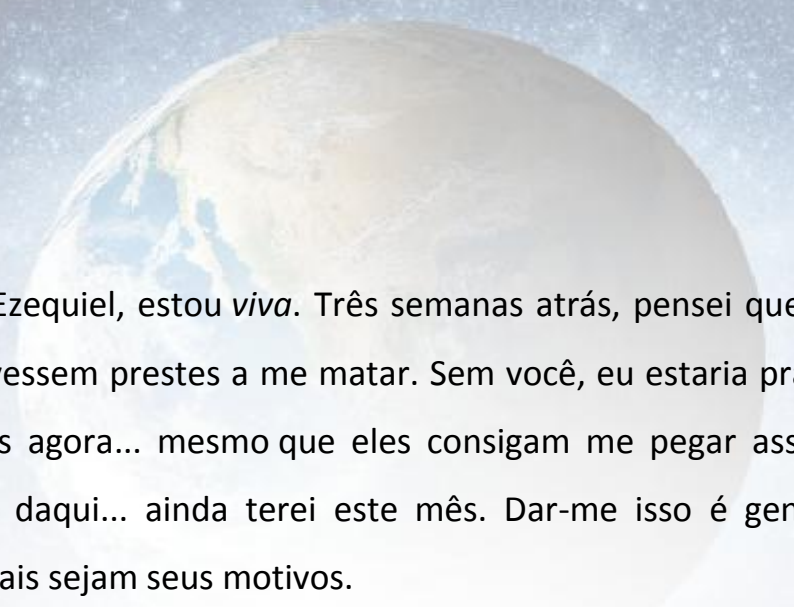
Darcy estava lutando para encontrar as palavras certas. *Foda-se*, ela pensou... ela poderia muito bem ir com a verdade.

— Eu sei que falo muita coisa errada, — disse ela, falando rápido. — Eu falo muito alto, sou muito direta e... muito. E entendo que você não gosta de mim, e tudo bem. Muitas pessoas não gostam. Mas eu quero que você saiba que agradeço tudo o que você está fazendo por mim e estou preocupada em nunca ser capaz de retribuir a sua gentileza.

A única resposta de Zeke foi olhar para ela, sua expressão escurecendo. Darcy resistiu ao desejo de se remexer sob a força de seu olhar.

— Isso não é gentileza, Darcy, — ele finalmente disse. — Você está morando em uma cabana sozinha no meio da selva comendo comida do dia anterior, tudo para que eu não ceda à tentação de te jogar no chão e enterrar meu pau dentro de você.

Darcy se perguntou se ele estava tentando chocá-la para deixá-lo sozinho. Ele não podia realmente acreditar que ela não entendia a situação... podia?



— Ezequiel, estou *viva*. Três semanas atrás, pensei que os irmãos Baron estivessem prestes a me matar. Sem você, eu estaria praticamente morta. Mas agora... mesmo que eles consigam me pegar assim que eu dirigir fora daqui... ainda terei este mês. Dar-me isso é gentileza, não importa quais sejam seus motivos.

Outro silêncio pesado caiu entre eles. Darcy esperou, desejando que soubesse o que estava pensando.

— Para onde você vai depois disso? — Zeke finalmente perguntou, sua voz rouca.

— Leste. Talvez Illinois ou Ohio. Um lugar grande o suficiente para que eu possa me misturar, mas não tão grande que os irmãos Baron pensem em me procurar lá.

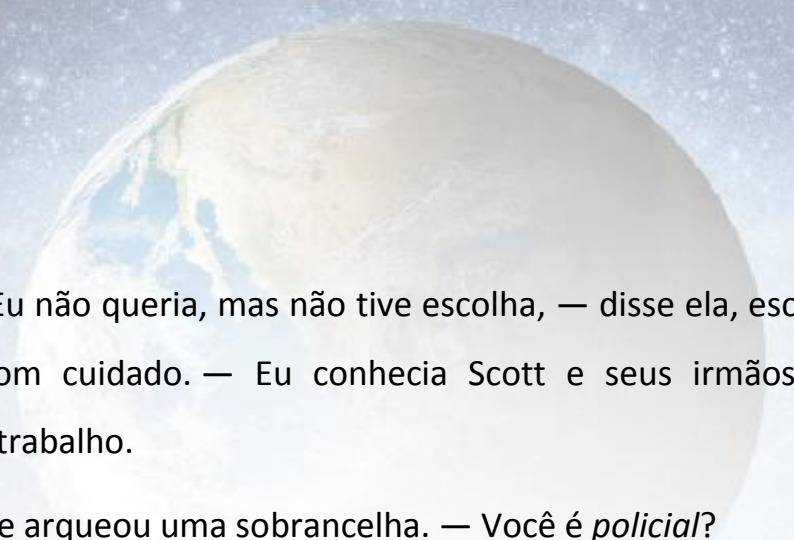
— Quanto tempo você acha que eles vão continuar procurando por você?

— Para sempre. — ela hesitou. — Se alguém matasse seu irmão, você desistiria da caçada?

— Não.

— Nem eles.

Zeke pareceu refletir por um momento. — Por que você fez isso?... matou o irmão deles?



— Eu não queria, mas não tive escolha, — disse ela, escolhendo as palavras com cuidado. — Eu conhecia Scott e seus irmãos há muito tempo, do trabalho.

Zeke arqueou uma sobrancelha. — Você é *policia*l?

— Dificilmente. Nem todo mundo que trabalha para o departamento é um oficial. Eu era uma secretária que transcrevia relatórios e outros papéis. Minha mesa estava perto da de Scott, e ele era... — ela lutou para encontrar outra maneira de dizer isso, mas não havia nenhuma— Quente. Eu tenho que admitir - o homem era definitivamente gostoso.

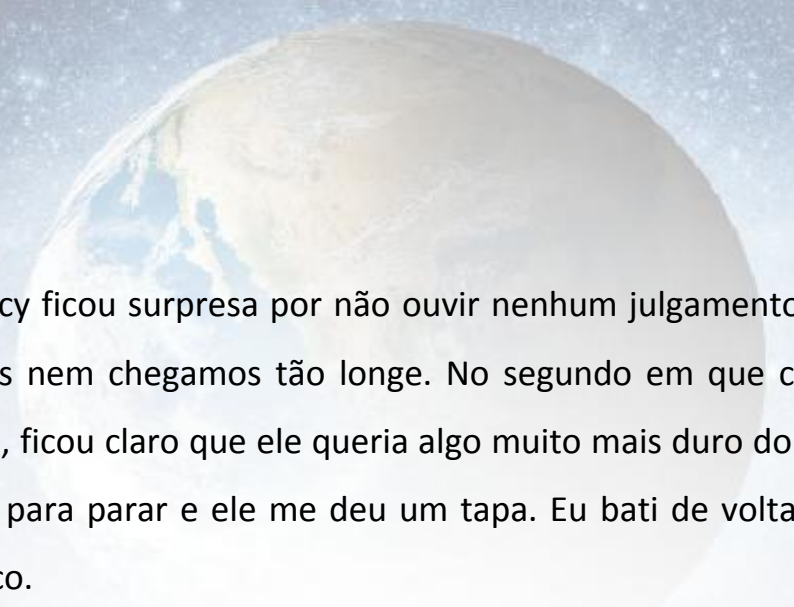
Zeke fez uma careta e Darcy continuou com o resto da história.

— Claro, também era corrupto como o inferno. Todos os irmãos Baron eram policiais notoriamente ruins. Eles aceitavam subornos, atacavam suspeitos, plantavam evidências... tudo isso. Eu deveria ter sabido melhor.

— Então por que você saiu com ele?

— Scott não era meu namorado, — Darcy esclareceu. — Ele foi apenas um erro que cometi depois de muitas doses de tequila em uma festa de aposentadoria do escritório. Um agradecimento por me levar para casa, oh-que-diabos, um tipo de coisa.

— Um caso de uma noite?



Darcy ficou surpresa por não ouvir nenhum julgamento na voz do Alfa. — Nós nem chegamos tão longe. No segundo em que chegamos à minha casa, ficou claro que ele queria algo muito mais duro do que eu. Eu disse a ele para parar e ele me deu um tapa. Eu bati de volta, então ele deu um soco.

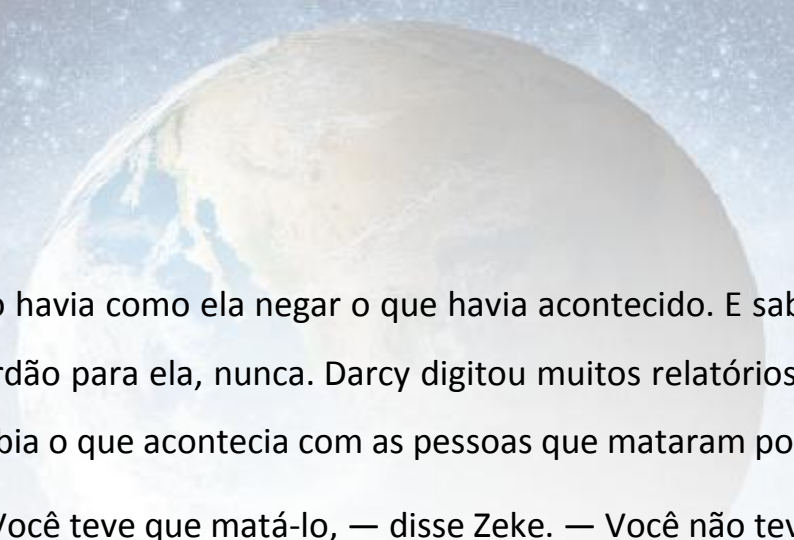
Zeke vociferou, o som baixo e ameaçador. Darcy não sabia por quê. Afinal, tudo isso era passado.

E a história estava para piorar.

— A segunda vez que eu bati de volta, Scott puxou sua arma. Ele disse que ele e seus irmãos tinham uma aposta sobre qual deles iria me ferrar primeiro, mas depois que eu o irritei, ele iria me dividir com os dois. Ele colocou a arma na minha cabeça enquanto os chamava e dizia para virem. Mas ele perdeu o foco por um segundo quando estava desligando, e peguei a arma. Depois disso...

O som da arma disparando, agudo e ensurdecador, repetiu na mente de Darcy. O recuo bateu em suas costas quando um olhar de choque e descrença tomou conta de Scott. Obviamente, nunca havia passado por sua mente que ele poderia acabar do outro lado da arma.

Tinha havido muito sangue. Parecia estar em toda parte... nas paredes, no chão, em suas roupas, em sua pele, em seu cabelo.



Não havia como ela negar o que havia acontecido. E sabia que não haveria perdão para ela, nunca. Darcy digitou muitos relatórios para fingir que não sabia o que acontecia com as pessoas que mataram policiais.

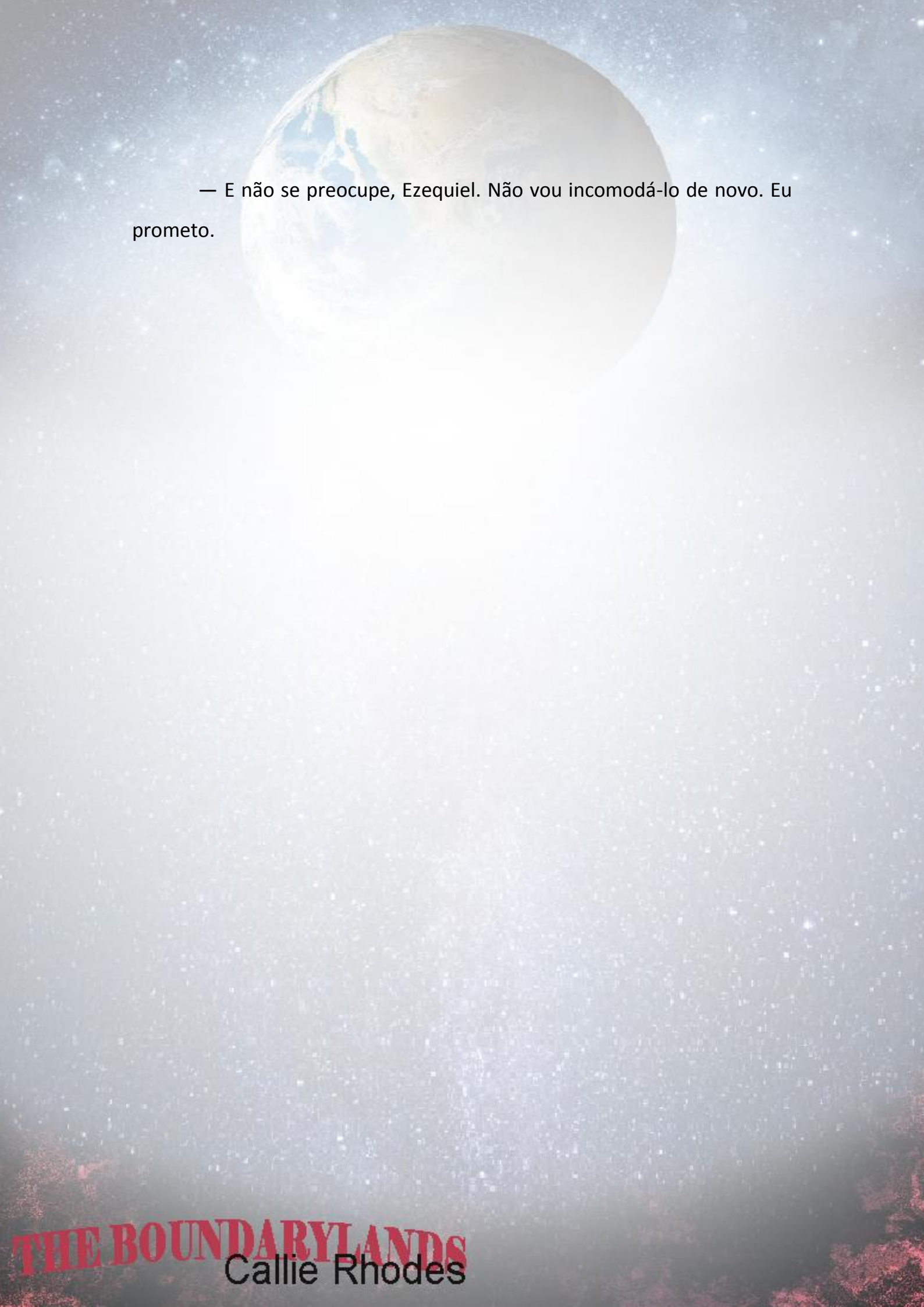
— Você teve que matá-lo, — disse Zeke. — Você não teve escolha.

Darcy balançou a cabeça. — Eu costumava acreditar nisso. Mas tive muito tempo aqui sozinha para pensar, e mudei de ideia. Eu *poderia* ficar quieta ou revidar. Ambos poderiam ter acabado comigo levando um tiro no final, mas apenas um me deu uma chance real de sobreviver. Você fez a mesma escolha quando decidiu lutar contra os irmãos Baron na estrada. E quando você me trouxe para sua terra. E quando construiu esta cabana tão longe de sua casa.

Zeke não respondeu, mas seu olhar permaneceu ininterrupto, sua expressão inescrutável.

— Essa é a gentileza pela qual estou agradecendo, — concluiu Darcy. — Você não tinha que fazer nada disso. Mas você *escolheu*. Os motivos não importam, pelo menos não para mim. Tudo o que importa é a escolha de continuar lutando contra todas as probabilidades.

Darcy ajustou o pêlo que escorregou sobre seu ombro no quando ela se virou para voltar para sua pequena cabana, mas ela parou na porta, de alguma forma ciente de que Zeke não tinha se movido. Ela podia sentir seus olhos sobre ela, tão tangíveis quanto qualquer toque real.



— E não se preocupe, Ezequiel. Não vou incomodá-lo de novo. Eu prometo.

THE BOUNDARYLANDS
Callie Rhodes



CAPÍTULO 11

Zeke

Zeke precisava de uma bebida, algo forte o suficiente para destruir a profusão de pensamentos e emoções causando estragos em sua cabeça, mesmo que apenas por uma noite. E havia apenas um lugar em Boundarylands que poderia fornecer o que precisava.

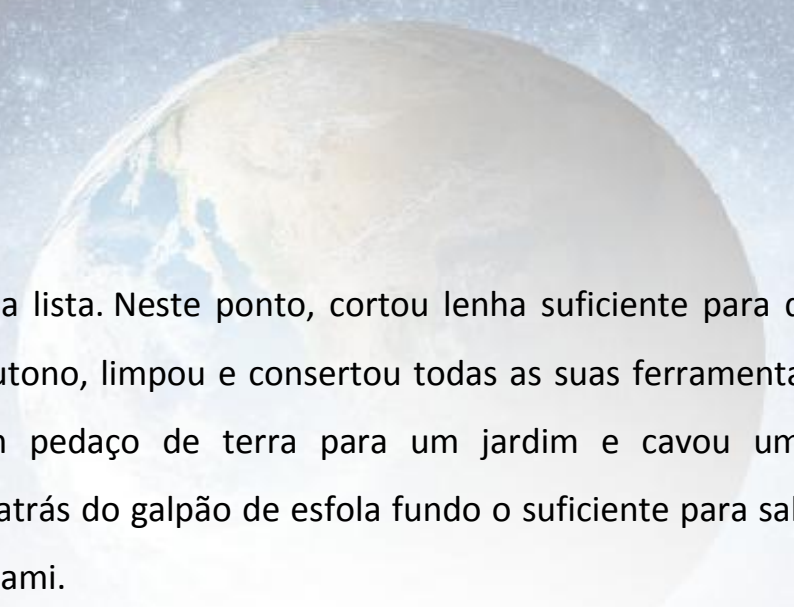
Claro, Zeke poderia ter ficado em casa e beber. Ele ainda tinha meia garrafa de aguardente que comprou de seu irmão Alfa Aric, que destilava uma substância tão potente que poderia tirar a tinta de um carro novo.

Alguns goles saudáveis disso e Zeke não sentiria uma pontada de dor... ou quase nada. Pelo menos, nada de que se lembrasse ao acordar na manhã seguinte.

Mas Zeke estava procurando mais do que apenas um apagão. E ainda mais importante, não confiava em si mesmo para beber sozinho.

Durante três semanas, a rotina de Zeke girou em torno de fazer o que fosse necessário para se manter sob controle.

Depois de se levantar antes do sol para evitar ver Darcy, ele se lançava ao trabalho todos os dias, inventando novas tarefas ao terminar



tudo de sua lista. Neste ponto, cortou lenha suficiente para durar até o próximo outono, limpou e consertou todas as suas ferramentas e armas, limpou um pedaço de terra para um jardim e cavou uma vala de drenagem atrás do galpão de esfola fundo o suficiente para salvar o lugar de um tsunami.

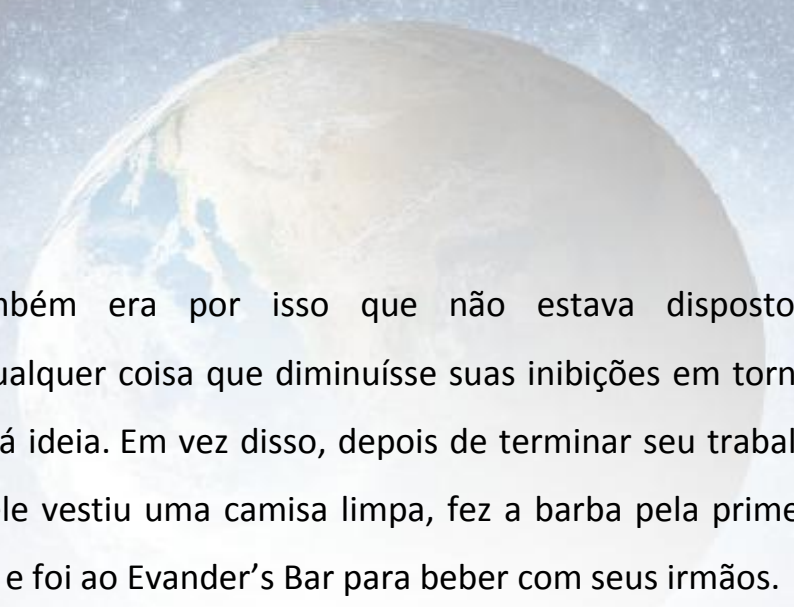
Mas nada disso funcionou. Não importa quão forte ele se empurrasse, exaurindo-se até que seus músculos doessem, ela estava sempre lá.

Construir uma cabana para Darcy a quilômetros de sua casa só a removeu de um de seus sentidos. Zeke não conseguia vê-la, mas ainda assim sentia o cheiro dela no vento. Ainda sentia sua presença tentadora. Ainda se lembrava de cada centímetro de seu corpo em detalhes perfeitos quando fechava os olhos.

E isso o estava deixando louco de desejo.

Mas pelo menos ele não agiu de acordo com seus impulsos. Não importava quão quente seu sangue queimasse, ele não se tocou nenhuma vez desde que a viu na banheira. Alguns dias, a dor de se conter era insuportável, mas conseguiu.

Não havia nenhuma maneira no inferno de Zeke fazer qualquer coisa que pudesse trazer seu nó de volta à vida. Chegar perto foi um inferno de uma chamada para acordar.



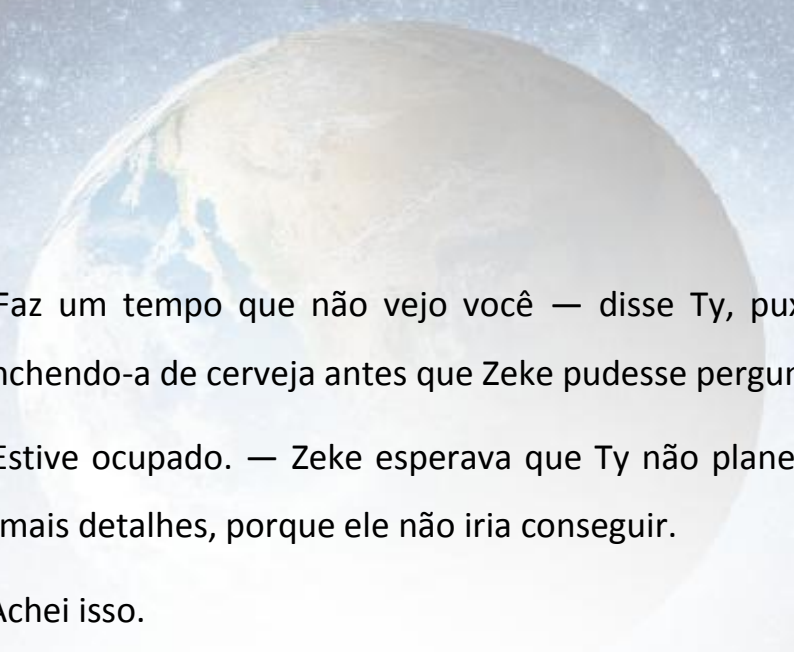
Também era por isso que não estava disposto a beber sozinho. Qualquer coisa que diminuísse suas inibições em torno de Darcy era uma má ideia. Em vez disso, depois de terminar seu trabalho no final da tarde, ele vestiu uma camisa limpa, fez a barba pela primeira vez em alguns dias e foi ao Evander's Bar para beber com seus irmãos.

O bar não estava cheio, mas Zeke não esperava que estivesse. Na noite anterior, como acontecia todas as sextas-feiras, uma madame Beta próxima trouxe suas damas para servir à comunidade. Isso significava que uma boa parte de Boundarylands ainda estava aproveitando o brilho de uma noite selvagem.

Zeke normalmente mantinha distância do Evander's Bar nas noites de sexta-feira. Alguns de seus irmãos Alfa interpretaram isso como se ele não ligasse muito para sexo, mas a verdade é que ele achava difícil reunir muito entusiasmo por prostitutas Beta.

Ele não tinha objeções a elas - Deus sabia, Nicky e suas garotas prestavam um serviço infernal aos Boundarylands, mas apenas para Alfas que nunca haviam provado a coisa real.

Uma vez que você provou uma Ômega, todo o resto empalidecia em comparação. Quando Zeke se sentou em um banquinho no meio do bar, Ty se aproximou para cumprimentá-lo. Além de administrar o bar, Ty e sua companheira organizaram o comércio com os poucos comerciantes de fora corajosos o suficiente para entrar no território neutro.



— Faz um tempo que não vejo você — disse Ty, puxando uma caneca e enchendo-a de cerveja antes que Zeke pudesse perguntar.

— Estive ocupado. — Zeke esperava que Ty não planejasse cavar para obter mais detalhes, porque ele não iria conseguir.

— Achei isso.

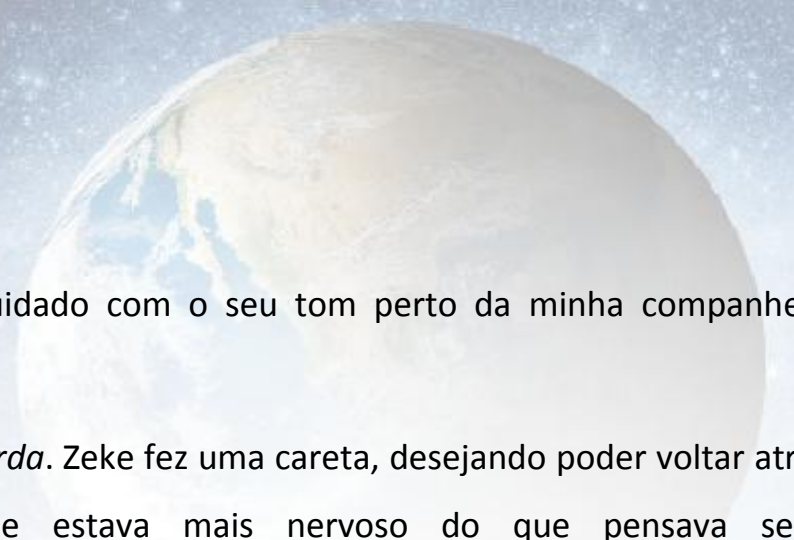
— Zeke! — A companheira de Ty, Mia, saiu de trás com um sorriso de boas-vindas no rosto e um bebê no quadril. — Não tem sido a mesma coisa sem você chutar a bunda de todo mundo na mesa de sinuca.

Zeke sorriu pela primeira vez em três semanas. Talvez um ou dois jogos de sinuca fosse exatamente o que precisava. Antes que sua natureza Alfa se manifestasse, no que parecia várias vidas atrás, Zeke tinha sido um grande malandro. Todos esses anos depois, algumas cervejas e algumas prateleiras ainda podiam levantar seu ânimo. — Sim, bem, estou de volta agora.

— Que bom, — Mia disse, um brilho provocador em seus olhos. — Porque Troy tem falado muito sério ultimamente.

— O que diabos ele está dizendo? — Zeke exigiu, seu tom mais severo do que pretendia.

Mia pareceu assustada e deu um passo involuntário para trás. Ty sentiu seu alarme e reagiu imediatamente, colocando uma jarra de cerveja em uma mesa próxima com força suficiente para derramar para o



lado. — Cuidado com o seu tom perto da minha companheira, — ele gritou.

Merda. Zeke fez uma careta, desejando poder voltar atrás em suas palavras. Ele estava mais nervoso do que pensava se estivesse descontando suas frustrações na Ômega de outro homem.

— Minhas desculpas. Foi, ah... um começo difícil para primavera.

Ty acenou com a cabeça, aceitando o fraco pedido de desculpas, e Mia sorriu para mostrar que não havia ressentimentos. Antes que ela pudesse falar, a porta se abriu e outro Alfa entrou. Ty jogou sua toalha de bar sobre o ombro e foi ver seu cliente.

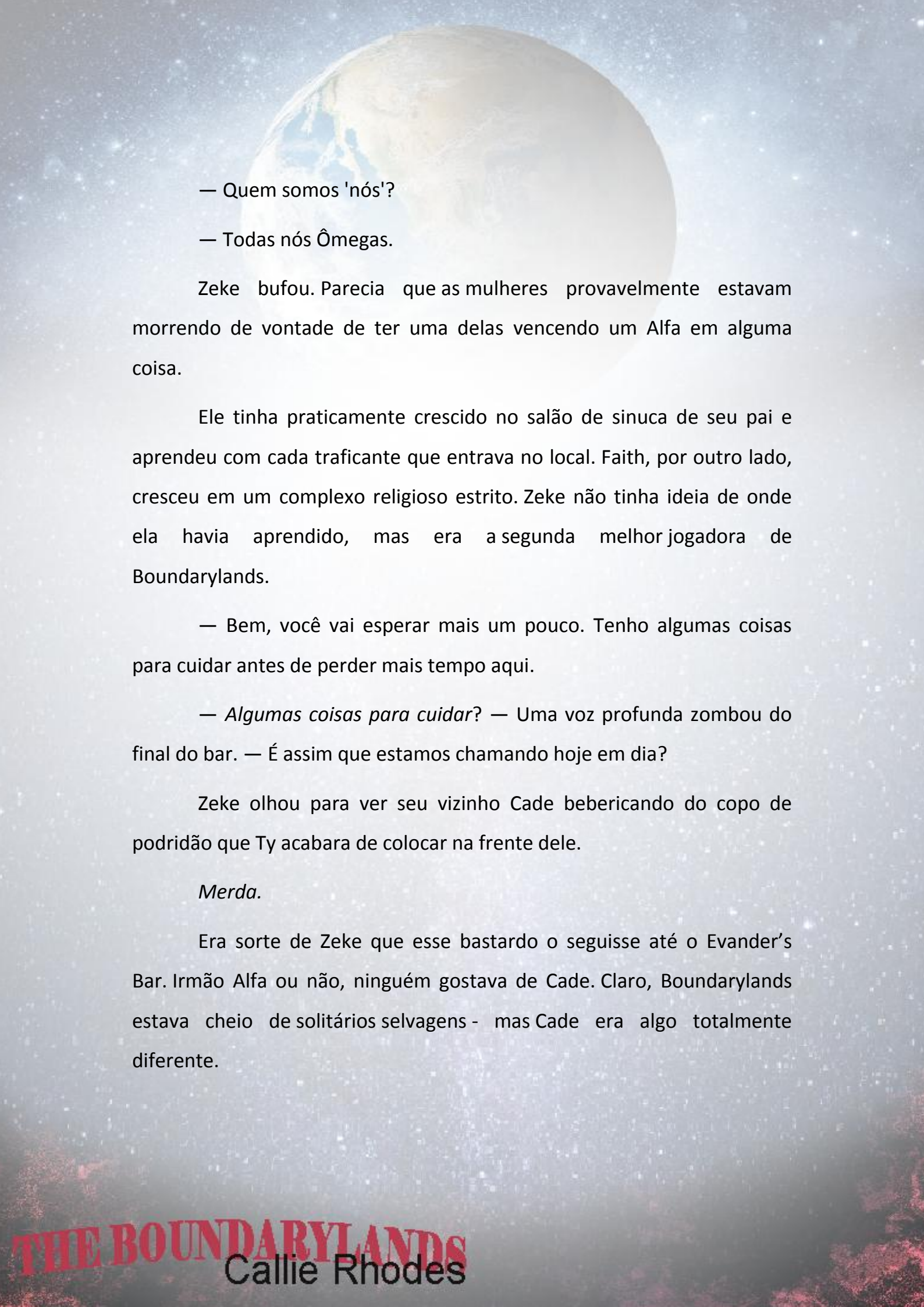
— Lamento que você esteja passando por um momento difícil, — disse Mia quando ele se foi.

— Ty está certo. Eu não tinha o direito de descontar meu humor em você. Mas eu ainda gostaria de saber... o que Troy está dizendo?

— Faith tem ensinado alguns de seus truques, e agora ele acha que vai limpar o chão com você.

— Faith pode ensinar a ele tudo o que ela quiser, — disse Zeke, aliviado. A Ômega de Troy era uma ótima jogadora de sinuca. — Eu ainda sairei daqui com todo o seu dinheiro.

— Sim, mas o que todos nós queremos saber é quando você vai finalmente concordar em enfrentar Faith, — disse Mia.



— Quem somos 'nós'?

— Todas nós Ômegas.

Zeke bufou. Parecia que as mulheres provavelmente estavam morrendo de vontade de ter uma delas vencendo um Alfa em alguma coisa.

Ele tinha praticamente crescido no salão de sinuca de seu pai e aprendeu com cada traficante que entrava no local. Faith, por outro lado, cresceu em um complexo religioso estrito. Zeke não tinha ideia de onde ela havia aprendido, mas era a segunda melhor jogadora de Boundarylands.

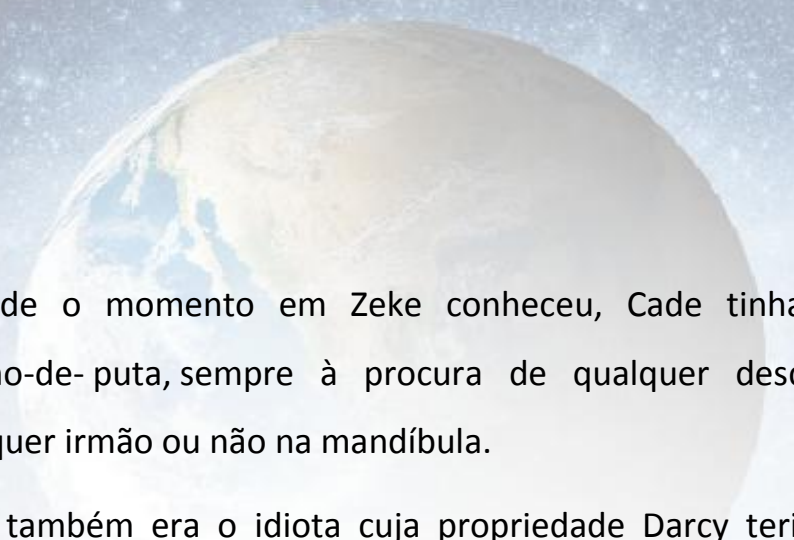
— Bem, você vai esperar mais um pouco. Tenho algumas coisas para cuidar antes de perder mais tempo aqui.

— *Algumas coisas para cuidar?* — Uma voz profunda zombou do final do bar. — É assim que estamos chamando hoje em dia?

Zeke olhou para ver seu vizinho Cade bebericando do copo de podridão que Ty acabara de colocar na frente dele.

Merda.

Era sorte de Zeke que esse bastardo o seguisse até o Evander's Bar. Irmão Alfa ou não, ninguém gostava de Cade. Claro, Boundarylands estava cheio de solitários selvagens - mas Cade era algo totalmente diferente.



Desde o momento em Zeke conheceu, Cade tinha sido um maldito filho-de-puta, sempre à procura de qualquer desculpa para socar qualquer irmão ou não na mandíbula.

Ele também era o idiota cuja propriedade Darcy teria invadido naquele primeiro dia se Zeke não a tivesse impedido.

— Escute, Cade — disse Ty com voz dura. — Ninguém está com disposição para suas besteiras hoje.

Cade riu. — Não sou eu que estou falando besteira, irmão. Se você não acredita em mim, pergunte a Zeke aqui de quem ele está *cuidando* na extremidade oeste de sua propriedade.

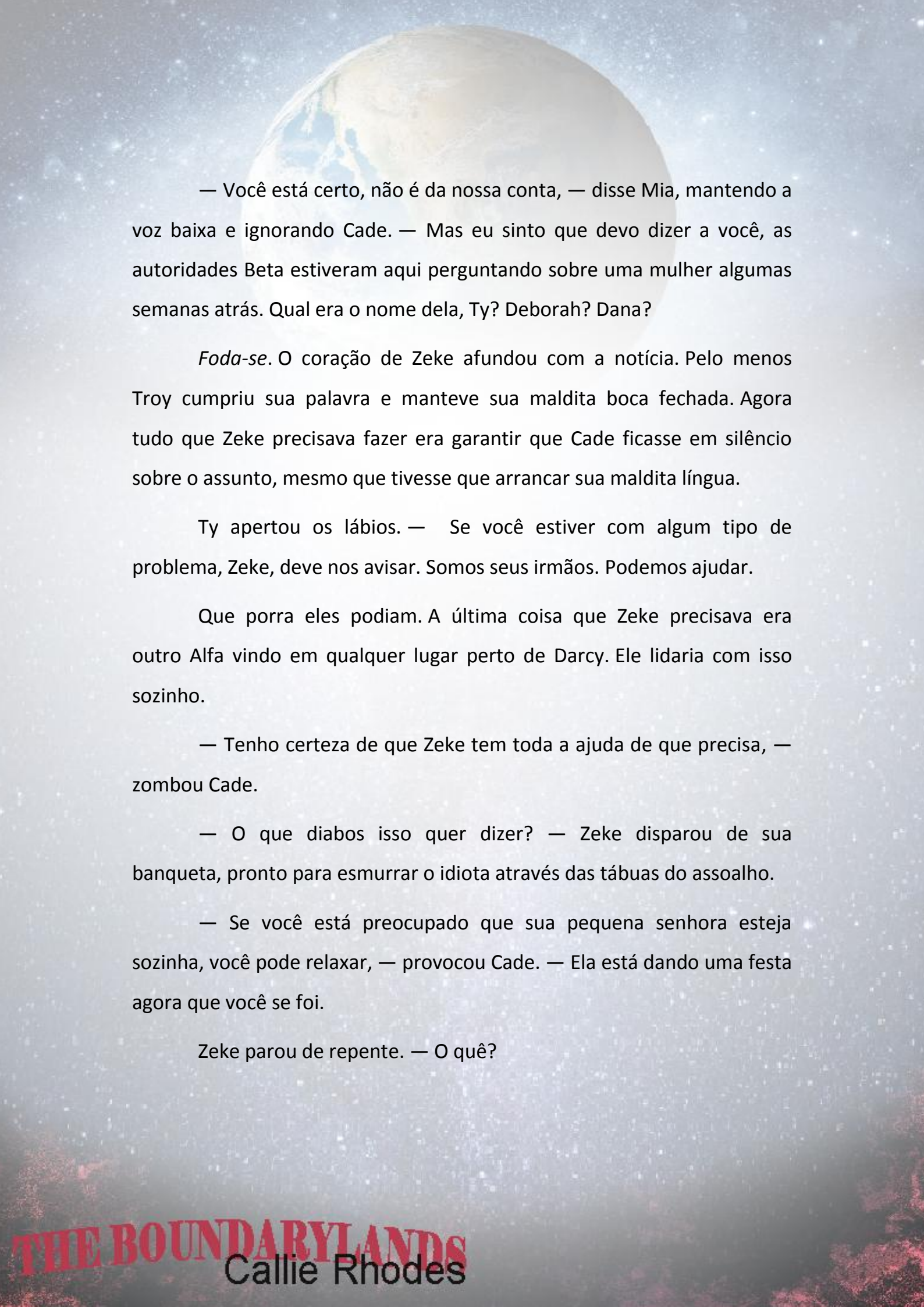
— O que acontece na minha terra não é da conta de ninguém, — Zeke vociferou, seu humor cada vez mais sombrio. — Muito menos da sua.

— Não? — Cade disse. — Que pena pra você, o vento não dá a mínima para limites de propriedade. Ele sopra o cheiro daquela mulher Beta que você tem escondido para mim.

As mãos de Zeke se fecharam em punhos. — Cale a boca, Cade.

— Você tem uma Beta em suas terras? — Ty perguntou, parecendo confuso.

— Não é o que você pensa, — Zeke protestou. Maldito Cade. Ele nunca deveria ter vindo aqui.



— Você está certo, não é da nossa conta, — disse Mia, mantendo a voz baixa e ignorando Cade. — Mas eu sinto que devo dizer a você, as autoridades Beta estiveram aqui perguntando sobre uma mulher algumas semanas atrás. Qual era o nome dela, Ty? Deborah? Dana?

Foda-se. O coração de Zeke afundou com a notícia. Pelo menos Troy cumpriu sua palavra e manteve sua maldita boca fechada. Agora tudo que Zeke precisava fazer era garantir que Cade ficasse em silêncio sobre o assunto, mesmo que tivesse que arrancar sua maldita língua.

Ty apertou os lábios. — Se você estiver com algum tipo de problema, Zeke, deve nos avisar. Somos seus irmãos. Podemos ajudar.

Que porra eles podiam. A última coisa que Zeke precisava era outro Alfa vindo em qualquer lugar perto de Darcy. Ele lidaria com isso sozinho.

— Tenho certeza de que Zeke tem toda a ajuda de que precisa, — zombou Cade.

— O que diabos isso quer dizer? — Zeke disparou de sua banqueta, pronto para esmurrar o idiota através das tábuas do assoalho.

— Se você está preocupado que sua pequena senhora esteja sozinha, você pode relaxar, — provocou Cade. — Ela está dando uma festa agora que você se foi.

Zeke parou de repente. — O quê?

— Eu vi um carro cheio de Betas entrando na sua garagem enquanto eu estava vindo para cá.

Um medo gelado correu pelas veias de Zeke. — *Quem você viu?*

Quando Cade não respondeu rápido o suficiente, Zeke o agarrou pelo pescoço e o ergueu contra a parede. — Quem diabos você viu entrando nas minha terra?

— Como eu deveria saber? — Cade respondeu, obviamente saboreando a reação de Zeke. — Dois Betas. Óculos de sol. ATVs⁶ pretos.

Merda. Os bastardos deviam estar vigiando seu caminho, esperando que partisse... esperando a oportunidade para tirar Darcy enquanto ele estava sentado aqui bebendo uma cerveja e seu orgulho ferido.

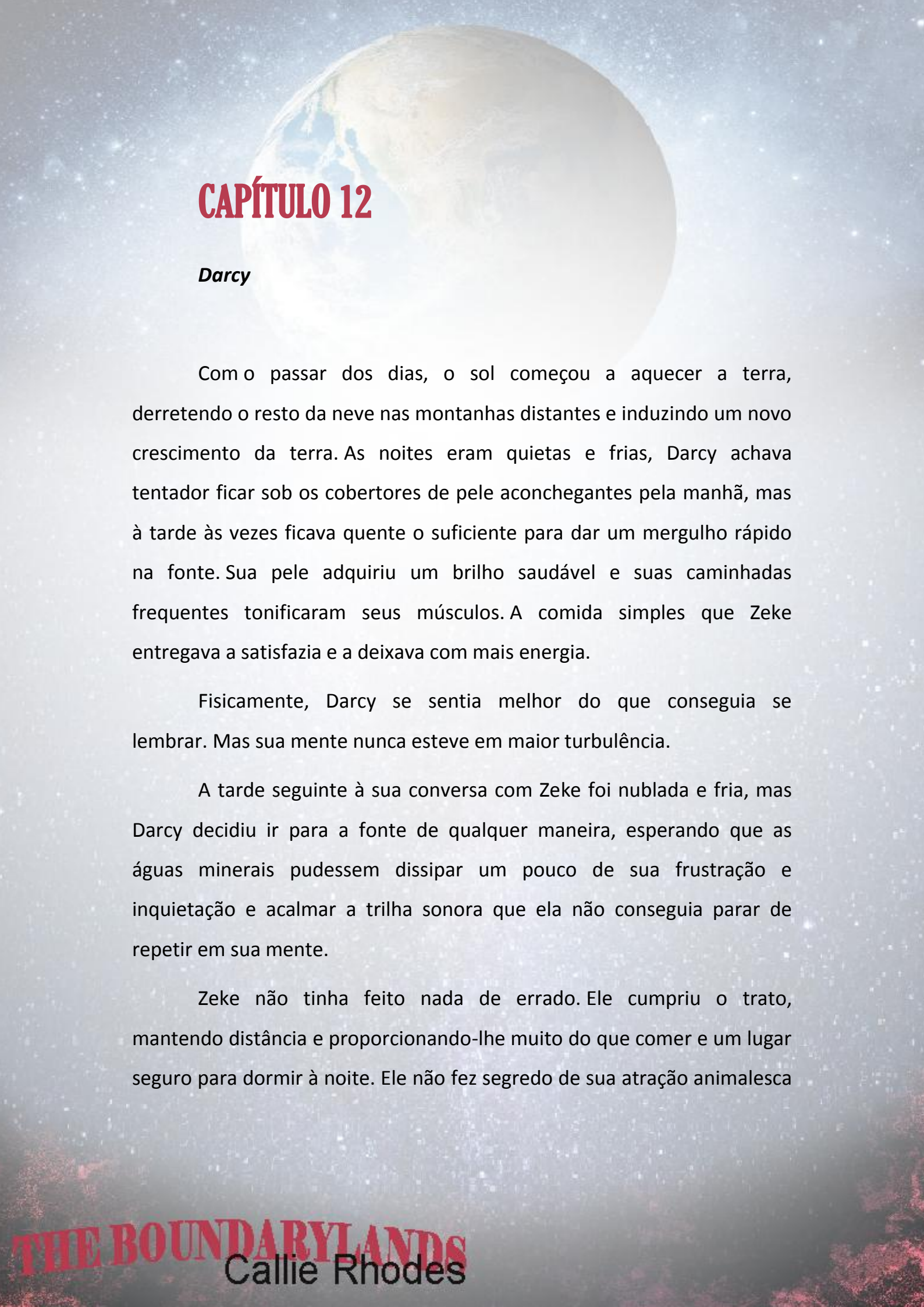
Por mais que Zeke quisesse dar um soco em Cade, ele o soltou e correu para a porta.

— Zeke! — Mia o chamou.

Ele não respondeu. Não dava tempo.

Ele tinha que chegar até Darcy.

⁶ ATV “all-terrain vehicle”: quadriciclo.



CAPÍTULO 12

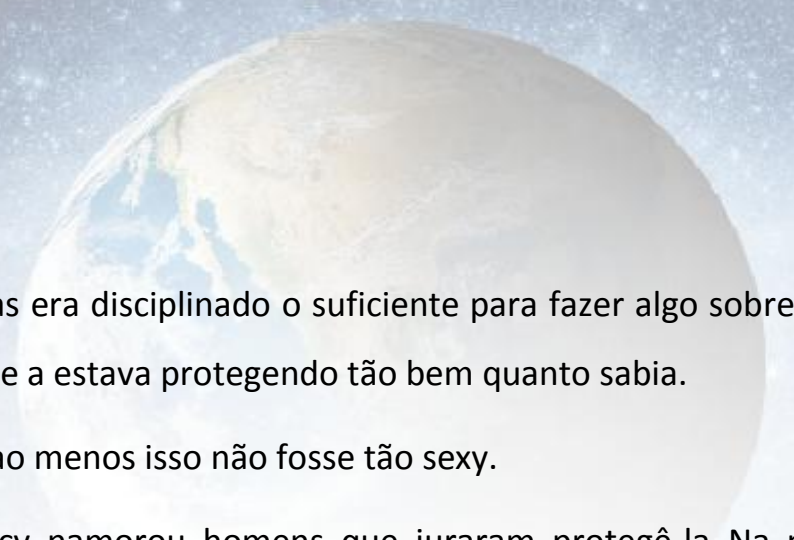
Darcy

Com o passar dos dias, o sol começou a aquecer a terra, derretendo o resto da neve nas montanhas distantes e induzindo um novo crescimento da terra. As noites eram quietas e frias, Darcy achava tentador ficar sob os cobertores de pele aconchegantes pela manhã, mas à tarde às vezes ficava quente o suficiente para dar um mergulho rápido na fonte. Sua pele adquiriu um brilho saudável e suas caminhadas frequentes tonificaram seus músculos. A comida simples que Zeke entregava a satisfazia e a deixava com mais energia.

Fisicamente, Darcy se sentia melhor do que conseguia se lembrar. Mas sua mente nunca esteve em maior turbulência.

A tarde seguinte à sua conversa com Zeke foi nublada e fria, mas Darcy decidiu ir para a fonte de qualquer maneira, esperando que as águas minerais pudessem dissipar um pouco de sua frustração e inquietação e acalmar a trilha sonora que ela não conseguia parar de repetir em sua mente.

Zeke não tinha feito nada de errado. Ele cumpriu o trato, mantendo distância e proporcionando-lhe muito do que comer e um lugar seguro para dormir à noite. Ele não fez segredo de sua atração animalesca



por ela, mas era disciplinado o suficiente para fazer algo sobre isso. À sua maneira, ele a estava protegendo tão bem quanto sabia.

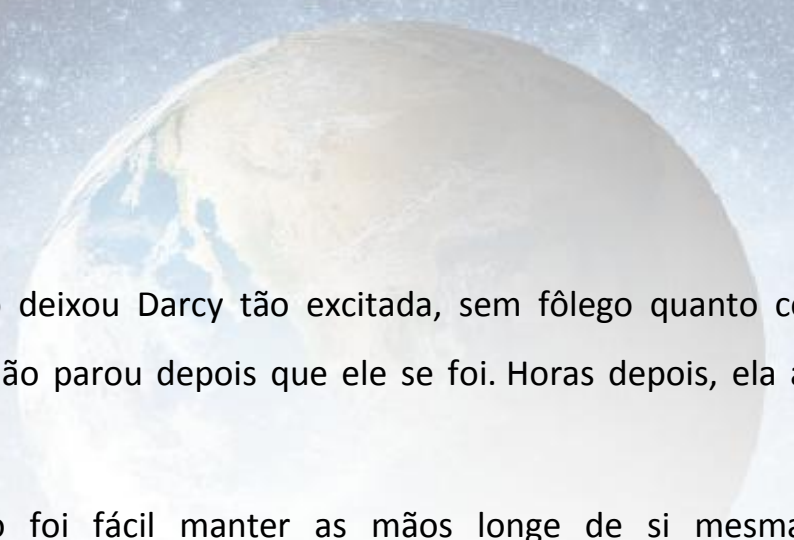
Se ao menos isso não fosse tão sexy.

Darcy namorou homens que juraram protegê-la. Na melhor das hipóteses, essas promessas duraram quase tanto quanto um cigarro pós-sexo. Na pior das hipóteses... bem, na pior, esses homens mostraram suas verdadeiras cores ao se transformarem em uma ameaça para si próprios. Darcy acabou perdendo sua fé nos homens. Então esse Alfa apareceu e, sem nem mesmo querer, a convenceu de que era honesto e fiel à sua palavra.

Que era fundamentalmente *bom*.

E isso tirou Darcy de sua zona de conforto. 'Bom' não deveria ser sexy. Os escoteiros eram bons. Os professores da escola dominical eram bons. Assistentes sociais, oficiais de liberdade condicional, defensores públicos, muitos deles eram bons, e Darcy nunca se sentira nem um pouco atraída por nenhum deles.

Mas ela não conseguia parar de pensar sobre o olhar nos olhos de Zeke quando ele saiu furioso naquela manhã - tão focado e intenso. Era quase como se seu olhar estivesse fazendo o que suas mãos não podiam: tocá-la, abraçá-la, alcançá-la e vê-la como realmente era.



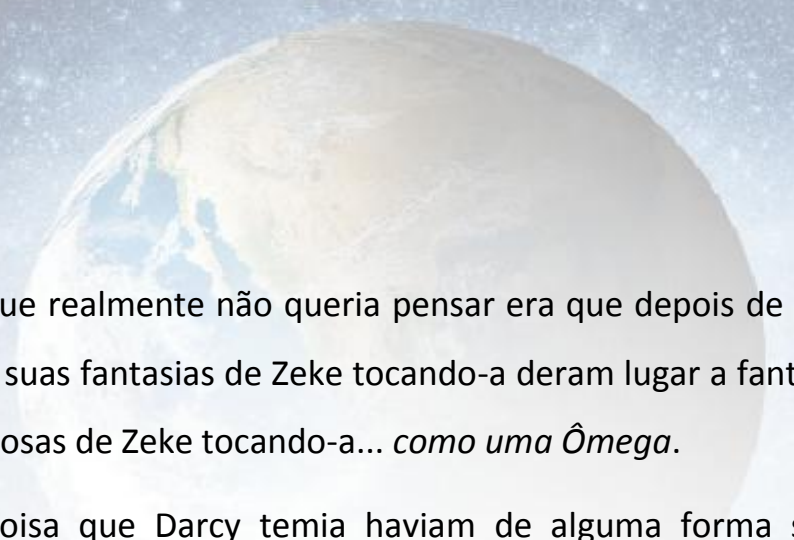
Isso deixou Darcy tão excitada, sem fôlego quanto confusa. E a sensação não parou depois que ele se foi. Horas depois, ela ainda ardia por ele.

Não foi fácil manter as mãos longe de si mesma por três semanas. Saber que Zeke podia sentir sua excitação deveria ter sido o suficiente para jogar um balde de água fria sobre sua libido, mas de alguma forma teve o efeito oposto.

A ideia de Zeke deitado a alguns metros de distância, respirando o mesmo ar que ela, ouvindo os mesmos sons noturnos, sabendo de todas as coisas secretas que ela tinha feito a si mesma... cada toque, cada gemido abafado... só a excitava mais.

Mas Zeke deixara bem claro que ela era a última coisa que ele queria. E *ele* deveria ser a última coisa que Darcy também queria. Afinal, se ela vacilasse em sua resolução pelo menos uma vez, e Zeke não pudesse se conter, sua natureza Ômega floresceria.

E assim, apesar do desafio exaustivo de manter as mãos longe de si mesma, Darcy conseguiu. Noite após noite, ficava acordada, seu corpo formigando com a consciência, implorando por liberação - e ela permaneceu forte. Se ao menos houvesse prêmios por esse tipo de sacrifício, Darcy mereceria uma medalha de honra.



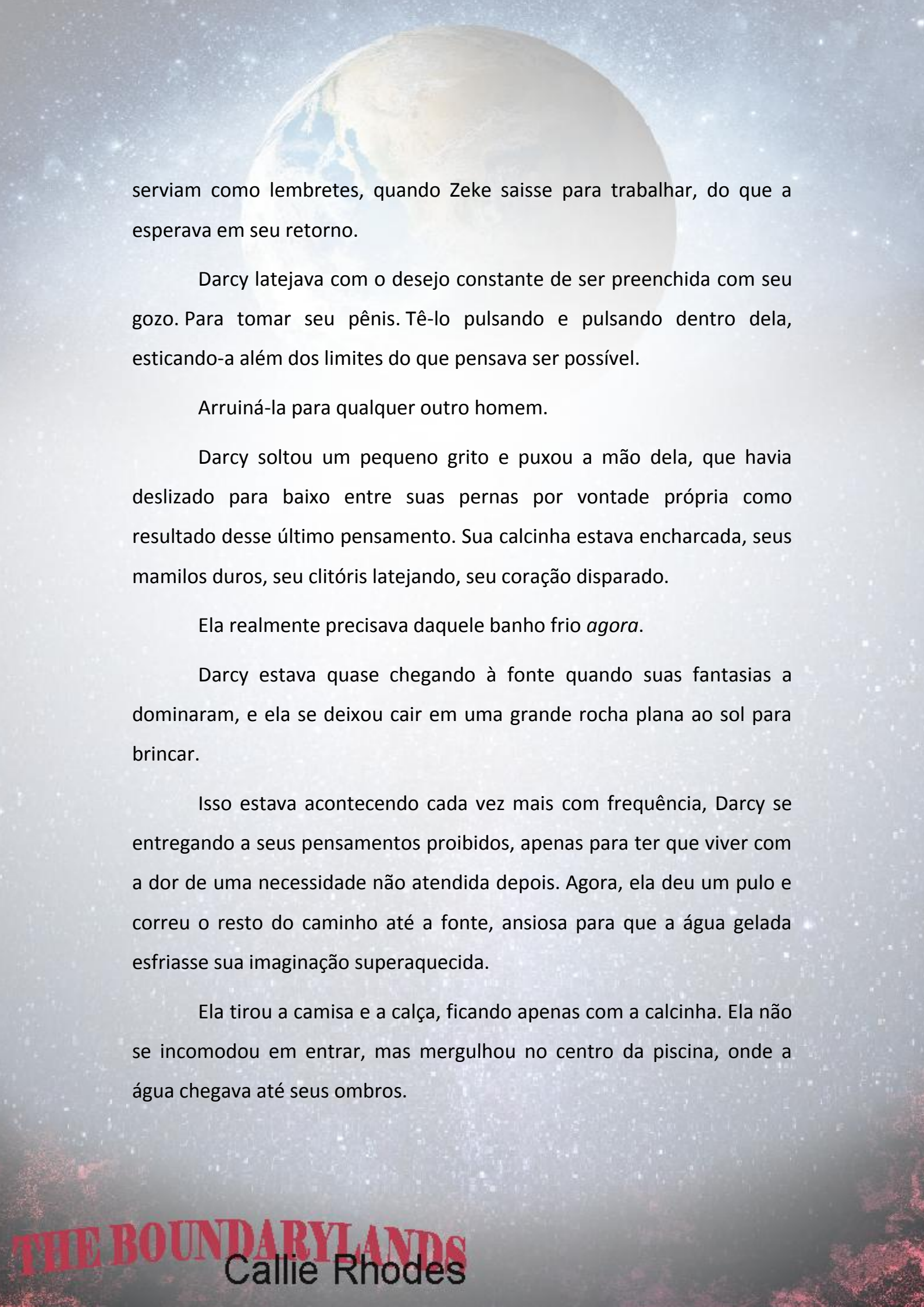
O que realmente não queria pensar era que depois de alguns dias de tortura, suas fantasias de Zeke tocando-a deram lugar a fantasias ainda mais poderosas de Zeke tocando-a... *como uma Ômega*.

A coisa que Darcy temia haviam de alguma forma se tornado seu desejo secreto - perder o controle e ceder ao prazer que durava dias, implorar por ele continuamente. Seria como uma espécie de permissão, já que Ôegas não podiam se conter, já que sua própria sobrevivência dependia de transar.

Mas isso não significava que Darcy o queria na realidade. Tornar-se uma Ômega significaria se tornar uma escrava de sua natureza, um pesadelo do qual ela nunca poderia escapar - ser amarrada a Zeke pelo resto de sua vida, incapaz de fugir ou tomar suas próprias decisões ou exercer o livre arbítrio nunca mais.

Também significaria passar horas e horas em sua cama, acariciando seu peito largo. Memorizando cada centímetro de sua pele clara e imaculada, cada cabelo de sua cabeça. Empanturrando-se em uma dieta constante de seu pênis, precisando tocá-lo, saboreá-lo e montá-lo, implorando para ser tocada em troca, fodida com força e usada para seu prazer repetidamente.

As fantasias de Ômega de Darcy nunca foram gentis. Elas estavam cheias de estocadas, batidas e engasgamentos, de ser maltratada e ter seu traseiro esbofeteado, de impressões de mãos e marcas de mordidas que



serviam como lembretes, quando Zeke saísse para trabalhar, do que a esperava em seu retorno.

Darcy latejava com o desejo constante de ser preenchida com seu gozo. Para tomar seu pênis. Tê-lo pulsando e pulsando dentro dela, esticando-a além dos limites do que pensava ser possível.

Arruiná-la para qualquer outro homem.

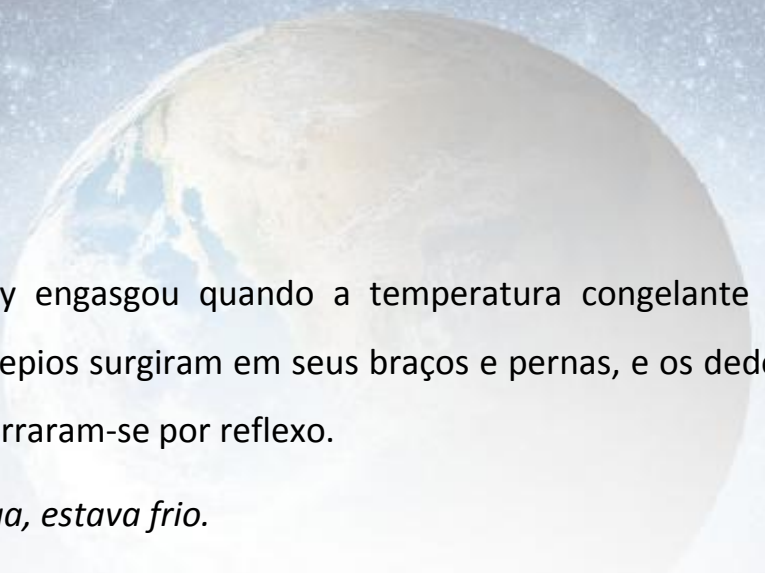
Darcy soltou um pequeno grito e puxou a mão dela, que havia deslizado para baixo entre suas pernas por vontade própria como resultado desse último pensamento. Sua calcinha estava encharcada, seus mamilos duros, seu clitóris latejando, seu coração disparado.

Ela realmente precisava daquele banho frio *agora*.

Darcy estava quase chegando à fonte quando suas fantasias a dominaram, e ela se deixou cair em uma grande rocha plana ao sol para brincar.

Isso estava acontecendo cada vez mais com frequência, Darcy se entregando a seus pensamentos proibidos, apenas para ter que viver com a dor de uma necessidade não atendida depois. Agora, ela deu um pulo e correu o resto do caminho até a fonte, ansiosa para que a água gelada esfriasse sua imaginação superaquecida.

Ela tirou a camisa e a calça, ficando apenas com a calcinha. Ela não se incomodou em entrar, mas mergulhou no centro da piscina, onde a água chegava até seus ombros.



Darcy engasgou quando a temperatura congelante chocou seu sistema. Arrepios surgiram em seus braços e pernas, e os dedos das mãos e dos pés cerraram-se por reflexo.

Droga, estava frio.

Frio o suficiente para que, por apenas um segundo, ela ficasse completamente consumida por sua picada, não deixando espaço para seu desejo horrivelmente equivocado por Zeke.

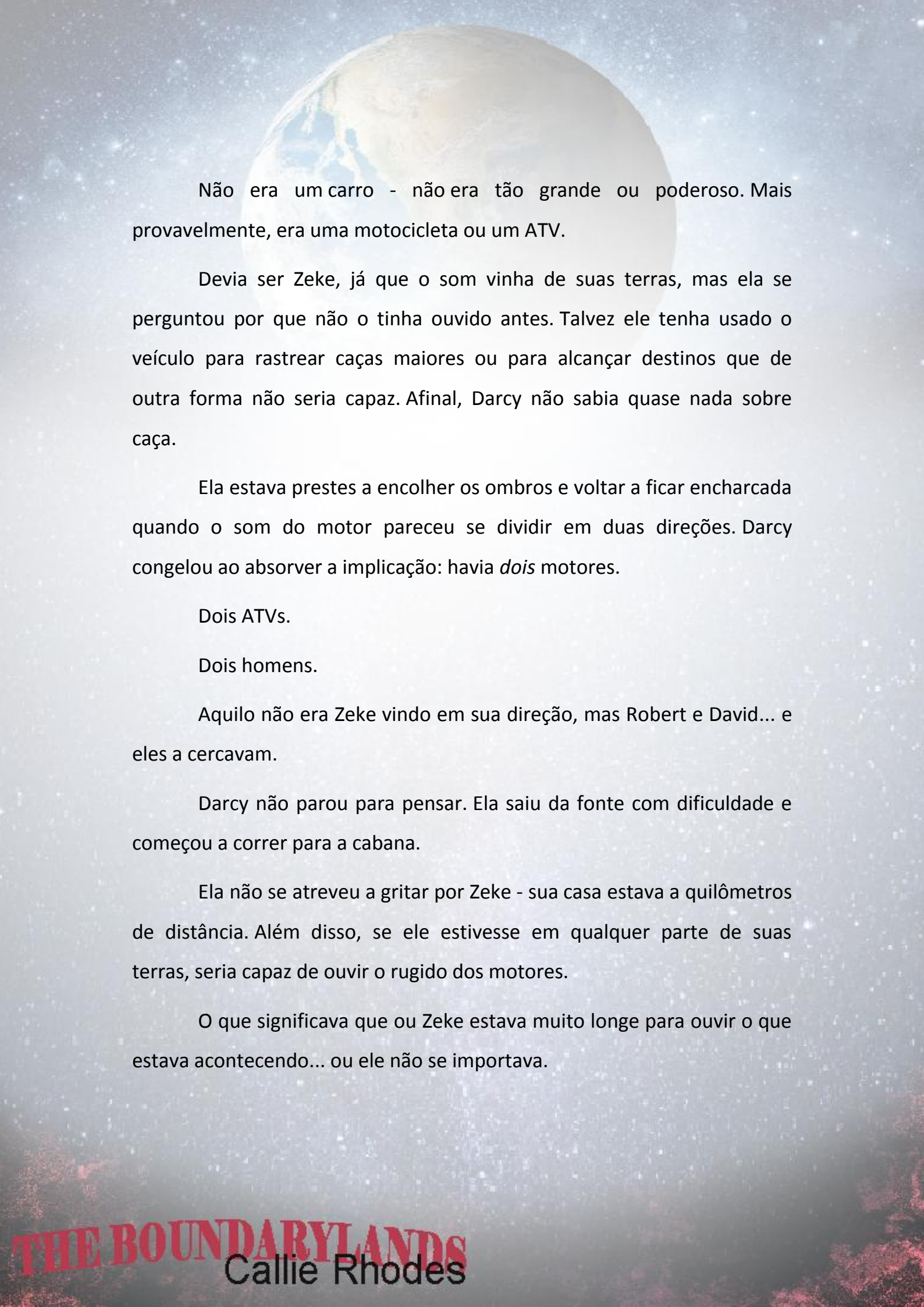
Mas não demorou muito para que seu corpo se acostumasse com a temperatura e seus pensamentos voltassem gritando.

Darcy prendeu a respiração, mergulhou a cabeça sob a superfície e ficou abaixada até que seus pulmões gritassem por ar. Quando voltou, se sentiu um pouco mais calma. Ela tentou segurar a sensação fechando os olhos e esvaziando sua mente de tudo, exceto da sensação suave de seu corpo flutuando nas águas cristalinas.

De repente, um som invadiu sua serenidade - um som que não ouvia há algum tempo. Um que estava deslocado aqui na floresta.

Certamente, estava enganada. Darcy foi até a beira da fonte e apoiou os antebraços na rocha lisa.

O som estava ficando mais alto. Não havia dúvida do que era agora: um motor.



Não era um carro - não era tão grande ou poderoso. Mais provavelmente, era uma motocicleta ou um ATV.

Devia ser Zeke, já que o som vinha de suas terras, mas ela se perguntou por que não o tinha ouvido antes. Talvez ele tenha usado o veículo para rastrear caças maiores ou para alcançar destinos que de outra forma não seria capaz. Afinal, Darcy não sabia quase nada sobre caça.

Ela estava prestes a encolher os ombros e voltar a ficar encharcada quando o som do motor pareceu se dividir em duas direções. Darcy congelou ao absorver a implicação: havia *dois* motores.

Dois ATVs.

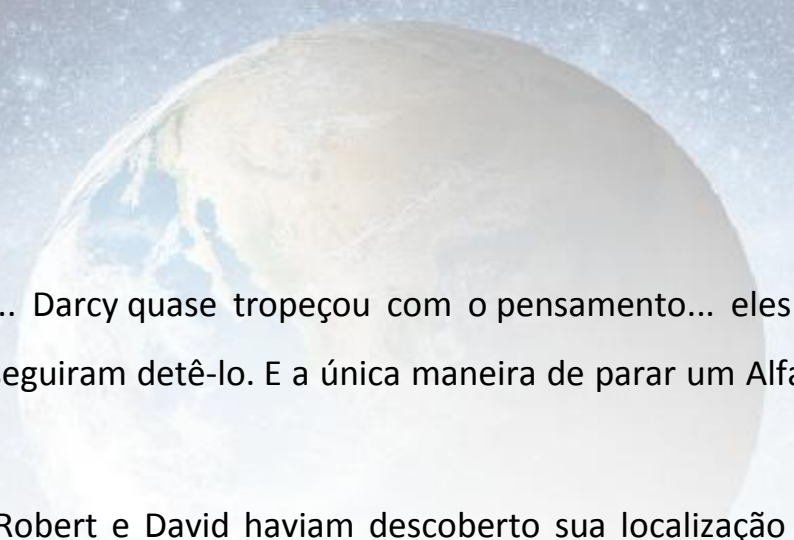
Dois homens.

Aquilo não era Zeke vindo em sua direção, mas Robert e David... e eles a cercavam.

Darcy não parou para pensar. Ela saiu da fonte com dificuldade e começou a correr para a cabana.

Ela não se atreveu a gritar por Zeke - sua casa estava a quilômetros de distância. Além disso, se ele estivesse em qualquer parte de suas terras, seria capaz de ouvir o rugido dos motores.

O que significava que ou Zeke estava muito longe para ouvir o que estava acontecendo... ou ele não se importava.



Ou... Darcy quase tropeçou com o pensamento... eles de alguma forma conseguiram detê-lo. E a única maneira de parar um Alfa era matá-lo.

Se Robert e David haviam descoberto sua localização exata, isso significava que eles tinham o equipamento do departamento - a imagem térmica infravermelha e o Range-R que causavam inveja em todos os departamentos do condado.

Fugir não era uma opção. Ela teria que lutar. Mas não duraria um segundo sem uma arma.

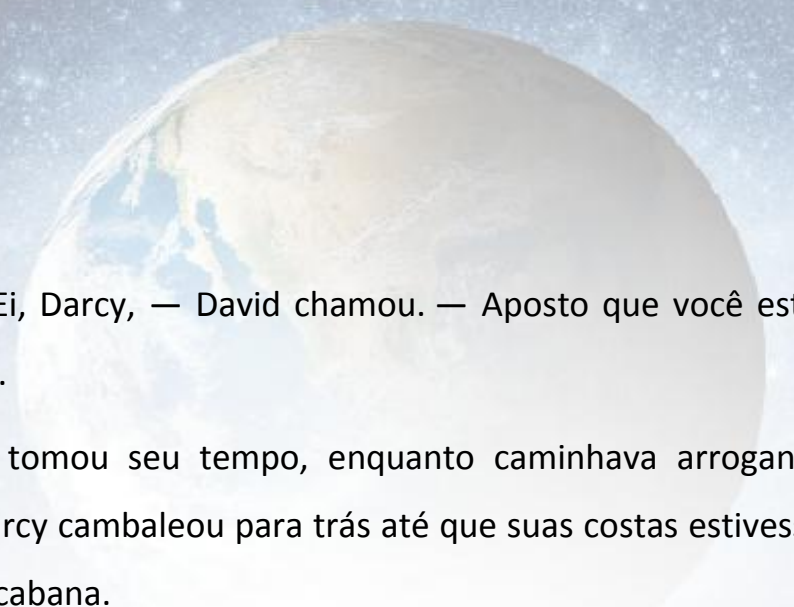
Ela voltou para a cabana assim que o primeiro ATV atingiu o topo da colina. Procurando descontroladamente, ela agarrou uma das tábuas que sobraram da construção da cabana e segurou-a à sua frente com as duas mãos.

Se tivesse que cair, Darcy cairia lutando.

O ATV estremeceu até parar a poucos metros de onde Zeke havia emergido da floresta naquela manhã, e David arrancou o capacete e o jogou no chão enquanto desmontava.

Darcy considerou fugir, mas ela sabia que não adiantaria de nada. Mesmo agora, podia ouvir Robert parando atrás da cabana.

Não havia para onde correr.



— Ei, Darcy, — David chamou. — Aposto que você está surpresa em nos ver.

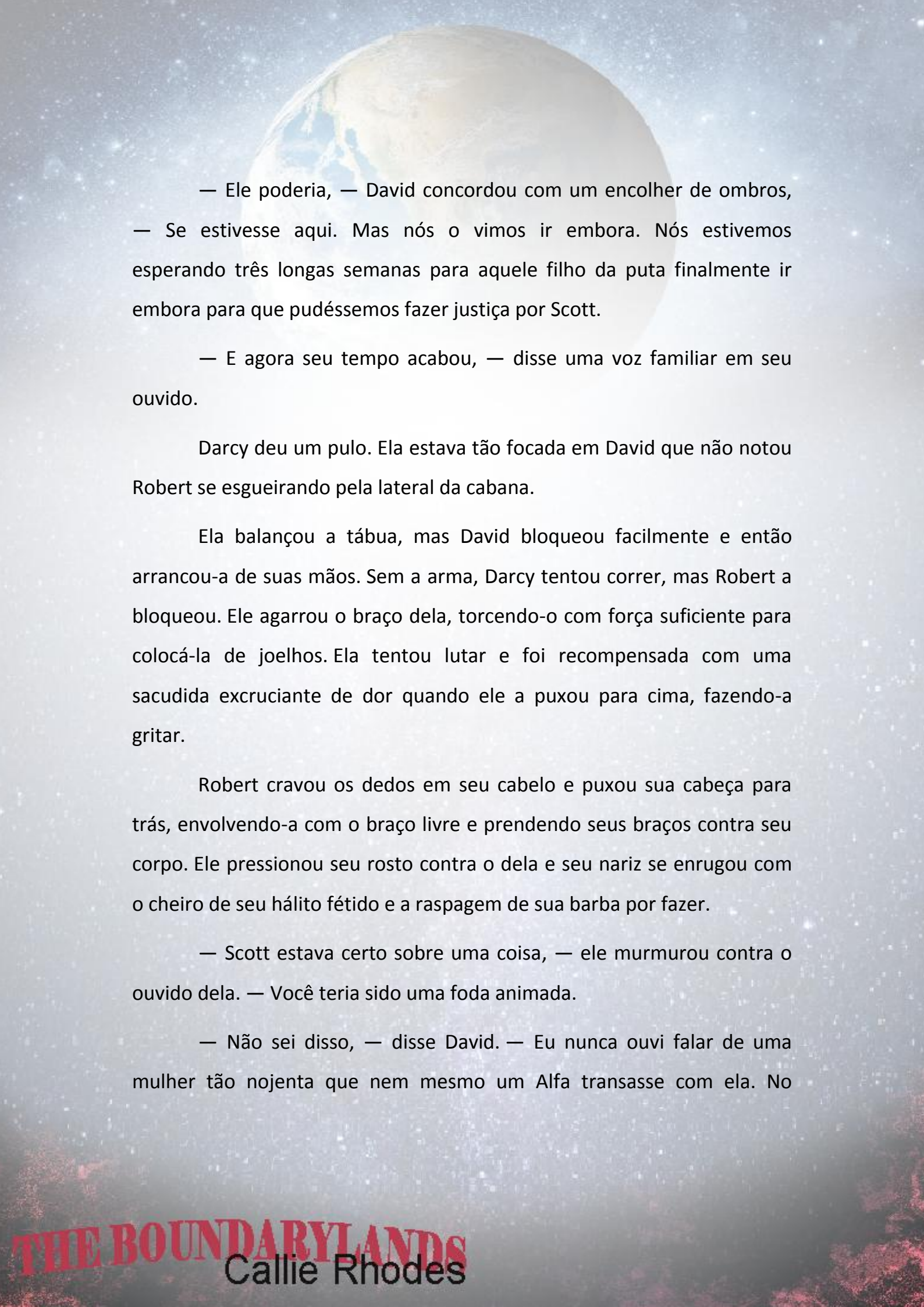
Ele tomou seu tempo, enquanto caminhava arrogante em sua direção. Darcy cambaleou para trás até que suas costas estivessem contra a porta da cabana.

David estava brincando com ela fora de alcance, sua mão pairando sobre a coronha da arma em seu cinto, parecendo divertido enquanto ela brandia sua tábua. Tudo o que ele precisava fazer era puxar o gatilho e tudo estaria acabado. Um homem que estava disposto a atirar em um Alfa com certeza não se importaria em atirar nela.

— Foda-se, David, — ela cuspiu nele, a fúria cegante sobrepujando seu medo. — Você está invadindo propriedade Alfa. Não há como você se safar com isso.

— Eu já fiz, — David respondeu com um sorriso oleoso. — Seu salvador vira-lata quebrou o tratado ajudando e incitando uma Beta fugitiva. Foi assim que obtivemos um mandado especial para vigiar esta propriedade em território neutro. O departamento até nos deixou usar os novos bloqueadores de cheiro que receberam dos militares.

— Mas este não é um território neutro, — disse Darcy, segurando a tábua com ainda mais força. — Esta é a terra de Zeke. Ele vai matar você.



— Ele poderia, — David concordou com um encolher de ombros, — Se estivesse aqui. Mas nós o vimos ir embora. Nós estivemos esperando três longas semanas para aquele filho da puta finalmente ir embora para que pudéssemos fazer justiça por Scott.

— E agora seu tempo acabou, — disse uma voz familiar em seu ouvido.

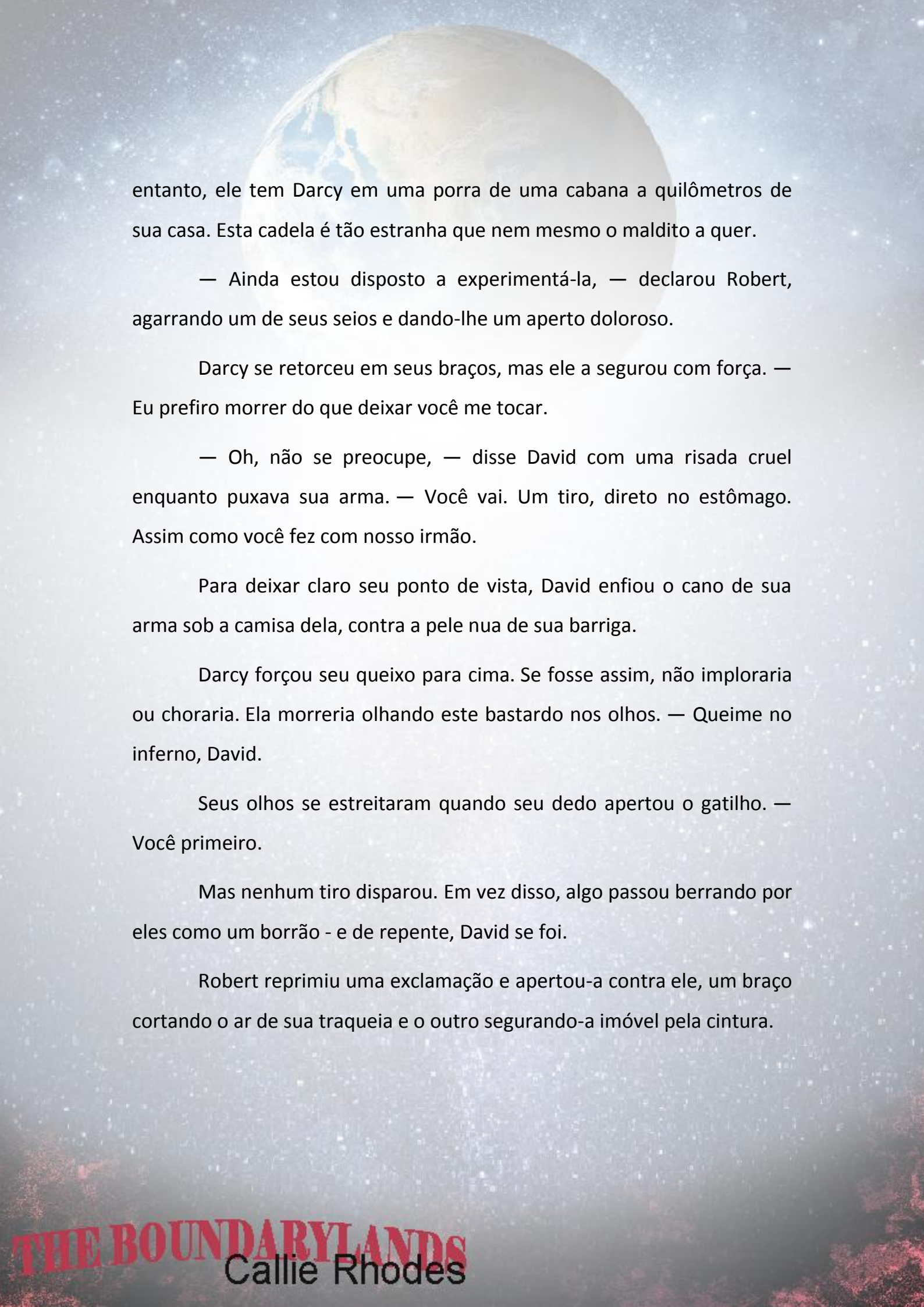
Darcy deu um pulo. Ela estava tão focada em David que não notou Robert se esgueirando pela lateral da cabana.

Ela balançou a tábua, mas David bloqueou facilmente e então arrancou-a de suas mãos. Sem a arma, Darcy tentou correr, mas Robert a bloqueou. Ele agarrou o braço dela, torcendo-o com força suficiente para colocá-la de joelhos. Ela tentou lutar e foi recompensada com uma sacudida excruciante de dor quando ele a puxou para cima, fazendo-a gritar.

Robert cravou os dedos em seu cabelo e puxou sua cabeça para trás, envolvendo-a com o braço livre e prendendo seus braços contra seu corpo. Ele pressionou seu rosto contra o dela e seu nariz se enrugou com o cheiro de seu hálito fétido e a raspagem de sua barba por fazer.

— Scott estava certo sobre uma coisa, — ele murmurou contra o ouvido dela. — Você teria sido uma foda animada.

— Não sei disso, — disse David. — Eu nunca ouvi falar de uma mulher tão nojenta que nem mesmo um Alfa transasse com ela. No



entanto, ele tem Darcy em uma porra de uma cabana a quilômetros de sua casa. Esta cadela é tão estranha que nem mesmo o maldito a quer.

— Ainda estou disposto a experimentá-la, — declarou Robert, agarrando um de seus seios e dando-lhe um aperto doloroso.

Darcy se retorceu em seus braços, mas ele a segurou com força. — Eu prefiro morrer do que deixar você me tocar.

— Oh, não se preocupe, — disse David com uma risada cruel enquanto puxava sua arma. — Você vai. Um tiro, direto no estômago. Assim como você fez com nosso irmão.

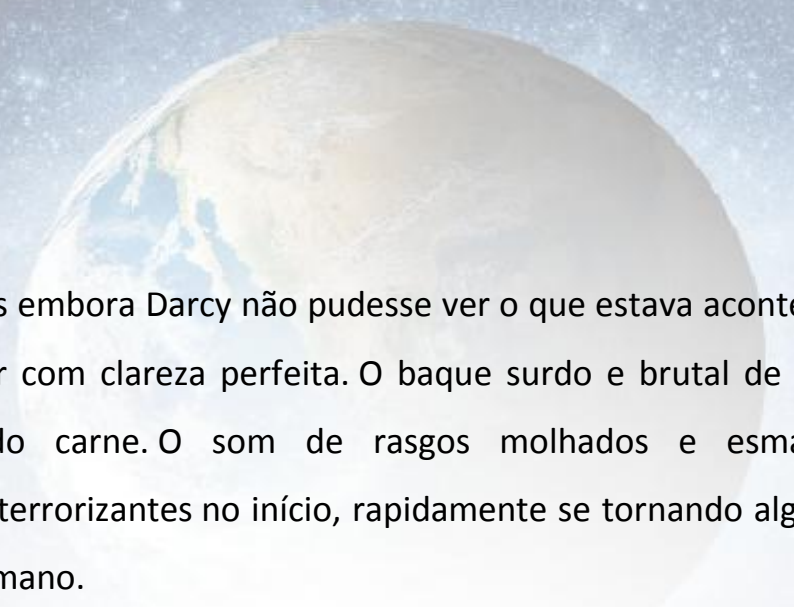
Para deixar claro seu ponto de vista, David enfiou o cano de sua arma sob a camisa dela, contra a pele nua de sua barriga.

Darcy forçou seu queixo para cima. Se fosse assim, não imploraria ou choraria. Ela morreria olhando este bastardo nos olhos. — Queime no inferno, David.

Seus olhos se estreitaram quando seu dedo apertou o gatilho. — Você primeiro.

Mas nenhum tiro disparou. Em vez disso, algo passou berrando por eles como um borrão - e de repente, David se foi.

Robert reprimiu uma exclamação e apertou-a contra ele, um braço cortando o ar de sua traqueia e o outro segurando-a imóvel pela cintura.



Mas embora Darcy não pudesse ver o que estava acontecendo, ela podia ouvir com clareza perfeita. O baque surdo e brutal de algo sólido encontrando carne. O som de rasgos molhados e esmagadores. E os gritos, aterrorizantes no início, rapidamente se tornando algo que nem parecia humano.

Ela sentiu Robert começando a tremer. Não precisava ver sua expressão para saber quão assustado ele estava.

E isso só poderia significar uma coisa... Zeke os havia encontrado. — Eu disse que ele ia te matar, — ela sussurrou.

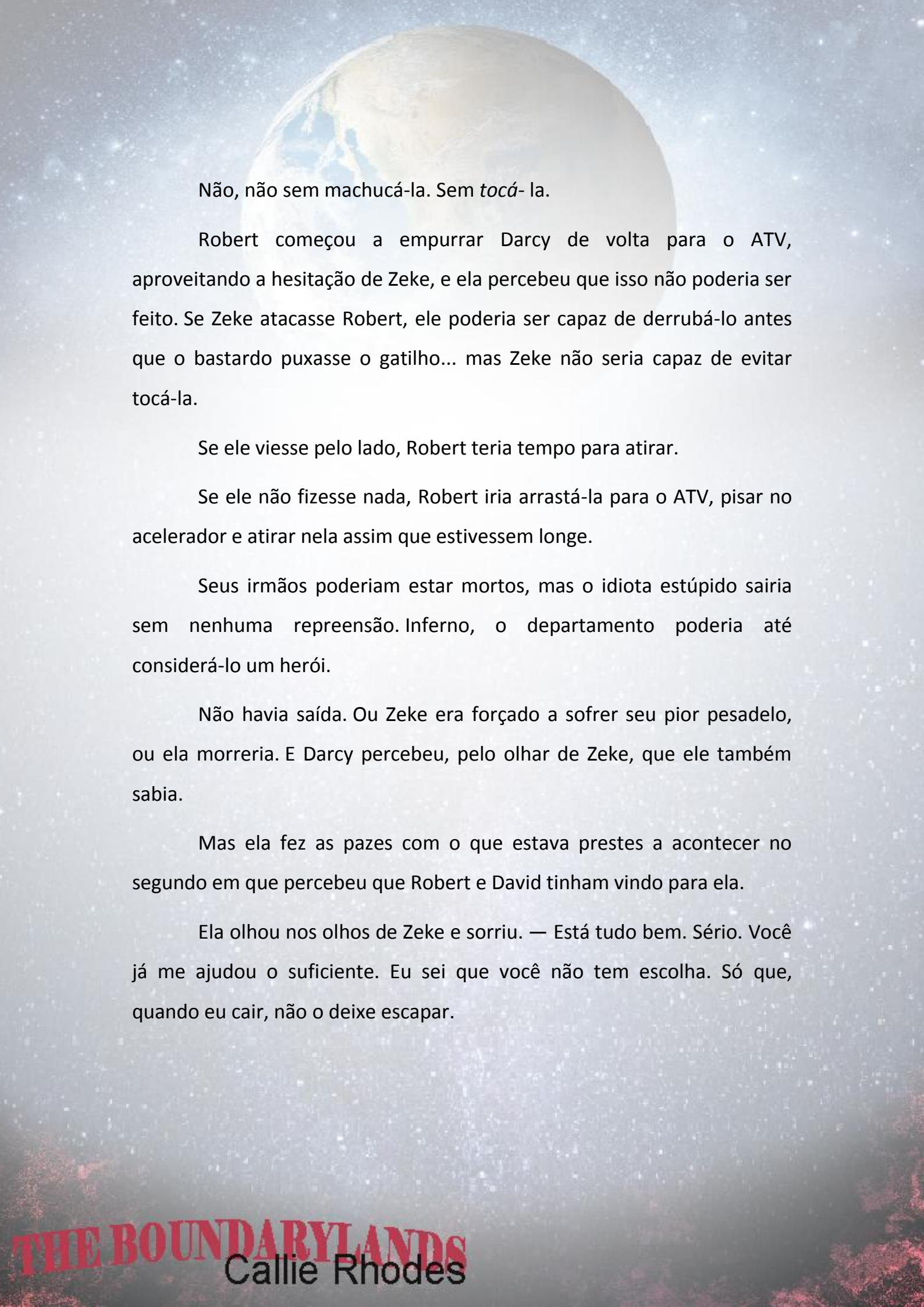
Robert era estúpido demais para saber que era hora de recuar. Seu aperto em torno de sua cintura desapareceu, e um cano frio e duro pressionou contra sua têmpora.

Um segundo depois, Zeke entrou em seu campo de visão, coberto com o sangue de outro homem, seu rosto uma máscara de raiva.

— F...fique para trás ou atiro nela, — Robert gaguejou.

De alguma forma, Zeke parecia ainda mais maciço, mais primitivo do que nunca. Mas embora a energia explosiva irradiasse de seu corpo, ele tinha o olhar deliberado e focado de um predador, para quem a violência nada mais era do que um meio para um fim.

Zeke ajustou sua postura muito ligeiramente, calculando como chegar até Robert sem machucá-la.



Não, não sem machucá-la. Sem *tocá-la*.

Robert começou a empurrar Darcy de volta para o ATV, aproveitando a hesitação de Zeke, e ela percebeu que isso não poderia ser feito. Se Zeke atacasse Robert, ele poderia ser capaz de derrubá-lo antes que o bastardo puxasse o gatilho... mas Zeke não seria capaz de evitar *tocá-la*.

Se ele viesse pelo lado, Robert teria tempo para atirar.

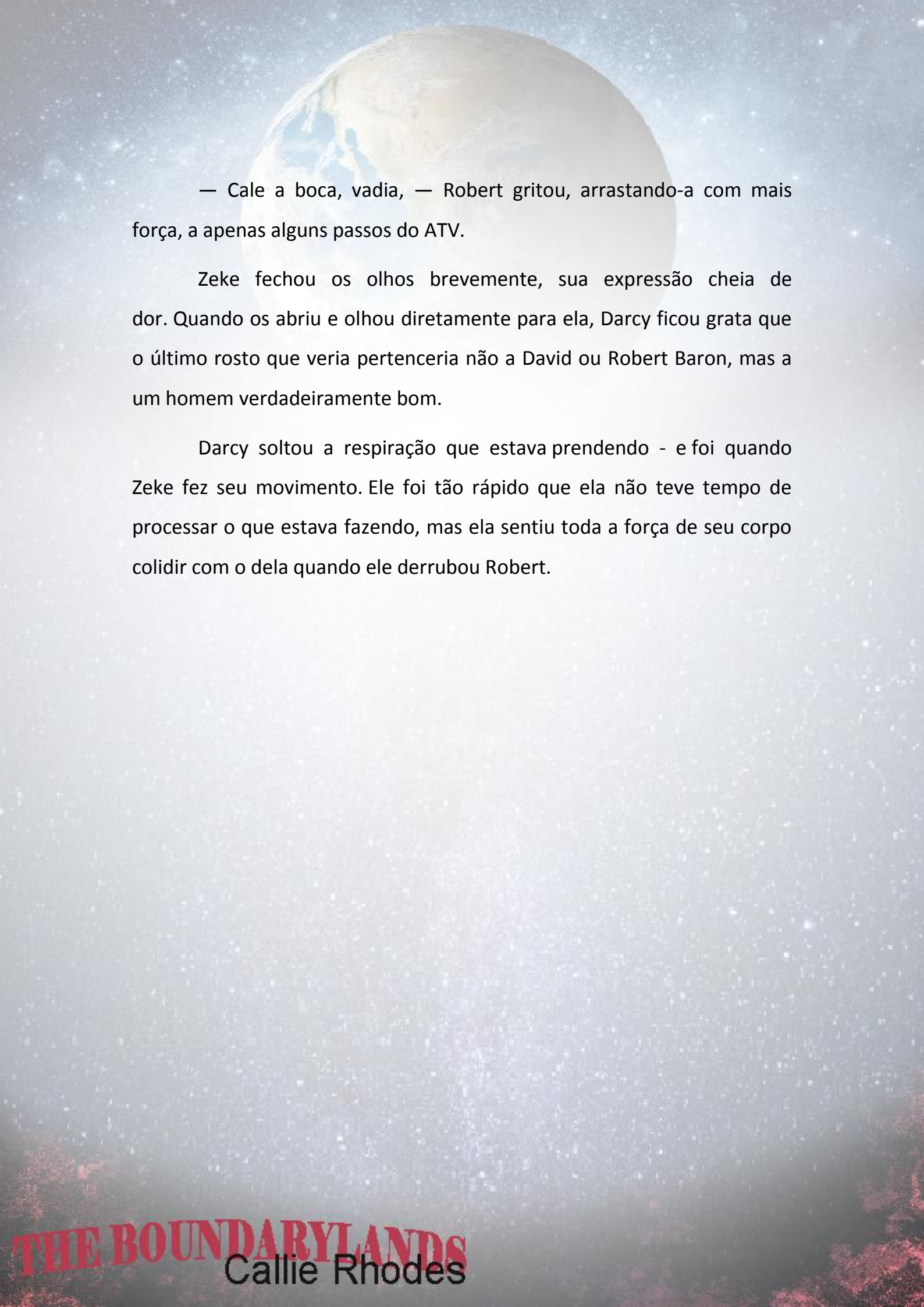
Se ele não fizesse nada, Robert iria arrastá-la para o ATV, pisar no acelerador e atirar nela assim que estivessem longe.

Seus irmãos poderiam estar mortos, mas o idiota estúpido sairia sem nenhuma repreensão. Inferno, o departamento poderia até considerá-lo um herói.

Não havia saída. Ou Zeke era forçado a sofrer seu pior pesadelo, ou ela morreria. E Darcy percebeu, pelo olhar de Zeke, que ele também sabia.

Mas ela fez as pazes com o que estava prestes a acontecer no segundo em que percebeu que Robert e David tinham vindo para ela.

Ela olhou nos olhos de Zeke e sorriu. — Está tudo bem. Sério. Você já me ajudou o suficiente. Eu sei que você não tem escolha. Só que, quando eu cair, não o deixe escapar.



— Cale a boca, vadia, — Robert gritou, arrastando-a com mais força, a apenas alguns passos do ATV.

Zeke fechou os olhos brevemente, sua expressão cheia de dor. Quando os abriu e olhou diretamente para ela, Darcy ficou grata que o último rosto que veria pertenceria não a David ou Robert Baron, mas a um homem verdadeiramente bom.

Darcy soltou a respiração que estava prendendo - e foi quando Zeke fez seu movimento. Ele foi tão rápido que ela não teve tempo de processar o que estava fazendo, mas ela sentiu toda a força de seu corpo colidir com o dela quando ele derrubou Robert.



CAPÍTULO 13

Darcy

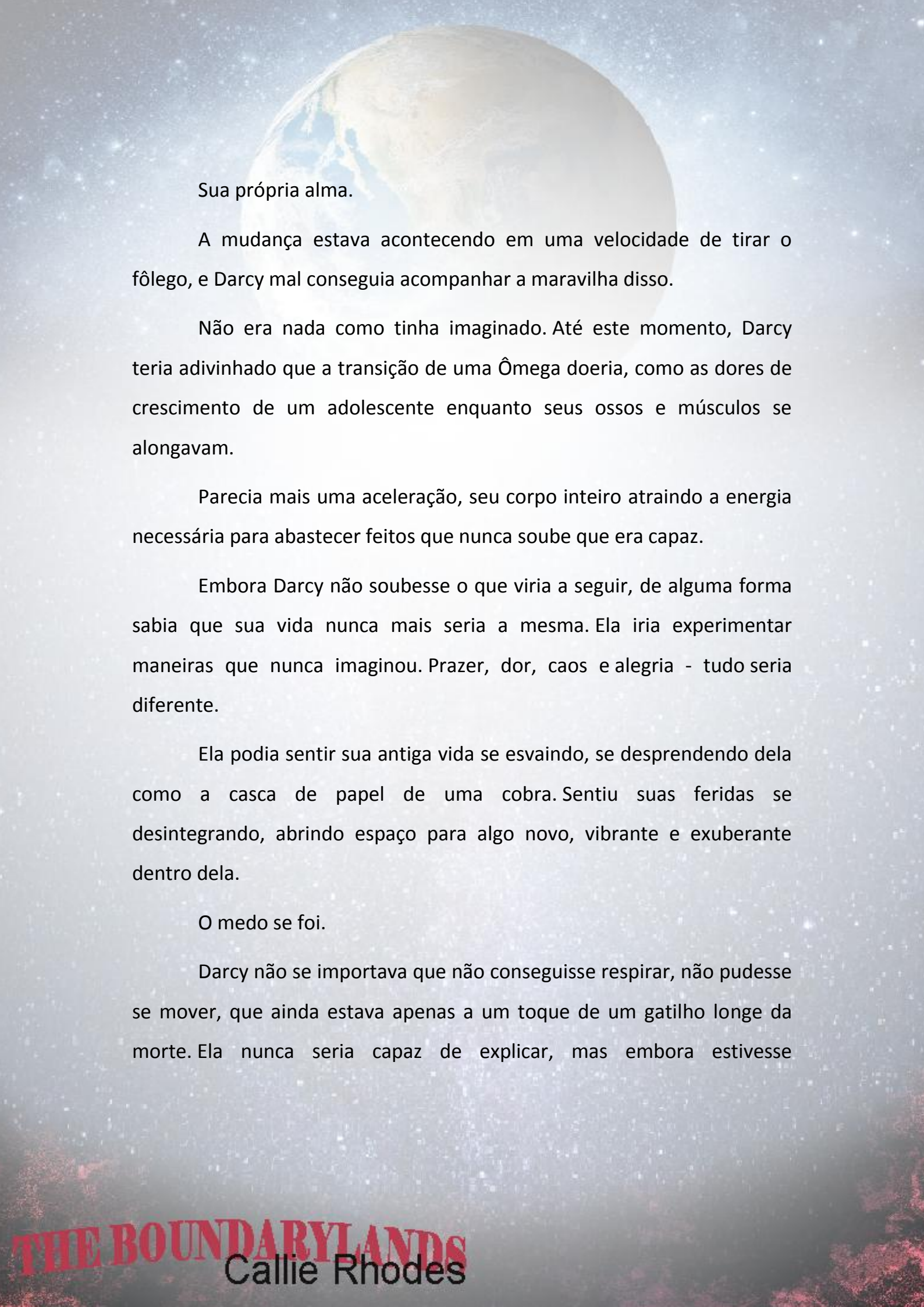
O corpo de Darcy caiu com força. Nem mesmo caindo contra o peito de Robert foi o suficiente para amortecer o golpe. O impacto tirou o fôlego de seus pulmões, e ela ofegou por ar enquanto lutava para rolar sobre os joelhos.

Não estava funcionando. Ela se sentia como se estivesse sufocando. Darcy agarrou sua garganta, perguntando-se se sua traqueia estava esmagada, se estava prestes a morrer.

Mas então o desespero subitamente se dissipou, substituído por uma névoa estranhamente pacífica que momentaneamente turvou sua visão, preenchendo-a com um campo de luz cintilante. Mesmo sabendo que havia se machucado na queda, sua dor desapareceu e ela foi preenchida com a sensação de que tudo estava como deveria ser.

Zeke.

Ele a tocou, e embora tenha durado apenas uma fração de segundo quando passou por ela e bateu em Robert, de alguma forma a sensação foi impressa nela - não apenas o calor calmante e formigante onde seu enorme ombro colidiu com o dela, mas por todo o corpo dela. Em suas células. Seus órgãos. A mente dela.



Sua própria alma.

A mudança estava acontecendo em uma velocidade de tirar o fôlego, e Darcy mal conseguia acompanhar a maravilha disso.

Não era nada como tinha imaginado. Até este momento, Darcy teria adivinhado que a transição de uma Ômega doeria, como as dores de crescimento de um adolescente enquanto seus ossos e músculos se alongavam.

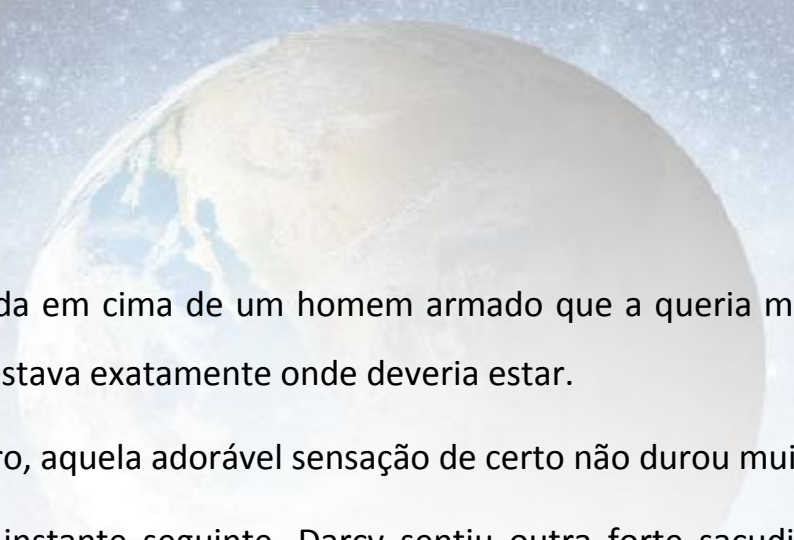
Parecia mais uma aceleração, seu corpo inteiro atraindo a energia necessária para abastecer feitos que nunca soube que era capaz.

Embora Darcy não soubesse o que viria a seguir, de alguma forma sabia que sua vida nunca mais seria a mesma. Ela iria experimentar maneiras que nunca imaginou. Prazer, dor, caos e alegria - tudo seria diferente.

Ela podia sentir sua antiga vida se esvaindo, se desprendendo dela como a casca de papel de uma cobra. Sentiu suas feridas se desintegrando, abrindo espaço para algo novo, vibrante e exuberante dentro dela.

O medo se foi.

Darcy não se importava que não conseguisse respirar, não pudesse se mover, que ainda estava apenas a um toque de um gatilho longe da morte. Ela nunca seria capaz de explicar, mas embora estivesse



esparramada em cima de um homem armado que a queria morta, Darcy sabia que estava exatamente onde deveria estar.

Claro, aquela adorável sensação de certo não durou muito.

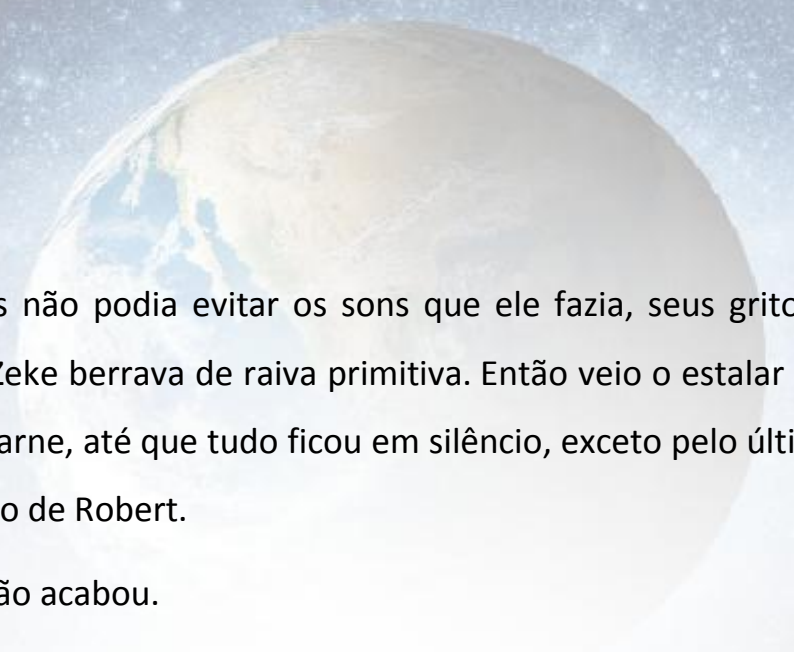
No instante seguinte, Darcy sentiu outra forte sacudida quando Robert foi puxado para fora dela. Em um momento ele estava embaixo dela, no próximo, sua bunda estava descansando em um pedaço de azedinha.

Esse segundo impacto libertou seus pulmões da paralisia e Darcy foi capaz de inspirar profundamente algumas vezes.

Ela ergueu os olhos bem a tempo de Zeke soltar um berro aterrorizante e lançar Robert contra uma sequoia. As pernas de Robert sofreram todo o impacto com o tronco largo e implacável, e um ruído nauseante ecoou pelas árvores. Gritos explodiram quando Robert caiu aos pés de Zeke, e os olhos de Darcy se arregalaram enquanto tentava entender o que estava vendo.

O osso branco irregular projetava-se do tecido ensanguentado de suas calças em ângulos que não faziam sentido. Um pé estava completamente para trás. O estômago de Darcy se agitou com a visão e ela se virou.

Robert Baron pode ter sido um filho da puta sádico que queria fazer coisas horríveis com ela, mas isso não significava que Darcy queria vê-lo morrer em agonia.



Mas não podia evitar os sons que ele fazia, seus gritos confusos enquanto Zeke berrava de raiva primitiva. Então veio o estalar de ossos, o rasgar de carne, até que tudo ficou em silêncio, exceto pelo último suspiro estremecido de Robert.

Então acabou.

Exceto que ela sabia que não era verdade.

O último fragmento de sua identidade Beta, a parte que mesmo agora ela podia sentir se esvaindo, sabia que estava apenas começando.

Zeke

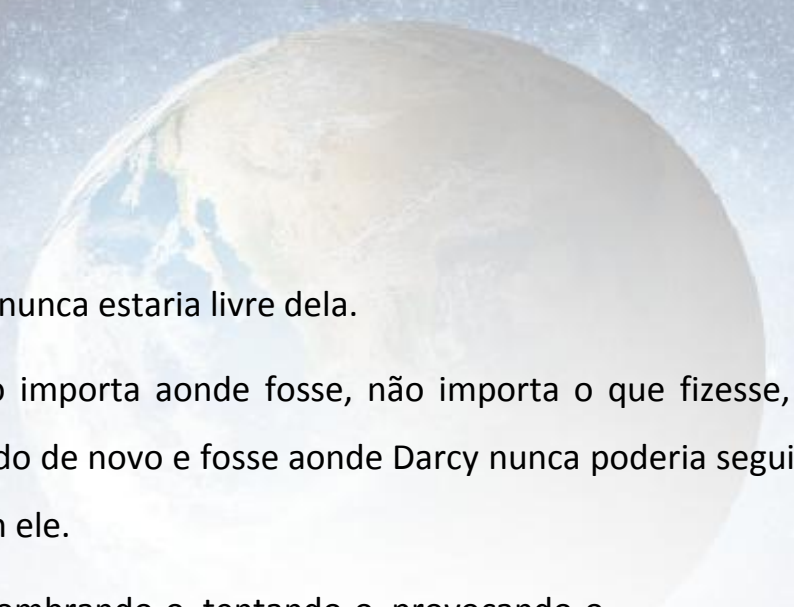
O sangue pingava das mãos de Zeke e caía no chão de agulhas de pinheiro abaixo de seus pés. Por um momento, Zeke ficou parado, respirando profundamente, cheirando a sangue, urina e medo.

Mas por baixo de tudo isso estava ela.

Darcy.

Zeke podia senti-la penetrar em seu corpo, em seu coração, onde ficaria alojada até o dia em que ele morresse.

Ele a tocou, ativou sua natureza, tirou sua liberdade e a dele em uma fração de segundo, condenando-se a estar algemado a ela para sempre. Estava feito e ele não podia voltar atrás.



Ele nunca estaria livre dela.

Não importa aonde fosse, não importa o que fizesse, mesmo se puxasse tudo de novo e fosse aonde Darcy nunca poderia seguir, ela ainda estaria com ele.

Assombrando-o, tentando-o, provocando-o.

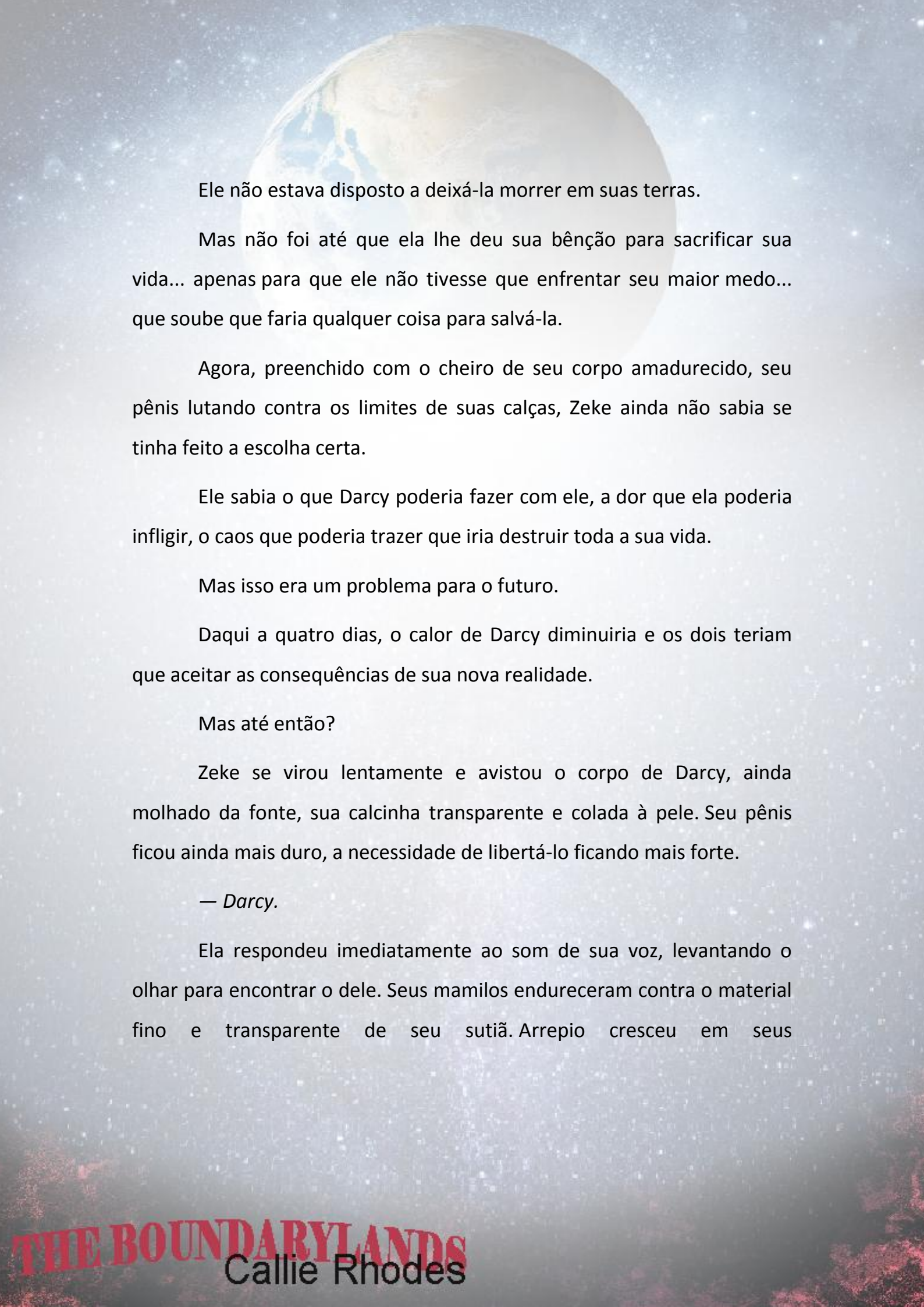
Ele sabia como isso iria acabar no momento em que Cade revelou que os Betas haviam entrado em suas terras.

Zeke estava apavorado, realmente apavorado. Estava dolorosamente ciente de que era um dos poucos Alfas que experimentou aquela emoção, que sempre vinha da mesma fonte: Ômeegas.

Para conhecer o terror, você precisava ter algo a perder.

Bem, Zeke *nunca* perderia Darcy.

Ele havia negado essa verdade por muito tempo e, como um salmão se jogando contra a correnteza, teria continuado a fazê-lo até morrer se esses covardes irmãos Beta não tivessem vindo aqui implorando para que a justiça fosse feita. Até que bater no corpo de Darcy, Zeke tinha convencido ele mesmo que sua reação a ela era o resultado irracional da biologia. Mas Darcy não era apenas uma Ômega desperta. Ela era uma lutadora com mais coragem do que alguns dos Alfas que Zeke conhecia. Ela era uma idiota que se preocupava com ele quando não precisava, que se tocava sem vergonha, e o chamava pelo nome completo quando ninguém mais se importava.



Ele não estava disposto a deixá-la morrer em suas terras.

Mas não foi até que ela lhe deu sua bênção para sacrificar sua vida... apenas para que ele não tivesse que enfrentar seu maior medo... que soube que faria qualquer coisa para salvá-la.

Agora, preenchido com o cheiro de seu corpo amadurecido, seu pênis lutando contra os limites de suas calças, Zeke ainda não sabia se tinha feito a escolha certa.

Ele sabia o que Darcy poderia fazer com ele, a dor que ela poderia infligir, o caos que poderia trazer que iria destruir toda a sua vida.

Mas isso era um problema para o futuro.

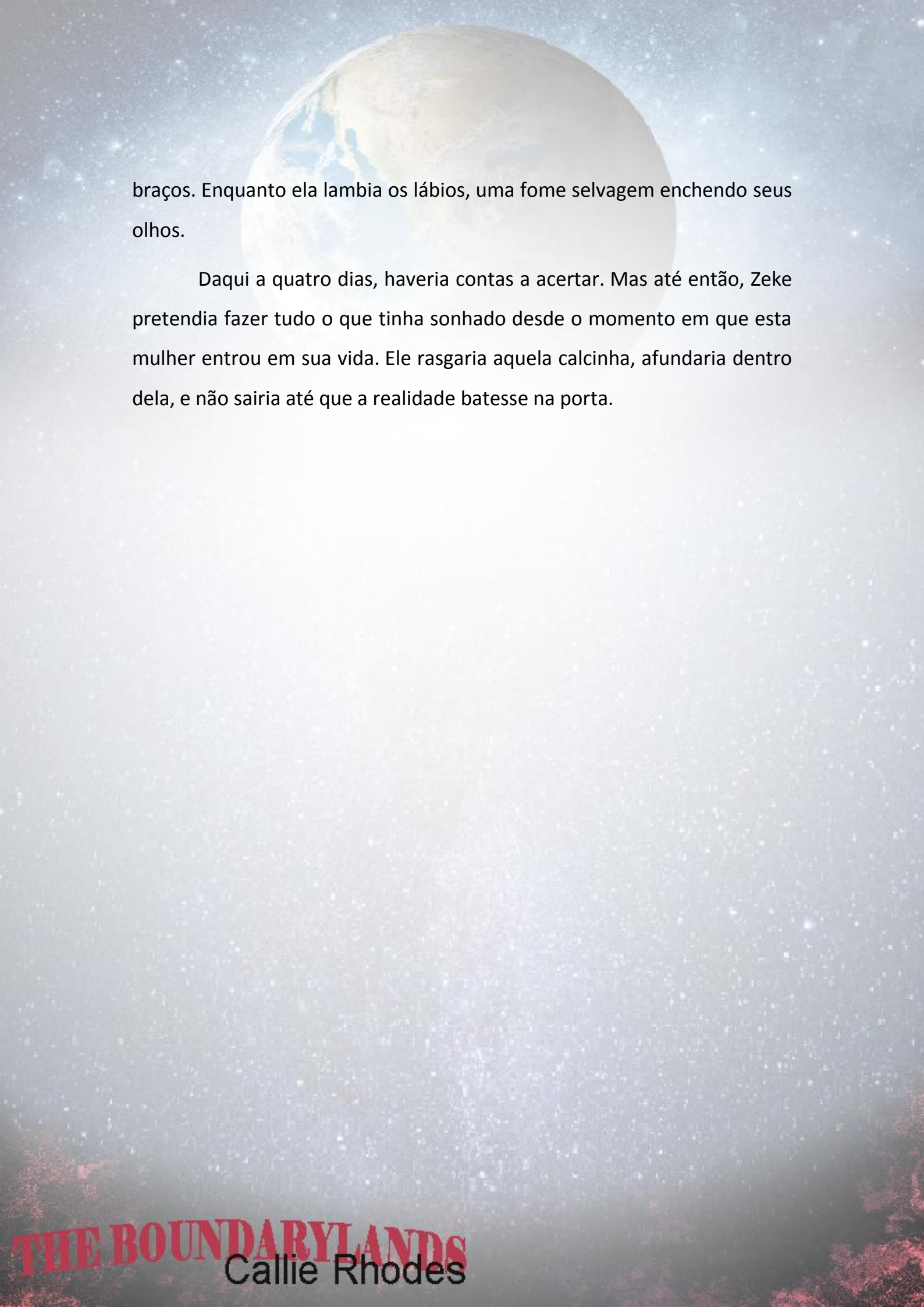
Daqui a quatro dias, o calor de Darcy diminuiria e os dois teriam que aceitar as consequências de sua nova realidade.

Mas até então?

Zeke se virou lentamente e avistou o corpo de Darcy, ainda molhado da fonte, sua calcinha transparente e colada à pele. Seu pênis ficou ainda mais duro, a necessidade de libertá-lo ficando mais forte.

— *Darcy.*

Ela respondeu imediatamente ao som de sua voz, levantando o olhar para encontrar o dele. Seus mamilos endureceram contra o material fino e transparente de seu sutiã. Arrepio cresceu em seus



braços. Enquanto ela lambia os lábios, uma fome selvagem enchendo seus olhos.

Daqui a quatro dias, haveria contas a acertar. Mas até então, Zeke pretendia fazer tudo o que tinha sonhado desde o momento em que esta mulher entrou em sua vida. Ele rasgaria aquela calcinha, afundaria dentro dela, e não sairia até que a realidade batesse na porta.



CAPÍTULO 14

Darcy

— *Darcy.*

Ela não pôde resistir ao som de seu nome nos lábios de Zeke. Ela *teve* que se virar.

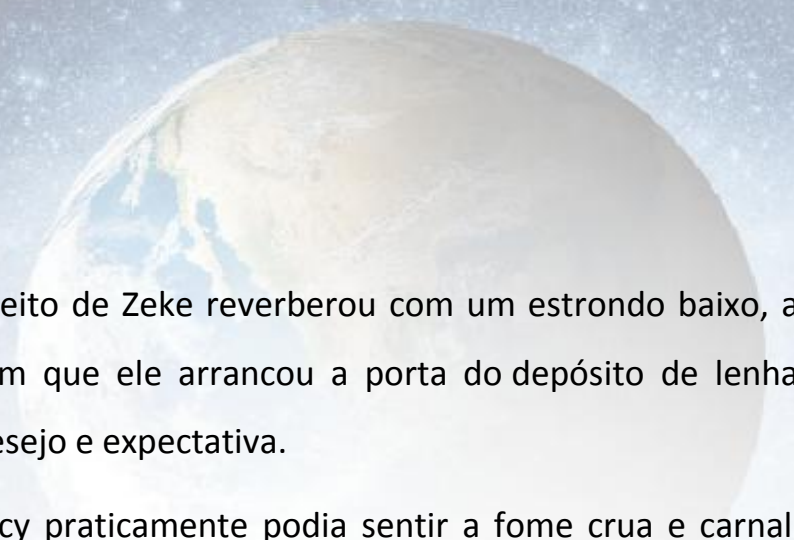
Ao vê-lo, seus lábios se separaram e um pequeno som escapou. Ao contrário do primeiro dia em que se conheceram, ele era o único de pé ali com as roupas rasgadas e coberto de sangue.

Ela não se importava com o sangue, no entanto. Ela nem se deu ao trabalho de olhar para o cadáver mutilado de Robert. Toda sua atenção estava em Zeke.

No rosto que era familiar, mas de alguma forma diferente. No corpo magnífico que a inundou de consciência. Nos duros olhos verdes que faziam com que seus mamilos se contraíssem dolorosamente.

Inúmeras vezes, Darcy tinha fantasiado sobre como seria com Zeke. Mas tudo estava diferente agora porque *isso* não era uma fantasia.

A inevitabilidade do que estava para acontecer fazia sua excitação cem - mil - vezes mais intensa.



O peito de Zeke reverberou com um estrondo baixo, assim como na noite em que ele arrancou a porta do depósito de lenha - um som cheio de desejo e expectativa.

Darcy praticamente podia sentir a fome crua e carnal irradiando dele... e seu corpo respondeu com uma onda de umidade que descia por suas pernas.

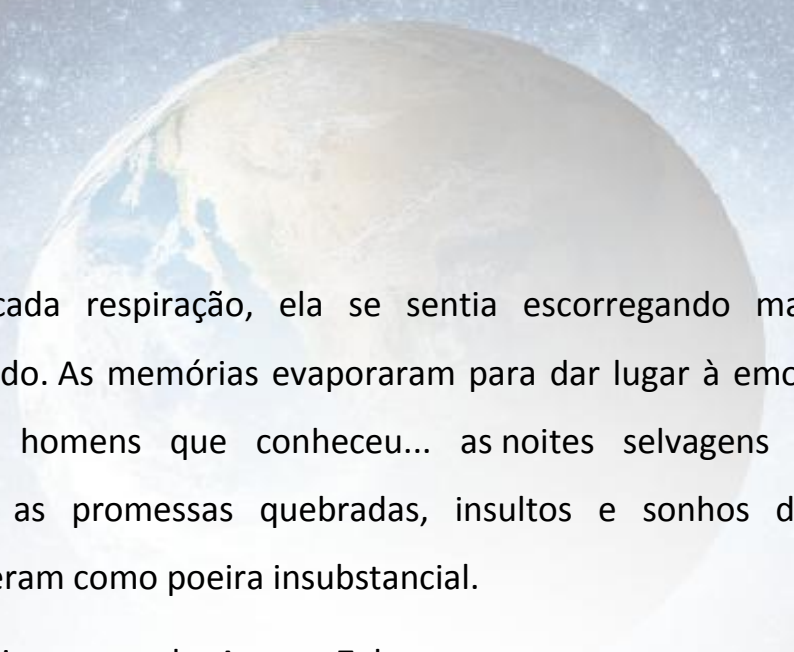
Zeke inalou profundamente, suas narinas dilataram-se enquanto ele bebia seu perfume. Ainda assim, não a apressou. Em vez disso, se moveu em direção a ela lentamente, deliberadamente, seus olhos nunca deixando os dela.

Quando havia apenas alguns centímetros entre eles, Zeke colocou a mão na nuca dela e a puxou para perto.

E então a beijou.

Era tudo o que Darcy tinha imaginado: apaixonado, exigente, doce, perigoso, inebriante, misturado com promessa e também com uma leve ameaça. O estrondo ficou mais alto quando a língua dele varreu o contorno de seu lábio inferior, então reivindicou sua boca inteiramente.

Darcy se perdeu na enxurrada de sensações. A queda que despertou sua natureza era como um terremoto, arrancando-a de seus alicerces e deixando-a sem amarras, mas não era nada em comparação com a força esmagadora de seu beijo.



A cada respiração, ela se sentia escorregando mais para o desconhecido. As memórias evaporaram para dar lugar à emoção. Todos os outros homens que conheceu... as noites selvagens e manhãs estranhas, as promessas quebradas, insultos e sonhos destruídos... desapareceram como poeira insubstancial.

Havia apenas ele. Apenas Zeke.

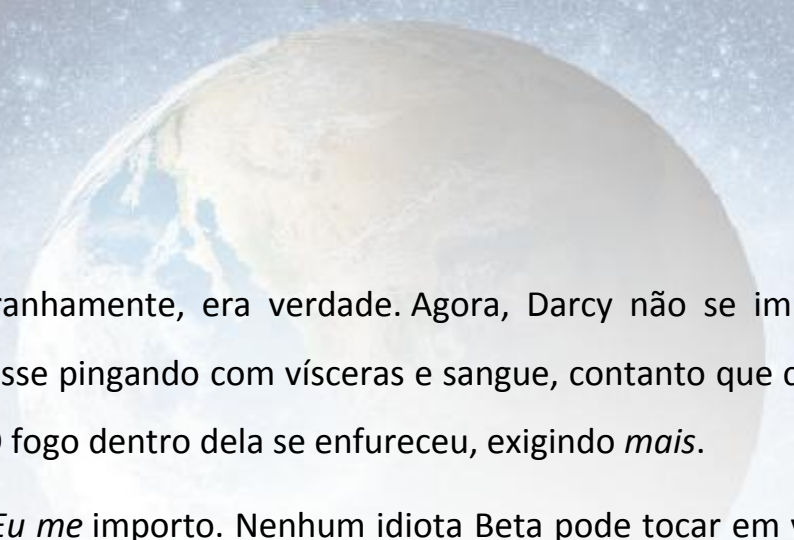
Eventualmente, ele se afastou olhando penetrantemente em seus olhos, e quando falou, sua voz estava cheia de dor. — Eu deveria ter estado aqui. Eu deveria ter matado eles no segundo em que pisaram em minhas terras.

— Silêncio. — Darcy ficou na ponta dos pés, tentando alcançar a boca dele novamente. — Não olhe para trás. Apenas continue me beijando. Eu queria isso há tanto tempo.

Zeke deslizou a mão para cima, mergulhando os dedos profundamente em seu cabelo. Ele a estava puxando para beijá-la novamente quando fez uma pausa, seus lábios se curvando em nojo. Ele agarrou seus ombros e a olhou de cima a baixo.

— Minhas mãos estão cobertas com o sangue dos bastardos. Estou colocando tudo em cima de você.

— Eu não me importo.



Estranhamente, era verdade. Agora, Darcy não se importaria se Zeke estivesse pingando com vísceras e sangue, contanto que continuasse a tocá-la. O fogo dentro dela se enfureceu, exigindo *mais*.

— *Eu me importo*. Nenhum idiota Beta pode tocar em você nunca mais. Nem mesmo na morte. — Zeke enganchou a mão sob os joelhos e, de repente, Darcy estava no alto em seus braços, aninhada contra seu peito. A mesma paz que a dominou nos segundos após seu primeiro toque - aquela sensação de perfeito *acerto* - a envolveu novamente.

Darcy não pensou em absolutamente nada enquanto Zeke a carregava pela floresta, deixando-se aquecer na nova sensação de segurança, de ser protegida e amada por alguém que jurou protegê-la. Ela havia perdido muito nas últimas três semanas se preocupando com essa mudança em sua natureza, vivendo em um exílio auto-imposto, lutando contra... o quê?

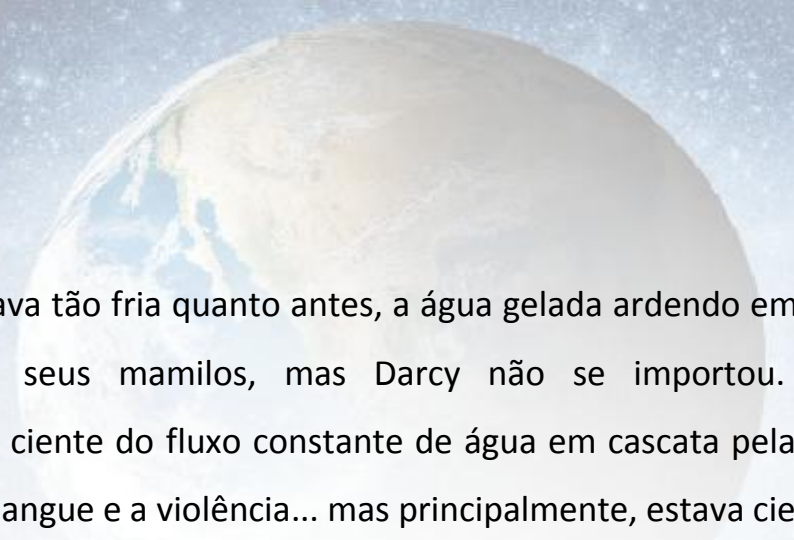
Essa sensação de contentamento?

Esse desejo irresistível?

A realização de quem realmente deveria ser?

Ela tinha sido uma idiota.

Darcy virou a cabeça ao som da água borbulhante e viu que Zeke a trouxera de volta à fonte. Sem se preocupar em tirar até mesmo suas botas, ele entrou diretamente na fonte e a abaixou suavemente na água.



Estava tão fria quanto antes, a água gelada ardendo em sua pele e contraindo seus mamilos, mas Darcy não se importou. Ela estava vagamente ciente do fluxo constante de água em cascata pela rocha lisa, lavando o sangue e a violência... mas principalmente, estava ciente *dele*.

Mais consciente do que nunca de qualquer coisa em sua vida.

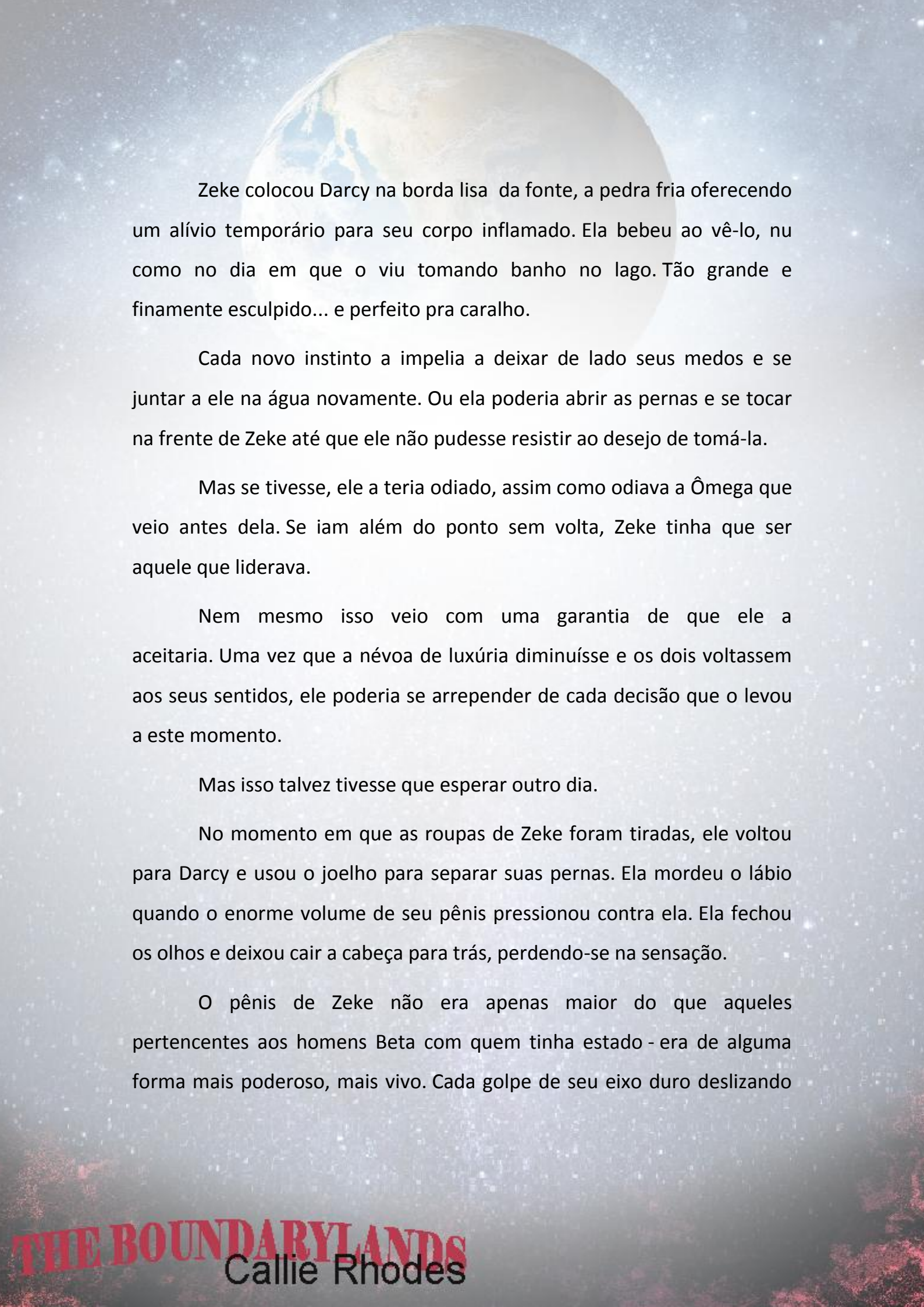
Darcy não esperou permissão, mas rodeou os braços com mais força ao redor do pescoço de Zeke e o beijou com avidez. Ela traçou beijos por sua mandíbula, garganta, a pele sob o colarinho encharcado. O estrondo de seu peito reverberou contra ela, causando outro jorro de umidade quente derramando de sua vagina.

Debaixo d'água, ela envolveu suas pernas ao redor de seus quadris, abrindo-as completamente para acomodá-lo, e apertou sua vagina contra o plano rígido de sua barriga.

Porra, era bom - melhor do que bom. O clitóris inchado de Darcy implorando pela fricção que a faria gozar, e estava perigosamente perto da beira do orgasmo apenas por se esfregar contra seu corpo.

Mas não estava disposta a se contentar com menos do que tudo dele. Ela precisava de Zeke dentro dela. Preenchendo -a, tomando -a, reivindicando -a de uma forma que ninguém mais faria novamente.

E ele também queria. Ela sabia - sua *alma* sabia, com uma certeza que nunca sentiu antes.



Zeke colocou Darcy na borda lisa da fonte, a pedra fria oferecendo um alívio temporário para seu corpo inflamado. Ela bebeu ao vê-lo, nu como no dia em que o viu tomando banho no lago. Tão grande e finalmente esculpido... e perfeito pra caralho.

Cada novo instinto a impelia a deixar de lado seus medos e se juntar a ele na água novamente. Ou ela poderia abrir as pernas e se tocar na frente de Zeke até que ele não pudesse resistir ao desejo de tomá-la.

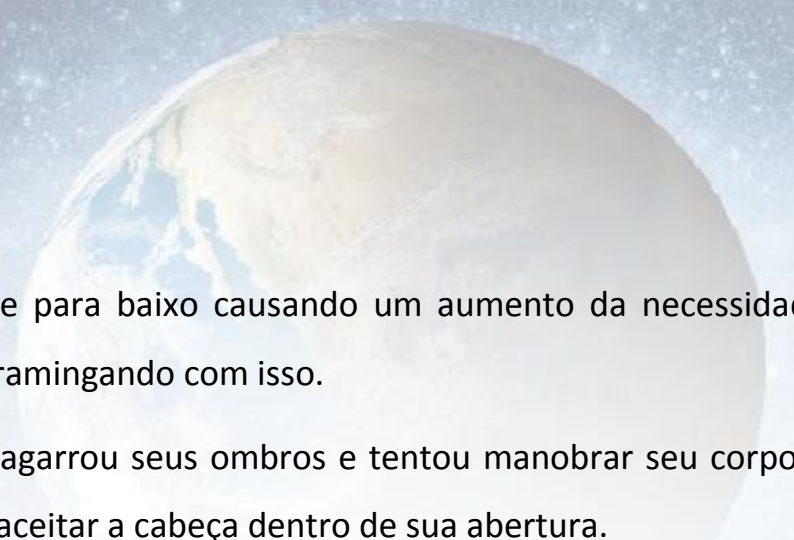
Mas se tivesse, ele a teria odiado, assim como odiava a Ômega que veio antes dela. Se iam além do ponto sem volta, Zeke tinha que ser aquele que liderava.

Nem mesmo isso veio com uma garantia de que ele a aceitaria. Uma vez que a névoa de luxúria diminuísse e os dois voltassem aos seus sentidos, ele poderia se arrepender de cada decisão que o levou a este momento.

Mas isso talvez tivesse que esperar outro dia.

No momento em que as roupas de Zeke foram tiradas, ele voltou para Darcy e usou o joelho para separar suas pernas. Ela mordeu o lábio quando o enorme volume de seu pênis pressionou contra ela. Ela fechou os olhos e deixou cair a cabeça para trás, perdendo-se na sensação.

O pênis de Zeke não era apenas maior do que aqueles pertencentes aos homens Beta com quem tinha estado - era de alguma forma mais poderoso, mais vivo. Cada golpe de seu eixo duro deslizando



para cima e para baixo causando um aumento da necessidade até que estava choramingando com isso.

Ela agarrou seus ombros e tentou manobrar seu corpo no ângulo certo para aceitar a cabeça dentro de sua abertura.

— Por favor, Zeke, — ela implorou com uma voz áspera que mal reconheceu como sendo sua. — *Por favor.*

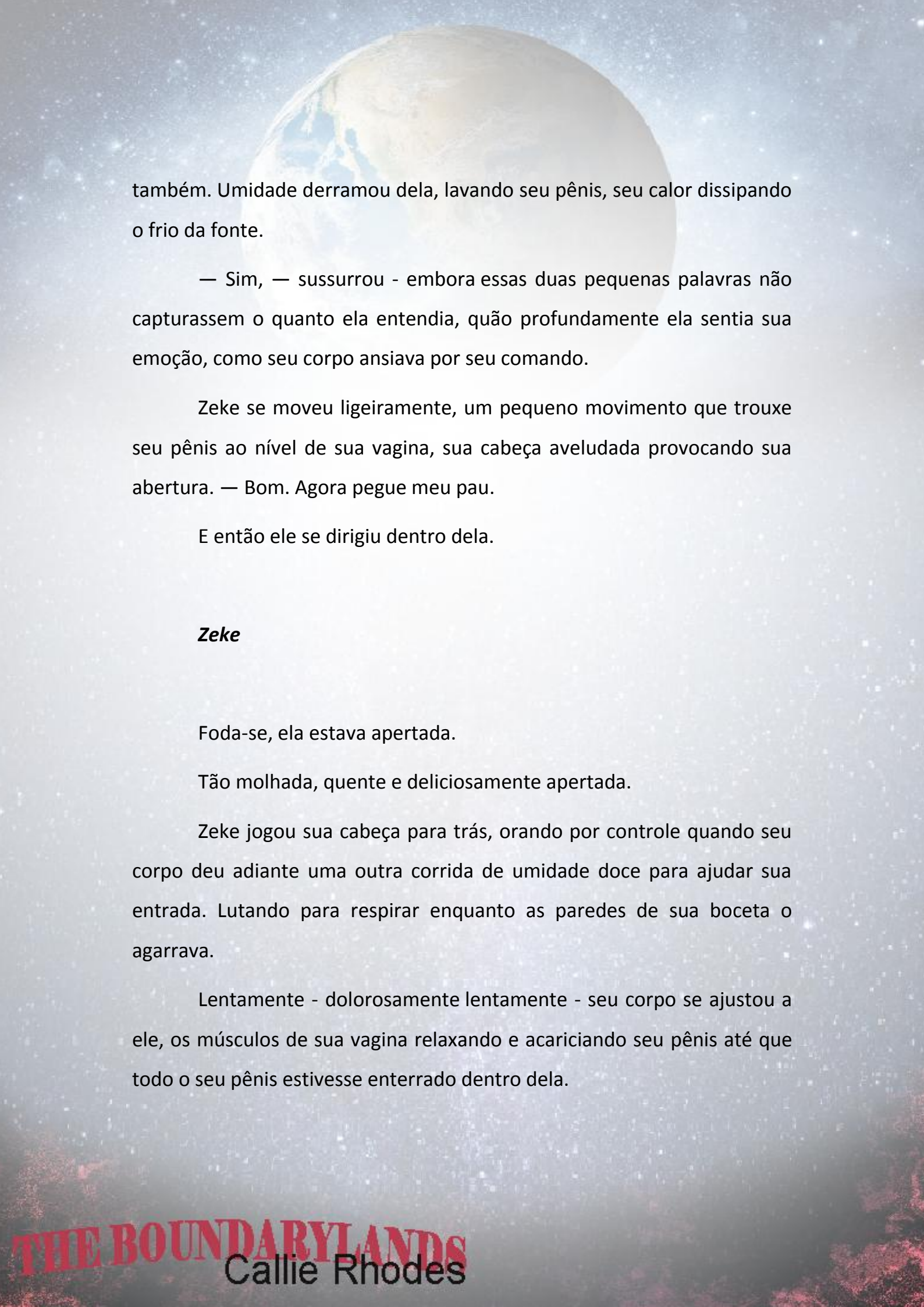
Mas Zeke segurou seus quadris firmemente longe dele, privando-a da satisfação que ela estava implorando. Enquanto se contorcia e se contorcia, ele enredou os dedos em seu cabelo e puxou sua cabeça para trás, forçando-a a olhar para ele.

Seu olhar era de repente duro e totalmente implacável. — Assim que estiver dentro de você, é isso. Você é minha. Para sempre. Entendeu?

Darcy mordeu o lábio e assentiu com impaciência - mas Zeke balançou a cabeça. Seu aperto aumentou, deixando claro que não era um jogo.

— Não me diga apenas o que quero ouvir. Entenda minhas palavras. Depois que eu te foder, acabou, Darcy. Se eu te der meu nó, você é minha. Minha nesta vida, para o túmulo, e além. — seus olhos se estreitaram perigosamente, e os olhos de Darcy lacrimejaram por seu cabelo ser puxado com tanta força. — *Você. Entendeu?*

O fogo primitivo que seu toque acendeu agora explodiu em chamas. Darcy não só entendeu cada palavra dele... mas seu corpo



também. Umidade derramou dela, lavando seu pênis, seu calor dissipando o frio da fonte.

— Sim, — sussurrou - embora essas duas pequenas palavras não capturassem o quanto ela entendia, quão profundamente ela sentia sua emoção, como seu corpo ansiava por seu comando.

Zeke se moveu ligeiramente, um pequeno movimento que trouxe seu pênis ao nível de sua vagina, sua cabeça aveludada provocando sua abertura. — Bom. Agora pegue meu pau.

E então ele se dirigiu dentro dela.

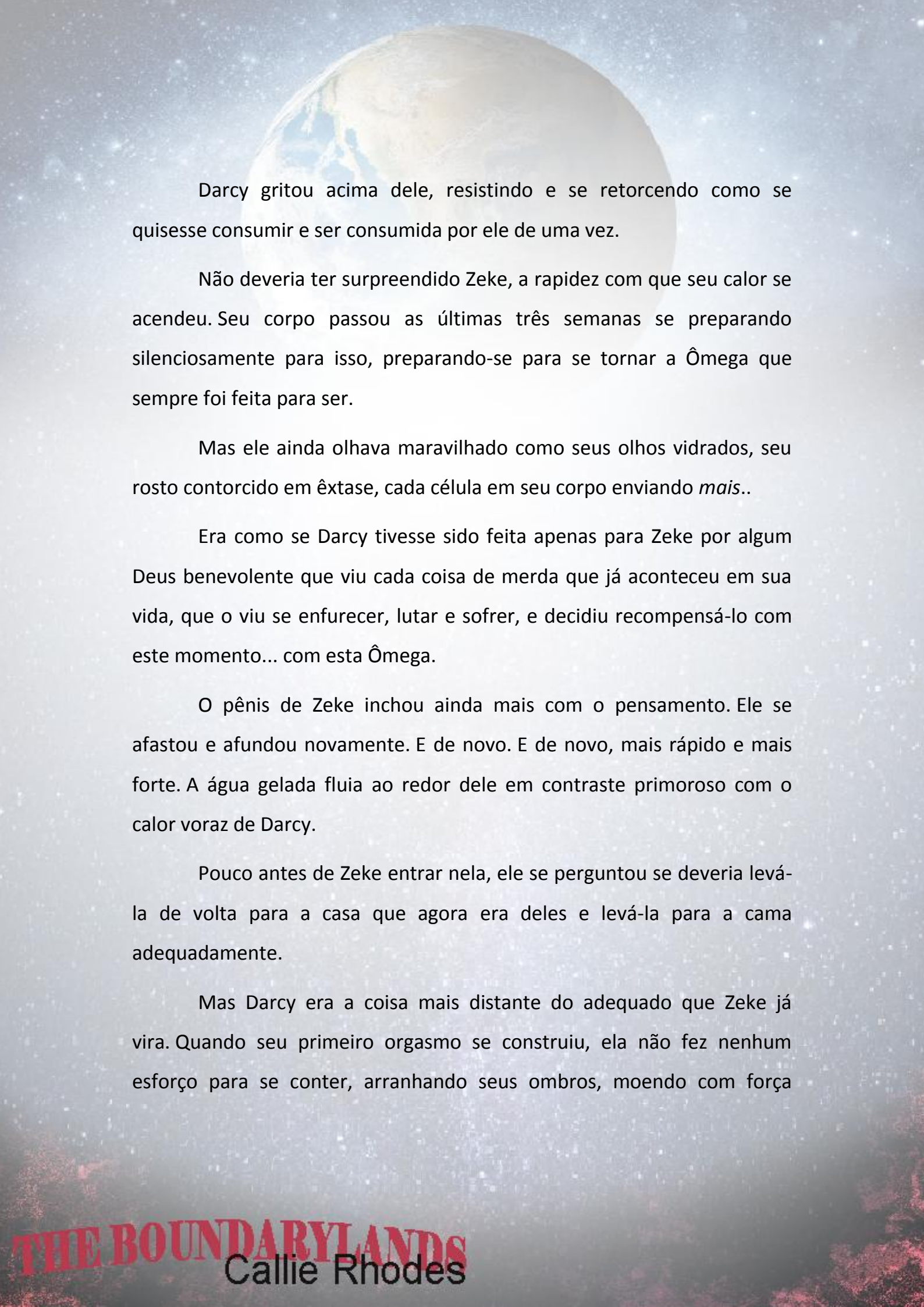
Zeke

Foda-se, ela estava apertada.

Tão molhada, quente e deliciosamente apertada.

Zeke jogou sua cabeça para trás, orando por controle quando seu corpo deu adiante uma outra corrida de umidade doce para ajudar sua entrada. Lutando para respirar enquanto as paredes de sua boceta o agarrava.

Lentamente - dolorosamente lentamente - seu corpo se ajustou a ele, os músculos de sua vagina relaxando e acariciando seu pênis até que todo o seu pênis estivesse enterrado dentro dela.



Darcy gritou acima dele, resistindo e se retorcendo como se quisesse consumir e ser consumida por ele de uma vez.

Não deveria ter surpreendido Zeke, a rapidez com que seu calor se acendeu. Seu corpo passou as últimas três semanas se preparando silenciosamente para isso, preparando-se para se tornar a Ômega que sempre foi feita para ser.

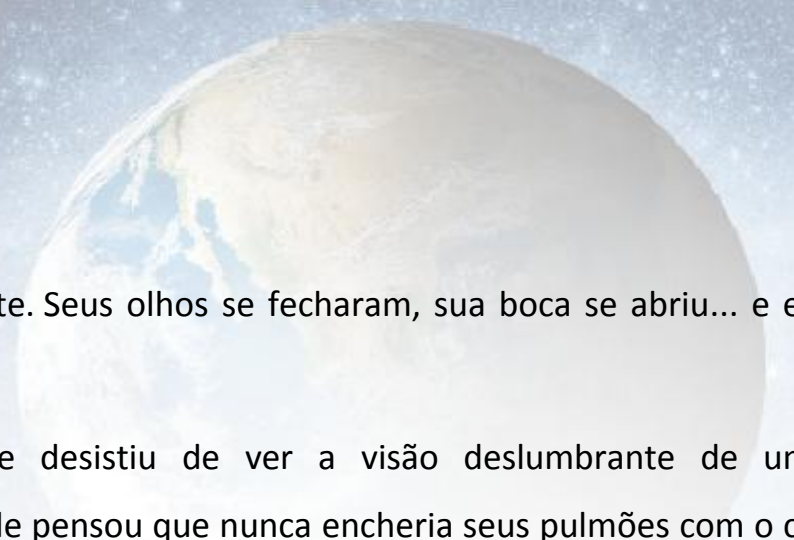
Mas ele ainda olhava maravilhado como seus olhos vidrados, seu rosto contorcido em êxtase, cada célula em seu corpo enviando *mais..*

Era como se Darcy tivesse sido feita apenas para Zeke por algum Deus benevolente que viu cada coisa de merda que já aconteceu em sua vida, que o viu se enfurecer, lutar e sofrer, e decidiu recompensá-lo com este momento... com esta Ômega.

O pênis de Zeke inchou ainda mais com o pensamento. Ele se afastou e afundou novamente. E de novo. E de novo, mais rápido e mais forte. A água gelada fluia ao redor dele em contraste primoroso com o calor voraz de Darcy.

Pouco antes de Zeke entrar nela, ele se perguntou se deveria levá-la de volta para a casa que agora era deles e levá-la para a cama adequadamente.

Mas Darcy era a coisa mais distante do adequado que Zeke já vira. Quando seu primeiro orgasmo se construiu, ela não fez nenhum esforço para se conter, arranhando seus ombros, moendo com força



contundente. Seus olhos se fecharam, sua boca se abriu... e ela gritou o nome dele.

Zeke desistiu de ver a visão deslumbrante de uma Ômega gozando. Ele pensou que nunca encheria seus pulmões com o cheiro lindo de sua libertação. Enquanto a observava se afastar, no entanto, a angústia que suportou foi esquecida.

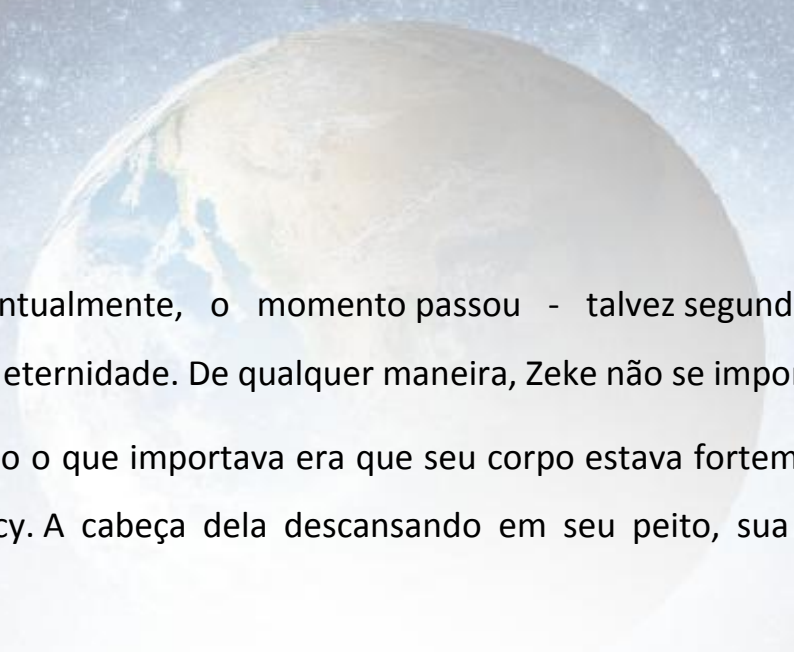
Ela era tão clara, tão brilhante, tão *porra viva* enquanto explodia nele em ondas de prazer.

E então aconteceu de novo. E de novo. E de novo... até que Zeke não pudesse mais se conter. Até que a pressão na base de seu pênis começou a aumentar.

Ele agarrou os quadris de Darcy e bateu uma última vez, as pernas dela em volta dele, os punhos batendo em suas costas, a voz dela em seu ouvido gritando seu nome.

Bem dentro dela, Zeke finalmente se soltou também, seu nó já começando a inchar com uma ferocidade que parecia que poderia matá-lo. Mas ele não se importou enquanto se dirigia ao limite absoluto do que o corpo de Darcy poderia suportar - e então seu nó se fechou.

Ele disparou onda após onda de gozo dentro dela, enchendo sua Ômega até que pensou que ela poderia estourar. Atrás de seus olhos fechados, o mundo se desintegrou em nada além de choques de preto e prata.



Eventualmente, o momento passou - talvez segundos depois, talvez uma eternidade. De qualquer maneira, Zeke não se importou.

Tudo o que importava era que seu corpo estava fortemente preso ao de Darcy. A cabeça dela descansando em seu peito, sua respiração irregular.

Zeke se virou, então era o único encostado na parede da fonte, envolvendo-a em seus braços em cima dele. Seus olhos estavam fechados e ela parecia ter adormecido. Zeke sorriu para si mesmo: sua pequena Ômega teria de desenvolver um pouco de resistência se fosse acompanhá-lo.

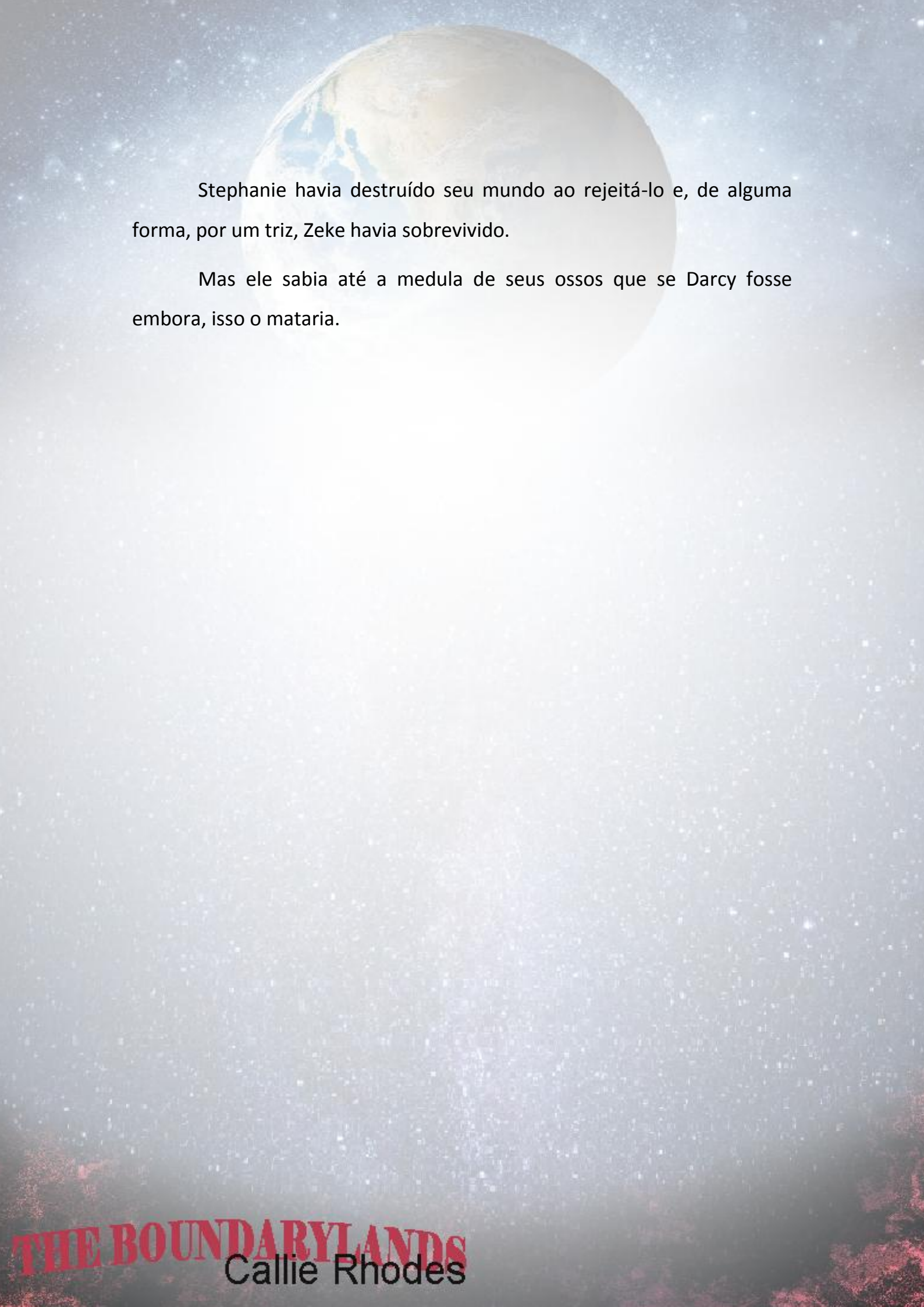
Mas talvez, por enquanto, fosse o melhor. Quando, finalmente, seu nó diminuiu o suficiente para que Zeke pudesse escapar de Darcy, ele a embalou em seus braços e saiu da fonte. Deixando suas roupas onde estavam, dirigiu para sua casa, sabendo que, a menos que usasse esse breve intervalo para trazê-la para casa, eles passariam os próximos quatro dias de seu calor trancados em uma pequena cabana.

Leve-a para casa.

As palavras ecoaram na mente de Zeke.

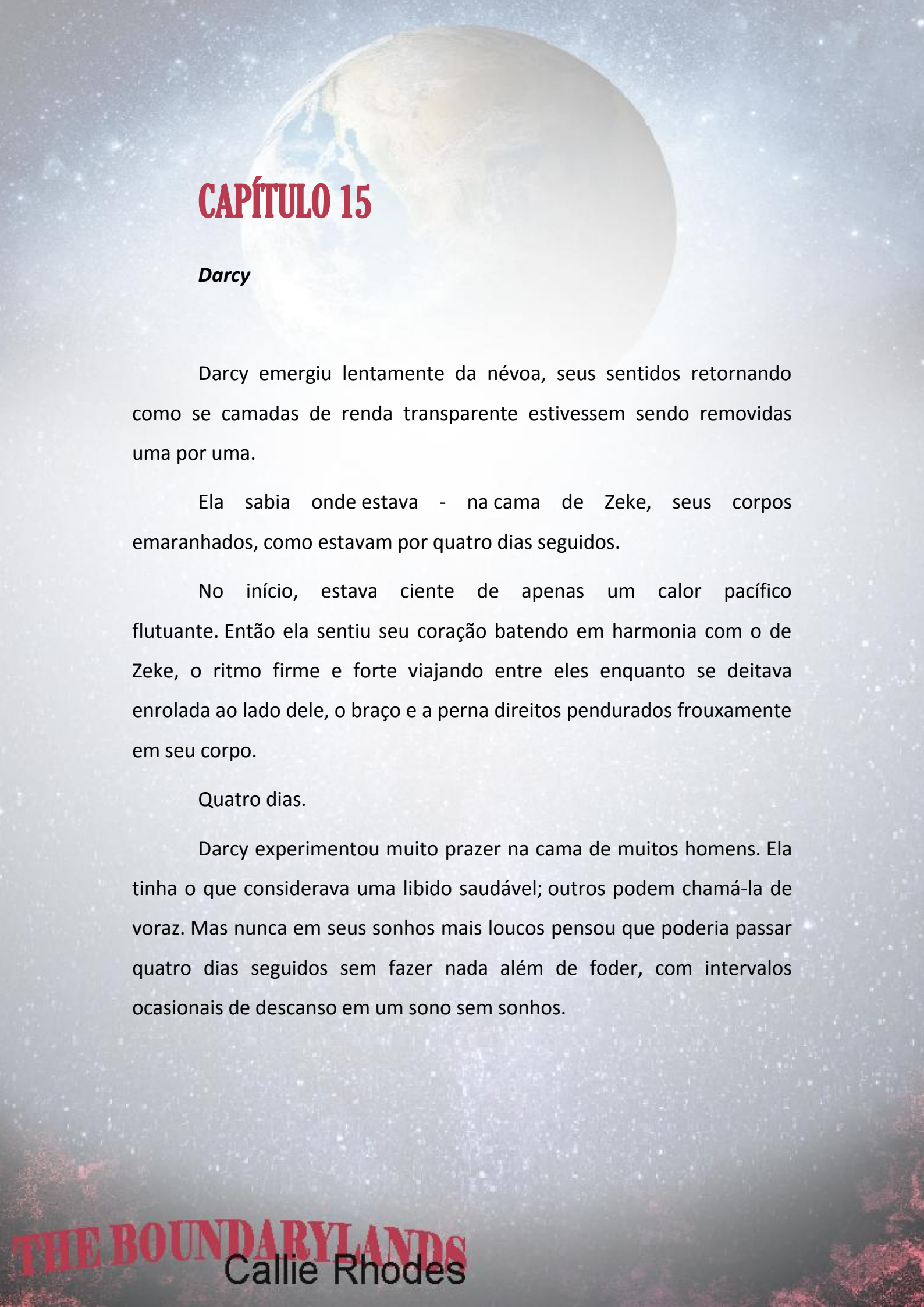
Ele estava trazendo outra Ômega para casa - algo que pensou que nunca aconteceria - seu maior medo.

Ele só podia rezar para que dessa vez não terminasse como a anterior.



Stephanie havia destruído seu mundo ao rejeitá-lo e, de alguma forma, por um triz, Zeke havia sobrevivido.

Mas ele sabia até a medula de seus ossos que se Darcy fosse embora, isso o mataria.



CAPÍTULO 15

Darcy

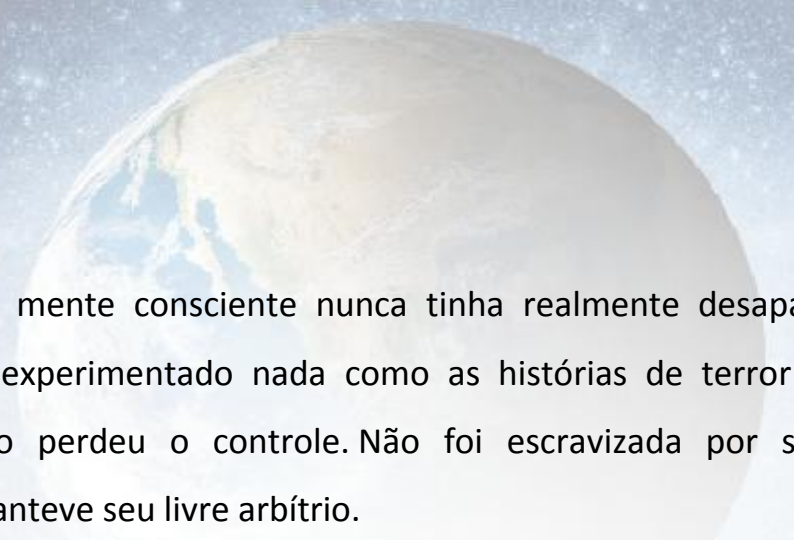
Darcy emergiu lentamente da névoa, seus sentidos retornando como se camadas de renda transparente estivessem sendo removidas uma por uma.

Ela sabia onde estava - na cama de Zeke, seus corpos emaranhados, como estavam por quatro dias seguidos.

No início, estava ciente de apenas um calor pacífico flutuante. Então ela sentiu seu coração batendo em harmonia com o de Zeke, o ritmo firme e forte viajando entre eles enquanto se deitava enrolada ao lado dele, o braço e a perna direitos pendurados frouxamente em seu corpo.

Quatro dias.

Darcy experimentou muito prazer na cama de muitos homens. Ela tinha o que considerava uma libido saudável; outros podem chamá-la de voraz. Mas nunca em seus sonhos mais loucos pensou que poderia passar quatro dias seguidos sem fazer nada além de foder, com intervalos ocasionais de descanso em um sono sem sonhos.



Sua mente consciente nunca tinha realmente desaparecido. Ela não tinha experimentado nada como as histórias de terror que tinha ouvido. Não perdeu o controle. Não foi escravizada por seu mestre Alfa. Ela manteve seu livre arbítrio.

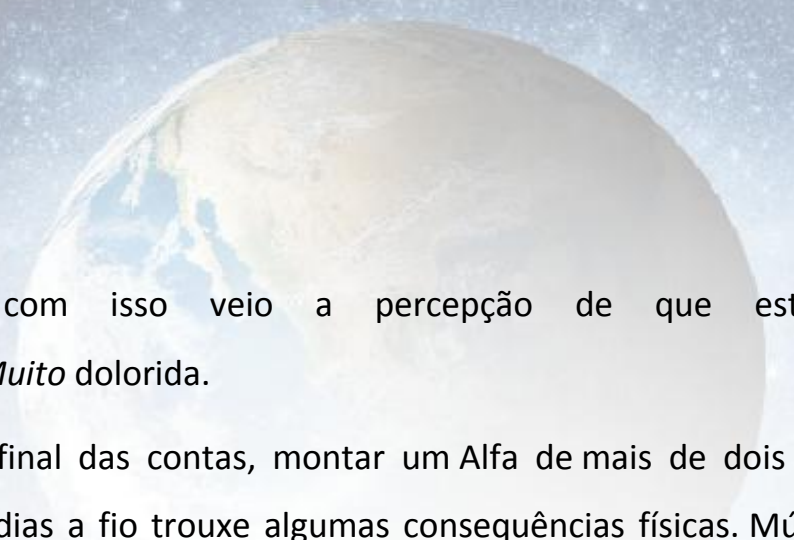
Acontece que sua vontade queria transar dia e noite até desmaiar de exaustão.

Ok ... talvez não estivesse totalmente ciente durante cada momento de seu cio. Embora seus sentidos tivessem processado cada impulso, moagem e orgasmo abrasador com uma intensidade que nunca experimentara antes, houve uma vazante e um fluxo em sua consciência.

Alguns momentos se sentiu totalmente presente, mas outros foram mais como um sonho febril. Sua visão havia esmaecido e desaparecido. Os detalhes difíceis foram obscurecidos por memórias de sensações.

Darcy não prestou muita atenção em que horas eram. Seu corpo abandonou seu ritmo natural e se sintonizou com um relógio muito mais primitivo. Quando estava exausta, ela dormia. Quando estava acordada, ela fodia.

Por quatro longos e abençoados dias, sua vida tinha sido simples assim. Mas agora Darcy sentia seu calor diminuindo e sua consciência sendo totalmente restaurada. Emoções mais complexas começaram a se intrometer. A vida real estava voltando.



E com isso veio a percepção de que estava toda dolorida. *Muito* dolorida.

No final das contas, montar um Alfa de mais de dois metros de altura por dias a fio trouxe algumas consequências físicas. Músculos que Darcy nunca soube que tinham doído como o inferno, por terem sido usados e testados de maneiras que nenhum corpo Beta deveria suportar.

Mas era isso: Darcy não tinha mais um corpo Beta. Ela era uma Ômega agora.

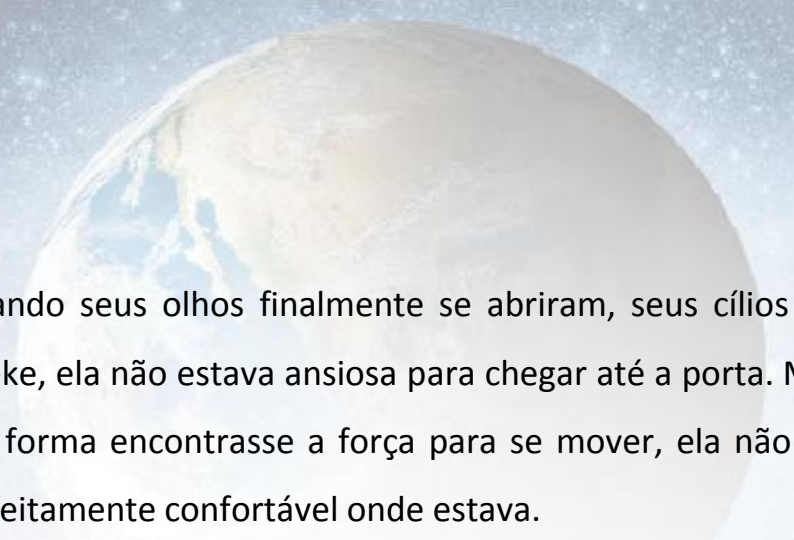
E o estranho é que não se importava.

Até chegar em Boundarylands, o primeiro pensamento de Darcy ao acordar na cama de um homem era descobrir como sair dela com o mínimo de drama possível. Alguns homens não se importaram quando saia na ponta dos pés pela porta ao amanhecer, mas um número desconfortável deles queria algo mais dela.

Eles pediam seu número ou tentavam que ficasse mais uma rodada. Alguns pareciam pensar que uma noite de foda os tornava seu namorado. E alguns se sentiram insultados, acostumados com garotas que acariciavam seu orgulho e imploravam por mais.

Darcy sempre encontrava uma maneira de ir embora. Ela nunca foi o tipo de namorada. Ela gostava de manter suas opções abertas.

Mas desta vez foi diferente.



Quando seus olhos finalmente se abriram, seus cílios roçando o peito de Zeke, ela não estava ansiosa para chegar até a porta. Mesmo que de alguma forma encontrasse a força para se mover, ela não queria. Ela estava perfeitamente confortável onde estava.

O que era outra novidade - contentamento não era um estado com o qual Darcy tivesse muita experiência. Ela era um motor que acelerava um pouco alto demais, acordando de manhã ansiosa por algo novo, adormecendo à noite imaginando o que o amanhã poderia trazer.

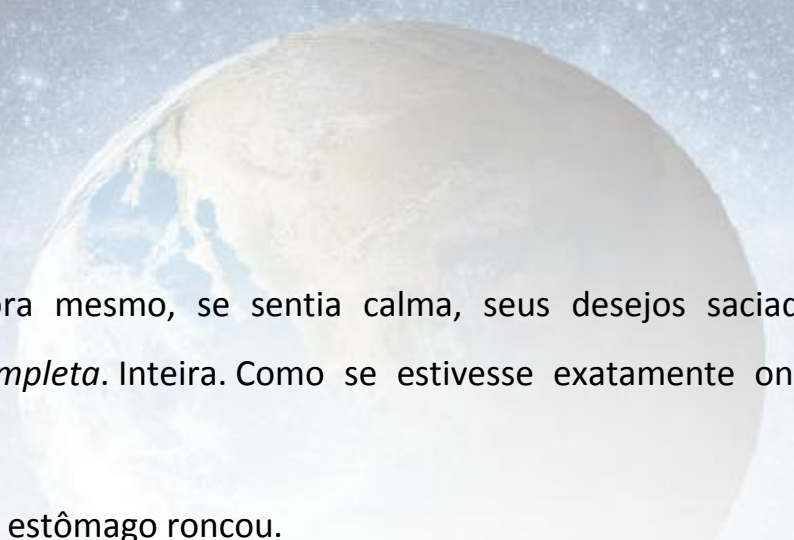
Algum núcleo insaciável de otimismo a mantinha esperando que o dia seguinte fosse melhor, embora a experiência lhe ensinasse que provavelmente não seria.

Em raras ocasiões, o destino entregava um presente, como uma restituição de impostos ou um elogio de seu chefe ou uma cesta de muffins da velha senhora que morava na casa ao lado. Mas o destino enviou mais contas em atraso, motoristas que a cortaram e comentários obscenos de seus colegas de trabalho.

E às vezes, a velha cadela enviava Darcy com o coração rasgado para Boundarylands e seu carro embrulhado em uma árvore.

Essa era a sua vida e, embora não fosse exatamente emocionante, ela aprendeu a viver com isso.

Mas isso... ficar deitada na cama com um Alfa enorme e adormecido por dias a fio... era completamente diferente.



Agora mesmo, se sentia calma, seus desejos saciados. Ela se sentia... *completa*. Inteira. Como se estivesse exatamente onde deveria estar.

Seu estômago roncou.

Darcy sorriu para ela mesma. Ok, talvez não estivesse *completamente* inteira. Talvez ainda houvesse um pequeno espaço vazio dentro dela que pudesse ser preenchido com o café da manhã.

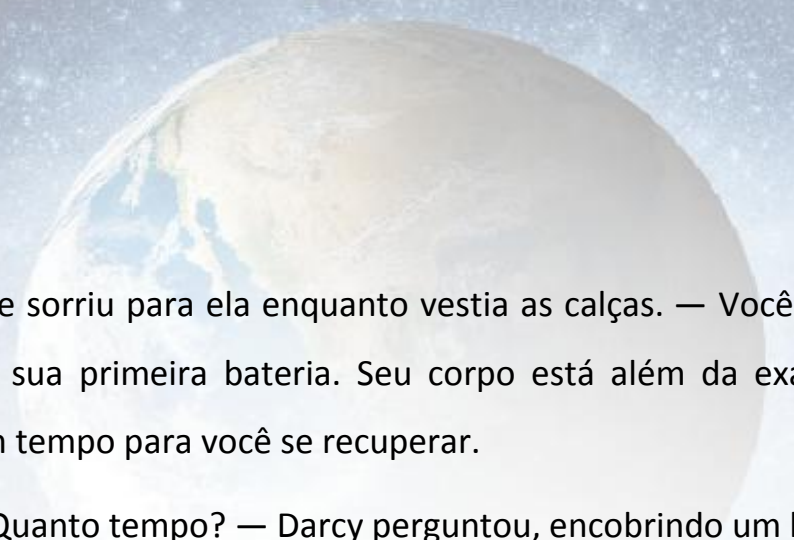
— Vou fazer uns ovos para nós, — disse Zeke.

Darcy nem percebeu que ele estava acordado, mas com muito mais gentileza do que ela esperava de suas mãos enormes, ele a rolou do peito e a colocou em um ninho macio de travesseiros e cobertores.

Darcy se pegou lambendo os lábios ao ver o corpo gloriosamente nu de Zeke quando ele saiu da cama e se espreguiçou, seus músculos ondulando, seus tendões se destacando em total alívio.

Talvez o café da manhã não fosse a única coisa que estava com fome.

— Vou descer e ajudá-lo — murmurou Darcy, tentando se sentar na cama, mas não adiantou. Seus membros pareciam borracha.



Zeke sorriu para ela enquanto vestia as calças. — Você acabou de passar por sua primeira bateria. Seu corpo está além da exaustão. Vai levar algum tempo para você se recuperar.

— Quanto tempo? — Darcy perguntou, encobrindo um bocejo.

A mudança que ocorreu em Zeke foi sutil. Se Darcy não tivesse sido uma estudante experiente de problemas, ela poderia ter perdido a contração no canto dos olhos, o aperto de sua mandíbula. Com apenas duas palavras, Darcy acidentalmente desencadeou uma tempestade.

— Por que você quer saber? — Zeke exigiu. — Você tem um lugar que gostaria de estar?

— Talvez um banho mais tarde, — Darcy disse levemente, dando-lhe um sorriso apaziguador.

Mas as palavras dela não o acalmaram. Zeke estava carrancudo ao sair da sala.

Bem, chega de sua pequena dose de contentamento. Darcy deveria ter pensado melhor antes de esperar que durasse - esse tipo de sorte era para outras garotas.



Zeke

Ela não era Stephanie.

Darcy não iria deixá-lo.

Havia uma parte de Zeke que acreditava nisso até a medula dos ossos.

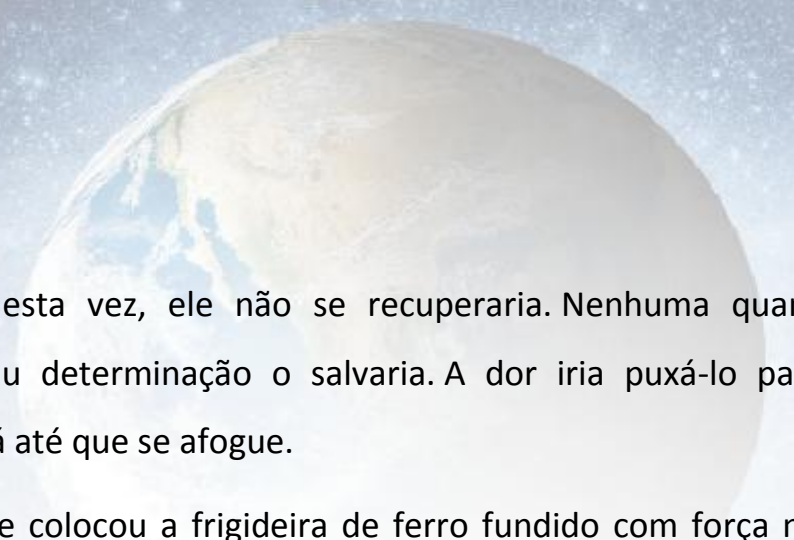
Mas outra parte... a parte que havia sido queimada antes e carregava as cicatrizes para provar isso... chamava besteira, gritando de raiva para encobrir o medo.

Enquanto descia as escadas para a cozinha, Zeke lutou para silenciar suas dúvidas. A necessidade de Darcy por ele era a nota mais forte em seu perfume. Inferno, ele sentiu a força de suas emoções em cada toque. Provou seu vínculo crescente com cada beijo.

Mas o medo não dava a mínima para evidências racionais.

Ele estava à margem, gritando que estava caindo. Que deveria ter saído enquanto podia. Que estava condenado.

O medo não queria se concentrar no prazer que sentira nos últimos quatro dias. Negava a profunda conexão e liberação. Queria apenas que ele se lembrasse da dor do passado, gritando um aviso de que, a qualquer momento, poderia acontecer novamente.



E desta vez, ele não se recuperaria. Nenhuma quantidade de coragem ou determinação o salvaria. A dor iria puxá-lo para baixo e segurá-lo lá até que se afogue.

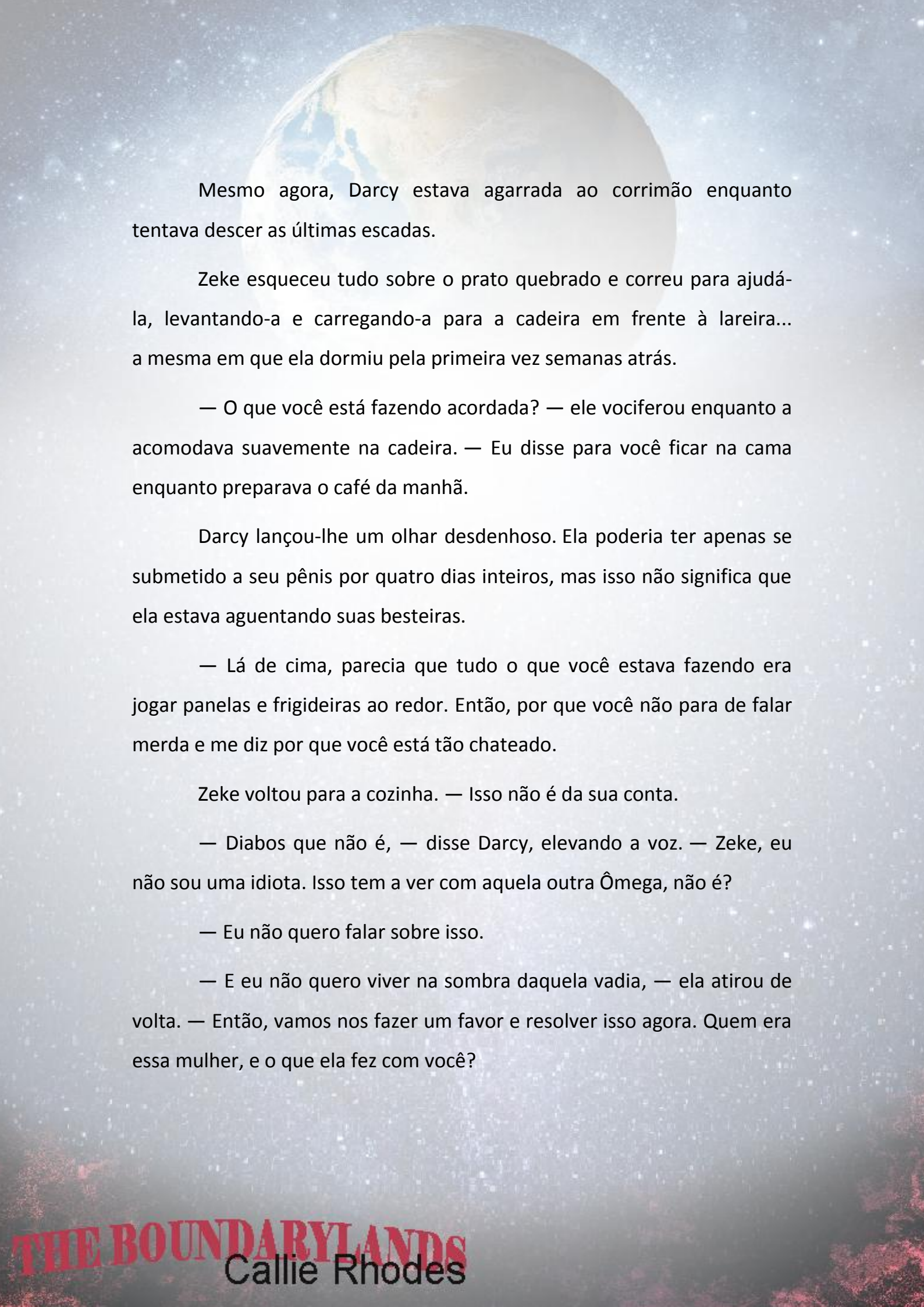
Zeke colocou a frigideira de ferro fundido com força no fogão, o barulho surdo reverberando pela casa. Acendeu o fogo, quebrando gravetos com as mãos. Ele jogou um pedaço de manteiga na frigideira e observou-a derreter antes de quebrar meia dúzia de ovos e colocar algumas tiras de bacon para garantir.

Ficar de pé junto ao fogão não ajudou em nada para acalmar seu humor. Seu sangue fervia junto com o fogo ardente e a comida chiando. No momento em que alcançou um par de pratos, ele estava tão envolvido em seus pensamentos sombrios que deixou cair um, o prato se espatifando no chão.

— Então, você me dirá o que diabos está errado, ou apenas quebrará tudo na casa em vez disso?

Zeke se virou para encontrar Darcy descendo as escadas. Ele estava tão distraído que não a ouviu se mover.

E ele não a esperava. Não tinha certeza de como ela se levantou para fora da cama. O calor não era algo do qual uma Ômega simplesmente se recuperava. Demorava, precisava de comida e descanso para se recuperar.



Mesmo agora, Darcy estava agarrada ao corrimão enquanto tentava descer as últimas escadas.

Zeke esqueceu tudo sobre o prato quebrado e correu para ajudá-la, levantando-a e carregando-a para a cadeira em frente à lareira... a mesma em que ela dormiu pela primeira vez semanas atrás.

— O que você está fazendo acordada? — ele vociferou enquanto a acomodava suavemente na cadeira. — Eu disse para você ficar na cama enquanto preparava o café da manhã.

Darcy lançou-lhe um olhar desdenhoso. Ela poderia ter apenas se submetido a seu pênis por quatro dias inteiros, mas isso não significa que ela estava aguentando suas besteiras.

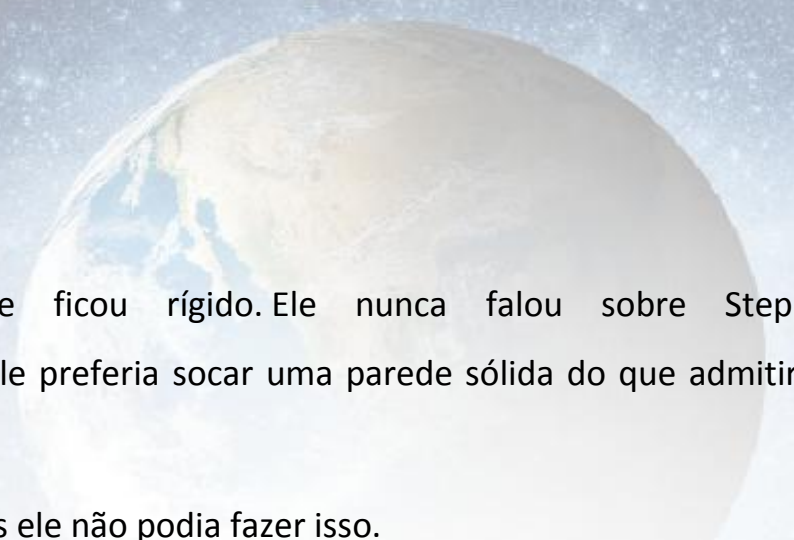
— Lá de cima, parecia que tudo o que você estava fazendo era jogar panelas e frigideiras ao redor. Então, por que você não para de falar merda e me diz por que você está tão chateado.

Zeke voltou para a cozinha. — Isso não é da sua conta.

— Diabos que não é, — disse Darcy, elevando a voz. — Zeke, eu não sou uma idiota. Isso tem a ver com aquela outra Ômega, não é?

— Eu não quero falar sobre isso.

— E eu não quero viver na sombra daquela vadia, — ela atirou de volta. — Então, vamos nos fazer um favor e resolver isso agora. Quem era essa mulher, e o que ela fez com você?



Zeke ficou rígido. Ele nunca falou sobre Stephanie. Com ninguém. Ele preferia socar uma parede sólida do que admitir a dor que ela causou.

Mas ele não podia fazer isso.

Darcy estava certa. Isso não era mais apenas sobre ele. Ela merecia conhecer seu Alfa.

Tudo sobre ele.

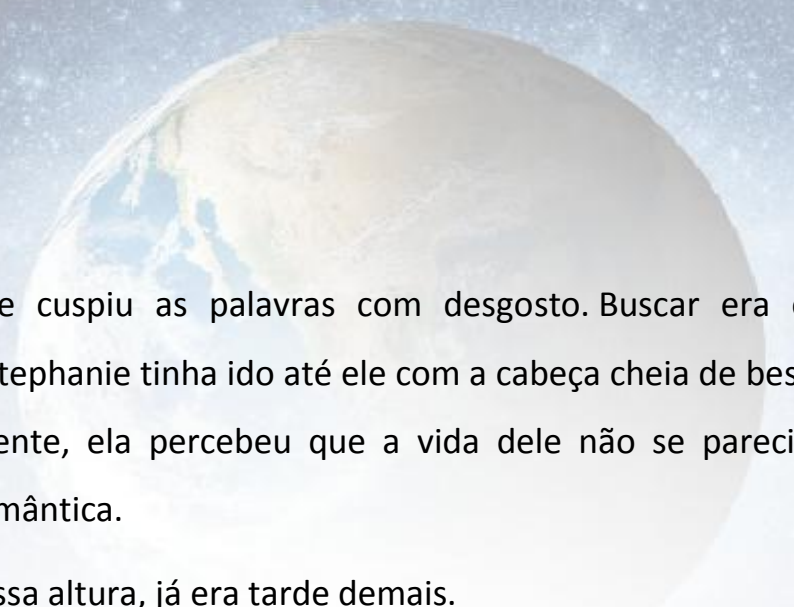
Além disso, adiar essa conversa não ajudaria em nada. Agora que Darcy estava fora de seu calor, era hora deles enfrentarem as consequências do que haviam feito.

Zeke respirou fundo algumas vezes e se encostou no balcão, esperando até que ele se acalmasse antes de falar.

— O nome dela era Stephanie, — disse ele finalmente, o nome amargo na boca. — Ela veio para Southeast Boundarylands procurando testar sua natureza. Por sorte, ela foi a rara caçadora que realmente se revelou uma Ômega.

— Mulheres fazem isso? — Darcy perguntou, surpresa.

— Sim, algumas fazem. Elas são principalmente mulheres jovens que leem aqueles fóruns eróticos subterrâneos cheios de histórias sobre ser reivindicada por um Alfa e, em seguida, 'domesticá-lo'.



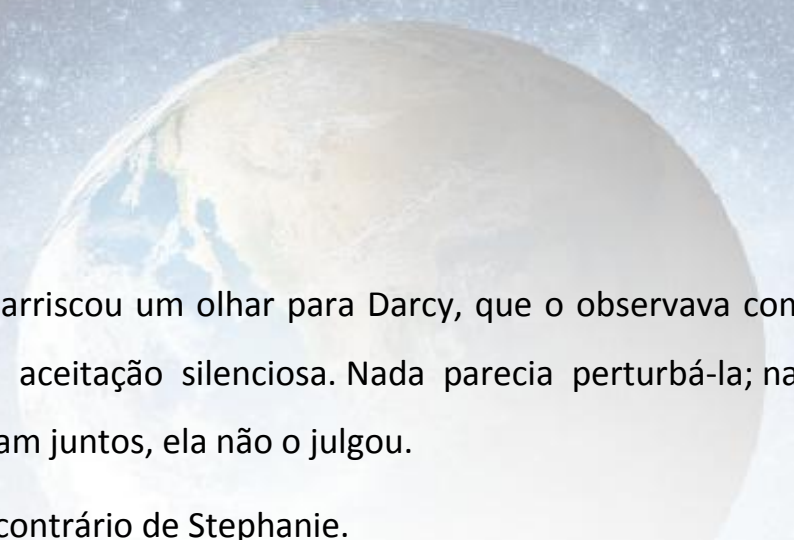
Zeke cuspiu as palavras com desgosto. Buscar era estúpido e perigoso. Stephanie tinha ido até ele com a cabeça cheia de besteiras, mas eventualmente, ela percebeu que a vida dele não se parecia com sua fantasia romântica.

A essa altura, já era tarde demais.

— Ela e algumas de suas amigas foram a um bar em território neutro, — continuou ele, ansioso para terminar a história de uma vez. — Nós sabíamos o que elas procuravam, e também sabíamos quão improvável era que qualquer uma delas fosse Ômega. Meus amigos e eu éramos um pouco mais velhos do que filhotes naquela época... achamos que poderíamos lidar com algumas Betas quentes. Mas acontece que nem todas aquelas garotas eram Betas.

Darcy ficou em silêncio, sua expressão inescrutável, e Zeke estava grato por ela não insistir em detalhes. Ele nem tinha certeza de que poderia fornecê-los. Afinal, havia se passado uma década inteira desde que isso aconteceu.

— Ela mudou no segundo em que a toquei. — Zeke se ocupou em pegar outro prato e enchê-lo com ovos e bacon, relutante em encará-la até que terminasse de contar. — Eu nunca senti nada parecido... nunca senti um desejo tão forte em minha vida. Eu a levei para a minha caminhonete e acabei transando com ela ali mesmo no estacionamento. Não que ela resistisse... ela praticamente me arrastou para fora sozinha.



Ele arriscou um olhar para Darcy, que o observava com seu olhar familiar de aceitação silenciosa. Nada parecia perturbá-la; nas semanas que passaram juntos, ela não o julgou.

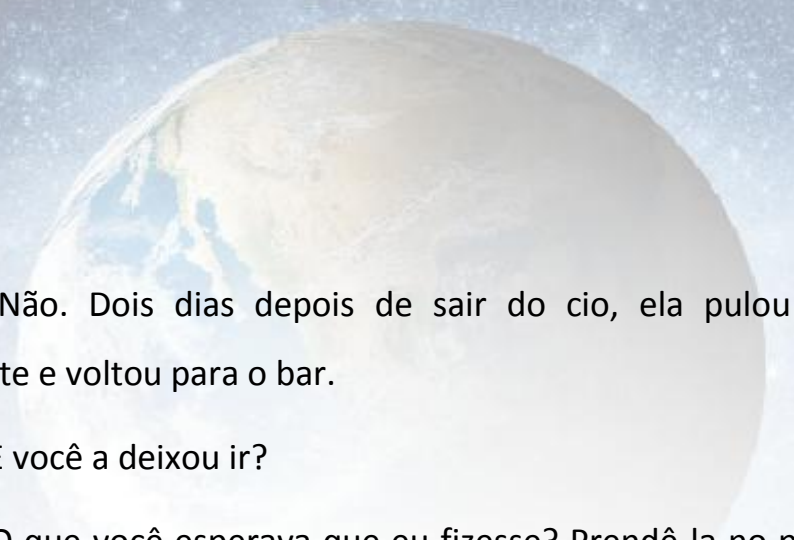
Ao contrário de Stephanie.

— Passamos os quatro dias seguintes em minha casa. O tempo passou. Achei que já estava feito. — Zeke colocou o prato na frente de Darcy antes de encher o seu. — O problema começou no segundo em que ela saiu de seu cio. Ela deixou claro que não gostou da maneira como eu a tratei, mesmo que ela tenha se jogado em mim. Ela não gostou da minha casa ou do meu estilo de vida. Disse que cometeu um erro e não poderia viver sem todos os confortos que tinha em casa. Ela sentia falta da eletricidade.

Darcy pareceu surpresa. — Mas eu pensei que Alfas e Ômegas se unissem durante uma bateria.

Zeke se encostou na lareira de pedra em frente a ela. Seu apetite parecia ter desaparecido. — Normalmente eles fazem... mas nem sempre. Mesmo se um sentir um vínculo, o outro não. E não importa quão forte seja um vínculo, não importa quantos calores uma Ômega percorra com um Alfa, só ela pode iniciar a mordida reivindicadora que torna o relacionamento permanente.

— Stephanie nunca te mordeu, — disse Darcy lentamente, sua expressão escurecendo conforme a compreensão afundava.



— Não. Dois dias depois de sair do cio, ela pulou na minha caminhonete e voltou para o bar.

— E você a deixou ir?

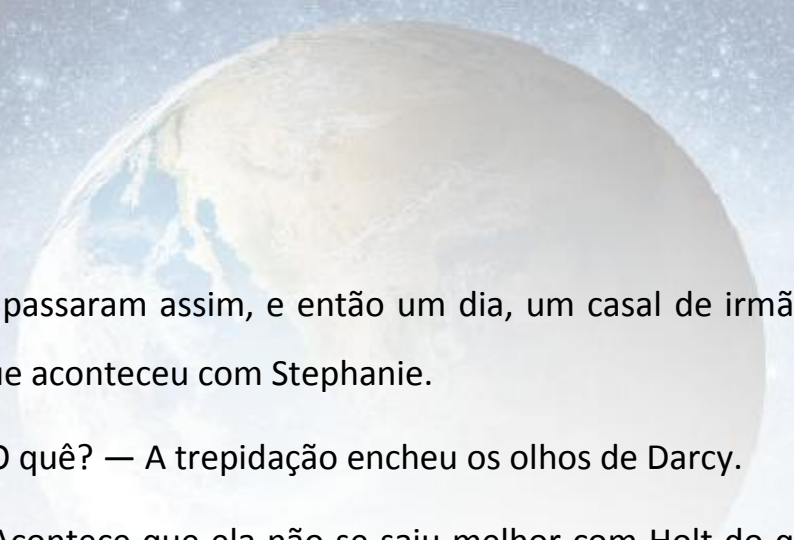
— O que você esperava que eu fizesse? Prendê-la no porão como você me acusou de fazer? — O estômago de Zeke se revirou com a lembrança de sua partida. — Além disso, se Stephanie tivesse sentido qualquer vínculo entre nós, ela não seria fisicamente capaz de partir. O vínculo a teria mantido comigo.

Darcy o estava observando de perto. Ela não tocou na comida, apesar de estar faminta.

— Eles me disseram que ela estava procurando pelas amigas quando chegou ao bar, — continuou ele. — Mas não foi isso que ela encontrou. Em vez disso, ela começou a falar com meu amigo mais próximo, um cara chamado Holt. Ele deve ter tido algo que eu não tinha - caminhonete maior, casa melhor, quem sabe... porque uma semana depois, eles estavam de volta ao bar, ambos com novas reclamações.

— Oh, *merda*. — Darcy parecia horrorizada. — O que você fez?

— Nada. Não havia nada que pudesse fazer, exceto ir para casa e tentar continuar vivendo. Eu não comia. Mal dormia. Minha terra caiu em ruínas. Meus irmãos Alfa começaram a me evitar. — ele limpou os olhos com a mão, a memória como um machado em seu coração. — Dois anos



inteiros se passaram assim, e então um dia, um casal de irmãos veio me contar o que aconteceu com Stephanie.

— O quê? — A trepidação encheu os olhos de Darcy.

— Acontece que ela não se saiu melhor com Holt do que comigo, — disse ele. — Ela ficou mais e mais infeliz com o passar do tempo, e morreu por suas próprias mãos. Como Holt era seu Alfa, ele não poderia continuar depois de sua morte e tirou a própria vida no dia seguinte.

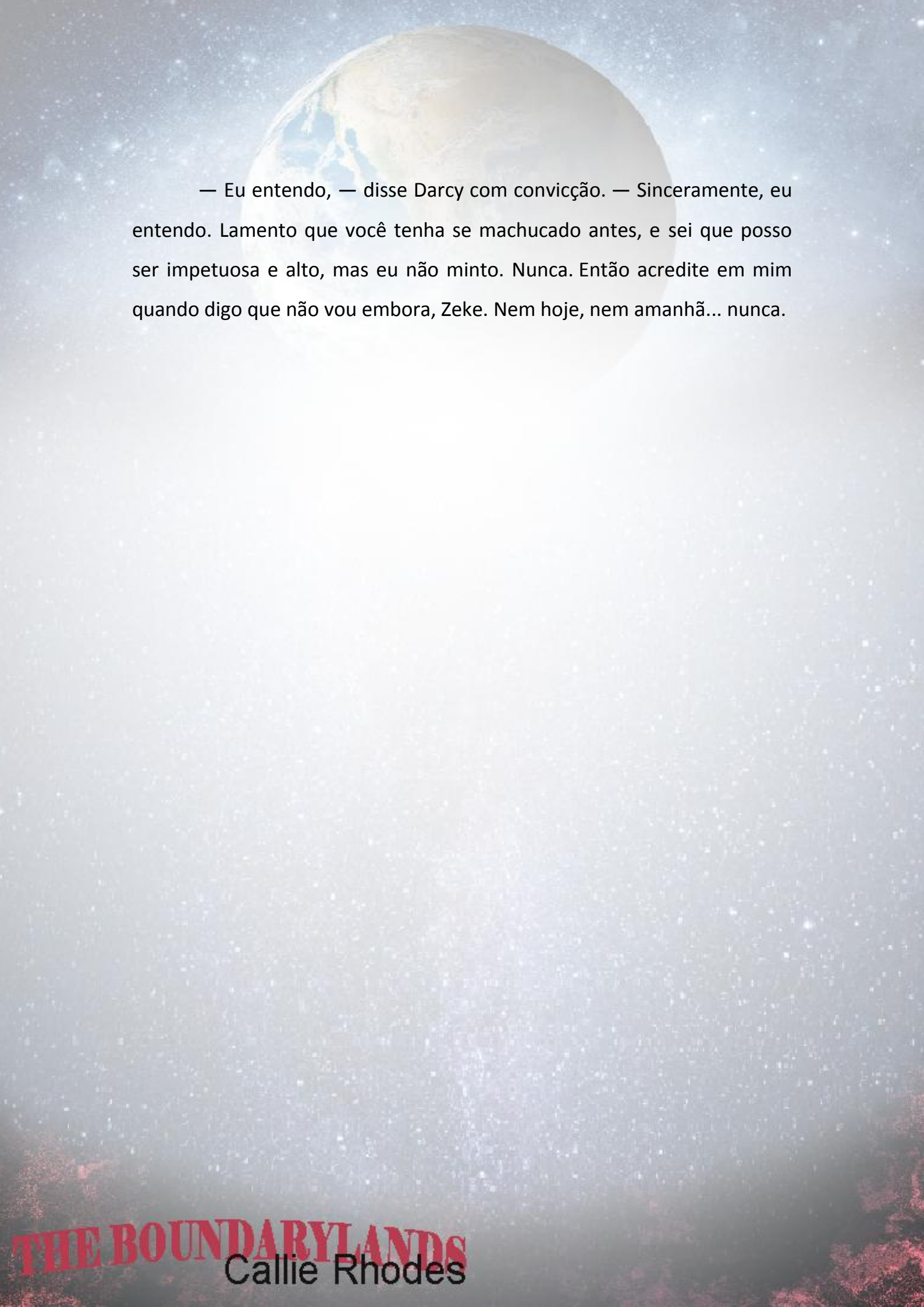
— Oh Deus, Zeke, — Darcy tropeçou fora da cadeira e tentou ir até ele. Zeke deu um pulo e a segurou antes que ela caísse. Ele a colocou de volta na cadeira, mas ela agarrou sua mão e não a soltou.

Ele poderia ter se afastado, mas não o fez. — Eu sinto muito, — ela sussurrou para ele.

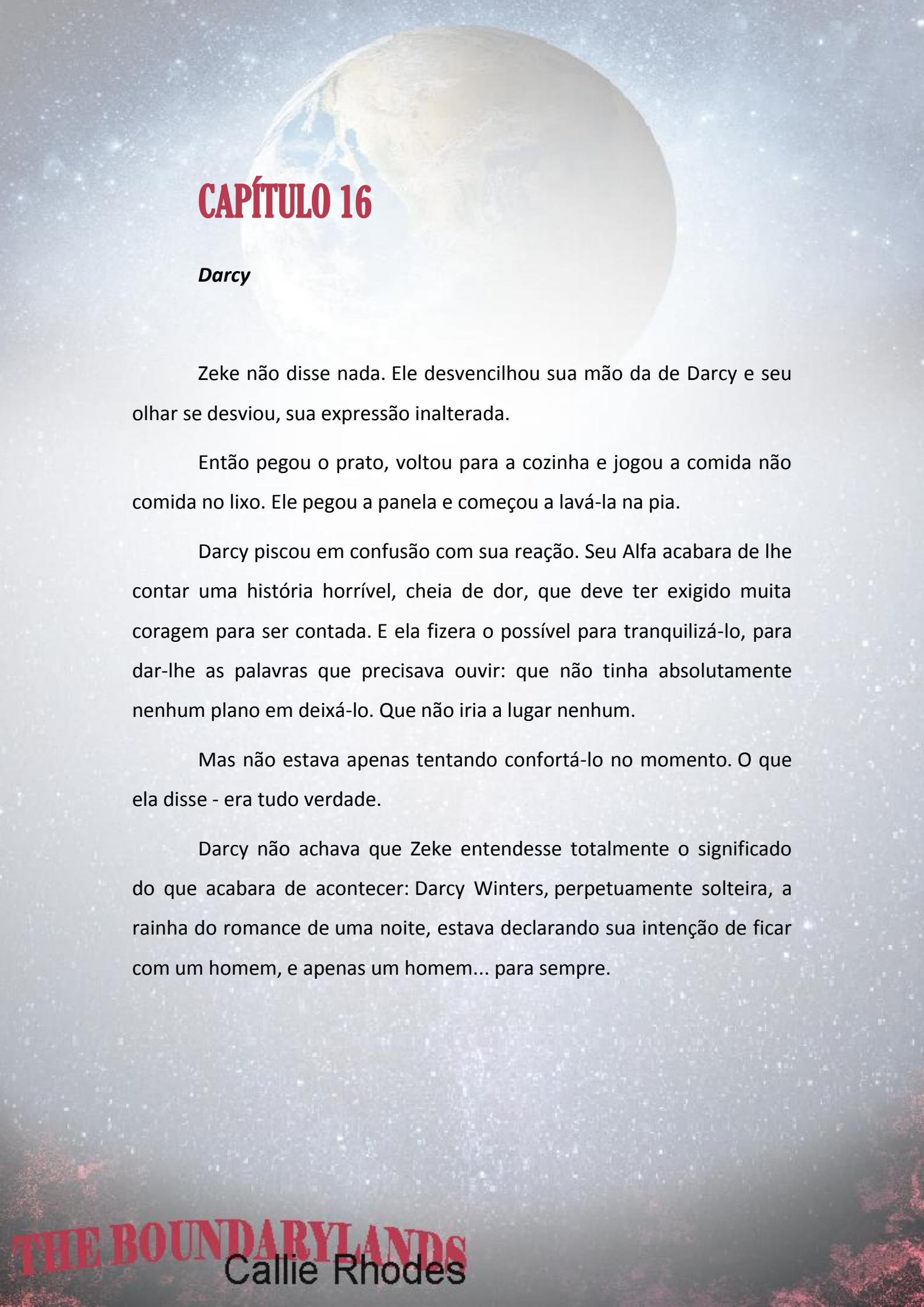
— Não sinta. Quando isso aconteceu, eu sabia que algo tinha que mudar. Eu comprei uma passagem de trem fora de Southeast Boundarylands. Eles não deixam Alfas em vagão de passageiros, então eu fui na terceira classe. Peguei aquela cama e dormi durante toda viagem e vim aqui para recomeçar.

— Eu me perguntei de onde essa coisa veio. — Darcy sorriu timidamente. — Mas agora... você está com medo de que, quando eu sair da cama, seja porque te deixarei.

Zeke acenou com a cabeça miseravelmente. — Eu sei que você não é Stephanie. Mas algumas cicatrizes são profundas, eu acho.



— Eu entendo, — disse Darcy com convicção. — Sinceramente, eu entendo. Lamento que você tenha se machucado antes, e sei que posso ser impetuosa e alto, mas eu não minto. Nunca. Então acredite em mim quando digo que não vou embora, Zeke. Nem hoje, nem amanhã... nunca.



CAPÍTULO 16

Darcy

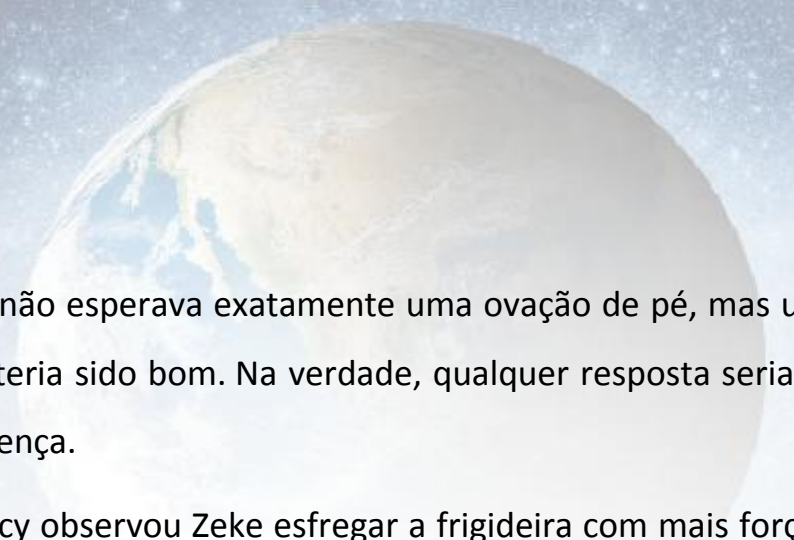
Zeke não disse nada. Ele desvencilhou sua mão da de Darcy e seu olhar se desviou, sua expressão inalterada.

Então pegou o prato, voltou para a cozinha e jogou a comida não comida no lixo. Ele pegou a panela e começou a lavá-la na pia.

Darcy piscou em confusão com sua reação. Seu Alfa acabara de lhe contar uma história horrível, cheia de dor, que deve ter exigido muita coragem para ser contada. E ela fizera o possível para tranquilizá-lo, para dar-lhe as palavras que precisava ouvir: que não tinha absolutamente nenhum plano em deixá-lo. Que não iria a lugar nenhum.

Mas não estava apenas tentando confortá-lo no momento. O que ela disse - era tudo verdade.

Darcy não achava que Zeke entendesse totalmente o significado do que acabara de acontecer: Darcy Winters, perpetuamente solteira, a rainha do romance de uma noite, estava declarando sua intenção de ficar com um homem, e apenas um homem... para sempre.



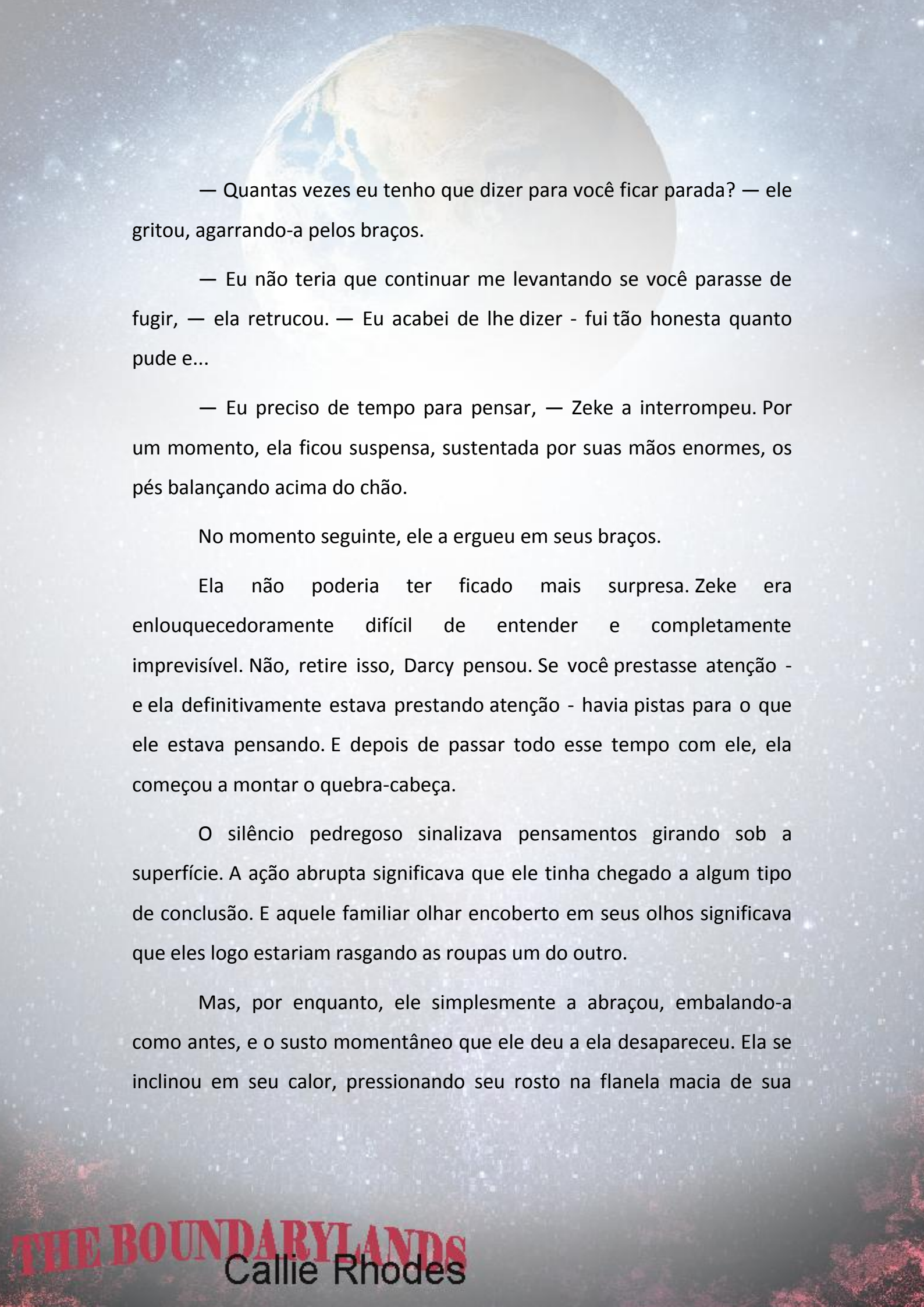
Ela não esperava exatamente uma ovação de pé, mas um lampejo de sorriso teria sido bom. Na verdade, qualquer resposta seria melhor do que indiferença.

Darcy observou Zeke esfregar a frigideira com mais força do que o necessário, concentrando-se em sua tarefa como se ela nem estivesse no quarto. Estava claro que ela não tinha conseguido chegar até ele, nem mesmo depois de arrastar sua bunda dolorida para fora da cama e quase cair descendo as escadas e quebrando o pescoço. Se ele a tivesse ouvido, não estava convencido.

Isso, Darcy percebeu, deve ser a sensação do carma. Esta foi a retribuição divina por toda a conversa doce e falsas promessas que fez para conseguir o que queria e sair rápido - a única vez que precisava desesperadamente para um homem acreditar na verdade, ele não conseguia ouvir.

Bem, o carma poderia se foder. Pela primeira vez na vida de Darcy, ela se sentia como se realmente pertencesse a algum lugar. Pertencia a alguém. E não estava prestes a ter tudo arruinado pelo fantasma de alguma idiota egoísta que arruinou não apenas sua própria vida, mas outras duas.

Darcy cerrou os dentes e empurrou-se para cima e para fora da cadeira, seu corpo tremendo com o esforço. Zeke largou imediatamente a frigideira e correu para pegá-la antes que ela caísse.



— Quantas vezes eu tenho que dizer para você ficar parada? — ele gritou, agarrando-a pelos braços.

— Eu não teria que continuar me levantando se você parasse de fugir, — ela retrucou. — Eu acabei de lhe dizer - fui tão honesta quanto pude e...

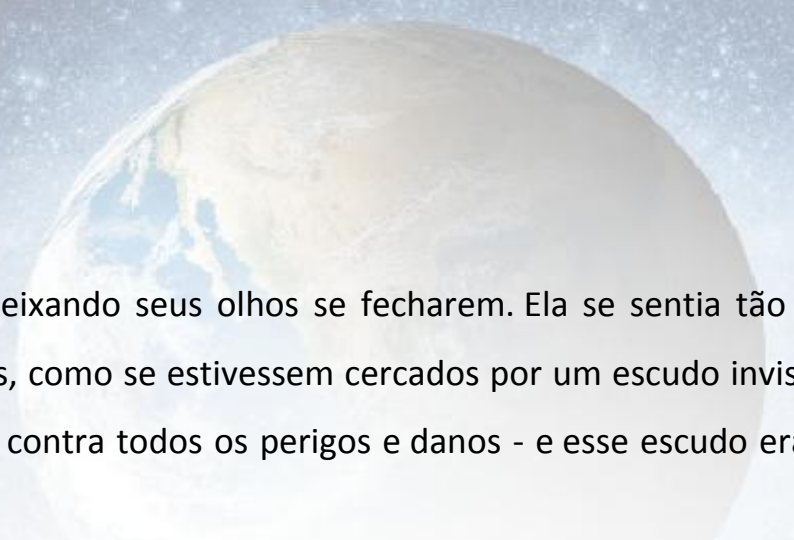
— Eu preciso de tempo para pensar, — Zeke a interrompeu. Por um momento, ela ficou suspensa, sustentada por suas mãos enormes, os pés balançando acima do chão.

No momento seguinte, ele a ergueu em seus braços.

Ela não poderia ter ficado mais surpresa. Zeke era enlouquecedoramente difícil de entender e completamente imprevisível. Não, retire isso, Darcy pensou. Se você prestasse atenção - e ela definitivamente estava prestando atenção - havia pistas para o que ele estava pensando. E depois de passar todo esse tempo com ele, ela começou a montar o quebra-cabeça.

O silêncio pedregoso sinalizava pensamentos girando sob a superfície. A ação abrupta significava que ele tinha chegado a algum tipo de conclusão. E aquele familiar olhar encoberto em seus olhos significava que eles logo estariam rasgando as roupas um do outro.

Mas, por enquanto, ele simplesmente a abraçou, embalando-a como antes, e o susto momentâneo que ele deu a ela desapareceu. Ela se inclinou em seu calor, pressionando seu rosto na flanela macia de sua



camisa e deixando seus olhos se fecharem. Ela se sentia tão segura em seus braços, como se estivessem cercados por um escudo invisível que os defenderia contra todos os perigos e danos - e esse escudo era o próprio Zeke.

Droga, uma garota poderia se acostumar a se sentir assim. Ela poderia beber todos os dias de sua vida e nunca se cansar disso.

Darcy sabia agora que sua conexão com Zeke, o vínculo que só ficava mais forte a cada hora que passava, não era nova. Estava lá desde o início, começando como uma pequena semente que foi plantada quando ela o viu pela primeira vez na beira da estrada.

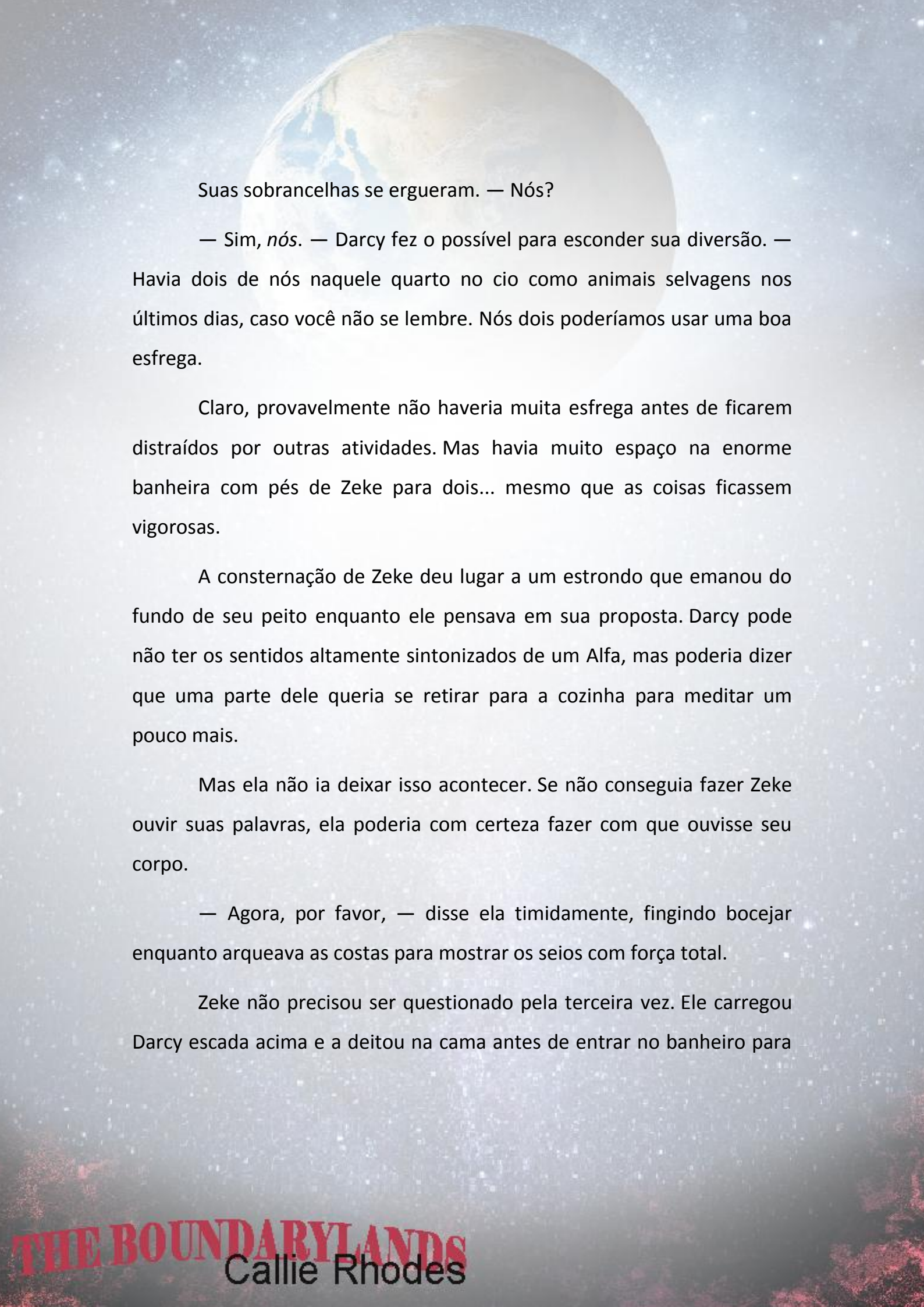
Despertar sua natureza Ômega enviou as raízes do vínculo profundamente, alojando-se permanentemente entre eles, entrelaçando seus ramos para prendendo-os juntos. Ela o via tão claramente como se fosse uma árvore real, um carvalho poderoso que nada poderia destruir.

Mas agora, precisava *fazê-lo* ver.

— Você teve dez anos para pensar, Zeke — disse ela o mais gentilmente que pôde. — Agora é hora de deixar o passado para trás e seguir em frente.

— Mas...

— Sem mas. — Droga, era bom ser a única a dizer isso pela primeira vez. — Por que você não vai preparar um banho para nós?



Suas sobrancelhas se ergueram. — Nós?

— Sim, *nós*. — Darcy fez o possível para esconder sua diversão. — Havia dois de nós naquele quarto no cio como animais selvagens nos últimos dias, caso você não se lembre. Nós dois poderíamos usar uma boa esfrega.

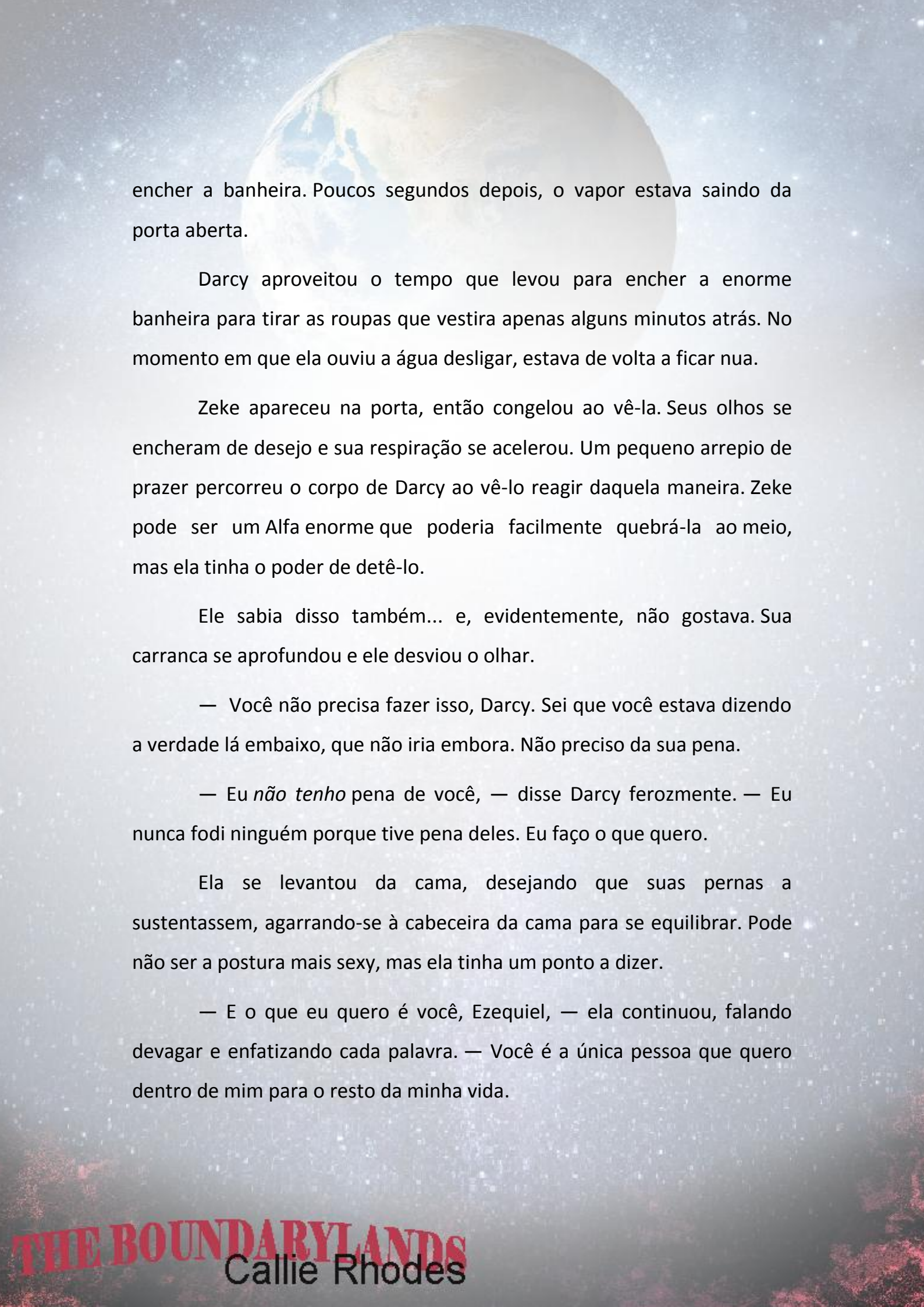
Claro, provavelmente não haveria muita esfrega antes de ficarem distraídos por outras atividades. Mas havia muito espaço na enorme banheira com pés de Zeke para dois... mesmo que as coisas ficassem vigorosas.

A consternação de Zeke deu lugar a um estrondo que emanou do fundo de seu peito enquanto ele pensava em sua proposta. Darcy pode não ter os sentidos altamente sintonizados de um Alfa, mas poderia dizer que uma parte dele queria se retirar para a cozinha para meditar um pouco mais.

Mas ela não ia deixar isso acontecer. Se não conseguia fazer Zeke ouvir suas palavras, ela poderia com certeza fazer com que ouvisse seu corpo.

— Agora, por favor, — disse ela timidamente, fingindo bocejar enquanto arqueava as costas para mostrar os seios com força total.

Zeke não precisou ser questionado pela terceira vez. Ele carregou Darcy escada acima e a deitou na cama antes de entrar no banheiro para



encher a banheira. Poucos segundos depois, o vapor estava saindo da porta aberta.

Darcy aproveitou o tempo que levou para encher a enorme banheira para tirar as roupas que vestira apenas alguns minutos atrás. No momento em que ela ouviu a água desligar, estava de volta a ficar nua.

Zeke apareceu na porta, então congelou ao vê-la. Seus olhos se encheram de desejo e sua respiração se acelerou. Um pequeno arrepio de prazer percorreu o corpo de Darcy ao vê-lo reagir daquela maneira. Zeke pode ser um Alfa enorme que poderia facilmente quebrá-la ao meio, mas ela tinha o poder de detê-lo.

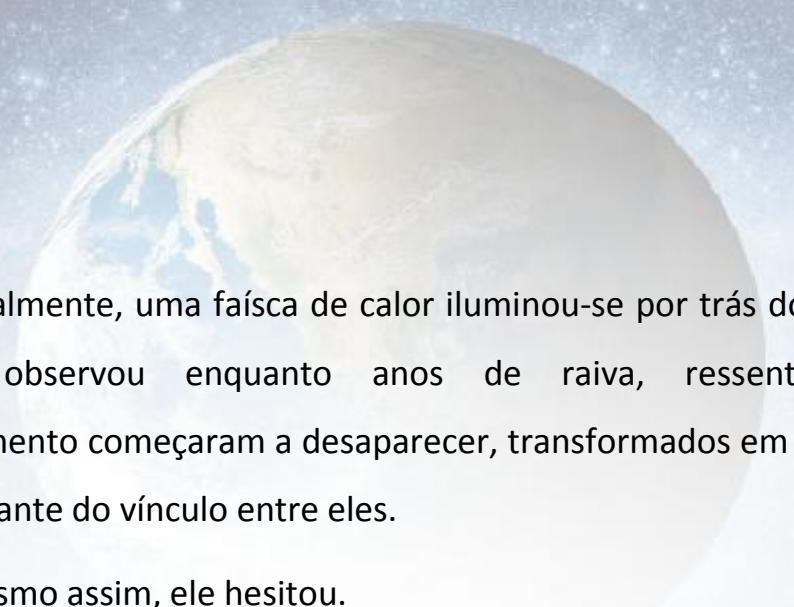
Ele sabia disso também... e, evidentemente, não gostava. Sua carranca se aprofundou e ele desviou o olhar.

— Você não precisa fazer isso, Darcy. Sei que você estava dizendo a verdade lá embaixo, que não iria embora. Não preciso da sua pena.

— *Eu não tenho* pena de você, — disse Darcy ferozmente. — Eu nunca fodi ninguém porque tive pena deles. Eu faço o que quero.

Ela se levantou da cama, desejando que suas pernas a sustentassem, agarrando-se à cabeceira da cama para se equilibrar. Pode não ser a postura mais sexy, mas ela tinha um ponto a dizer.

— E o que eu quero é você, Ezequiel, — ela continuou, falando devagar e enfatizando cada palavra. — Você é a única pessoa que quero dentro de mim para o resto da minha vida.



Finalmente, uma faísca de calor iluminou-se por trás dos olhos de Zeke. Ela observou enquanto anos de raiva, ressentimento e arrependimento começaram a desaparecer, transformados em cinzas pelo fogo crepitante do vínculo entre eles.

Mesmo assim, ele hesitou.

— Darcy... — Sua voz estava cheia de dor e pesada de desejo.

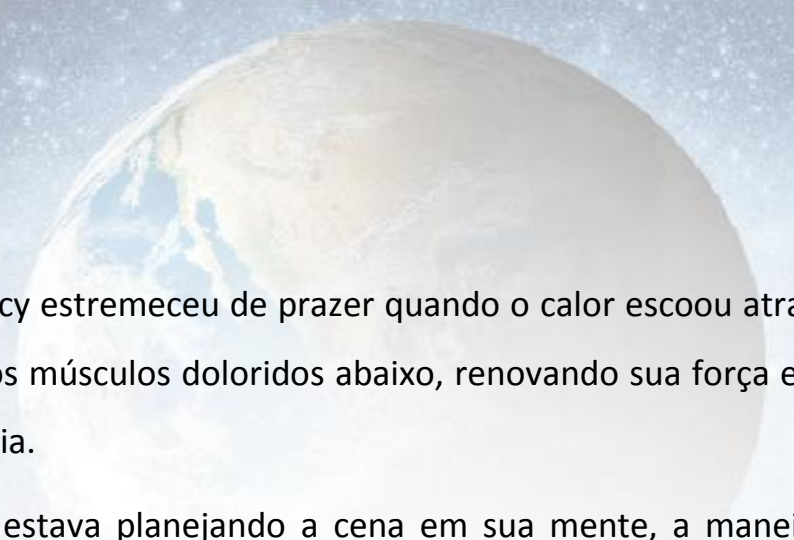
— Não pense, — ela disse a ele. — Apenas me pegue, me leve para a banheira e nunca pare de me foder.

Isso funcionou.

Zeke entrou na sala quando o último fio que o prendia a seu passado foi rompido, seu foco completamente nela. Ele arrancou suas roupas, e por baixo, Darcy viu que ele estava preparado e pronto para ela.

Desta vez, quando ele a pegou, ele não foi gentil. Ele a apertou contra seu corpo e envolveu suas pernas ao redor de seus quadris. Uma mão firmava suas costas enquanto a outra segurava sua nuca, forçando sua boca a encontrar a dele.

Ele a beijou mais profundo e mais forte do que nunca. Sua fome queimava ainda mais quente do que nas sessões de maratona de foda durante seu cio. E ele não parou quando a abaixou na banheira, beijando seus suspiros enquanto ela afundava na água fumegante.



Darcy estremeceu de prazer quando o calor escoou através de sua pele para os músculos doloridos abaixo, renovando sua força e dando-lhe nova energia.

Ela estava planejando a cena em sua mente, a maneira como o acariciaria suavemente com as mãos, massageando e lavando cada centímetro de seu corpo perfeito. Ele faria o mesmo com ela, sussurrando reverentemente, construindo sua paixão lentamente até...

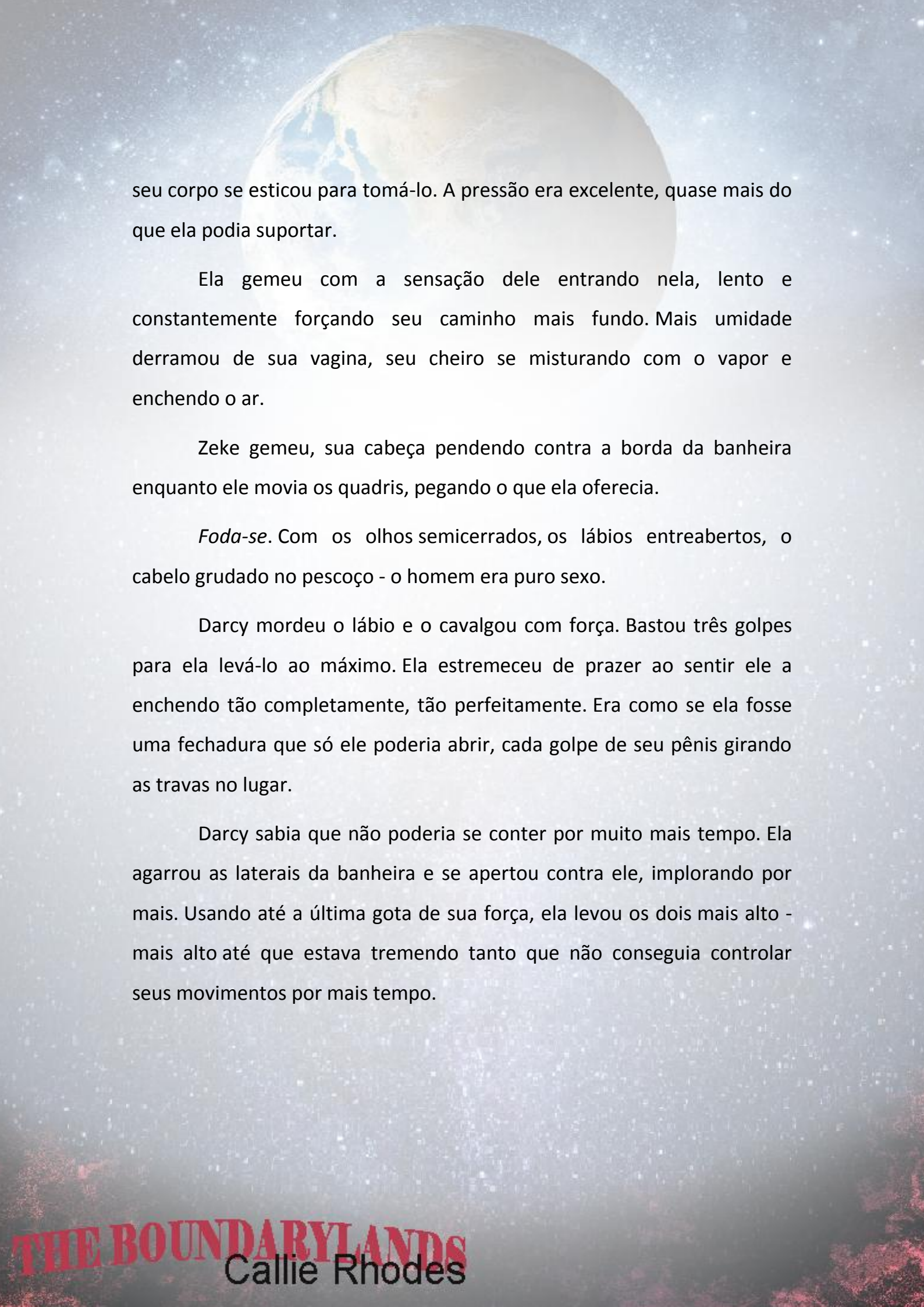
Foda-se isso. No segundo que Darcy sentiu o comprimento duro de seu eixo contra a parte interna das coxas, ela sabia exatamente o que queria, e não havia nada de terno nisso.

Este era seu homem, e só dela. Seu Alfa. O passado acabou. Tanto para ela quanto para ele. Eles tinham tudo de que precisavam agora - um ao outro.

Darcy pressionou os lábios no pescoço de Zeke enquanto sua umidade começava a fluir, beijando-o com crescente urgência. Isso era o que ele fazia com ela, com sua necessidade crua e sem remorso, sua masculinidade desenfreada. Ele a levava de zero a frenética em um momento.

Ela precisava dele *agora*.

Darcy deixou a água levantá-la e se contorceu contra a ponta de seu pênis. Assim como da primeira vez - e incontáveis vezes depois -



seu corpo se esticou para tomá-lo. A pressão era excelente, quase mais do que ela podia suportar.

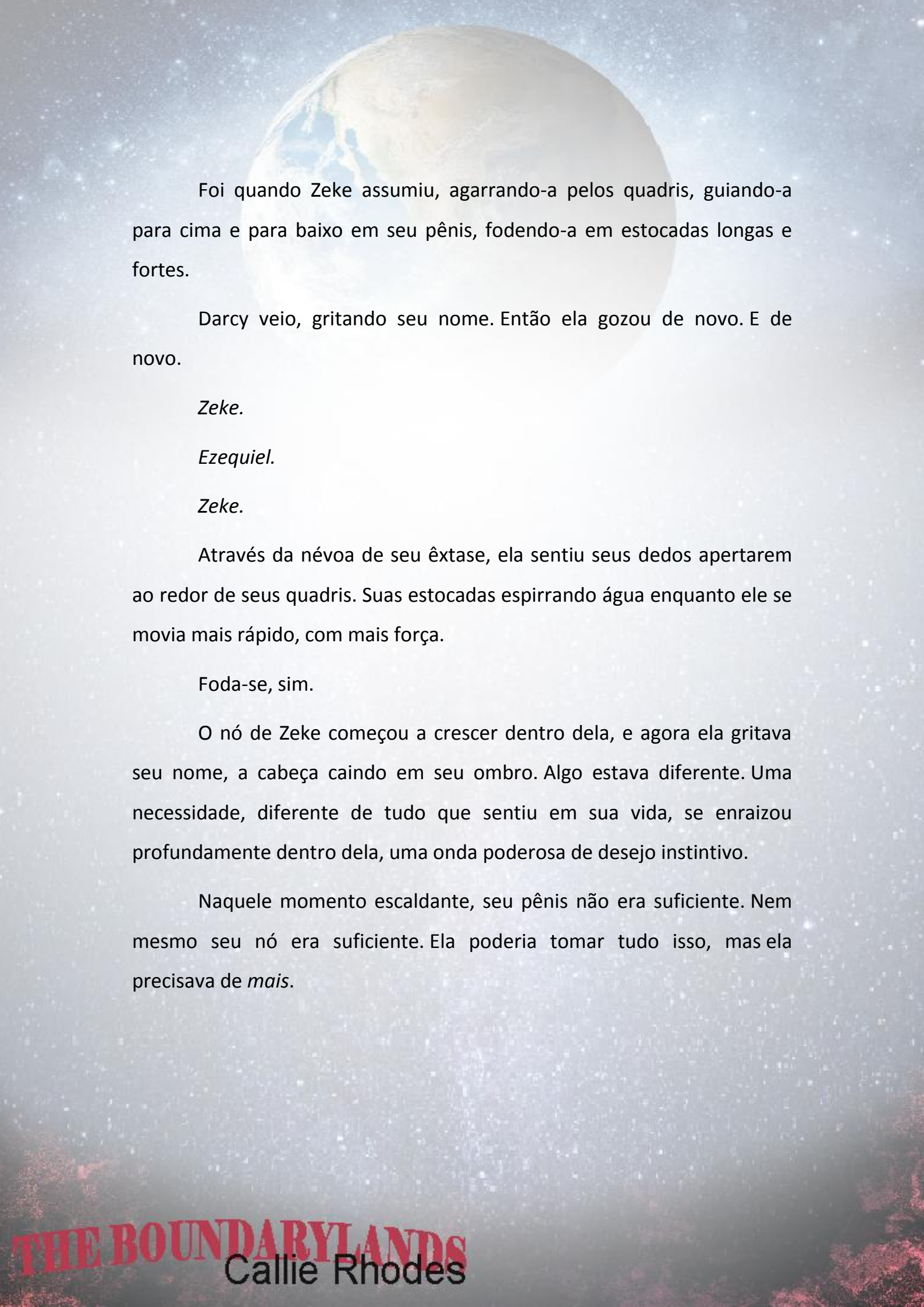
Ela gemeu com a sensação dele entrando nela, lento e constantemente forçando seu caminho mais fundo. Mais umidade derramou de sua vagina, seu cheiro se misturando com o vapor e enchendo o ar.

Zeke gemeu, sua cabeça pendendo contra a borda da banheira enquanto ele movia os quadris, pegando o que ela oferecia.

Foda-se. Com os olhos semicerrados, os lábios entreabertos, o cabelo grudado no pescoço - o homem era puro sexo.

Darcy mordeu o lábio e o cavalgou com força. Bastou três golpes para ela levá-lo ao máximo. Ela estremeceu de prazer ao sentir ele a enchendo tão completamente, tão perfeitamente. Era como se ela fosse uma fechadura que só ele poderia abrir, cada golpe de seu pênis girando as travas no lugar.

Darcy sabia que não poderia se conter por muito mais tempo. Ela agarrou as laterais da banheira e se apertou contra ele, implorando por mais. Usando até a última gota de sua força, ela levou os dois mais alto - mais alto até que estava tremendo tanto que não conseguia controlar seus movimentos por mais tempo.



Foi quando Zeke assumiu, agarrando-a pelos quadris, guiando-a para cima e para baixo em seu pênis, fodendo-a em estocadas longas e fortes.

Darcy veio, gritando seu nome. Então ela gozou de novo. E de novo.

Zeke.

Ezequiel.

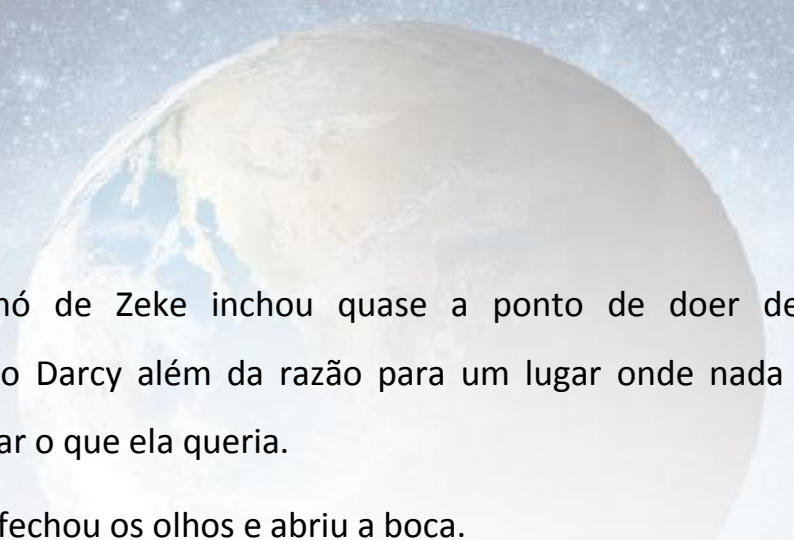
Zeke.

Através da névoa de seu êxtase, ela sentiu seus dedos apertarem ao redor de seus quadris. Suas estocadas espirrando água enquanto ele se movia mais rápido, com mais força.

Foda-se, sim.

O nó de Zeke começou a crescer dentro dela, e agora ela gritava seu nome, a cabeça caindo em seu ombro. Algo estava diferente. Uma necessidade, diferente de tudo que sentiu em sua vida, se enraizou profundamente dentro dela, uma onda poderosa de desejo instintivo.

Naquele momento escaldante, seu pênis não era suficiente. Nem mesmo seu nó era suficiente. Ela poderia tomar tudo isso, mas ela precisava de *mais*.



O nó de Zeke inchou quase a ponto de doer dentro dela, empurrando Darcy além da razão para um lugar onde nada importava, exceto pegar o que ela queria.

Ela fechou os olhos e abriu a boca.

O que queria era *tudo* dele, por dentro e por fora, para todo o sempre. Darcy mordeu, seus dentes afundando em seu ombro quando ela sentiu o pênis de Zeke estremecer dentro dela. Seu grito sacudiu a sala enquanto a enchia com onda após onda de gozo quente, enviando água batendo sobre o lado da banheira.

Um momento depois, ele empurrou a cabeça dela para o lado. Sua boca se fechando em seu ombro. Então Darcy sentiu a dor gloriosa de sua própria mordida.



CAPÍTULO 17

Zeke

Já passava do meio-dia quando Darcy finalmente desabou, exausta, nos braços de Zeke. A água na banheira teria esfriado a uma temperatura desconfortável se não fosse pelo calor gerado por seus corpos.

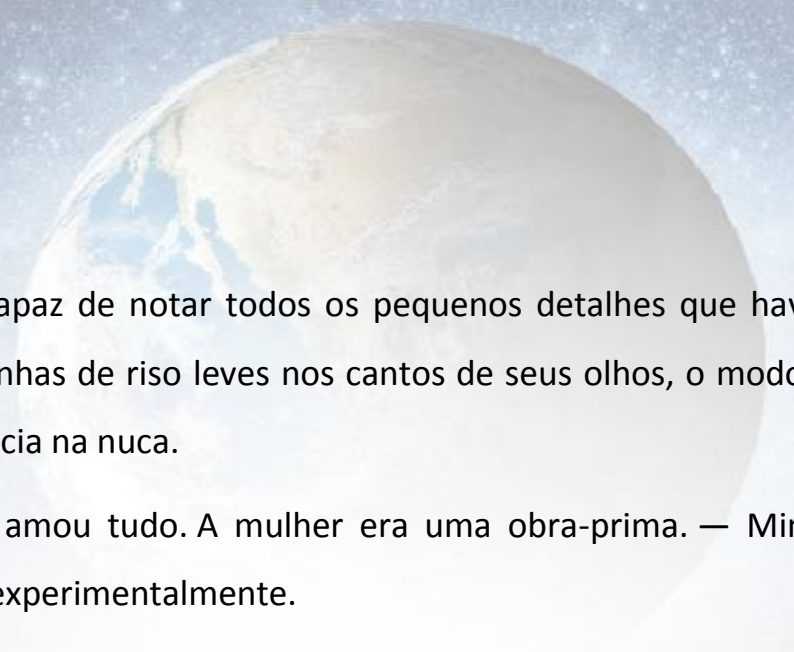
Ainda assim, até a pele de um Alfa enrugava se exposta à água por muito tempo, e as pontas dos dedos de Zeke estavam enrugadas como ameixas quando tirou Darcy da água e a colocou de volta na cama.

— Coloque alguma coisa nisso, — foram as últimas palavras sonolentas de Darcy antes de cair em um sono profundo - e Zeke o fez, embora soubesse que a mordida curaria muito bem sozinha. Ele até enfaixou o dela antes de cobri-la com uma colcha.

Depois disso, ele se vestiu e saiu do quarto. Ele só chegou até a porta antes de se virar.

Algo dentro não o deixaria sair ainda. Ele precisava olhar para ela um pouco mais, mesmo que fosse apenas para vê-la dormir.

Mesmo quando ela estava se escondendo atrás de um arbusto com roupas rasgadas e joelhos arranhados, Darcy era linda. Mas agora



Zeke era capaz de notar todos os pequenos detalhes que havia perdido antes: as linhas de riso leves nos cantos de seus olhos, o modo como seu cabelo crescia na nuca.

Ele amou tudo. A mulher era uma obra-prima. — Minha, — ele sussurrou experimentalmente.

Incapaz de controlar o desejo, ele rastejou até a cama e passou a mão sobre a curva de seu quadril. Era uma coisa tão pequena... tocar uma mulher enquanto dormia... e ainda assim significava tudo para Zeke.

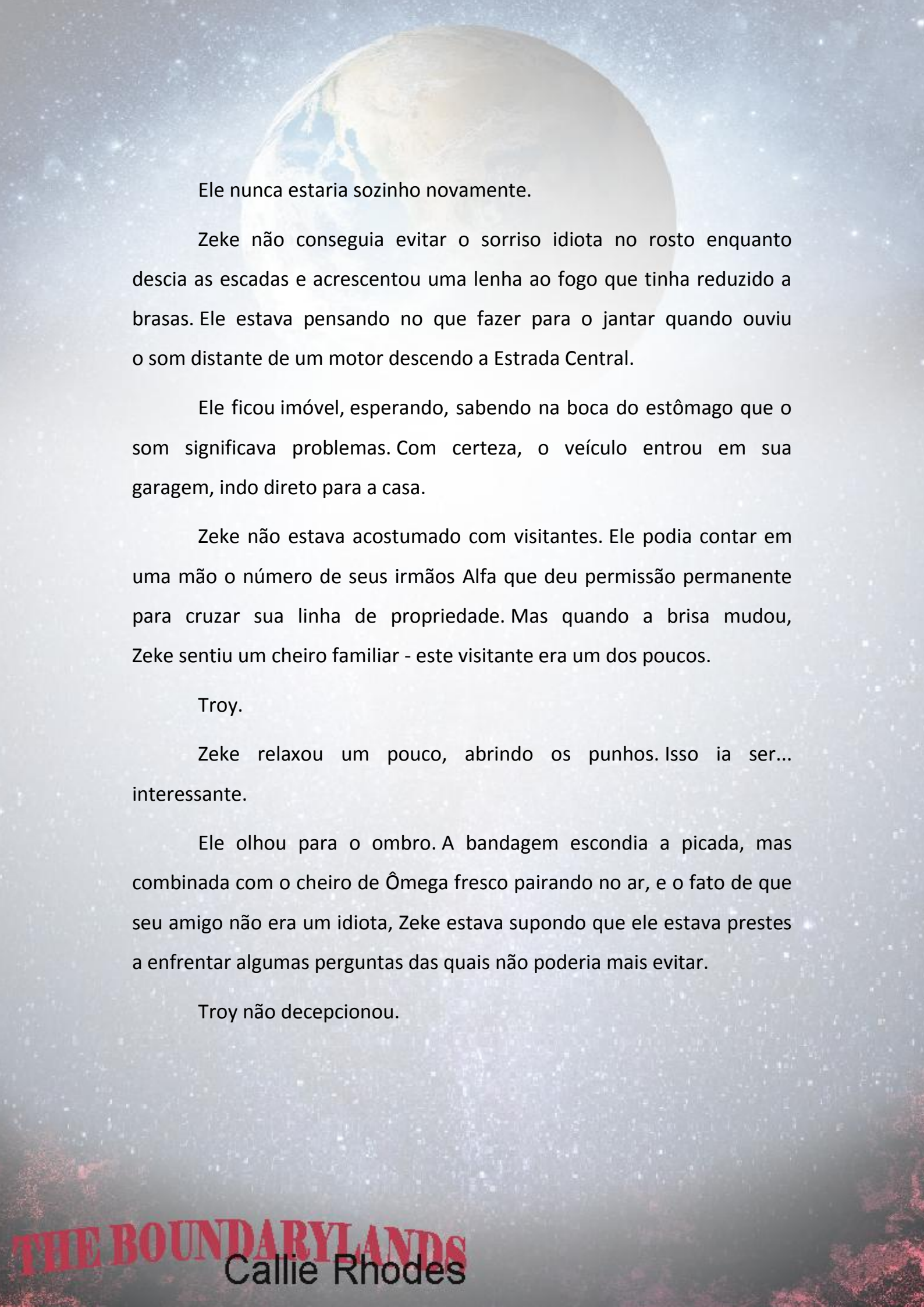
Minha. Só. Minha.

Todas palavras que Zeke nunca pensou que seria capaz de usar de novo, lindas palavras que significavam que ele não estava mais sozinho.

Não... mais do que simplesmente não sozinho.

Ele tinha sua Ômega, e ela era exatamente a mulher certa para ele. Darcy estava cheia de vida e fogo, sem medo de dizer a ele a verdade inabalável em um momento, então caindo de joelhos e se submetendo a seu pênis no próximo. Ela era o que ele precisava, e ele com certeza faria tudo que pudesse para sempre ser o que ela precisava também.

Zeke deixou sua mão pousar suavemente em seu quadril, e Darcy suspirou em seu sono, com um pequeno sorriso no rosto. Ela sentia isso mesmo durante o sono - a fraca corrente que sempre existia entre eles, pronta para explodir em chamas de paixão a qualquer momento ou para uni-los para qualquer desafio que surgisse em seu caminho.



Ele nunca estaria sozinho novamente.

Zeke não conseguia evitar o sorriso idiota no rosto enquanto descia as escadas e acrescentou uma lenha ao fogo que tinha reduzido a brasas. Ele estava pensando no que fazer para o jantar quando ouviu o som distante de um motor descendo a Estrada Central.

Ele ficou imóvel, esperando, sabendo na boca do estômago que o som significava problemas. Com certeza, o veículo entrou em sua garagem, indo direto para a casa.

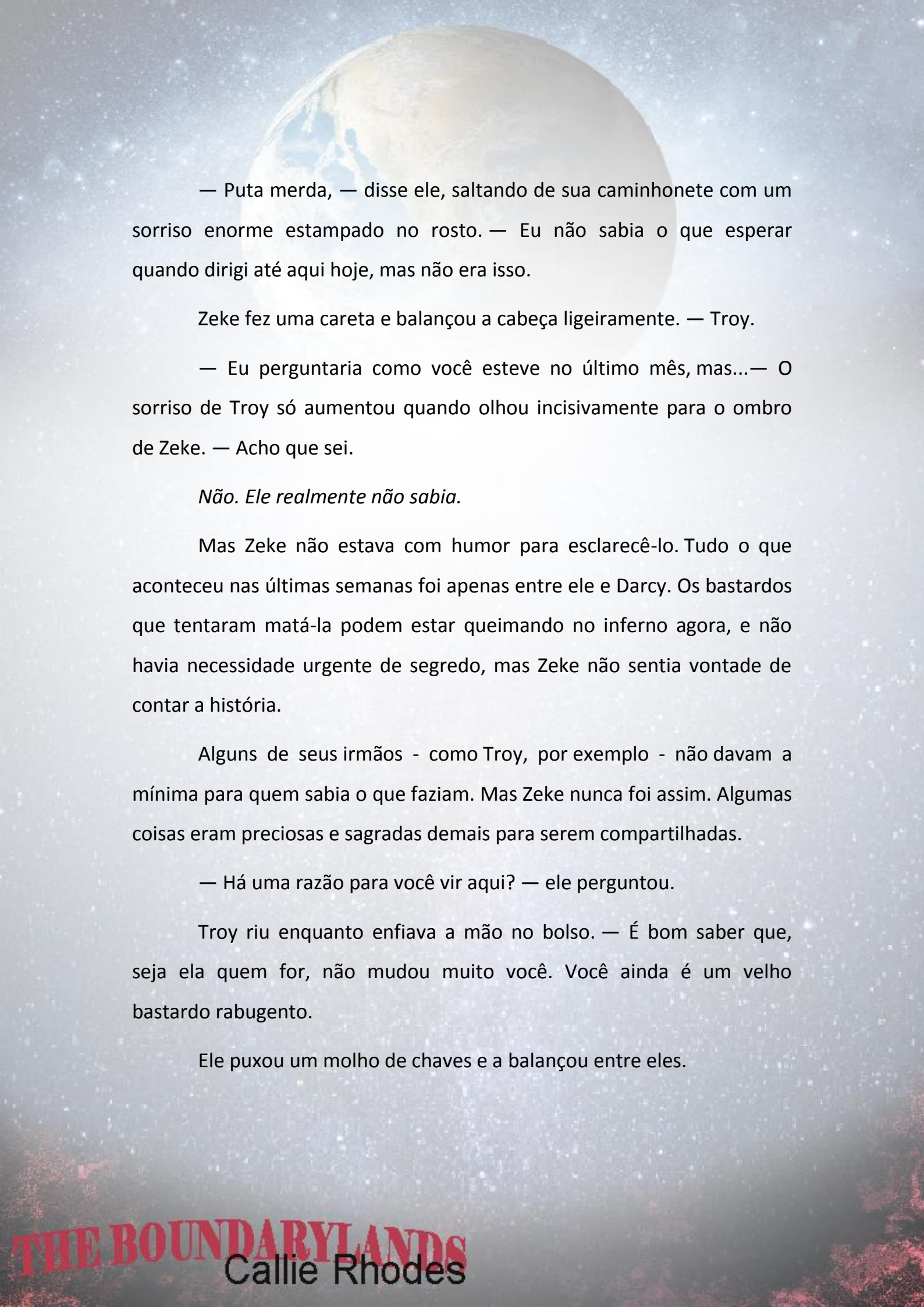
Zeke não estava acostumado com visitantes. Ele podia contar em uma mão o número de seus irmãos Alfa que deu permissão permanente para cruzar sua linha de propriedade. Mas quando a brisa mudou, Zeke sentiu um cheiro familiar - este visitante era um dos poucos.

Troy.

Zeke relaxou um pouco, abrindo os punhos. Isso ia ser... interessante.

Ele olhou para o ombro. A bandagem escondia a picada, mas combinada com o cheiro de Ômega fresco pairando no ar, e o fato de que seu amigo não era um idiota, Zeke estava supondo que ele estava prestes a enfrentar algumas perguntas das quais não poderia mais evitar.

Troy não decepcionou.



— Puta merda, — disse ele, saltando de sua caminhonete com um sorriso enorme estampado no rosto. — Eu não sabia o que esperar quando dirigi até aqui hoje, mas não era isso.

Zeke fez uma careta e balançou a cabeça ligeiramente. — Troy.

— Eu perguntaria como você esteve no último mês, mas...— O sorriso de Troy só aumentou quando olhou incisivamente para o ombro de Zeke. — Acho que sei.

Não. Ele realmente não sabia.

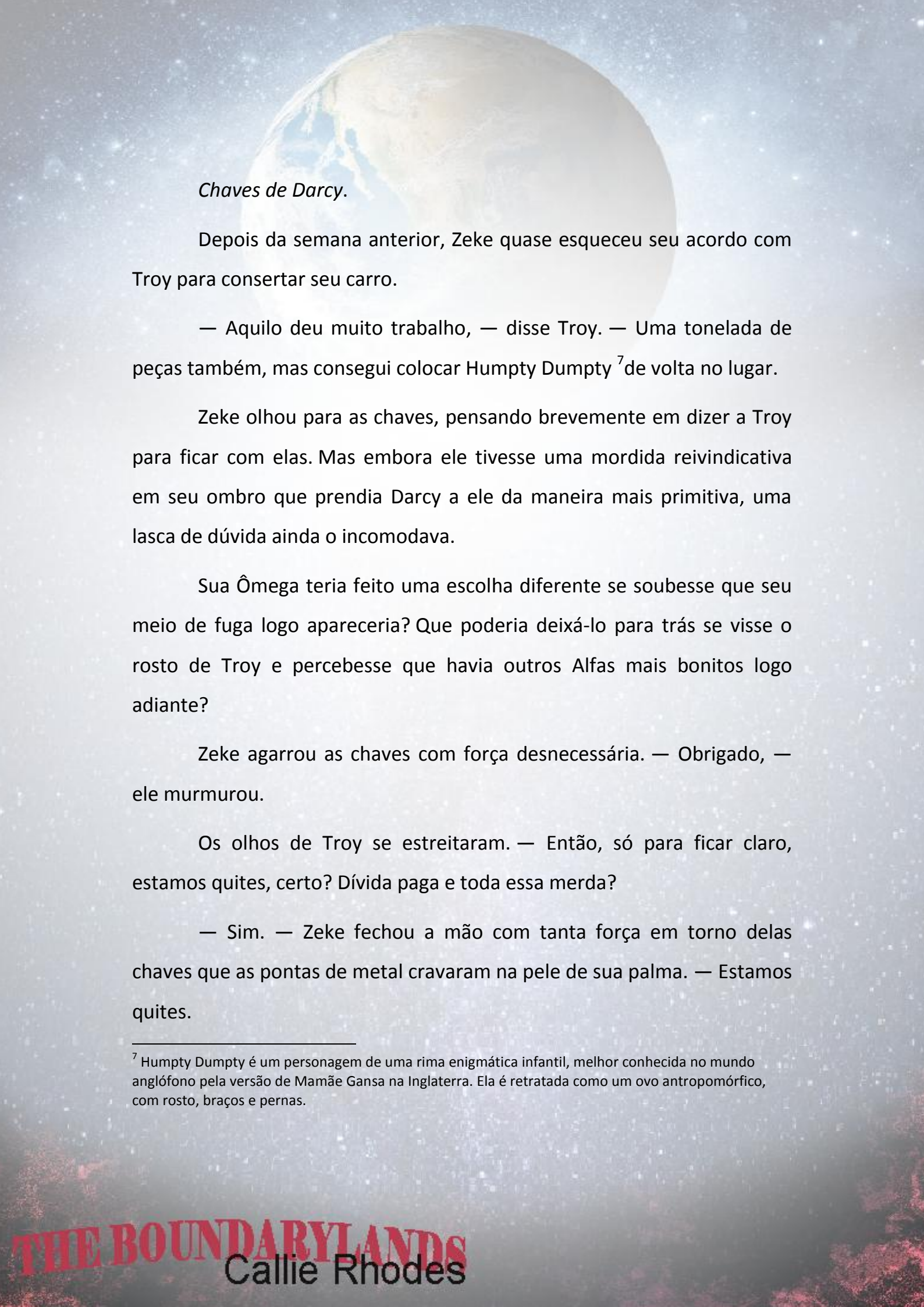
Mas Zeke não estava com humor para esclarecê-lo. Tudo o que aconteceu nas últimas semanas foi apenas entre ele e Darcy. Os bastardos que tentaram matá-la podem estar queimando no inferno agora, e não havia necessidade urgente de segredo, mas Zeke não sentia vontade de contar a história.

Alguns de seus irmãos - como Troy, por exemplo - não davam a mínima para quem sabia o que faziam. Mas Zeke nunca foi assim. Algumas coisas eram preciosas e sagradas demais para serem compartilhadas.

— Há uma razão para você vir aqui? — ele perguntou.

Troy riu enquanto enfiava a mão no bolso. — É bom saber que, seja ela quem for, não mudou muito você. Você ainda é um velho bastardo rabugento.

Ele puxou um molho de chaves e a balançou entre eles.



Chaves de Darcy.

Depois da semana anterior, Zeke quase esqueceu seu acordo com Troy para consertar seu carro.

— Aquilo deu muito trabalho, — disse Troy. — Uma tonelada de peças também, mas consegui colocar Humpty Dumpty⁷ de volta no lugar.

Zeke olhou para as chaves, pensando brevemente em dizer a Troy para ficar com elas. Mas embora ele tivesse uma mordida reivindicativa em seu ombro que prendia Darcy a ele da maneira mais primitiva, uma lasca de dúvida ainda o incomodava.

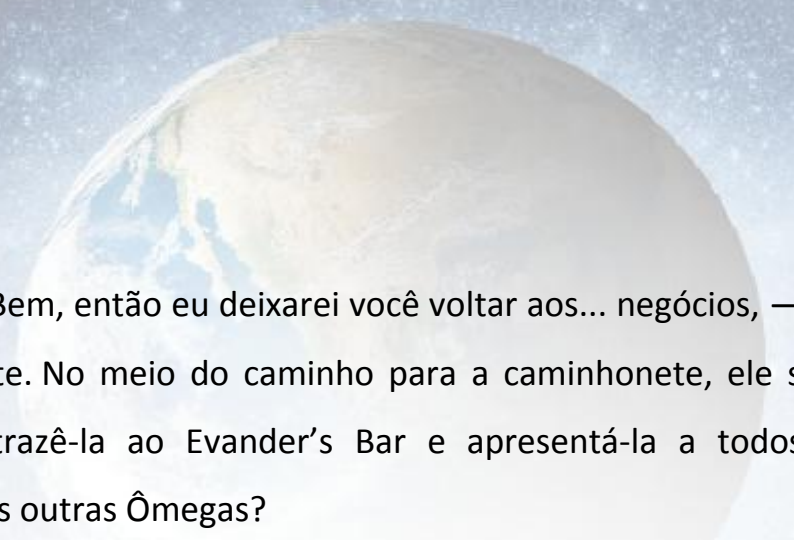
Sua Ômega teria feito uma escolha diferente se soubesse que seu meio de fuga logo apareceria? Que poderia deixá-lo para trás se visse o rosto de Troy e percebesse que havia outros Alfas mais bonitos logo adiante?

Zeke agarrou as chaves com força desnecessária. — Obrigado, — ele murmurou.

Os olhos de Troy se estreitaram. — Então, só para ficar claro, estamos quites, certo? Dívida paga e toda essa merda?

— Sim. — Zeke fechou a mão com tanta força em torno delas chaves que as pontas de metal cravaram na pele de sua palma. — Estamos quites.

⁷ Humpty Dumpty é um personagem de uma rima enigmática infantil, melhor conhecida no mundo anglófono pela versão de Mamãe Gansa na Inglaterra. Ela é retratada como um ovo antropomórfico, com rosto, braços e pernas.



— Bem, então eu deixarei você voltar aos... negócios, — Troy disse alegremente. No meio do caminho para a caminhonete, ele se virou. — Você vai trazê-la ao Evander's Bar e apresentá-la a todos? Deixá-la conhecer as outras Ômegas?

A última coisa em que Zeke queria pensar agora era em mais Ômegas. — Vá para casa, Troy. Tenho certeza que Faith está sentindo sua falta.

Troy apontou com o polegar para a janela do quarto de Zeke. — Eu acho que alguém está sentindo sua falta também.

Zeke estava tentando ignorar os sons de Darcy se mexendo sob as cobertas, os suspiros suaves que indicavam que ela estava saindo do sono.

— Vejo você em breve, irmão, — Troy disse com uma piscadela.

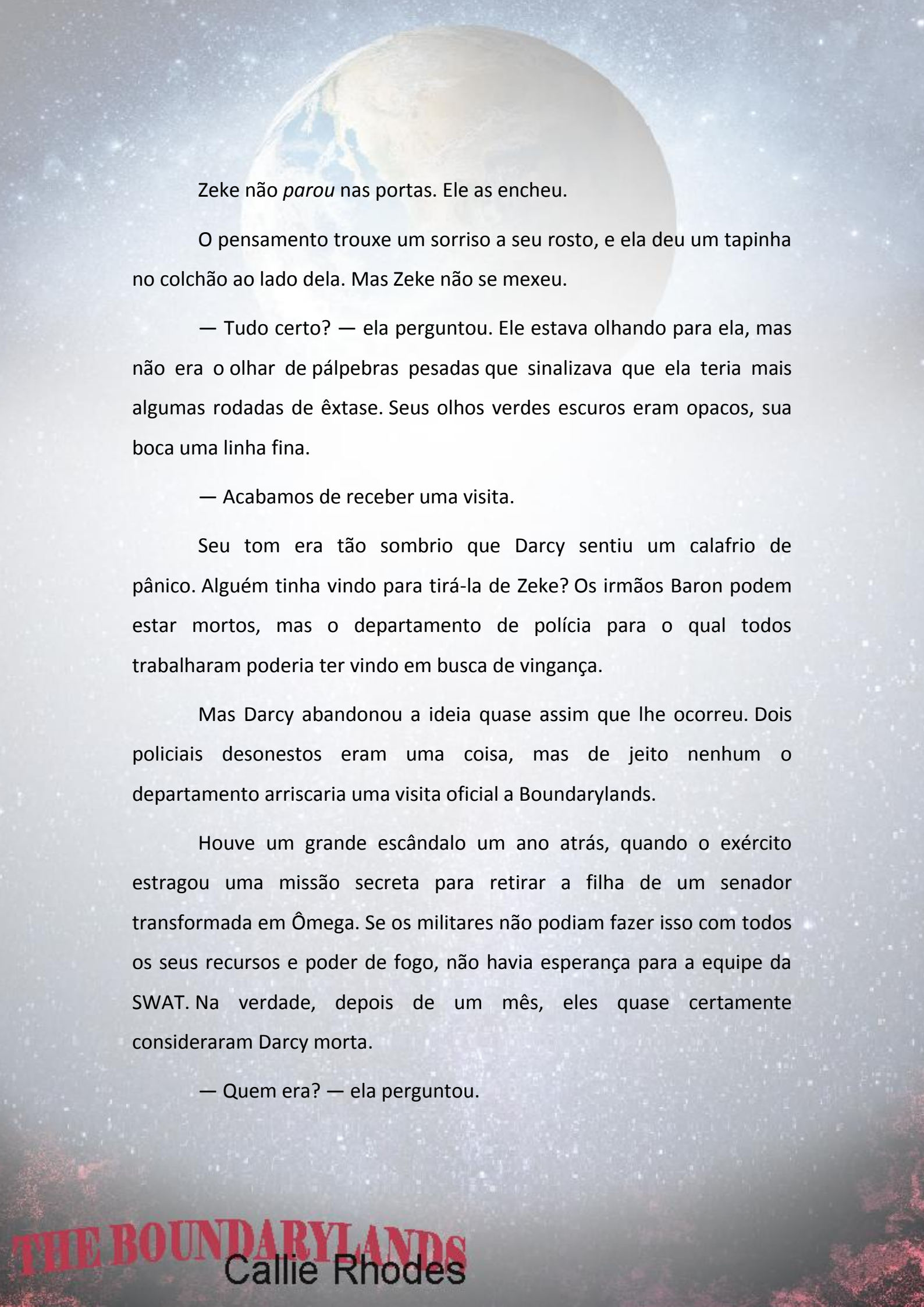
Enquanto a grande e complicada caminhonete descia de volta ao caminho, Zeke fez uma careta para as chaves em sua mão.

Não adiantava adiar.

Darcy

Darcy fechou os olhos para se espreguiçar luxuosamente e, quando os abriu novamente, Zeke estava parado na porta.

Não, isso não estava certo.



Zeke não *parou* nas portas. Ele as encheu.

O pensamento trouxe um sorriso a seu rosto, e ela deu um tapinha no colchão ao lado dela. Mas Zeke não se mexeu.

— Tudo certo? — ela perguntou. Ele estava olhando para ela, mas não era o olhar de pálpebras pesadas que sinalizava que ela teria mais algumas rodadas de êxtase. Seus olhos verdes escuros eram opacos, sua boca uma linha fina.

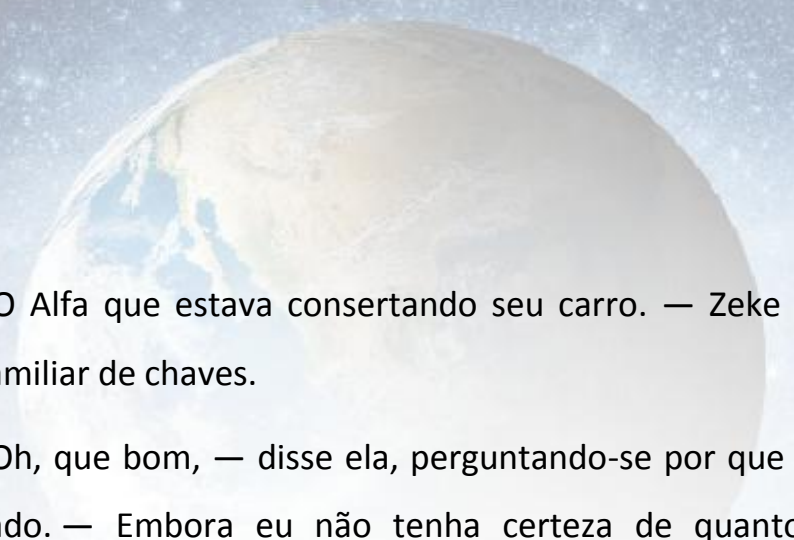
— Acabamos de receber uma visita.

Seu tom era tão sombrio que Darcy sentiu um calafrio de pânico. Alguém tinha vindo para tirá-la de Zeke? Os irmãos Baron podem estar mortos, mas o departamento de polícia para o qual todos trabalharam poderia ter vindo em busca de vingança.

Mas Darcy abandonou a ideia quase assim que lhe ocorreu. Dois policiais desonestos eram uma coisa, mas de jeito nenhum o departamento arriscaria uma visita oficial a Boundarylands.

Houve um grande escândalo um ano atrás, quando o exército estragou uma missão secreta para retirar a filha de um senador transformada em Ômega. Se os militares não podiam fazer isso com todos os seus recursos e poder de fogo, não havia esperança para a equipe da SWAT. Na verdade, depois de um mês, eles quase certamente consideraram Darcy morta.

— Quem era? — ela perguntou.



— O Alfa que estava consertando seu carro. — Zeke ergueu um conjunto familiar de chaves.

— Oh, que bom, — disse ela, perguntando-se por que ele parecia tão chateado. — Embora eu não tenha certeza de quanto uso será necessário, já que não acho que você vai caber no banco do passageiro.

— Isso não será um problema, — disse Zeke categoricamente, — Se você decidir dar um passeio sozinha.

Darcy ficou boquiaberta. *É com isso* que ele estava preocupado? Mesmo depois dela ter dado a ele sua maldita mordida reivindicativa? Por mais inacreditável que fosse, aparentemente Zeke ainda estava preocupado que ela pudesse sair e desaparecer.

— Oh, pelo amor de Deus, — Darcy suspirou. Ignorando a dor persistente em suas pernas, ela pulou para fora da cama, marchou e arrancou as chaves de sua mão. — Como alguém que eu conheço gosta de dizer... que parte do *nunca quero sair* é tão difícil pra você entender?

Em seguida, ela foi até a janela, abriu-a com um puxão e jogou as chaves fora. — Pronto. *Agora* podemos começar nossa vida juntos de verdade?

Zeke finalmente entrou na sala. Um sorriso aparecendo nos cantos de sua boca.

— Agora nós podemos.



CAPÍTULO 18

Darcy

— Você tem alguma ideia de como é difícil fazer com que uma tintura de cabelo rosa seja enviada para Boundarylands?

A amiga de Darcy, Mia, entregou-lhe uma pequena caixa que ela acabara de desempacotar de uma enorme caixa de mercadorias.

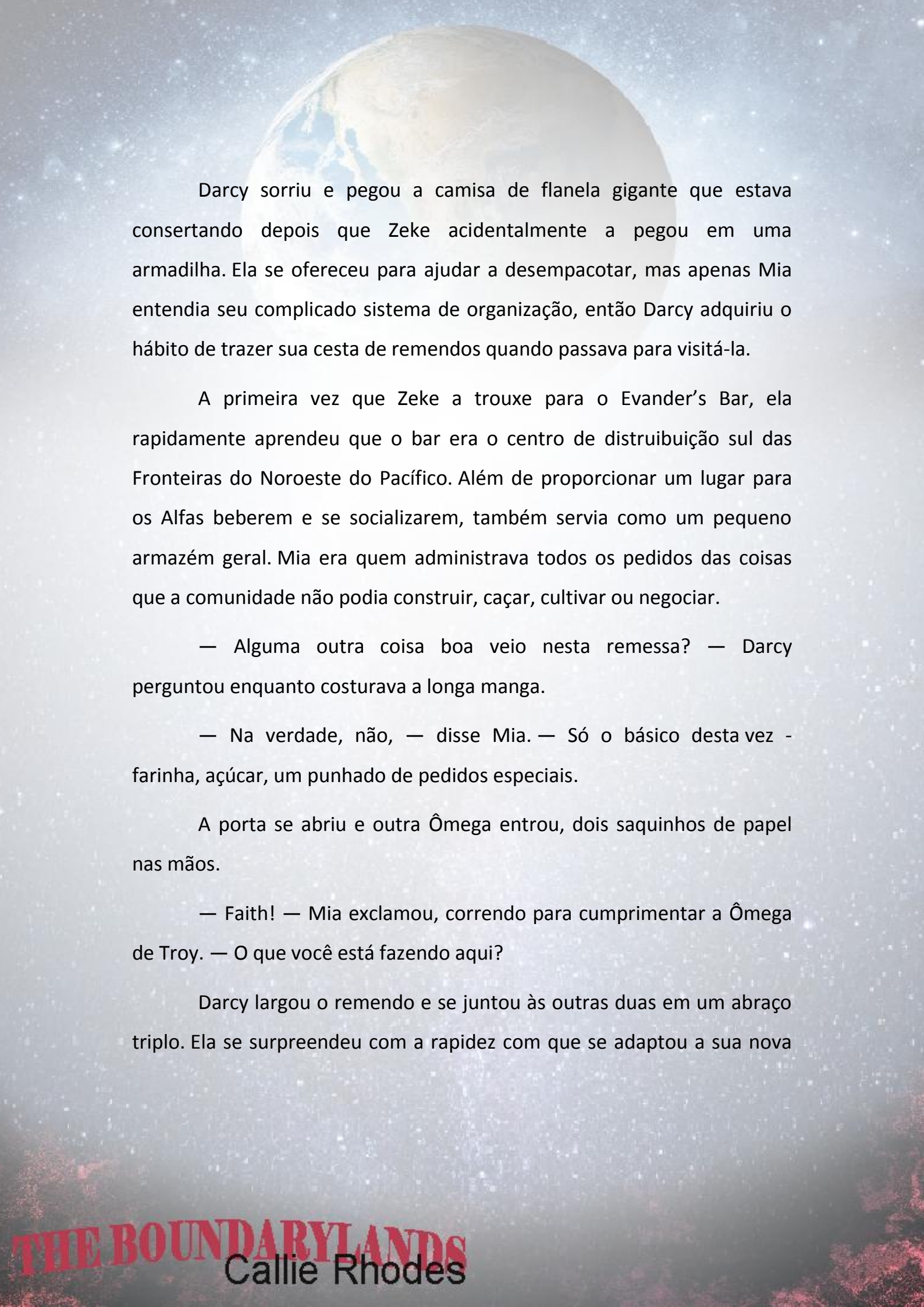
— Oh meu Deus, obrigada, — disse Darcy. — Eu sei que é tecnicamente um luxo, mas com a forma como minhas raízes estão crescendo, com certeza parece uma necessidade.

Mia sorriu e voltou a desempacotar. — Valeu a pena ver o rosto de Ty quando ele abriu a caixa e pensou que era para mim.

As duas estavam no grande depósito na parte de trás do Evander's Bar, e Darcy estava enrolada em uma cadeira gigante que pertencia ao companheiro de Mia, Ty.

— Ele estava certo em estar preocupado, — provocou Darcy. — Rosa não é realmente a sua cor. Mas peça um pouco de roxo e terei o maior prazer em pintar seu cabelo para você.

— Não, obrigada, — Mia riu. — Estou bem do jeito que estou.



Darcy sorriu e pegou a camisa de flanela gigante que estava consertando depois que Zeke acidentalmente a pegou em uma armadilha. Ela se ofereceu para ajudar a desempacotar, mas apenas Mia entendia seu complicado sistema de organização, então Darcy adquiriu o hábito de trazer sua cesta de remendos quando passava para visitá-la.

A primeira vez que Zeke a trouxe para o Evander's Bar, ela rapidamente aprendeu que o bar era o centro de distribuição sul das Fronteiras do Noroeste do Pacífico. Além de proporcionar um lugar para os Alfas beberem e se socializarem, também servia como um pequeno armazém geral. Mia era quem administrava todos os pedidos das coisas que a comunidade não podia construir, caçar, cultivar ou negociar.

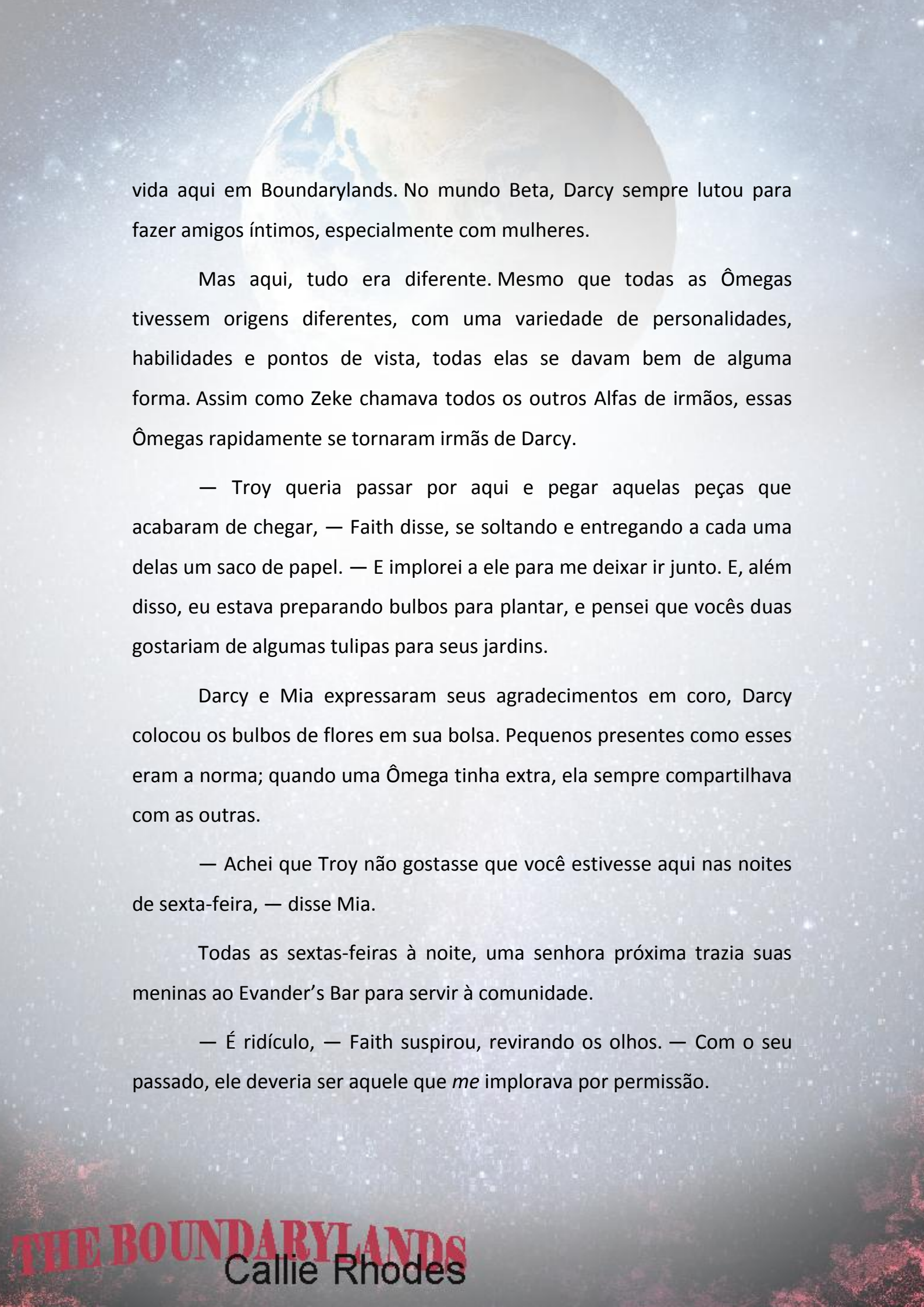
— Alguma outra coisa boa veio nesta remessa? — Darcy perguntou enquanto costurava a longa manga.

— Na verdade, não, — disse Mia. — Só o básico desta vez - farinha, açúcar, um punhado de pedidos especiais.

A porta se abriu e outra Ômega entrou, dois saquinhos de papel nas mãos.

— Faith! — Mia exclamou, correndo para cumprimentar a Ômega de Troy. — O que você está fazendo aqui?

Darcy largou o remendo e se juntou às outras duas em um abraço triplo. Ela se surpreendeu com a rapidez com que se adaptou a sua nova



vida aqui em Boundarylands. No mundo Beta, Darcy sempre lutou para fazer amigos íntimos, especialmente com mulheres.

Mas aqui, tudo era diferente. Mesmo que todas as Ômegas tivessem origens diferentes, com uma variedade de personalidades, habilidades e pontos de vista, todas elas se davam bem de alguma forma. Assim como Zeke chamava todos os outros Alfas de irmãos, essas Ômegas rapidamente se tornaram irmãs de Darcy.

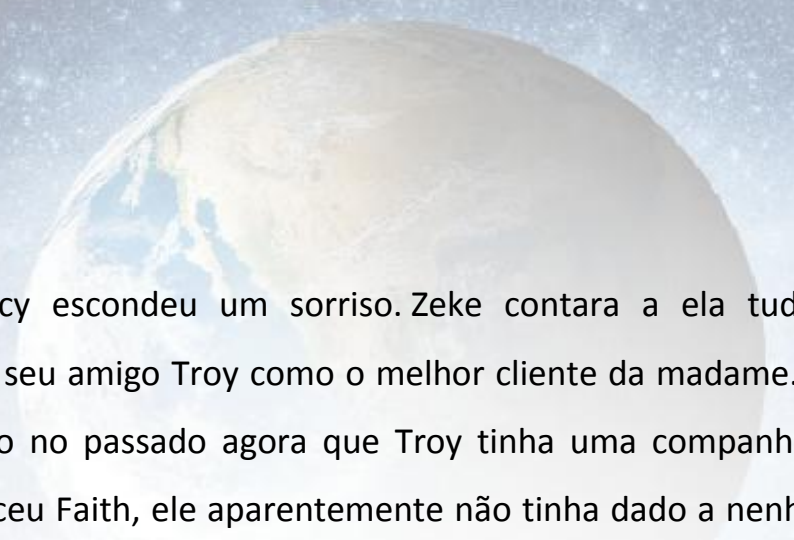
— Troy queria passar por aqui e pegar aquelas peças que acabaram de chegar, — Faith disse, se soltando e entregando a cada uma delas um saco de papel. — E implorei a ele para me deixar ir junto. E, além disso, eu estava preparando bulbos para plantar, e pensei que vocês duas gostariam de algumas tulipas para seus jardins.

Darcy e Mia expressaram seus agradecimentos em coro, Darcy colocou os bulbos de flores em sua bolsa. Pequenos presentes como esses eram a norma; quando uma Ômega tinha extra, ela sempre compartilhava com as outras.

— Achei que Troy não gostasse que você estivesse aqui nas noites de sexta-feira, — disse Mia.

Todas as sextas-feiras à noite, uma senhora próxima trazia suas meninas ao Evander's Bar para servir à comunidade.

— É ridículo, — Faith suspirou, revirando os olhos. — Com o seu passado, ele deveria ser aquele que *me* implorava por permissão.



Darcy escondeu um sorriso. Zeke contara a ela tudo sobre a história de seu amigo Troy como o melhor cliente da madame. Claro, isso estava tudo no passado agora que Troy tinha uma companheira. Desde que conheceu Faith, ele aparentemente não tinha dado a nenhuma outra mulher uma segunda olhada - Beta, Ômega ou prostituta.

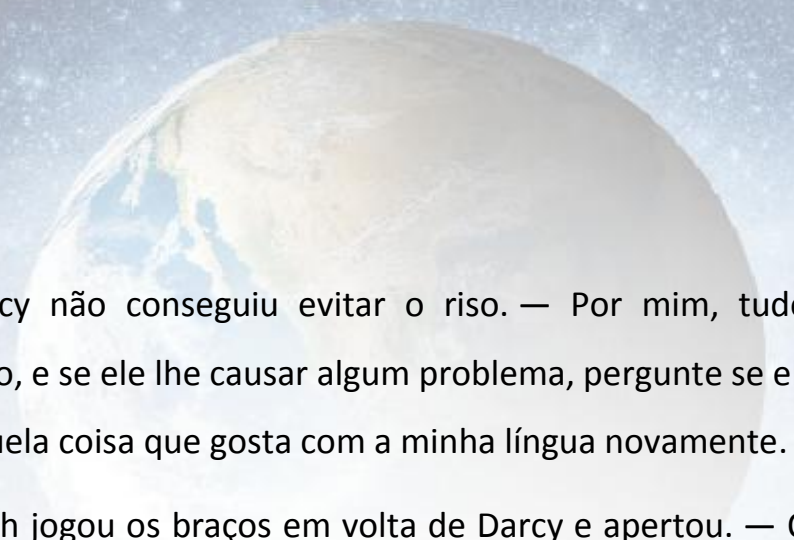
— Mas fiz com que ele dissesse sim, sugerindo que eu poderia dirigir seu velho carro até aqui, Darcy, — Faith continuou. — Ele estava ansioso para tirá-lo da garagem.

— Oh Faith, obrigada, — disse Darcy. Ela havia adiado a tarefa por muito tempo. Depois de jogar as chaves pela janela de Zeke, ela percebeu que estava realmente jogando sua velha vida fora - e o carro não parecia mais importante. — Eu deveria ter vindo atrás daquela velha sucata há muito tempo. Eu devo a você.

Um sorriso malicioso iluminou o rosto de Faith. — Se você realmente quer me pagar de volta, você poderia fazer seu Alfa concordar em um jogo de sinuca comigo.

— Agora não, — Mia objetou. — Nicky e suas garotas chegarão a qualquer minuto.

— Como se eu me importasse, — disse Faith. — Além disso, não demorará muito.



Darcy não conseguiu evitar o riso. — Por mim, tudo bem. Vá encurralá-lo, e se ele lhe causar algum problema, pergunte se ele quer que eu faça aquela coisa que gosta com a minha língua novamente.

Faith jogou os braços em volta de Darcy e apertou. — Obrigada. E as chaves estão na ignição se eu não te ver antes de você sair.

Mia enxugou as mãos em um pano do bar antes de seguir Faith. — Você não quer ver isso?

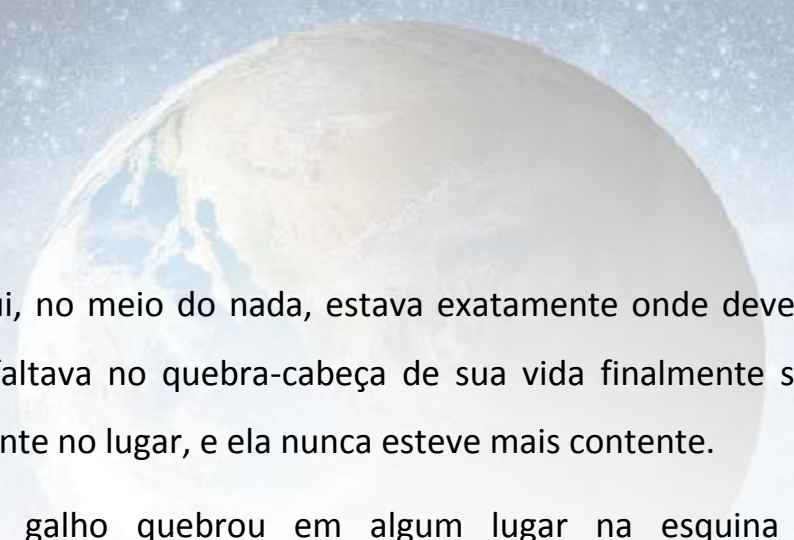
— Tenho certeza que vou ouvir tudo sobre isso, — brincou Darcy.

A verdade é que não estava com vontade de se juntar à multidão festeira do outro lado da porta. Ela se acostumou com o silêncio da floresta e o ritmo fácil de seus dias.

Por mais que gostasse de se reunir com suas amigas, preferia fazê-lo longe da agitação de um bar lotado. Ela tinha se enchido disso do mundo Beta.

Saindo pela porta lateral para o ar fresco da noite, Darcy se manteve nas sombras, querendo evitar ser vista. Pelo som de aplausos e gritos, Mia estava certa - a madame e suas meninas estavam na casa.

Darcy encostou as costas na parede e olhou para as estrelas, apreciando a sensação de paz que sentia desde que reivindicou Zeke para ela mesma.



Aqui, no meio do nada, estava exatamente onde deveria estar. A peça que faltava no quebra-cabeça de sua vida finalmente se encaixou perfeitamente no lugar, e ela nunca esteve mais contente.

Um galho quebrou em algum lugar na esquina do bar. A curiosidade levou a melhor sobre Darcy, e ela caminhou na ponta dos pés em direção ao som. Mas quando espiou pela esquina, ela não pegou um Alfa e seu par rasgando as roupas um do outro como esperava.

Em vez disso, Darcy viu uma mulher parada em um espaço de luz fraca. Ela parecia estar tentando se fazer desaparecer, encolhendo os ombros, as mãos se retorcendo.

Darcy conheceu o pânico quando o viu.

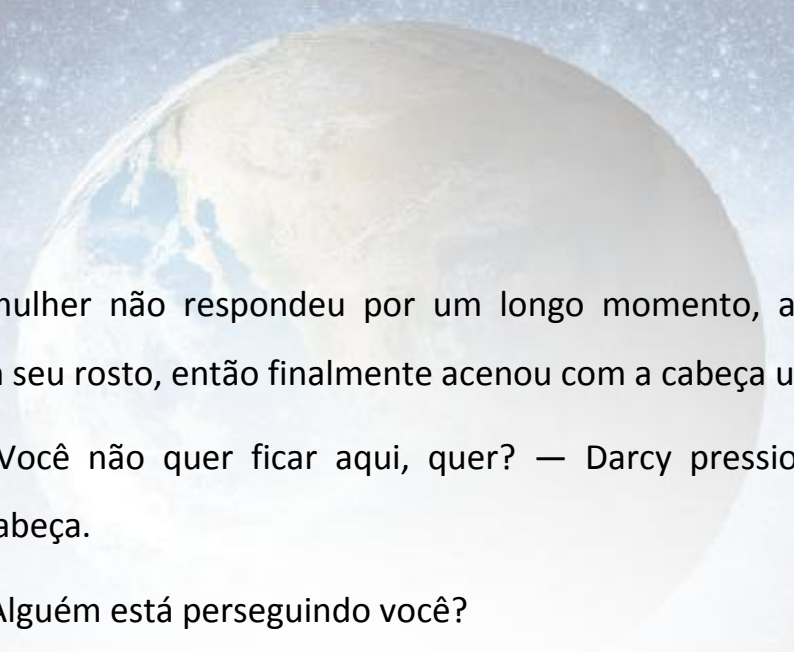
Mesmo que o cabelo da mulher fosse preto em vez de rosa, e ela estivesse envolta em roupas casuais de negócios, Darcy imaginou que era assim que ela parecia naquele dia em que caiu em Boundarylands.

Esta mulher não era Ômega. E com certeza não era uma prostituta Beta experiente.

Ela não pertencia aqui. — Ei, — Darcy chamou suavemente.

A mulher assustou-se e tentou disfarçar o medo com um sorriso pouco convincente. — Oh... oi. Desculpe, eu estava apenas...

— Está tudo bem, — disse Darcy de forma tranquilizadora. — Eu não te machucarei. Você está com problemas, não é?



A mulher não respondeu por um longo momento, as emoções lutando em seu rosto, então finalmente acenou com a cabeça uma vez.

— Você não quer ficar aqui, quer? — Darcy pressionou. Outro aceno de cabeça.

— Alguém está perseguindo você?

A expressão da mulher deu lugar à suspeita, e ela deu alguns passos para trás, pronta para fugir.

— Não, espere, está tudo bem, — Darcy assegurou a estranha. — Só perguntei porque entendo, é como vim aqui também. Mas posso ajudar. Posso tirar você daqui.

Os olhos da mulher se estreitaram. — Como?

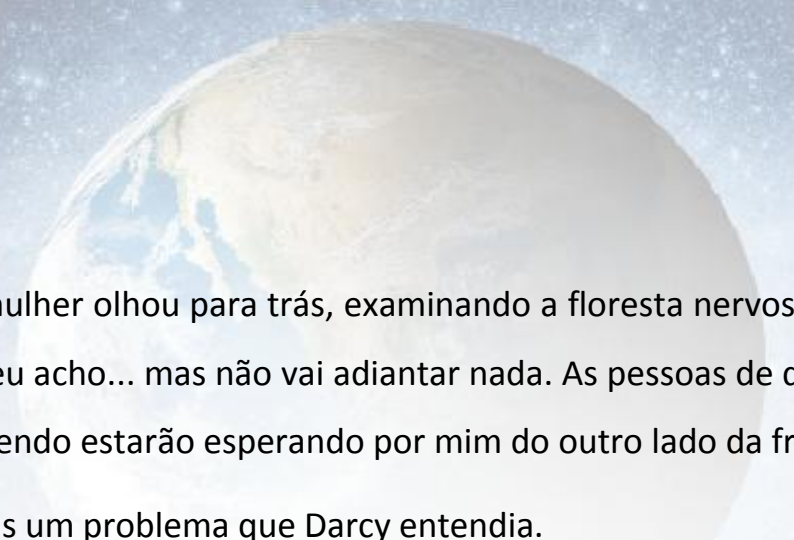
— Eu tenho um carro...

— Eu não entrarei no carro com você nem com ninguém, — disse a mulher ferozmente.

— Tudo bem. Você pode pegá-lo. É o carro azul de dois lugares que está parado na esquina. As chaves estão na ignição.

— As pessoas não dão carros de graça, — disse a mulher.

— As Ômegas por aqui dão, — Darcy insistiu. — Além disso, eu não preciso, e você precisa.



A mulher olhou para trás, examinando a floresta nervosamente. — Obrigada, eu acho... mas não vai adiantar nada. As pessoas de quem estou me escondendo estarão esperando por mim do outro lado da fronteira.

Mais um problema que Darcy entendia.

E um que ela poderia resolver... não importa quão chateado Zeke ficasse.

— Tudo bem, — disse ela, mantendo a voz baixa para não assustar a mulher. — Aqui está o que você fará. Entre no carro. Vire à esquerda na Estrada Central. Dirija 4 quilômetros exatamente. Em seguida, vire à direita na garagem.

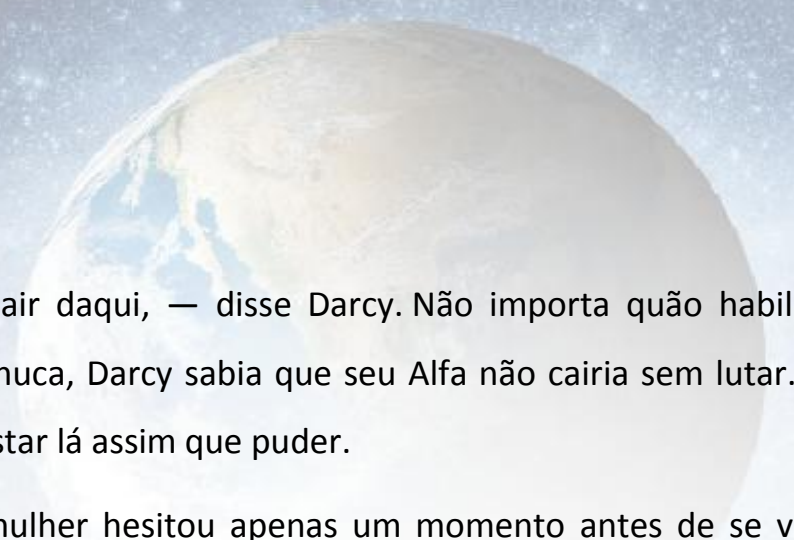
A mulher piscou confusa. — Do que você está falando?

— Essas são as direções para minha casa, — disse Darcy. — Por aqui, ajudamos uns aos outros.

— Mas...

— Eu sei que é difícil, mas estou pedindo que você confie em mim. — Darcy falava mais rápido, preocupada que alguém enfiasse a cabeça na esquina e as visse. — Dirija por mais um quilômetro e meio e chegará a uma casa à beira de uma grande clareira. A porta da frente não estará trancada e você pode entrar. Você entendeu?

Depois de um momento, a mulher acenou com a cabeça, os olhos ainda arregalados de medo. — Agora, pode demorar um pouco antes que



eu possa sair daqui, — disse Darcy. Não importa quão habilidosa Faith fosse na sinuca, Darcy sabia que seu Alfa não cairia sem lutar. — Mas eu prometo estar lá assim que puder.

A mulher hesitou apenas um momento antes de se virar para ir embora. Ela estava no meio do caminho para o carro quando ela parou e murmurou *obrigada*, então correu o resto do caminho.

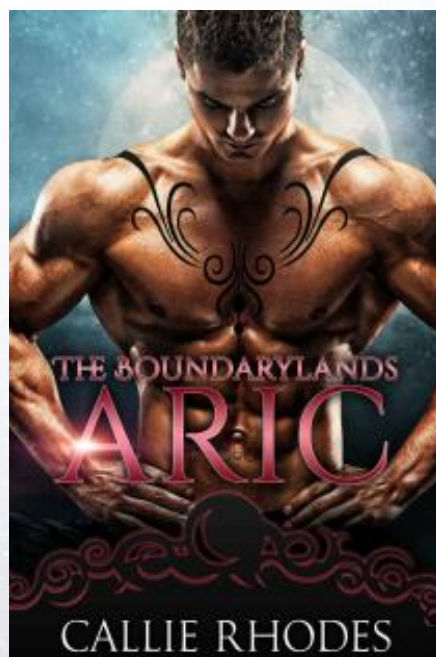
Darcy observou a estranha entrar no carro e partir, só então deixando escapar a respiração que estava prendendo.

Agora tudo o que faltava fazer era entrar no bar, encontrar seu Alfa de quase dois metros e meio de altura e dizer a ele que eles estavam prestes a ter outra refugiada morando no depósito de lenha.

FIM

Próximo Livro

A história de Aric e Jocelyn



THE BOUNDARYLANDS
Callie Rhodes